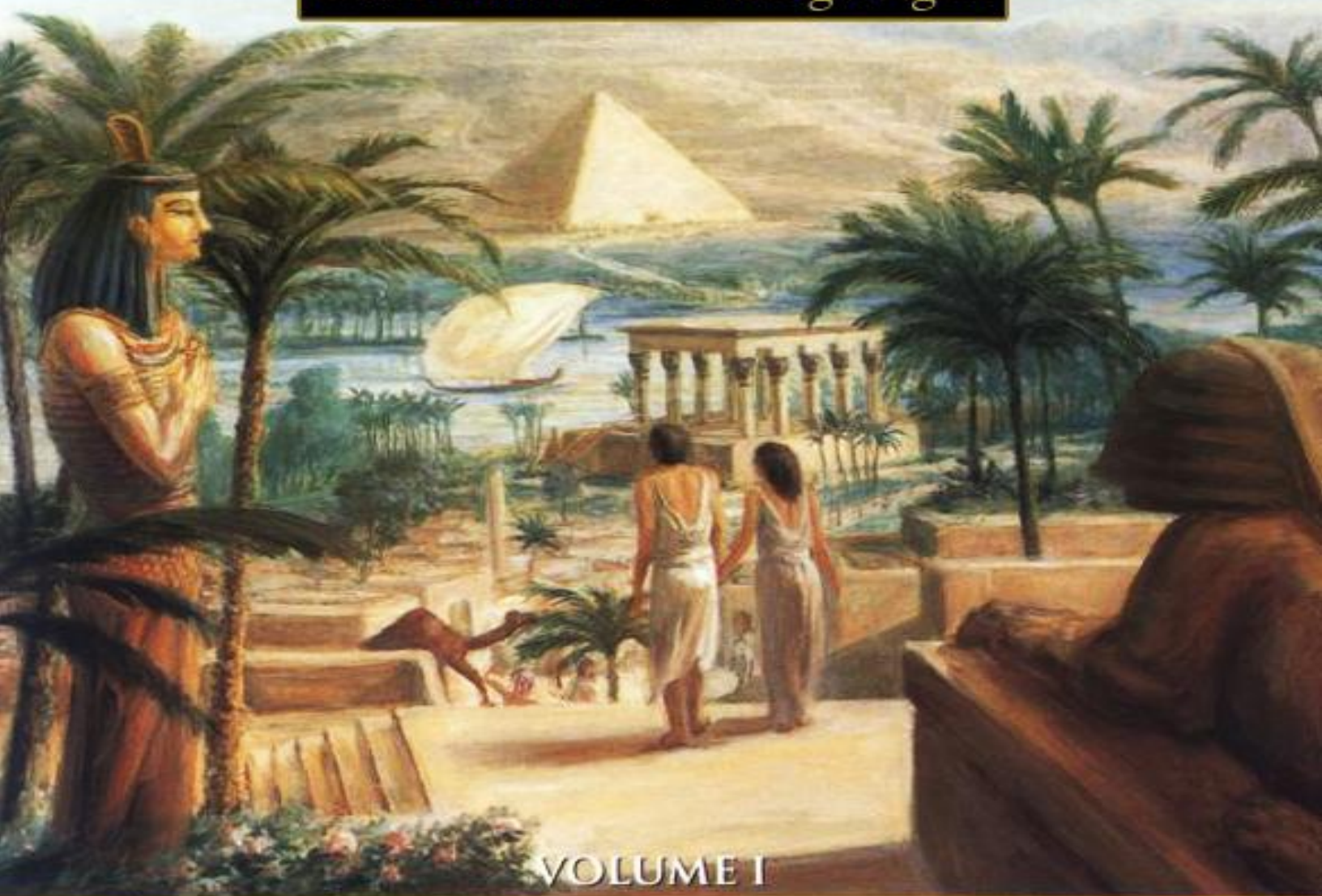


A PEDRA DA LUZ

Néfer, o Silencioso

Um Romance do Antigo Egito



VOLUME I

CHRISTIAN JACQ



Christian Jacq

A
PEDRA DA LUZ
Néfer, o Silencioso

Tradução de Maria do Carmo Abreu

B
BERTRAND BRASIL

Sumário

O romance começa nos últimos anos do reinado de Ramsés o Grande. Méhi, um ambicioso oficial tebano, está fascinado pelo segredo que possuíam os cerca de trinta artesãos do Lugar de Verdade.

Um dia, espiando a aldeia implantada no deserto, rodeada por altos muros, mata um guarda e, deslumbrado, vê sair do templo A Pedra de Luz. Decide então consagrar a sua vida para se apoderar dela.

No interior da localidade interdita são construídas as moradas de eternidade dos faraós. Os homens e mulheres que ali vivem escolhem-se entre si e são habitados pela obsessão dessa eternidade.

Entre eles, Néfer, a quem todos chamam o Silencioso, filho adoptivo de um dos mestres da aldeia, não ouviu o apelo dos deuses. Decide ir correr o mundo para procurar a sua verdade.

Nessa procura descobrirá o amor louco por Clara e verá a sua vida salva por Paneb o Ardente, um filho de agricultor decidido a entrar no Lugar de Verdade.

Os seus amores, as suas querelas, e a luta selvagem que o oporá a Méhi, vão levar-nos a descobrir um Egito próximo e misterioso ainda totalmente desconhecido, num grande romance épico e denso.

Prefácio

O mundo inteiro admira as obras-primas da arte egípcia, quer se tratem de pirâmides, templos, túmulos, esculturas ou pinturas. Mas quem criou essas maravilhas cuja força espiritual e mágica nos toca o coração?

Em caso algum hordas de escravos ou trabalhadores explorados, mas sim confrarias cujos membros, em número restrito, eram simultaneamente sacerdotes e artesãos. Sem separarem o espírito da mão, formavam uma verdadeira elite que dependia directamente do Faraó.

Por sorte, possuímos uma abundante documentação sobre uma dessas confrarias que, durante cerca de cinco séculos, de 1550 a 1070 a.C., viveu numa aldeia do Alto Egipto interdita aos profanos.

Essa aldeia tinha um nome extraordinário: o Lugar de Verdade, em egípcio set Maet, ou seja, o lugar onde a deusa Maet se revelava na rectidão, na exactidão e na harmonia da obra que gerações de "Servidores do Lugar de Verdade" realizavam.

Implantada no deserto, não longe dos campos de cultura, a aldeia era rodeada por altos muros, possuía o seu próprio tribunal, o seu próprio templo e a sua própria necrópole: os artesãos viviam ali em família e gozavam de um estatuto especial, devido à importância da sua primordial missão: criar as Moradas de Eternidade dos faraós no Vale dos Reis.

Ainda hoje se podem descobrir os vestígios do Lugar de Verdade visitando a localidade de Deir el-Medina, a oeste de Tebas; as partes de baixo das casas estão intactas e podem percorrer-se as ruelas por onde andaram os mestres-de-obras, os pintores, os escultores e as sacerdotisas da deusa Hátor.

Santuários, zonas de confraria, túmulos admiravelmente decorados assinalavam o carácter sagrado do lugar, igualmente provido de reservas de água, de celeiros, de oficinas e mesmo de uma escola.

Tentei fazer reviver esses seres de excepção, as suas aventuras, a sua vida quotidiana, a sua procura da beleza e da espiritualidade, num mundo que se mostrava por vezes hostil e invejoso. Salvar a própria existência do Lugar de Verdade nem sempre foi fácil e não faltaram as mais variadas armadilhas, principalmente durante o período conturbado em que se desenrola esta narrativa.

Que este romance seja dedicado a todos os artesãos do Lugar de Verdade que foram depositários dos segredos da Morada do Ouro e conseguiram transmiti-los nas

suas obras.

Prólogo

Por volta da meia-noite, nove artesãos guiados pelo seu chefe de equipa saíram do Lugar de Verdade e começaram a subir por um carreiro estreito iluminado pela lua.

Oculto por trás de um bloco de calcário, no cimo de uma colina que dominava o Lugar de Verdade, a aldeia dos construtores do Faraó instalada no deserto e rodeada por muros que preservavam os seus segredos, Méhi conteve um grito de alegria.

Há vários meses que o tenente de transportes tentava apanhar informações sobre aquela confraria encarregada de escavar e decorar os túmulos do Vale dos Reis e das Rainhas.

Mas ninguém sabia nada, com excepção de Ramsés o Grande, protector do Lugar de Verdade onde mestres-de-obras, talhadores de pedra, escultores e pintores eram iniciados nas suas funções essenciais para a sobrevivência do Estado. A aldeia dos artesãos tinha o seu próprio governo, a sua própria justiça e dependia directamente do rei e do seu primeiro-ministro, o vizir.

Méhi só se deveria preocupar com a sua carreira militar que se anunciava brilhante; mas como esquecer que tinha solicitado a admissão na confraria e que a candidatura tinha sido rejeitada? Não se ofendia assim um nobre da sua categoria.

Despeitado, Méhi orientara-se para a arma de elite, os transportes, onde o seu talento se impusera. Não tardaria portanto a ocupar um lugar importante na hierarquia.

O ódio nascera no seu coração, um ódio cada dia mais forte em relação a essa maldita confraria que o humilhara e cuja simples existência o impedia de sentir uma felicidade perfeita.

O oficial tomara portanto uma decisão: ou descobria todos os segredos do Lugar de Verdade e os utilizava em seu proveito, ou destruiria aquela ilhota aparentemente inacessível e tão orgulhosa dos seus privilégios.

Para o conseguir, Méhi não podia dar nenhum passo em falso nem despertar qualquer suspeita. Naqueles últimos dias tinha duvidado. Os Servidores do Lugar de Verdade,, segundo a designação oficial, não seriam miseráveis fanfarrões cujos pretensos poderes não passavam de miragens e ilusões? E o Vale dos Reis, tão bem guardado, não preservaria apenas cadáveres de monarcas hirtos na imobilidade da morte?

À força de se ocultar nas colinas que dominavam a aldeia interdita, Méhi esperara surpreender os rituais de que ninguém falava; a decepção tinha sido à medida dos esforços realizados.

Mas naquela noite, finalmente, o tão esperado acontecimento! Os dez homens, um atrás do outro, subiram ao topo da colina de oeste e avançaram lentamente ao longo da falésia até à garganta onde tinham sido construídas as cabanas de pedra que ocupavam em certas épocas do ano. Dali, bastava-lhes seguir por um caminho que descia para o Vale dos Reis.

No auge da excitação, o tenente de transportes teve o cuidado de não fazer rolar cascalho, traindo assim a sua presença. Embora conhecesse a localização dos postos de observação ocupados por polícias encarregados de garantir a segurança do vale interdito, Méhi arriscava a vida. Armados com um arco, os cérberos tinham ordem para atirar à vista e sem intimação.

À entrada daquele lugar entre todos sagrado onde, desde o início do Novo Império, repousavam as múmias dos faraós, os guardas afastaram-se para deixar passar os dez Servidores do Lugar de Verdade.

Com o coração a bater, Méhi trepou uma encosta íngreme de onde podia ver sem ser visto. Deitado sobre uma rocha lisa, não perdeu migalha do incrível espectáculo.

O chefe de equipa separou-se do grupo e poisou no chão, em frente da entrada do túmulo de Ramsés, o Grande, o fardo que transportara desde a saída da aldeia e depois retirou o véu branco que o cobria.

Uma pedra.

Uma simples pedra talhada em forma de cubo. Dela brotou uma luz tão forte que iluminou o pórtico monumental da Morada de Eternidade do faraó reinante. O Sol brilhou na noite, as trevas foram abolidas.

Os dez artesãos veneraram longamente a pedra e depois o chefe de equipa levantou-a, enquanto dois dos seus subordinados abriam a porta do túmulo. Entrou primeiro, seguido pelos outros artesãos e o cortejo mergulhou nas profundezas, iluminado pela pedra.

Méhi permaneceu tetanizado vários minutos. Não, não tinha sonhado! A confraria possuía realmente tesouros fabulosos, conhecia o segredo da luz, ele vira a pedra de onde ela provinha, uma pedra que não era ilusão nem lenda! Seres humanos e não deuses tinham sido capazes de a talhar e sabiam utilizá-la... E que era feito dos montões de ouro que produziam nos seus laboratórios, segundo os rumores que corriam com persistência?

Abriam-se diante do tenente de transportes horizontes insuspeitados. Agora sabia que a origem da prodigiosa fortuna de Ramsés o Grande se encontrava ali, no Lugar

de Verdade. Por isso a confraria vivia isolada do mundo, oculta por trás dos muros da sua aldeia.

— O que fazes tu aqui, amigo?

Méhi voltou-se sem pressa e descobriu um polícia núbio armado com um cacete e um punhal.

— Eu... eu perdi-me.

— Esta zona é interdita — declarou o polícia negro. — Qual é o teu nome?

— Pertenço à guarda pessoal do rei e estou em missão especial — afirmou Méhi com convicção.

— Não fui prevenido.

— É normal... Ninguém devia ser informado.

— Porquê?

— Porque devo verificar se as normas de segurança são aplicadas com o rigor necessário e se nenhum intruso se pode introduzir no Vale dos Reis. As minhas felicitações, polícia. Acabas de provar-me que o dispositivo montado é eficaz.

O núbio estava perplexo.

— Mesmo assim, o chefe devia ter-me prevenido.

— Não compreendes que era impossível?

— Vamos juntos ter com o chefe. Não tenho o direito de te deixar ir embora assim.

— Fazes o teu trabalho na perfeição.

Sob a Luz da lua cheia, o sorriso conciliador de Méhi deu confiança ao núbio, que enfiou o cacete no cinto.

Rápido como uma víbora da areia, o tenente de transportes mergulhou com a cabeça para a frente e embateu no polícia em pleno peito.

O infeliz oscilou para trás e caiu pela encosta até uma plataforma sobre o Vale.

Com risco de quebrar o pescoço, Méhi juntou-se-lhe e constatou que, apesar de uma ferida profunda na têmpora, o polícia ainda estava vivo. Sem prestar atenção ao olhar suplicante da sua vítima, acabou com ele com uma pedra pontiaguda, esmagando-lhe o crânio.

Com o coração frio, o assassino esperou um longo momento.

Quando teve a certeza de não ter sido detectado, Méhi tornou a subir ao cimo da colina, tendo o cuidado de se segurar bem.

Redobrando de precauções, afastou-se do local interdito.

Graças àquela noite maravilhosa, só tinha uma ideia na cabeça: decifrar o mistério do Lugar de Verdade.

Mas, como o conseguir? Visto que não podia entrar na aldeia, precisava de descobrir o meio de obter informações fiáveis.

E o assassino entreviu um esplêndido futuro: os segredos e as riquezas da confraria pertencer-lhe-iam, a ele e só a ele!

Capítulo 1

Trabalhar a terra logo a seguir à cheia, semear, ceifar e colher, encher os celeiros, recear os gafanhotos, roedores e hipopótamos que devastam as culturas, irrigar, cuidar dos utensílios de lavoura, entrançar cordas durante a noite em vez de dormir, vigiar o gado e os animais de tiro, preocupar-se constantemente com as terras e não ter outro horizonte a não ser a qualidade do trigo e a boa saúde das vacas... Ardente não suportava mais aquela existência monótona.

Sentado por baixo de um sicômoro, no limite entre os campos de cultura e o deserto, o rapaz aproveitava a sombra mas não conseguia adormecer nem saborear o repouso bem merecido antes de seguir para as pastagens familiares a fim de tratar dos bois. Aos dezasseis anos, Ardente, que media um metro e noventa e tinha a estatura de um colosso, não queria viver a existência de um camponês como o pai, o avô e o bisavô.

Como todos os dias, vinha até àquele lugar tranquilo e, com o auxílio de um pedacinho de madeira que tinha talhado, desenhava animais na areia. Desenhar... Eis o que ele gostaria de fazer durante horas, depois dar cor e recriar um burro, um cão e mil outras criaturas!

Ardente sabia observar. A sua visão entrava-lhe no coração e depois este último dava ordens à mão, que agia no entanto com absoluta liberdade para traçar os contornos de uma imagem mais viva do que a realidade quotidiana. O rapaz precisaria de papiros, de estiletes, de pigmentos...

Mas o pai era agricultor e rira-lhe na cara quando o adolescente formulara as suas exigências.

Havia um lugar, um único, onde Ardente poderia obter tudo aquilo que desejava: o Lugar de Verdade. Não se sabia nada do que se passava no interior dos muros da aldeia, mas lá estavam reunidos os maiores pintores e desenhadores do reino, os que eram autorizados a decorar o túmulo do Faraó.

Mas não havia qualquer hipótese para o filho de um camponês entrar naquela fabulosa confraria. No entanto, o rapaz não se podia impedir de sonhar com a felicidade daqueles que se podiam consagrar totalmente à sua vocação, esquecendo a mesquinhez do dia a dia.

— Então, Ardente, estás a aproveitar o bom tempo?

O que acabava de assim se exprimir em tom irónico chamava-se Rustaud e tinha

cerca de vinte anos. Alto, musculado, estava vestido apenas com um saiote curto de juncos entrançados. A seu lado, o seu pequeno irmão, Jarret o Gordo, de sorriso estúpido. Com quinze anos, pesava mais dez quilos do que o irmão mais velho por causa do número de bolos que engolia todos os dias.

— Deixem-me em paz, os dois.

— Este lugar não te pertence... Temos o direito de cá vir.

— Não me apetece ver-vos.

— A nós, apetece. Vais ter que te explicar.

— A propósito de quê?

— Como se não soubesses... Onde estavas na noite passada?

— Tomas-te por um polícia?

— Nati... Este nome não te diz nada?

Ardente sorriu.

— Uma excelente recordação.

Rustaud deu um passo na direcção de Ardente.

— Monte de lixo! Essa rapariga deve casar comigo... E tu, a noite passada, atreveste-te...

— Foi ela que me veio procurar.

— Mentos!

Ardente levantou-se.

— Não suporto que me chamem mentiroso!

— Por tua causa, não casarei com uma virgem.

— E então? Se tiver alguma inteligência, Nati não casará contigo.

Rustaud e Jarret o Gordo exibiram um chicote de cabedal. A arma era rudimentar mas perigosa.

— Paremos por aqui — propôs Ardente. — Nati e eu passámos uns bons momentos juntos, é verdade, mas é a natureza que assim quer. Para te ser agradável, concordo em não tornar a vê-la. E, para ser franco, não sentirei a falta dela.

— Vamos desfigurar-te — anunciou Rustaud. — Com a tua nova cara, não seduzirás mais nenhuma rapariga.

— Não me importaria de dar um correctivo a dois imbecis, mas está calor e prefiro terminar a minha sesta.

Jarret o Gordo lançou-se sobre Ardente com o braço direito levantado. De repente, o seu alvo apagou-se diante dele. Foi levantado, projectado no ar e caiu de

cabeça para a frente de encontro ao tronco do sicômoro. Desmaiado, não se mexeu mais.

Estupefacto durante um instante, Rustaud reagiu. Cortando o ar com o chicote, julgou que conseguia dilacerar o rosto de Ardente, mas o seu braço foi bloqueado pelo do jovem colosso.

Um estalido sinistro pôs fim à curta luta. Com a omoplata deslocada, Rustaud largou o chicote de cabedal e fugiu a berrar.

Nem uma gota de suor perlara a testa de Ardente. Habitado a bater-se desde os cinco anos, sofrera severos correctivos antes de aprender os golpes vencedores. Seguro da sua força, não gostava de provocar mas nunca recuava. A vida não dava brindes, ele também não.

Perante a ideia de passar a tarde na pastagem e de regressar ajuizadamente a casa, trazendo leite e madeira seca, Ardente sentiu o coração dar-lhe um salto.

Amanhã anunciava-se pior do que hoje, ainda mais baço, mais aborrecido, e o rapaz continuaria a perder a alma, como se o seu sangue se escoasse lentamente. O que lhe importava a pequena propriedade agrícola da família? O pai sonhava com trigo maduro e vacas leiteiras, os vizinhos invejavam a sua sorte, as raparigas viam já Ardente como um herdeiro próspero que, graças à sua força física, duplicaria a produção e se tornaria rico. Sonhavam em casar com um camponês bafejado pela sorte, a quem numerosos rebentos garantiriam uma velhice feliz.

Milhares de seres satisfaziam-se com aquele destino, mas Ardente não. Pelo contrário, parecia-lhe mais sufocante do que as paredes de uma prisão. Esquecendo os bovídeos que se arranjariam sem ele, o rapaz avançou na direcção do deserto, sem desviar os olhos do monte que dominava o limite ocidental de Tebas, a riquíssima cidade do deus Amon onde tinha sido construída a cidade santa de Carnaque, povoada de numerosos santuários.

A oeste, os Vales dos Reis, das Rainhas e dos nobres que tinham acolhido as Moradas de Eternidade dessas ilustres personagens. E também os Templos de Milhões de Anos dos faraós, entre os quais o Ramasseum, o de Ramsés o Grande. Os artesãos, do Lugar de Verdade tinham criado aquelas maravilhas... Não se dizia que trabalhavam de mão dada com os deuses e sob a sua protecção?

Tanto no coração secreto de Carnaque como no mais modesto oratório, as divindades falavam, mas quem compreendia realmente a sua mensagem? Ardente, pela sua parte, decifrava o mundo desenhando na areia, mas faltavam-lhe demasiados conhecimentos para poder progredir.

Não aceitava aquela injustiça. Por que razão a deusa oculta na colina do Ocidente falava aos artesãos do Lugar de Verdade e permanecia muda quando ele

lhe implorava que respondesse ao seu apelo? A colina, esmagada pelo sol, abandonava-o à sua solidão e não eram as suas jovens amantes, ávidas de prazer, que podiam compreender as suas aspirações.

Para se vingar, gravou os seus contornos na areia com toda a precisão de que era capaz e depois apagou tudo com o pé raivoso, como se aniquilasse ao mesmo tempo aquela deusa muda e a sua insatisfação.

Mas a colina do Ocidente permaneceu intacta, grandiosa e impenetrável. E apesar da sua pujança física, Ardente sentiu-se irrisório. Não, aquilo não podia continuar assim.

Desta vez, o pai teria que lhe dar ouvidos.

Capítulo 2

Vindo da sua longínqua Núbia, Sobek entrara na polícia com a idade de dezassete anos. Alto, atlético, excelente manejador de cajado, o negro de bela aparência tinha sido notado pelos seus superiores. Um estágio na polícia do deserto permitira-lhe evidenciar as suas qualidades, pois detivera mais de vinte beduínos que se dedicavam à pilhagem, três dos quais particularmente perigosos, especializados no ataque a caravanas.

A promoção de Sobek fora rápida: aos vinte e três anos acabava de ser nomeado chefe das forças de segurança encarregadas de garantir a protecção do Lugar de Verdade. Na realidade, o posto não era nada cobiçado devido às responsabilidades que pesavam sobre o seu titular, que não tinha o direito de errar. Nenhum profano devia penetrar no Vale dos Reis, nenhum curioso perturbar a serenidade da aldeia de artesãos; competia a Sobek evitar qualquer incidente, sob pena de ser imediatamente castigado pelo vizir.

O núbio ocupava um pequeno gabinete num dos fortins que proibiam o acesso ao Lugar de Verdade. Embora soubesse ler e escrever, não tinha qualquer gosto pelas papeladas e pela classificação dos relatórios que deixava para os seus subordinados. Uma mesa baixa e três tamboretas formavam o essencial do mobiliário fornecido pela administração, que garantia a limpeza do local e a sua manutenção.

Sobek passava a maior parte do tempo no terreno, a percorrer as colinas que dominavam os locais interditos, mesmo quando o Sol batia com força. Conhecia cada carreiro, cada cume, cada encosta, e não deixava de as explorar.

Quem fosse surpreendido em situação irregular era preso e interrogado sem piedade e depois transferido para a margem oeste onde o tribunal do vizir pronunciava uma severa condenação.

A partir das sete horas, o núbio recebia os vigias que tinham estado nos postos durante a noite. À pergunta: "nada a assinalar?", eles respondiam: "nada, chefe", e iam-se deitar. Mas naquela manhã, o primeiro vigia não dissimulava o seu embaraço.

— Há um problema, chefe.

— Explica-te.

— Um dos nossos homens morreu esta noite.

— Uma agressão? — inquietou-se Sobek.

— Parece que não... Caso contrário, teríamos detectado o culpado. Quer ver o

cadáver?

Sobek saiu do gabinete para examinar os restos mortais do infeliz.

— Crânio partido, ferimento na têmpora — constatou.

— Depois de uma queda daquelas, não é para admirar – afirmou o vigia. — Era a sua primeira noite de guarda e conhecia mal esta zona. Escorregou no cascalho e veio pela encosta abaixo. Não é a primeira vez que acontece e não será a última.

Sobek interrogou os outros vigias: nenhum tinha notado a presença de qualquer intruso. Era evidente que se tratava de um horrível acidente.

— O que fazes aqui, Ardente? Devias estar na pastagem.

— Acabou-se, pai.

— O que queres dizer?

— Não serei o teu sucessor.

Sentado numa esteira, o camponês poisou à sua frente as fibras de papiro com as quais fazia uma corda. Incrédulo, ergueu os olhos para o filho.

— Enlouqueceste?

— Ser camponês aborrece-me.

— Já disseste isso cem vezes... Ninguém pode passar o tempo a divertir-se! Eu não tive ideias bizarras como tu, e contentei-me em trabalhar duramente para alimentar a minha família. Tornei a tua mãe feliz, criei quatro filhos, as tuas três irmãs e tu, e tornei-me proprietário desta quinta e de um grande terreno... Não é um belo sucesso? Pela minha morte, não terás necessidades e agradecer-me-ás para o resto da tua vida. Sabes que o ano é excelente e o céu favorável? A colheita vai ser abundante mas não pagaremos muitos impostos porque o fisco concedeu-me facilidades. Não tens intenções de destruir tudo isso, pois não?

— Quero construir a minha vida.

— Esquece essas grandes frases. Achas que as vacas se alimentam com elas?

— Vão pastando sem mim e não terás qualquer dificuldade em arranjar-me um substituto.

A angústia fez tremer a voz do agricultor.

— O que te aconteceu, Ardente?

— Quero desenhar e pintar.

— Mas tu és um camponês, filho de camponês! Porquê procurar o impossível?

— Porque é o meu destino.

— Toma cuidado, meu filho; arde em ti um fogo mau. Se o não apagares,

destruir-te-á.

Ardente esboçou um sorriso triste.

— Enganas-te, pai.

O camponês agarrou numa cebola e trincou-a.

— O que desejas verdadeiramente?

— Entrar na confraria do Lugar de Verdade.

— Enlouqueceste, Ardente?

— Consideras-me incapaz disso?

— Incapaz, incapaz, eu cá não sei! Mas, de qualquer maneira, é uma loucura... E não fazes uma ideia da existência terrível desses artesãos! Estão submetidos ao segredo, privados de liberdade, obrigados a obedecer a superiores implacáveis... Os talhadores de pedra têm os braços quebrados pela fadiga, as coxas e as costas cheias de dores, morrem de esgotamento! E o que dizer dos escultores? Manejar o formão é muito mais esgotante do que cavar de sol a sol com a enxada. À noite, continuam a trabalhar à luz de lâmpadas e nunca têm dia de repouso!

— Pareces muito bem informado sobre o Lugar de Verdade.

— É o que dizem... Porque não hei de acreditar? Porque os boatos são sempre mentirosos.

— Não é ao meu filho que compete dar-me uma lição de moral!

Ouve os meus conselhos e dar-te-ás bem. Com o teu feitio impossível, como havias de suportar um regulamento? Revoltar-te-ias desde o primeiro segundo! Sê camponês, como eu, como os teus antepassados. E acabarás por ser feliz. Com a idade, acalmar-te-ás e hás de rir da tua revolta de adolescente.

— És incapaz de me compreender, pai. É inútil continuar esta conversa.

O agricultor atirou a cebola para longe.

— Agora basta. És meu filho e deves-me obediência.

— Adeus.

Ardente voltou as costas ao pai, que agarrou num cabo de ferramenta de madeira e Lhe bateu nas costas. O rapaz voltou-se lentamente.

O que o camponês viu nos olhos do jovem colosso aterrorizou-o e recuou até à parede.

Uma mulherzinha enrugada saiu da arrecadação onde se tinha escondido e agarrou-se ao braço direito do filho.

— Não agridas o teu pai, suplico-te!

Ardente beijou-a na testa.

— Tu também não, mãe, tu também não me compreendes, mas não te quero mal por isso. Descansa, vou-me embora e nunca mais voltarei.

— Se saíres desta casa — preveniu-o o pai —, deserdó-te!

— Estás no teu direito.

— Vais acabar na miséria!

— O que me importa?

Quando franqueou o limiar da casa familiar, Ardente soube que nunca mais ali voltaria.

Metendo pelo caminho que seguia ao lado de um campo de trigo, o rapaz respirou fundo. Um mundo novo abria-se à sua frente.

Capítulo 3

Ardente saiu da zona cultivada para se dirigir ao Lugar de Verdade. Nem as queimaduras do sol nem a aridez do deserto o assustavam. E o rapaz queria tentar o que fosse possível: talvez bater à porta da aldeia fizesse com que ela se abrisse.

Naquele fim de manhã não havia ninguém na via pisada pelos cascos dos burros que, todos os dias, traziam à confraria água, alimentos e tudo aquilo de que ela tinha necessidade para trabalhar "longe dos olhos e dos ouvidos".

Ardente amava o deserto. Gostava da sua força implacável, sentia-lhe a alma vibrar em uníssono com a sua e caminhava dias inteiros sem se cansar, saboreando o contacto dos pés nus com a areia ardente.

Mas desta vez o rapaz não foi longe. O primeiro dos cinco fortins que garantiam a protecção do Lugar de Verdade barrou-lhe o caminho. Como Ardente tinha notado os vigias que não tiravam os olhos dele, foi direito ao obstáculo. Mais valia enfrentar os guardas e saber o que podia esperar.

Dois archeiros saíram do fortim. Ardente continuou a avançar, com os braços ao longo do corpo para mostrar bem que não estava armado.

— Alto!

O rapaz imobilizou-se.

O mais velho dos dois archeiros, um núbio, dirigiu-se para ele. O outro colocou-se de lado, esticou o arco e visou-o.

— Quem és tu?

— Chamo-me Ardente e quero bater à porta da confraria do Lugar de Verdade.

— Tens um salvo-conduto?

— Não.

— Quem te recomenda?

— Ninguém.

— Estás a fazer troça de mim, meu rapaz?

— Sei desenhar e quero trabalhar no Lugar de Verdade.

— Esta zona é interdita, devias saber.

— Quero encontrar-me com um mestre artesão e provar-lhe as minhas qualidades.

— Eu tenho ordens. Se não te fores embora imediatamente, prendo-te por ofensa à força pública.

— Não tenho más intenções... Deixem-me tentar a sorte!

— Desaparece!

Ardente lançou um olhar às colinas circundantes.

— Não tenhas esperança de te esgueirares por ali — avisou o archeiro núbio. — Serias abatido.

Ardente teria podido atacar o polícia com um murro, atirar-se ao chão para evitar a flecha do colega e depois tentar forçar a passagem. Mas quantos archeiros teria que afastar do seu caminho antes de chegar à porta da aldeia?

Desapontado, voltou para trás.

Logo que ficou fora da vista dos vigias, sentou-se numa rocha, decidido a observar o que se passava naquele caminho. Havia de encontrar uma ideia para conseguir.

A mãe de Ardente chorava há horas sem que as filhas a conseguissem consolar. O pai tinha sido obrigado a contratar três camponeses para substituírem o jovem colosso. Furioso, sem deixar de se sentir encolerizado contra o filho indigno, fora ao escrivão público para ditar uma carta dirigida ao gabinete do vizir. Anunciando a sua decisão em termos implacáveis e definitivos, o agricultor decretava, como lhe permitia a lei, que deserdava Ardente e que a totalidade dos seus bens seriam para a esposa que deles faria uso como entendesse. Se ela morresse antes dele, as três filhas herdariam em partes iguais.

Mas aquele dispositivo testamentário não bastava ao camponês, achincalhado e humilhado. Já que Ardente enlouquecera, tinha que o chamar à razão. Não havia melhor processo do que a coerção exercida por uma autoridade indiscutível.

Fora por isso que o pai do rebelde se dirigira a casa do responsável pelo pessoal, um escriba picuinhas, má-língua e cada vez mais amargo. Titular de um posto difícil e pouco gratificante, intrigava em vão a fim de obter uma promoção e trabalhar na cidade, na margem este. Aqui, estava encarregado, durante os meses que precediam a inundação, de contratar pessoal para tratar dos canais e reparar os diques, pagando-lhe o menos possível. Como os voluntários eram raros, tinha de decretar o trabalho obrigatório e convencer os patrões das propriedades a cederem-lhe um certo número de operários agrícolas cuja ausência momentânea era acompanhada por uma diminuição de impostos. As discussões eram longas, penosas e fatigantes.

Assim, quando o escriba viu entrar no seu gabinete o pai de Ardente, esperava uma ladainha de jeremíadas e reclamações que rebateria em bloco, como habitualmente.

— Não te venho aborrecer — afirmou o camponês —, mas pedir o teu auxílio.

— Nem penses — respondeu o funcionário. — A lei é a lei e não te posso conceder privilégios, embora nos conheçamos há muitos anos. Se um único proprietário rural começa a negar o carácter indispensável do trabalho, os benefícios da cheia perder-se-ão e o Egipto ficará arruinado!

— Não contesto nada, só te quero falar do meu filho.

— Do teu filho? Mas ele está isento do trabalho obrigatório!

— Acaba de abandonar a quinta.

— Para ir para onde?

— Não sei... Toma-se por um desenhador. Aquele pobre Ardente perdeu o juízo.

— Queres dizer que ele já não trata da quinta e das pastagens?

— Infelizmente assim é.

— É insensato!

— A mãe e eu estamos desolados, mas não o conseguimos impedir de partir.

— Algumas pauladas e o caso tinha ficado resolvido!

O camponês baixou a cabeça.

— Tentei, mas Ardente é uma espécie de colosso... E aquele patife tornou-se violento! Cheguei a pensar que me ia bater.

— Um filho bater no pai! — exclamou o escriba. — Tem que ser levado diante de um tribunal e fazer com que o condenem.

— Tenho outra ideia.

— Sou todo ouvidos.

— Visto que já não é verdadeiramente meu filho e abandonou a minha casa, porque há de continuar a estar isento do trabalho obrigatório?

— Vou convocá-lo, conta comigo.

— Podíamos fazer ainda melhor.

— Não compreendo.

O agricultor falou em voz baixa.

— Aquele bandido precisa de uma boa lição, não achas? Se for castigado com severidade, esse aviso evitará que cometa grandes asneiras. Se não interviermos, tu e eu poderemos ser considerados como responsáveis.

O escriba não deixou de considerar o argumento.

— O que propões?

— Supõe que convocaste Ardente para o trabalho obrigatório e que ele se recusou... Seria então considerado desertor.

Poderias mandá-lo prender por uns fulanos vigorosos que lhe dariam um correctivo salutar.

— Posso fazer isso... Mas o que me ofereces em troca?

— Uma vaca leiteira.

O escriba babou-se de satisfação. Uma pequena fortuna em troca de uma tarefa fácil.

— Acordo feito.

— Acrescentarei uns sacos de cereais, bem entendido. Não magoes demasiado Ardente... Ele tem que voltar para a quinta.

Capítulo 4

Um focinho húmido poisou na testa de Ardente, que abriu imediatamente os olhos.

Uma cadela de pelagem ocre farejava o intruso sem agressividade, quando o Sol ainda se não tinha levantado e um vento fresco varria o lado ocidental de Tebas e a estrada que conduzia ao Lugar de Verdade.

O rapaz acariciou-a até ao momento em que ela se afastou, alertada pelo ruído de patas. Conduzidos por um jumento a passo regular, uma centena de burros carregados de alimentos avançava em direcção à aldeia dos artesãos. Conhecendo perfeitamente o itinerário, o chefe dos quadrúpedes seguia em bom andamento.

Ardente viu-os passar, admirado. Tal como ele, sabiam para onde iam, mas eles conseguiriam passar o obstáculo dos fortins.

A pouca distância, atrás dos burros, cerca de cinquenta carregadores de água. Na mão direita um pau para ritmar o andar e afastar as serpentes; no ombro esquerdo, um longo e sólido cajado na extremidade do qual estava pendurado um grande odre contendo vários litros de água.

A cadela de pelagem ocre deixou Ardente para acompanhar o dono, um homem de idade que avançava já com dificuldade. O rapaz foi ter com ele.

— Posso ajudá-lo?

— É o meu trabalho, rapaz... Já não será por muito tempo, mas basta-me para viver até voltar para casa, no Delta. Se me ajudares não te poderei pagar.

— Não tem importância.

No ombro de Ardente, a carga pareceu leve como uma pluma do ganso sagrado do deus Amon.

— É todos os dias assim?

— Sim, meu rapaz. Aos artesãos do Lugar de Verdade não deve faltar nada, sobretudo água! Depois da primeira entrega da manhã, a mais importante, há várias outras durante o dia. Se as necessidades aumentam, por uma razão ou por outra, aumentam também o número de carregadores. Não somos os únicos auxiliares a trabalhar para o Lugar de Verdade; há também os lavadeiros, os padeiros, os cervejeiros, os carneiros, os caldeireiros, os cortadores de madeira, os tecelões, os tanoeiros e ainda outros! O Faraó exige que os artesãos gozem do bem-estar mais perfeito possível.

— Já entraste na aldeia?

— Não. Como carregador de água agregado, posso ir deitar o conteúdo do meu odre na grande cratera, em frente da entrada norte; há uma segunda perto do muro sul. Os habitantes do Lugar de Verdade vêm ali encher os seus cântaros.

— Quem pode franquear a cerca?

— Unicamente os membros da confraria. Os auxiliares ficam no exterior. Mas porque fazes todas essas perguntas?

— Porque quero entrar para a confraria para me tornar desenhador.

— Não é a carregar água que o conseguirás!

— Tenho que bater à porta principal, encontrar um artesão e explicar-lhe que...

— Não contes com isso! Aqueles fulanos não são nem conversadores nem acolhedores e um comportamento como o teu com certeza que não Lhes agradaria. Quando muito, apanhavas uns meses de prisão. E não esqueças que os guardas conhecem cada carregador de água...

— Já conversaste com um membro da confraria?

— Uma palavra aqui, outra acolá, sobre o tempo ou sobre a família.

— Eles não te falaram do seu trabalho?

— Aquelas pessoas estão obrigadas ao segredo, meu rapaz, e nenhuma delas trai o seu juramento. Quem tivesse a língua demasiado comprida seria imediatamente expulso.

— Mas há novos recrutas!

— É raro. Devias dar-me ouvidos e esquecer esses sonhos... Há coisas muito melhores para fazer do que fechares-te no Lugar de Verdade a trabalhar dia e noite para glória do Faraó.

Se pensares bem, não é uma existência muito invejável. Com o teu físico, deves agradar às raparigas. Diverte-te alguns anos, casa-te novo, arranja belos filhos e descobre uma boa profissão, menos difícil do que carregador de água.

— Não há mulheres na aldeia?

— Há, e têm filhos, mas estão submetidas às regras do Lugar de Verdade, como os homens. O mais espantoso é que elas também não falam muito.

— Viste-as?

— Algumas.

— São bonitas?

— Há de tudo... Mas porque teimas?

— Então elas têm o direito de sair da aldeia?

— Todos os seus habitantes têm esse direito. Circulam livremente entre o Lugar de Verdade e o primeiro fortim. Dizem mesmo que às vezes vão até à margem este, mas não tenho nada a ver com isso.

— Então, posso encontrar um artesão!

— Em primeiro lugar, era preciso que soubesses que ele pertencia mesmo à confraria, pois não faltam os gabarolas.

Depois, ele nunca aceitaria falar contigo.

— Quantos fortins há?

— Cinco. Chamam-lhes também os cinco muros", outros tantos postos de guarda onde os vigias observam quem se aproxima da aldeia. Podes crer que o dispositivo é eficaz e até mesmo as colinas estão rigorosamente vigiadas, sobretudo desde a nomeação do novo chefe da segurança, Sobek. É um núbio bastante vingativo e decidido a provar o seu valor. A maior parte dos homens colocados sob as suas ordens pertencem à sua tribo e obedecem-lhe cegamente.

Por outras palavras, é inútil tentar corrompê-los. Têm de tal forma medo dele que denunciariam imediatamente o corruptor.

Ardente tomara a sua decisão: tinha que passar, custasse o que custasse, o primeiro fortim e falar a alguém do interior.

— Se disseres que estás doente e que sou um dos teus primos que veio para te ajudar a carregar a água, os guardas serão compreensivos?

— Podemos tentar, mas isso não te leva longe.

Quando viram os guardas do primeiro fortim, Ardente soube que a sorte jogava a seu favor: a rendição acabara de ser feita, já não eram os mesmos archeiros e ele não corria o risco de ser reconhecido.

— Não estás com bom aspecto — disse o polícia negro ao carregador de água que se apoiava pesadamente no braço do jovem colosso.

— Já não tenho forças... Foi por isso que apelei para este rapaz, que aceitou vir-me ajudar.

— É da tua família?

— É um dos meus primos.

— Respondes por ele?

— Em breve vou deixar de trabalhar e ele propõe-se substituir-me.

— Sigam até ao segundo posto de controlo.

Uma primeira vitória! Ardente tivera razão em perseverar. Se a sorte continuasse

a sorrir-lhe, ia ver a aldeia de perto e encontrar um artesão que compreenderia a sua vocação.

O segundo controlo foi mais minucioso do que o primeiro e o terceiro ainda mais, mas os polícias constataram que o carregador de água não simulava a sua falta de forças. Como a entrega tinha que ser garantida e nenhum funcionário de polícia aceitaria abandonar o seu posto para desempenhar aquela pesada tarefa, deixaram passar os dois homens.

O quarto controlo foi apenas uma formalidade mas, em frente do quinto e último fortim, reinava intensa animação. Carregadores pertencentes à equipa auxiliar descarregavam os burros e os potes cheios de legumes, peixe seco, carne, frutos, azeite e unguentos.

Apostrofavam-se uns aos outros, censuravam-se por andarem demasiado lentamente, riam, brincavam... Um polícia fez sinal aos carregadores de água para avançarem e deitarem o conteúdo dos seus odres num enorme pote que provocou a admiração de Ardente. Que oleiro tinha sido tão hábil para ser capaz de criar um recipiente tão gigantesco?

Para o rapaz, foi o primeiro milagre visível do Lugar de Verdade.

Capítulo 5

Um homem atarracado interpelou Ardente.

— Pareces espantado, meu rapaz.

— Quem fez este pote gigantesco?

— Um oleiro que trabalha para o Lugar de Verdade.

— Como fez ele?

— És muito curioso.

O rosto de Ardente iluminou-se. Com certeza que estava perante um dos artesãos da aldeia!

— Não, não é curiosidade! Quero tornar-me desenhador e entrar na confraria.

— Ah, bem... Anda cá explicar-me isso.

O atarracado fulano arrastou Ardente para além do quinto e último bastião, do lado de uma fileira de oficinas onde trabalhavam sapateiros, tecelões e caldeireiros. Convidou-o a sentar-se num bloco, junto de uma colina pedregosa.

— O que sabes do Lugar de Verdade, meu rapaz?

— Nada, ou muito pouco... Mas tenho a certeza que é lá que devo viver.

— Porquê?

— A minha única paixão é o desenho. Queres que te mostre?

— Eras capaz de reproduzir a minha cara na areia?

Sem tirar os olhos do seu modelo, Ardente utilizou um sílex pontiagudo para desenhar com rapidez formas precisas.

— Pronto... O que achas?

— Pareces dotado. Onde aprendeste?

— Em parte nenhuma! Sou filho de agricultor e sempre passei horas a desenhar o que observava. Mas faltam-me os segredos que aqui ensinam, tenho a certeza. E quero pintar, animar os meus desenhos com cor!

— Não te falta ambição nem talento... Mas isso talvez não baste para entrares no Lugar de Verdade.

— O que mais é preciso?

— Vou levar-te até junto de alguém que poderia resolver todos os teus

problemas.

Ardente nem queria acreditar no que ouvia. Como tinha tido razão em se aventurar! Em algumas horas, acabava de passar de um mundo para outro e ia realizar o seu sonho.

Seguindo pelas oficinas exteriores à aldeia, cujos altos muros pareciam intransponíveis, o rapaz notou que eram construções de madeira muito leves, tão fáceis de montar como de desmontar.

O atarracado notou o seu interesse.

— Alguns auxiliares não estão aqui todos os dias... Só vêm em caso de necessidade.

— És um desses?

— Sou lavadeiro. Um trabalho nojento, podes crer! Até tenho que me ocupar da roupa suja das mulheres. Quer vivam nesta aldeia ou noutra qualquer, isso não muda nada.

O atarracado dirigia-se a direito para o quinto fortim.

Ardente imobilizou-se.

— Mas... onde me levas?

— Não julgavas que ias entrar no Lugar de Verdade sem passar por um interrogatório apertado, pois não? Segue-me e não ficarás desiludido.

O rapaz cruzou o limiar do posto de guarda sob o olhar trocista de um archeiro núbio, meteu por um corredor escuro e desembocou num gabinete onde imperava um grande negro tão atlético como ele.

— Bom dia, Sobek — disse o lavadeiro. — Trago-vos um espião que conseguiu passar os cinco muros ajudando um carregador de água. Espero que a recompensa seja à medida do serviço prestado.

Ardente deu meia volta e tentou fugir.

Dois archeiros núbios agarraram o rapaz que deu uma cotovelada na cara do primeiro e bateu nos testículos do segundo com o joelho. Ardente teria podido desaparecer, mas preferiu levantar o lavadeiro, segurando-o pelas axilas.

— Traíste-me e vais lamentar isso!

— Não me mates, não fiz mais do que respeitar as ordens!

Ardente sentiu a ponta da lâmina de um punhal enfiar-se-lhe nos rins.

— Basta! — ordenou Sobek. — Larga-o e fica sossegado, ou perdes a vida.

O rapaz sentiu que o núbio não brincava e poisou no chão o lavadeiro, que desapareceu sem pedir a sua paga.

— Ponham-lhe as algemas de madeira — exigiu o chefe da polícia local.

Algemado, com as pernas atadas, Ardente foi atirado para um canto do compartimento. A cabeça bateu violentamente na parede, mas não emitiu qualquer queixume.

— És um valentão — comentou Sobek. — Quem te mandou aqui?

— Ninguém. Quero tornar-me desenhador e entrar na confraria.

— Divertido... Não arranjaste nada de melhor?

— É a verdade!

— Ah, a verdade! Tanta gente julga possuí-la... Aqui, neste gabinete, muitos mudaram de opinião e admitiram que mentiam. Uma atitude razoável, na minha opinião... Não achas?

— Não estou a mentir.

— Admito que te mostraste bastante hábil e os meus homens lamentáveis. Serão castigados e tu vais dizer-me quem te paga, de onde vens e porque estás aqui.

— Sou filho de um agricultor e quero falar com um artesão do Lugar de Verdade.

— Para lhe dizer o quê?

— O meu desejo de me tornar desenhador.

— És teimoso... Isso não me desagrada, mas não devias abusar demais da minha paciência.

— Não vos posso dizer outra coisa, visto que é esta a verdade!

Sobek coçou o queixo.

— Tens de me compreender, rapaz: o meu papel consiste em garantir a segurança absoluta do Lugar de Verdade por todos os meios e consideram, nas altas instâncias, que sou competente e sério. Ora eu aprecio muito a minha reputação.

— Mas porque me haveis de impedir de falar com um artesão? — perguntou Ardente.

— Porque não acredito na tua história, meu rapaz. Concorro que é comovente, mas completamente inverosímil. Nunca vi nenhum candidato apresentar-se assim à porta da aldeia para solicitar a sua admissão.

— Não tenho nenhuma relação, nenhum protector, ninguém me recomenda e estou-me nas tintas para tudo isso porque apenas quero saber do meu desejo! Permiti que encontre um desenhador e convencê-lo-ei.

Por instantes, Sobek pareceu abalado.

— Lata não te falta, mas comigo isso não serve de nada. Não são poucos os curiosos que gostariam de conhecer os segredos dos artesãos do Lugar de Verdade e

estão prontos a pagar seja que preço for para o conseguirem. E tu és o emissário de um desses curiosos... Um curioso cujo nome me vais dizer.

Magoado, Ardente tentou levantar-se, mas as cadeias eram sólidas.

— Estais enganado, juro que estais enganado!

— Para já, nem sequer te pergunto o teu nome, pois tenho a certeza que me mentirias. És mesmo um coriáceo e a missão que te confiaram deve ser de primordial importância. Até agora, apenas tinha apanhado peixe miúdo... Contigo, é sério. Se falasses já, evitavas muitos aborrecimentos.

— Desenhar, pintar, encontrar os mestres... Não tenho outra intenção.

— Felicitações, meu amigo, não tens ar de quem tem medo. Em geral, não me resistem assim tanto tempo. Mas hás de acabar por falar, mesmo que a tua pele seja mais dura do que o cabedal. Podia ocupar-me de ti imediatamente, mas acho preferível amarrar-te um bocado para facilitar a minha tarefa.

Depois de quinze dias de calaboço deves estar menos teimoso e muito mais falador.

Capítulo 6

Silencioso regressava de uma longa viagem à Núbia no decurso da qual visitara as minas de ouro, as pedreiras e os inúmeros santuários edificadas por Ramsés o Grande, entre os quais os dois templos de Abu Simbel que celebravam a luz divina, a deusa das estrelas e o seu amor eterno pela Grande Esposa Real Nefertari, tão cedo desaparecida. Silencioso tinha permanecido em oásis e passado semanas só, no deserto, sem rezear a companhia dos animais selvagens.

Herdeiro de uma dinastia familiar do Lugar de Verdade, Silencioso tinha aparentemente o destino de escultor traçado de antemão: faria estátuas de divindades, notáveis e artesãos da sua confraria a fim de continuar a tradição familiar transmitida desde o tempo das pirâmides. Com a idade, conferir-lhe-iam cada vez mais responsabilidades e, por sua vez, transmitiria o seu saber ao sucessor.

Mas faltava uma condição que ele ainda não satisfizera: ouvir o apelo. Não bastaria nem ter um pai artesão nem ser um bom técnico para ver abrir-se a porta da confraria; cada um dos seus membros tinha como título o que ouviu o apelo... e todos sabiam do que se tratava sem nunca se referirem a ele.

O jovem não ignorava que apenas a rectidão lhe permitiria ser amado pela profissão e era incapaz de mentir: não tinha ouvido esse indispensável apelo. Ele, cuja palavra era tão rara que lhe tinham dado o apelido de Silencioso, sofria com esse mutismo que nenhum eco viera quebrar.

*1 Em egípcio: sedjem âsh.

O pai e os altos responsáveis da confraria tinham concordado que a atitude de Silencioso era a única aceitável: explorar o mundo exterior e, se os deuses o favorecessem, ouvir finalmente o apelo.

Mas o jovem não suportava viver longe do Lugar de Verdade, daquele lugar único onde tinha nascido, crescera e fora educado com um rigor que não lamentava. Sendo impossível regressar, tinha a dolorosa sensação de cada dia se perder mais e de não passar de uma sombra solitária.

Silencioso esperara que aquela viagem e as poderosas paisagens da Núbia criassem as condições necessárias para fazer ressoar a voz misteriosa; mas nada acontecera e não lhe restava outra opção senão vaguear, indo de um biscate a outro.

Na Núbia tentara esquecer o Lugar de Verdade e os mestres que venerava, mas os seus esforços tinham sido em vão.

Regressara portanto a Tebas para se fazer contratar numa equipa de operários que construíam casas não longe do templo de Carnaque.

O proprietário da empresa de construções passava já dos cinquenta anos e coxeava, na sequência de uma queda do alto de um telhado. Viúvo e pai de uma filha única, não gostava dos faladores nem dos pretensiosos. O comportamento de Silencioso agradava-lhe para além de todas as expectativas. Sem ostentação, o jovem dava o exemplo aos seus camaradas que, no entanto, o olhavam de viés: demasiado consciencioso, demasiado trabalhador, demasiado fechado. Com a sua simples presença e mesmo sem querer, fazia ressaltar os defeitos deles.

Graças ao seu novo operário, o patrão terminara uma casa de dois andares um mês antes da data prevista. Muito satisfeito, o comprador não regateava elogios ao construtor e arranjava-lhe dois novos trabalhos.

Os colegas tinham regressado a casa e Silencioso limpava as suas ferramentas como lhe ensinara um escultor do Lugar de Verdade.

— Acabo de receber um jarro de cerveja fresca — disse-lhe o patrão. — Não queres beber uma taça comigo?

— Não vos quero importunar.

— Convido-te.

O patrão e o empregado sentaram-se em esteiras, na cabana que servia de abrigo aos operários para fazerem a sesta.. A cerveja era excelente.

— Não te pareces com os outros, Silencioso. De onde és natural?

— Da região.

— Tens família?

— Alguma.

— E não te apetece falar disso... Como queiras. Que idade tens?

— Vinte e seis anos.

— É tempo de te fixares, não achas? Sei avaliar os homens: trabalhas de forma notável e não cessarás de te aperfeiçoar.

Há em ti uma qualidade rara: o amor pela profissão. Isso faz-te esquecer tudo o resto e isso não é muito razoável...

Tens de pensar no teu futuro. Começo a envelhecer, doem-me as articulações e cada vez coxeio mais desta perna. Antes de te contratar tomara a decisão de arranjar um contramestre que pouco a pouco me fosse substituindo nas obras, mas não há

nada mais difícil do que encontrar alguém de confiança. Queres ser o meu contramestre?

— Não, patrão. Não nasci para dirigir.

— Enganas-te, Silencioso. Serás um bom contramestre, tenho a certeza. Mas estou a pressionar-te... Aceita pelo menos pensar na minha proposta.

Silencioso concordou com a cabeça.

— Tenho um pequeno favor a pedir-te. A minha filha cuida de um jardim, a uma hora de caminho daqui, nas margens do Nilo, e precisa de vasos para proteger as plantas jovens. Não te importas de os carregares num burro e lhos lebares?

— Com certeza.

— Receberás um bónus.

— Devo ir já?

— Se não te faz diferença... A minha filha chama-se Clara(1).

*1 Tradução do nome egípcio Ouhekhet.

O patrão descreveu o itinerário em pormenor. Silencioso não se podia enganar.

O burro arrancou, avançando com o seu passo tranquilo e seguro. Silencioso verificou que o peso não fosse excessivo e seguiu ao lado. Meteu primeiro por ruelas e depois por um caminho de terra batida que ladeava pequenas casas brancas separadas por pomares.

O suave vento do norte acabava de se levantar, anunciando uma noite agradável em que as famílias se reuniriam para evocar os pequenos acontecimentos do dia ou ouvir um contador de histórias que os fizesse rir e sonhar.

Silencioso reflectia na proposta do patrão, sabendo de antemão que não aceitaria. Havia um único lugar onde teria gostado de se fixar, mas era impossível sem ter ouvido o apelo. Dentro de algumas semanas partiria para o Norte e continuaria a sua existência nómada.

Por vezes sentia desejo de mentir, de correr até à aldeia e afirmar que tinha finalmente recebido o apelo que lhe abria as portas da confraria. Mas o Lugar de Verdade não tinha esse nome por acaso... Maet reinava ali e a sua regra era o alimento quotidiano dos corações e dos espíritos e os batoteiros acabavam sempre por ser desmascarados. "Deves odiar a mentira em todas as circunstâncias, porque destrói a palavra — tinham-lhe ensinado. — É ela que Deus detesta. Quando a mentira se põe a caminho, perde-se, não consegue atravessar de barca e não faz boa viagem. Quem navega com a mentira não acostará e a sua barca não chegará ao porto de abrigo".

Não, Silencioso não transigiria. Mesmo não podendo ter acesso ao Lugar de Verdade, respeitaria pelo menos o ensinamento recebido. Uma triste consolação, é verdade, mas que lhe permitiria talvez sobreviver.

O Nilo corria com uma forte corrente, tão azul como o céu. Não se dizia que os afogados viam as suas faltas apagadas pelo tribunal de Osíris e ressuscitavam nos paraísos do outro mundo?

Descer o declive, mergulhar, recusar nadar e agradecer à morte por vir depressa para fazer esquecer uma existência desprovida de esperança... Era o único apelo que Silencioso ouvia.

Mas havia um pormenor que o impedia de se oferecer ao Nilo: tinham-lhe confiado uma tarefa e devia mostrar-se digno dessa confiança. Cumprida a sua missão, libertar-se-ia finalmente das suas cadeias graças à generosidade do rio que transportaria a sua alma para o além.

O burro abandonou o carreiro principal, passou à esquerda de um poço e avançou a direito para um jardim rodeado por um murinho. Não devia ser a primeira vez que o quadrúpede ali se dirigia e guardara o percurso na memória.

Uma romãzeira, uma alfarrobeira e uma árvore que Silencioso não conhecia espalhavam uma sombra acolhedora sobre o jardim onde desabrochavam centáureas, narcisos e maravilhas. Mas a beleza das flores não era nada em comparação com a da jovem envergando um vestido branco imaculado. Ajoelhada, fazia plantações.

Os seus cabelos alourados estavam soltos e caíam em caracóis sobre os ombros. O perfil tinha a perfeição do rosto da deusa Hátor, tal como Silencioso a vira esculpida por um artesão do Lugar de Verdade, e o corpo era tão gracioso como uma palmeira ondulando ao vento.

O burro mastigou alguns cardos. Silencioso julgou desmaiar quando a jovem se voltou e o contemplou com os seus olhos azuis como um céu de Verão.

Capítulo 7

— Reconheço o burro — disse ela sorrindo —, mas a vós, é a primeira vez que vos vejo.

— Eu... eu trago-vos os vasos da parte do vosso pai.

Silencioso era um homem elegante, de estatura média, com calos castanhos que deixavam a descoberto uma testa alta. Bem constituído, tinha os olhos de um cinzento-verde que lhe iluminavam o rosto simultaneamente aberto e grave.

— Obrigada pela vossa atenção, mas... pareceis preocupado.

O jovem precipitou-se para o burro que continuava a tasquinhar e, febril, tirou os vasos das alcofas.

Nunca se atreveria a encará-la pela segunda vez. Que magia podia tornar uma mulher tão bela? Os traços muito puros, a pele ligeiramente bronzeada, os membros finos e gráteis, a luz que emanava do seu ser faziam dela uma aparição, um sonho demasiado deslumbrante para durar. Se lhe tocasse, desapareceria.

— Está tudo intacto? — perguntou ela.

Como a voz era mágica também! Frutada, doce, melodiosa mas não desprovida de firmeza, límpida e viva como a água de uma nascente.

— Creio...

— Quereis que vos ajude?

— Não, não... Eu levo-vos os vasos.

Quando Silencioso franqueou o limiar do jardim, um cão negro ladrrou, ergueu-se nas patas traseiras e poisou as patas dianteiras nos ombros do recém-chegado, lambendo-lhe em seguida, conscienciosamente, os olhos e as orelhas.

Com os braços ocupados, o jovem deixou-o fazer o que quis.

— O Trigueiro adoptou-vos — comentou Clara, encantada. — No entanto, costuma ser desconfiado e não concede semelhantes privilégios senão a amigos de longa data.

— Sinto-me lisonjeado.

— Qual é o vosso nome?

— Silencioso.

— É um nome estranho...

- Uma história sem interesse.
- Contai-ma, de qualquer forma.
- Receio que vos aborreça.
- Vinde sentar-vos ao fundo do jardim.

Depois de Trigueiro ter acedido a pôr as patas no chão, Silencioso pôde fazer a vontade à rapariga. De cabeça alongada e forte, pelagem curta e sedosa, cauda comprida e farta, os olhos cor de avelã muito vivos, o cão acompanhou o seu convidado.

— Com ele, não tenho nada a recear — disse Clara. — É tão rápido como corajoso.

Silencioso poisou os vasos na erva e sentou-se ao lado de um maciço de flores cuja cor se assemelhava à do ouro.

— Nunca tinha visto flores assim — confessou.

— São crisântemos e só se dão bem aqui. Para além da sua elegância, estas flores soberbas são também muito úteis; com as substâncias que contêm, tratam-se inflamações, problemas circulatorios e dores lombares.

— Sois médica?

— Não, mas tive a sorte de ser tratada por Néféret, uma mulher médica extraordinária. Depois da morte da minha mãe, tratou de mim, apesar das suas pesadas responsabilidades. Antes de se retirar para Carnaque, com o marido, Pazair, o antigo vizir, transmitiu-me um pouco da sua ciência. Utilizo-a hoje em dia para melhorar os sofrimentos dos que me rodeiam. É aqui, neste jardim, que gosto de meditar e falar com as árvores. Talvez me considereis insensata, mas acredito que as plantas têm uma linguagem.

É preciso mostrarmo-nos humildes perante elas para a podermos ouvir.

— Os feiticeiros da Núbia pensam como vós.

— Haveis estado lá?

— Alguns meses. Como se chama esta árvore de casca castanho-acinzentada e folhas ovais, verdes e brancas?

— Estírace. Dá um fruto carnudo e, sobretudo, um bálsamo delicioso que corre sob a forma de uma goma amarelada quando se faz uma incisão no tronco da árvore.

— Prefiro a alfarrobeira, com a sua densa folhagem e os frutos com sabor a mel. Pois não incarna a doçura da vida, suportando tão bem a seca como os ventos quentes?

Trigueiro deitara-se sobre os pés do jovem que não se podia mexer sem

incomodar o cão.

— Ainda não me haveis explicado porque tendes o apelido de Silencioso.

— Se o respeitasse, não vos devia dizer nada.

— É assim um segredo tão grande? — perguntou Clara enfiando na terra fofa um vaso ao contrário para proteger a sua plantação. Com o crescimento das raízes, o vaso rebentaria e os pedaços de barro misturar-se-iam com a terra.

O rapaz nunca sentira vontade de se confiar, mas como resistir a Clara?

— Fui criado na aldeia dos artesãos, no Lugar de Verdade, onde meu pai era escultor. Quando eu nasci, a minha mãe e ele deram-me um nome secreto que me será revelado quando, por minha vez, me tornar escultor. Até esse momento, devo permanecer silencioso, observar, ouvir e compreender.

— Quando será esse grande momento?

— Nunca.

— Mas... porquê?

— Porque não serei escultor: o destino decidiu de outra forma.

— Então... O que tencionais fazer?

— Não sei.

Clara formou um rebordo de terra húmida em volta da alfarrobeira para reter melhor a água da próxima rega.

— Tencionais trabalhar muito tempo na empresa do meu pai?

— Pediu-me para ser seu contramestre.

— Haveis-lhe falado do Lugar de Verdade?

— Não... Sois a única a conhecer o meu passado. Actualmente, está morto e bem morto. Não conheço nenhum dos segredos dos artesãos e não passo de um operário como os outros.

— Sofreis com isso, não é verdade?

— Não me julgueis ambicioso. Queria simplesmente... Mas não tem importância. É inútil revoltarmo-nos contra a vida, é preciso saber aceitar o que ela dá.

— Não sois novo demais para falar assim?

— Receio... receio importunar-vos.

— E esse posto de contramestre?

— O vosso pai mostrou-se muito generoso, mas sou incapaz de exercer tais responsabilidades e sentir-me-ia desolado por desiludi-lo.

— Estou convencida que vos subestimais. Porque não tentar? Entretanto, dai-me

uma ajuda.

A jovem olhou o cão: este abriu imediatamente os olhos e pôs-se em pé. Trigueiro detectava a mínima intenção de Clara que, a maior parte das vezes, nem sequer tinha necessidade de falar.

Liberto, Silencioso levantou-se por sua vez para participar nos trabalhos de jardinagem, imitando os gestos de Clara. Há muito tempo que não sentia uma tal paz, longe de toda a angústia. Olhar a jovem tornava-o tão feliz que esquecia as suas dúvidas e sofrimentos.

Depois de ter recebido abundante dose de carícias no alto da cabeça e no pescoço, Trigueiro voltara a ir deitar-se à sombra.

— Todas as noites — disse Clara —, as trevas tentam devorar a luz. Como ela combate com valentia, consegue repeli-las. Quando se contempla o nascer do Sol, do lado da colina do Oriente, distingue-se uma acácia de turquesa que marca o triunfo da luz ressuscitada. Esta árvore oferece-se a todos. Para ver a sua beleza, basta saber olhá-la. Foi esse pensamento que me guiou quando atravessei duras provas. A beleza da vida não depende de nós, mas reside também na nossa capacidade de a captar.

Silencioso admirava a forma como Clara trabalhava, sem qualquer precipitação mas com gestos eficazes, precisos e graciosos.

Infelizmente, as plantações iam acabar e ele teria que retomar o caminho da cidade.

— Vamos lavar as mãos no pequeno canal — propôs ela.

Os agrimensores do Estado, os especialistas de irrigação e os homens do trabalho obrigatório tinham trabalhado bem; campos de cultura e jardins estavam quadriculados por veias e artérias onde circulava a água da vida.

Ajoelhado ao lado de Clara, Silencioso respirou o seu perfume em que se aliavam jasmim e lótus. E como não podia mentir a si mesmo, teve a certeza que acabava de se apaixonar perdidamente.

Capítulo 8

Sobek detestava as recepções mas era obrigado a comparecer na festa anual da polícia da margem oeste de Tebas durante a qual eram anunciadas as promoções, as mudanças de posto e os que passavam à reforma. Para a ocasião, eram mortos vários porcos e bebia-se vinho tinto oferecido pelo vizir.

O núbio, cuja estatura não passava despercebida, foi o alvo de todas as atenções. Pelo facto de serem polícias, nem por isso eram menos curiosos e muitos dos seus colegas lhe perguntaram se tinha descoberto alguns dos segredos do Lugar de Verdade. Finalmente, ironizaram sobre as suas presumíveis ligações com mulheres da aldeia que não podiam deixar de sucumbir aos encantos do soberbo negro.

Sobek deixou-os falar, bebeu e comeu.

— Parece que o teu novo posto te agrada — sussurrou-lhe o escriba do trabalho obrigatório, um azedo que Sobek detestava.

— Não me queixo.

— Murmura-se que houve um morto entre os teus homens...

— Um noviço que caiu nas colinas, à noite. O inquérito está encerrado.

— Pobre coitado... Não saboreará os prazeres de Tebas. Cada um tem os seus aborrecimentos... Eu, não consigo deitar a mão ao filho de um agricultor que tenta escapar ao trabalho obrigatório.

— O caso não deve ser raro.

— Enganas-te, Sobek. É um dever aceite por todos e as penas para os delinquentes são pesadas. Para mais, tendo em conta o tamanho do fulano, que no entanto apenas tem dezasseis anos, a prisão arrisca-se a ser movimentada.

O escriba lançou-se numa descrição que correspondia perfeitamente à do espião encarcerado por Sobek.

— Esse rapaz já cometeu outros delitos? — perguntou o núbio.

— Ardente incompatibilizou-se com o pai que lhe quer dar uma boa lição a fim de que ele regresse à quinta. O mais aborrecido é que há delito de fuga... O tribunal pronunciará provavelmente uma condenação severa.

— Os irmãos não te deram nenhuma informação útil?

— Ardente só tem irmãs...

— É curioso... Como único rapaz da família, não deveria estar isento do trabalho

obrigatório?

— Tens razão, tive que aldrabar um bocado as coisas para dar satisfação ao pai, um velho amigo. Já todos fizemos o mesmo um dia ou outro.

Alguns dias de cárcere não tinham afectado o orgulho de Ardente, que se manteve muito direito em frente de Sobek.

— Então, meu rapaz, estás decidido a dizer-me a verdade?

— A verdade não mudou.

— No género teimoso, és uma espécie de obra-prima! Regra geral, deveria interrogar-te à minha maneira, mas tens sorte, muita sorte.

— Finalmente acredita em mim?

— Souhe a verdade a teu respeito: chamas-te Ardente e és um fugitivo que tenta escapar ao trabalho obrigatório.

— Mas... é impossível! O meu pai é agricultor e sou o seu único filho!

— Também sei isso. Tens problemas, meu rapaz, graves problemas. Mas acontece que o escriba do trabalho obrigatório não é um amigo e que o teu caso não é da minha competência. Só tenho um conselho a dar-te: abandona a região o mais depressa possível e faz com que te esqueçam.

No estaleiro era a hora da sesta, depois da refeição. Como habitualmente, Silencioso isolara-se, abandonando a cabana aos seus companheiros de trabalho, um sírio e três egípcios.

— Sabem a última? — perguntou o sírio.

— Vamos ser aumentados! — sugeriu o mais velho dos egípcios, um quinquagenário de ventre dilatado devido ao excesso de cerveja forte.

— O novo foi levar vasos à filha do patrão.

— Estás a brincar! É sempre o patrão em pessoa que trata disso. Ninguém tem o direito de se aproximar da filha dele, uma verdadeira beldade. Ainda não se casou, apesar de ter vinte e três anos. Dizem que é um pouco mágica e que conhece o segredo das plantas.

— Não estou nada a brincar. Foi mesmo o novo que levou os vasos.

— Então isso quer dizer que o patrão o apreciava muito.

— Aquele fulano não abre a boca, trabalha mais depressa e melhor do que nós e subjuga o patrão... Digo-vos que o vai nomear contramestre!

O egípcio de ventre saliente fez má cara.

— Era eu que devia ter esse posto, pela idade.

— Compreendeste finalmente! Aquele intriguista vai-te roubar mesmo debaixo do

teu nariz e vai ser ele que nos dará ordens.

— Vamos ser obrigados a seguir o seu ritmo... É certo que nos vai estafar! Não podemos deixar que isso seja assim. O que propões, sábio?

— Desembaracemo-nos dele.

— Como?

— Amanhã, quando ele sair do mercado com as suas compras, vamos falar-lhe numa linguagem que ele compreenderá.

Silencioso acabava de modelar uma centena de grandes tijolos que iria colocar sobre o leito de pedra que formava os alicerces de casa destinada à família de um militar.

Para o filho de um escultor do Lugar de Verdade, era a infância da arte. Durante a adolescência, Silencioso divertira-se a modelar tijolos de todas as dimensões e acabara por fabricar ele próprio os moldes.

— A tua técnica é excepcional — apreciou o patrão.

— Tenho mão para isto e demoro o tempo que é preciso.

— Sabes muito mais do que aquilo que mostras, não é verdade?

— Não acrediteis nisso.

— Pouco me importa... Reflectiste na minha proposta?

— Dai-me mais algum tempo.

— Está bem, meu rapaz. Espero que outro empreiteiro não tente contratar-te...

— Podeis estar descansado.

— Tenho confiança em ti.

Silencioso compreendera a estratégia do patrão: fizera-o conhecer a filha para ele ficar seduzido, a pedir em casamento, aceitar o posto de contramestre e fundar um lar. Desta forma, seria obrigado a encarregar-se da empresa familiar.

O patrão era bom homem e pensava agir da melhor forma para satisfazer os interesses da filha. Silencioso não sentia qualquer ressentimento contra ele. A manobra dever-se-ia ter saldado por um fiasco, mas o jovem ficara loucamente apaixonado por Clara. Mesmo que o futuro que lhe preparava o seu futuro sogro se assemelhasse a uma prisão na qual não queria entrar, não conseguia imaginar a sua vida sem a jovem.

Como confessar a uma mulher um amor tão intenso que a assustaria? Silencioso imaginara mil e uma maneiras de a abordar, mas todas lhe tinham parecido mais ridículas umas do que as outras. Tinha que render-se à evidência: era preferível ocultar a sua paixão no mais profundo de si mesmo e partir para o Norte como

previra, sonhando com uma felicidade impossível.

No quartinho onde o patrão o alojava, Silencioso não conseguia dormir. Pensava ter tomado a decisão correcta, mas isso não lhe trazia a mínima serenidade. A aldeia, as estradas sem fim, os olhos azuis de Clara, o rio... Misturava-se tudo na sua cabeça, como se estivesse embriagado.

Viver para ela, tornar-se o seu servidor, permanecer constantemente a seu lado sem lhe pedir mais do que isso... Talvez fosse a solução. Mas ela cansar-se-ia e acabaria por se casar. A dor da separação seria ainda mais dilacerante.

Silencioso não tinha outra escolha.

Amanhã de manhã terminaria o trabalho em curso, iria ao mercado comprar provisões e abandonaria Tebas para sempre.

Capítulo 9

Ardente metera-se na barca, considerando preferível afastar-se algum tempo da margem oeste, mas sem perder de vista o seu objectivo: persuadir um artesão do Lugar de Verdade a apadrinhá-lo. Depois de passar uma semana na margem este, o rapaz tencionava atravessar o Nilo a nado e tentar aproximar-se da aldeia, passando pelas colinas mais elevadas.

A barca acostou ao mercado que se realizava na orla do rio: Onde se podia comprar carne, vinho, azeite, legumes, pão, bolos, frutos, especiarias, peixe, roupas e sandálias. A maior parte das vendedeiras eram mulheres, peritas na arte de manejar a balança. Confortavelmente instaladas em banquinhos de dobrar, regateavam com dureza e quando tinham a garganta demasiado seca bebiam cerveja doce por uma palhinha.

Ao ver tantos produtos, Ardente teve uma brusca sensação de fome. Não fora a comida da prisão que chegara para lhe saciar o apetite e sentia desejo de trincar cebolas frescas, um pedaço de carne de vaca seca e um bolo fofo. Mas trocá-los por quê? O rapaz não possuía nada que servisse para a troca.

Não lhe restava outra solução a não ser roubar um pão comprido sem ser apanhado pela padeira e, iludindo a vigilância do velho babuíno que se precipitava sobre os ladrões e lhes mordida as barrigas das pernas para os impedir de fugir.

Uma viúva tentava trocar uma peça de tecido por um saco de trigo, mas o vendedor considerava a qualidade do tecido demasiado medíocre; iniciava-se uma sessão de regateio e não terminaria em breve. Uma linda morena, que segurava o filho de encontro ao peito, desejava trocar um pequeno cântaro por peixe seco; um vendedor de alhos franceses gabava os seus magníficos legumes.

Ardente deslizou pelo meio da multidão para abordar os tabuleiros por trás e aproveitar um momento de distração de uma vendedora de bolos; mas havia um segundo babuíno polícia, sentado sobre o traseiro, e cujo olhar seguia os passantes.

"Estás contente, perfumista, e eu também!." exclamou o intendente de um nobre que acabava de adquirir um vaso cónico cheio de mirra. Ardente afastou-se do macaco de impressionante mandíbula, demasiado atento para ser iludido. Com o estômago colado às costas, saiu do mercado atrás de um rapaz mais velho e menos atlético do que ele. Carregando um saco de legumes e frutos, meteu por uma ruela ensombrada por palmeiras.

Intrigado pela manobra precipitada de três homens que rodearam o rapaz, Ardente

seguiu-os. No extremo da ruela, os três comparsas lançaram-se em conjunto sobre a sua presa. O sírio atingiu Silencioso nos rins, os outros dois prenderam-lhe os braços e obrigaram-no a deitar-se de cara no chão.

O sírio poisou o pé sobre a nuca da sua vítima.

— Vamos dar-te uma boa lição, meu rapaz, e depois abandonarás a cidade. Não precisamos de ti aqui.

Silencioso tentou voltar-se de lado, mas um pontapé nas costelas arrancou-lhe um grito de dor.

— Se te defenderes, batemos com mais força.

— Não querem experimentar comigo, seu bando de cobardes? — perguntou Ardente.

Saltou sobre o sírio, agarrou-o pelo pescoço e projectou-o de encontro a uma parede. Os aliados tentaram afastar o jovem atleta, mas este embateu no primeiro de cabeça para a frente, aguentou o ataque do segundo e espetou-lhe o cotovelo na barriga.

Silencioso tentou levantar-se, mas viu trinta e seis velas (1) e tornou a cair de joelhos, enquanto Ardente punha o sírio a dormir, com os dois punhos juntos.

*1 As luzes dos trinta e seis decanos; essa antiga expressão popular é de origem egípcia.

Os cúmplices debandaram, mas foram interceptados por polícias e um babuíno que mostrava os dentes afastados.

— Que ninguém se mexa! — ordenou um deles. — Estão todos presos.

Quando Silencioso acordou, o Sol já se tinha levantado há muito tempo. Deitado de barriga para baixo, com os braços pendurados de um lado e outro de uma cama estreita, sentiu uma deliciosa sensação de calor ao nível dos rins. Uma mão muito suave passava um bálsamo na carne dorida. De repente, o rapaz teve consciência de que estava nu e que Clara o massajava.

— Permanecei imóvel — exigiu ela. — Para ser eficaz, este bálsamo deve penetrar bem nas contusões.

— Onde estou?

— Em casa do meu pai. Haveis sido agredido por três operários que vos atacaram, fazendo-vos desmaiar. Os bandidos foram presos e trouxeram-vos para aqui. Dormistes mais de vinte horas porque vos fiz beber poções calmantes. Quanto

ao bálsamo, é composto por meimendro, cicuta e mirra; graças a ele, as vossas feridas sararão rapidamente.

— Alguém veio em meu socorro...

— Um rapaz que foi detido também.

— É injusto! Arriscou a sua vida por mim, tem de...

— Segundo a polícia, encontra-se em situação irregular.

— Tenho que me levantar e ir prestar declarações em seu favor.

— O caso vai ser julgado amanhã no tribunal do vizir. O meu pai apresentou uma petição que foi imediatamente aceite tendo em conta a gravidade da questão. O que é urgente é que volteis a estar bem e, portanto, que vos deixeis tratar.

— Mas eu...

— Já não temos a idade dos falsos pudores.

Silencioso fechou os olhos. Clara passou-lhe bálsamo na testa, no ombro esquerdo e no joelho direito.

— Os meus agressores queriam que eu abandonasse a cidade.

— Não vos preocupeis: hão-de ser condenados a uma pesada pena e o meu pai contratará outros operários. Ele deseja mais do que nunca que aceiteis o posto de contramestre.

— Receio não ser muito popular...

— O meu pai está deslumbrado com as vossas competências. Ignora que fostes educado no Lugar de Verdade e não traí o vosso segredo.

— Obrigado, Clara.

— Peço-vos um favor... Quando tiverdes tomado a vossa decisão, gostava de ser a primeira a conhecê-la...

A jovem cobriu o ferido com um lençol de linho que cheirava ao ar perfumado dos campos tebanos.

Silencioso soergueu-se.

— Clara, gostaria de vos dizer...

Os olhos azuis e luminosos olharam-no com uma doçura infinita, mas ele não se atreveu nem a pegar na mão da rapariga nem a exprimir os seus sentimentos.

— Sempre trabalhei sob as ordens de alguém mais qualificado do que eu e tenho a certeza que não sou capaz de regulamentar as tarefas dos outros... Tendes de compreender-me.

— Isso significa que recusais?

— Não posso pensar a não ser em salvar o rapaz que veio em meu auxílio. Sem ele, talvez estivesse morto.

— Tendes razão — admitiu ela com uma voz tocada de tristeza. É ele que deve ocupar o centro dos vossos pensamentos.

— Clara...

— Desculpai, tenho muito trabalho.

Leve, inacessível, saiu do quarto.

Silencioso teria gostado de retê-la, de lhe explicar que era estúpido, incapaz de lhe abrir o seu coração. A porta que se acabava de fechar não se reabriria certamente nunca mais. Devia ter tomado Clara nos braços e cobri-la de beijos, mas a jovem impressionava-o demasiado.

O bálsamo era eficaz; pouco a pouco, as dores esbateram-se. Mas ele lamentava que os agressores não tivessem levado a bom termo a sua sinistra tarefa. De que servia viver, se não tinha ouvido o apelo nem casaria com a mulher amada? Logo que o seu salvador fosse absolvido, Silencioso desapareceria.

Capítulo 10

O juiz designado pelo vizir para a audiência do dia era um homem de idade madura com sólida experiência. Envergando uma ampla túnica segura por duas largas tiras atadas atrás do pescoço, usava um colar de ouro no qual estava pendurada uma figurinha representando a deusa Maet.

Maet, uma mulher sentada segurando a chave da vida. Na cabeça, a rectriz, a pluma que permite aos pássaros orientar o voo sem se enganarem. Simultaneamente verdade, justiça e rectidão, era ela a verdadeira patrona do tribunal.

Aos pés do juiz, um tecido vermelho sobre o qual tinham sido colocados quarenta bastões de comando, símbolo de um autêntico Estado de Direito.

— Sob a protecção de Maet e em nome do Faraó — declarou o juiz — está aberta a audiência. Que a verdade seja o sopro de vida nas narinas dos homens e que expulse o mal do seu corpo. Julgarei o humilde da mesma forma que o poderoso, protegerei o fraco do forte e afastarei de todos o furor do ser malvado. Que sejam introduzidos os protagonistas da rixa que se travou na ruela do mercado.

O sírio e os seus dois acólitos não negaram os factos e imploraram a clemência do tribunal. Composto por quatro escribas, uma mulher de negócios, uma tecelã, um oficial na reserva e um intérprete, o júri condenou o trio a cinco anos de trabalhos de utilidade pública. Em caso de reincidência, a pena seria triplicada.

Quando Ardente compareceu perante o magistrado, não baixou a cabeça. Nem o ambiente austero do tribunal nem o rosto sisudo dos jurados pareceram impressioná-lo.

— O teu nome é Ardente e pretendes ter socorrido a vítima.

— É a verdade.

Os polícias confirmaram as declarações de Ardente e depois Silencioso fez o seu depoimento.

— Fui atacado pelas costas e os agressores obrigaram-me a deitar com a cara no chão. Apenas consegui opor fraca resistência e talvez tivesse sido morto se esse rapaz não voasse em meu socorro. A um contra três, precisou de uma coragem excepcional.

O tribunal admite isso perfeitamente — reconheceu o juiz — mas o escriba do trabalho obrigatório, aqui presente, apresentou queixa contra Ardente por delito de fuga.

Na primeira fila, o funcionário esboçou um sorriso satisfeito.

— A bravura de Ardente deveria valer-lhe a indulgência do júri — defendeu Silencioso. — Não lhe podem perdoar esse erro de juventude?

— A lei é a lei e o trabalho obrigatório uma tarefa essencial para o bem-estar colectivo.

Sobek o Núbio avançou.

— Como chefe da polícia do sector do Lugar de Verdade, partilho da opinião de Silencioso.

O magistrado franziu o sobrolho.

— O que justifica essa intervenção?

— O respeito pela lei de Maet, que todos reconhecemos. Sendo filho único de um agricultor, Ardente está legalmente isento do trabalho obrigatório.

— O relatório do escriba não refere esse ponto capital — observou o juiz.

— Então esse texto é mentiroso e o seu autor deve ser severamente castigado.

O escriba do trabalho obrigatório já não sorria. Ardente olhava o núbio com espanto. Nunca teria acreditado que um polícia viria em seu auxílio.

— Detenham esse funcionário inconveniente — ordenou o juiz — e libertem Ardente imediatamente.

Silencioso mal ouviu a decisão porque, há um longo momento, os seus olhos estavam fixos na figurinha de Maet que ornava o peito do juiz.

O Lugar de Verdade, o lugar de Maet, o local entre todos privilegiado onde se expressava a exactidão, onde o seu segredo era revelado pelos gestos dos artesãos iniciados na Morada do Ouro... Eis o que Silencioso não compreendera até àquele dia.

Ao fixar a deusa, o seu coração abriu-se.

A figurinha cresceu, tornou-se imensa, encheu a sala do tribunal e atravessou o tecto para atingir o céu. Maet era mais vasta do que a humanidade, estendia-se até onde existia o universo e vivia da luz.

Silencioso reviu as casas da aldeia, as oficinas e o templo. E ouviu o apelo, a voz de Maet que lhe pedia que regressasse ao Lugar de Verdade e lá realizasse a obra para a qual estava destinado.

— Não vou repetir o que disse — afirmou o juiz, irritado. — Pergunto-vos se estais satisfeito, Silencioso. Haveis ouvido?

— Sim, oh sim, ouvi!

Silencioso saiu lentamente do tribunal com o olhar orientado para a colina do

Ocidente, protectora do Lugar de Verdade.

— Gostava de falar contigo — disse-lhe Ardente — mas estás com um ar realmente estranho.

Ainda perturbado pelo apelo que o invadira, Silencioso teve dificuldade em reconhecer o seu salvador.

— Desculpa, queria agradecer-te. Se estou vivo, a ti o devo.

— Ora! Divertiu-me intervir.

— Gostas de lutar, Ardente?

— No campo precisamos de saber defender-nos. Às vezes, o tom de voz sobe rapidamente e as pessoas disputam-se com facilidade por uma coisa de nada.

— Onde vives?

— Na margem oeste, mas abandonei a quinta familiar definitivamente. Estou a morrer de sede, tu não?

— Oferecer-te cerveja fresca é o mínimo que posso fazer.

Silencioso arranjou um jarro e os dois amigos sentaram-se na borda, à sombra de uma palmeira.

— Porque abandonaste a tua família?

— Porque não me quero tornar agricultor e suceder ao meu pai.

— Como encaras o teu futuro?

— Só tenho uma paixão: o desenho. E apenas existe um lugar onde poderei provar os meus dons e aprender o que me falta: o Lugar de Verdade. Tentei aproximar-me, com a esperança de lá entrar, mas parece impossível consegui-lo. No entanto, não renunciarei ao meu projecto... É a minha única razão de viver!

— És muito novo, Ardente, e poderás mudar de opinião.

— Isso não acontecerá, podes ter a certeza! Desde a infância que observo a natureza, os animais, os camponeses, os escribas... E desenho-os. Queres que te mostre?

— Com todo o prazer.

Partindo a extremidade de uma folha de palmeira seca, Ardente traçou na terra, com notável precisão, o rosto do juiz, o colar e a figurinha representando Maet.

Sentiu-se inquieto pela primeira vez. Ele, que sempre estivera convencido do seu talento e não ligava à crítica dos outros, esperava com angústia a opinião do rapaz mais velho, tão calmo e ponderado.

Silencioso demorou algum tempo.

— Está bastante bem — declarou. — Possuis o sentido inato das proporções e tens uma mão muito segura.

— Então... Achas que sou verdadeiramente dotado?

— Acho.

— Fabuloso! Sou um homem livre e sei desenhar!

— Mas ainda te falta aprender muito.

— Não preciso de ninguém! — exclamou Ardente. — Até agora sempre me desembaracei só e vou continuar!

— Nesse caso, porque queres ser admitido na confraria dos artesãos do Lugar de Verdade?

A contradição chocou o artista em embrião.

— Porque... porque a confraria me permitirá desenhar e pintar o tempo inteiro sem me ocupar de mais nada.

— Achas que ela tem necessidade de ti?

— Provar-lhe-ei que sou o melhor!

— A vaidade não é provavelmente o melhor meio de forçar a porta.

— Não é vaidade, é um desejo mais ardente do que o fogo! Sei que devo ir lá e irei, sejam quais forem os obstáculos.

— Talvez o entusiasmo não seja suficiente.

Ardente ergueu os olhos ao céu.

— Não é apenas entusiasmo, é uma espécie de apelo que ouvi, um apelo tão forte, tão imperioso que não tenho descanso enquanto lhe não responder. O Lugar de Verdade é a minha verdadeira pátria, é lá que devo viver e em mais nenhum outro lugar... Mas tu não podes compreender.

— Creio que sim.

Ardente abriu uns grandes olhos espantados.

— Dizes isso por simpatia, mas és demasiado senhor de ti e das tuas emoções para partilhares a minha paixão.

— O Lugar de Verdade — revelou Silencioso — é a minha aldeia.

Capítulo 11

Ardente agarrou Silencioso pelos ombros com tal ímpeto que este pensou que o esmagava.

— Não é verdade, não é possível... Estás a fazer troça de mim!

— Quando me conheceres melhor saberás que isso não é hábito meu.

— Mas então... Sabes como penetrar no Lugar de Verdade!

— É ainda muito mais difícil do que imaginas. Para admitir um novo artesão, é necessário o acordo de todos os membros da confraria, do faraó e do vizir. E é preferível pertencer a uma linhagem de escultores ou de desenhadores.

— Não recrutam ninguém do exterior?

— Unicamente pessoas observadas durante muito tempo nos estaleiros ao serviço dos templos, como Carnaque.

— Tentas fazer-me compreender que não tenho nenhuma hipótese... Mas não renunciarei.

— Para se apresentar ao tribunal de admissão, é necessário igualmente não ter dívidas, possuir um saco de cabedal, um banco de dobrar e madeira para fabricar uma cadeira de braços.

— Uma pequena fortuna!

— Cerca de sete meses de salário de um principiante. É a prova de que ele sabe trabalhar.

— Sou desenhador, não sou marceneiro!

— O Lugar de Verdade tem as suas exigências e não vais ser tu que as modificarás.

— O que mais?

— Já sabes tudo.

— E tu, porque abandonaste a aldeia?

— Cada um é livre de sair quando quiser... Eu não tinha entrado verdadeiramente.

— O que queres dizer?

— Fui lá criado, conheci pessoas extraordinárias e a minha família esperava que eu me tornasse escultor.

— Recusaste?

— Não — respondeu Silencioso — mas não fiz batota. Tinha cumprido as condições necessárias, desejava continuar a viver lá, mas faltava-me o essencial: não tinha ouvido o apelo. Foi por isso que decidi viajar, na esperança de que os meus ouvidos se abrissem finalmente.

— E... abriram-se?

— Hoje mesmo, no tribunal, depois de muitos anos de vagabundagem. Devo-te muito, Ardente, e não sei como te agradecer. Sem a tua intervenção, na ruela, não teria sido levado a comparecer diante daquele juiz e não teria ouvido o apelo. Infelizmente, não te posso ajudar. Cada candidato deve desembaraçar-se sozinho. Se tiver beneficiado de qualquer ajuda, o seu pedido é rejeitado.

— E tu... Tens a certeza de ser aceite?

— De maneira nenhuma. Os que me conhecem talvez intercedam em meu favor, mas a sua opinião não pesará muito na balança.

— Diz-me tudo o que sabes sobre o Lugar de Verdade — exigiu Ardente.

— Para mim, não passou de uma aldeia como qualquer outra. Não fui iniciado em nenhum dos seus segredos.

— Quando vais para lá?

— Amanhã.

— Mas... o saco, o banco de dobrar, a madeira?

— Deixei o meu pecúlio a um guarda.

— Não terás necessidade de salvo-conduto!

— É verdade, deixar-me-ão franquear os cinco fortins e apresentar-me perante o tribunal de admissão. Mas talvez não vá mais longe.

— Já és um homem feito, tens um ar paciente como a pedra e tranquilo como a montanha... A confraria deve apreciar os candidatos do teu género e um carácter como o teu.

— O essencial é ter ouvido o apelo e convencer disso os artesãos escolhidos como juízes de admissão.

— Nesse caso, conseguirei.

Silencioso poisou as mãos nos ombros de Ardente.

— Desejo-to de todo o coração. Mesmo se o destino nos separa, nunca esquecerei a minha dívida para contigo.

Graças ao burro transportador de vasos, Silencioso reencontrou o caminho do jardim de Clara. Tinha-se levantado vento do sul e vagas raivosas agitavam o Nilo.

A areia voava e atacava animais, homens e casas.

Silencioso pôs o animal ao abrigo num estábulo, na companhia de duas vacas leiteiras, e depois retomou o atalho, simultaneamente calmo e atormentado. Calmo porque ouvir o apelo libertara nele forças de que nem sequer suspeitava; como Ardente, estava determinado a franquear a porta do Lugar de Verdade e a conhecer os seus segredos. Atormentado porque se conseguisse convencer o tribunal de admissão, perderia a mulher que amava.

Varrido por rajadas furiosas, o jardim estava vazio. Silencioso reviu emocionado as recentes plantações de Clara nas quais tinha participado. Teria gostado de as ver crescer ao lado dela, cuidá-las dia após dia, envelhecer ao ritmo do seu desenvolvimento. Mas o apelo de Maet e do Lugar de Verdade era tão imperioso que não tinha opção: queria reencontrar a sua pátria perdida e penetrar nos seus mistérios.

Para trás ficavam os anos vazios e esquecidas as dúvidas... Silencioso tinha a sensação de ter atravessado uma noite profunda de onde julgava nunca mais poder sair. Ainda seria necessário não fracassar no limiar de uma aventura que pressentia fabulosa.

— Procuráveis-me?

Com os ombros cobertos por um xaile de lã, Clara acabava de surgir, preocupada.

— Tinha-me abrigado numa cabana — explicou ela. — Esperava que viésseis.

— Desejáveis ser a primeira a tomar conhecimento da minha resposta definitiva e cumpro a minha promessa.

— Recusais o posto de contramestre, não é verdade?

— Sim, mas por uma razão tão especial que desejo revelar-vos.

Os olhos azuis da rapariga estavam tristes.

— Não será necessário.

— Escutai-me, suplico-vos!

Ele aproximou-se e ela não se afastou.

— Aceitaríeis... que vos tomasse nos meus braços?

Clara não respondeu e permaneceu imóvel. Silencioso abraçou-a ternamente, como se fosse tão frágil que se pudesse partir. Sentiu o coração dela bater com tanta força como o seu.

— Amo-vos de todo o meu coração, Clara. Sois a primeira mulher da minha vida e não haverá mais nenhuma outra depois de vós. E é porque assim vos amo que me

é interdito tornar-vos infeliz.

A jovem abandonou-se de encontro a ele, saboreando aquele momento de felicidade.

— O que tenho a recear de ti, Silencioso?

— Ouvi o apelo do Lugar de Verdade e devo responder-lhe. Se a admissão me for recusada, serei um homem destruído, com quem não é possível viver. Se me for concedida, a minha existência desenrolar-se-á na aldeia dos artesãos, longe deste mundo.

— A tua decisão é irrevogável?

— Ouvi o apelo, Clara, e ele tem tanta força como o meu amor por ti. Se fosse possível esquecê-lo, fá-lo-ia. Mas não quero nem mentir nem mentir-me.

— Casarás com uma mulher da aldeia?

— Não me casarei nunca e ocuparei uma casa de celibatário pensando todos os dias em ti.

— Permanecerás encerrado?

— Poderei sair do Lugar de Verdade de tempos a tempos para me encontrar contigo, mas não seria torturarmo-nos?

— Beija-me.

Os seus corpos colaram-se com paixão e ternura. Enlaçados, deitaram-se sob a alfarrobeira de densa folhagem que os protegeu do vento do sul. Enquanto se amavam, banhados pelos raios do sol poente, Trigueiro montava uma guarda vigilante.

Capítulo 12

Três soluções simples teriam podido permitir a Ardente arranjar o banquinho de dobrar, a madeira e o saco de cabedal. A primeira consistia em comprá-los, mas não tinha nada para oferecer em troca; a segunda, em pedi-los ao pai, mas não queria voltar a ver aquele homem por quem já não sentia qualquer afecto; a terceira, em roubá-los com o risco de se fazer apanhar. Ora uma pena de prisão afastá-lo-ia definitivamente do Lugar de Verdade. Além disso, durante o interrogatório dos artesãos perguntar-lhe-iam a proveniência do seu pecúlio e seria obrigado a mentir. Supondo que fosse desmascarado, a porta da aldeia fechar-se-ia para sempre.

Impunha-se uma conclusão: Ardente tinha que trabalhar para poder comprar o que lhe era exigido. Sete meses de trabalho... Tempo demais! Privar-se-ia de sono para encurtar o prazo e poder apresentar-se o mais rapidamente possível perante a confraria.

Ardente reparou num velho sentado num tamborete prestes a adormecer.

— Perdoa que te acorde, avôzinho... Poderias indicar-me o caminho que conduz ao bairro dos curtidores?

— O que queres lá ir fazer, rapaz?

— Procurar trabalho.

— Não é uma profissão muito agradável... Não arranjas uma ideia melhor?

— Isso é comigo.

— À vontade, rapaz... Segue para norte, sai da cidade, passa pelo pequeno palmar que fica à esquerda e segue a direito, guiando-te pelo cheiro.

Graças às indicações do velho, Ardente não teve qualquer dificuldade em encontrar o bairro dos curtidores. Das grandes cubas contendo urina, estrume e tanino para amaciar as peles libertava-se um cheiro horrível que agrediu as narinas do rapaz. Nas arrecadações acumulavam-se peles de carneiros, de cabras, de bovídeos, de gazelas e de outros animais do deserto. Sobre as bancadas estavam dispostos cintos, correias, sandálias e odres destinados ao mercado.

O olhar de Ardente fixou-se num soberbo saco de cabedal.

— Procuras alguma coisa? — perguntou-lhe um quinquagenário mal barbeado.

— Trabalho.

— Tens experiência?

— Era agricultor. — Porque abandonaste os campos?

— Isso é comigo.

— Não és muito amável, hem!

— Sois o patrão?

— Talvez... E não me agrada nada a maneira como estás a mirar o meu saco de cabedal. Na minha opinião, não andas nada à procura de trabalho mas gostarias de roubar algumas belas peças.

Ardente sorriu.

— Estais enganado... Sou infelizmente obrigado a tornar-me vosso empregado.

— Vou dar-te outra coisa que te fará muito bem.

O curtidor fez estalar os dedos.

Dois operários saíram da oficina onde amaciavam as peles com sal e azeite. Tinham a testa baixa e o peito largo.

— Dêem um correctivo a esse fedelho, rapazes... Não creio que se vá queixar a ninguém e não voltará a tentar roubar-nos.

Um ricto de satisfação animou o rosto grosseiro dos dois operários. Enquanto se entreolhavam para se congratularem com a diversão que o patrão lhes oferecia, já Ardente saltara sobre o primeiro e, com um violento pontapé no queixo, o mandara sonhar para um mundo melhor. Estupefacto, o camarada tentara reagir, mas era demasiado lento e o seu punho só encontrara o vazio. O de Ardente, pelo contrário, abateu-se com precisão sobre a nuca do seu adversário que caiu, desmaiado.

Muito pálido, o patrão recuou até se encostar ao balcão.

— Pega no que quiseses e vai-te embora!

— Quero precisamente trabalhar para poder comprar um belo saco de cabedal. Depois, irei embora.

— O que te agrada é um produto de luxo... Proponho-te outro menos caro.

— Prefiro o luxo. Com uma condição, patrão: para mim não há dias de repouso nem limite de horas de trabalho. Não tenho tempo a perder, preciso desse saco o mais rapidamente possível. Onde me instalo?

— Segue-me...

O curtidor ficou surpreendido com a capacidade de trabalho de Ardente. Nunca estava cansado, levantava-se de madrugada, não se queixava de nada e fazia o trabalho de vários aprendizes. Não demorara muito a encontrar os gestos certos e revelava-se o mais eficaz para esticar e amaciar o cabedal estendido num cavalete de madeira de três pés.

Tendo em conta a facilidade com que o rapaz aprendia a profissão, o patrão mostrara-lhe a maneira de engraxar e olear uma pele de primeira qualidade de forma a evitar uma dessecação fatal.

Uma tarde, depois dos outros operários terem saído da oficina, o patrão aproximou-se de Ardente.

— Não tens muito contacto com os teus camaradas.

— Cada um no seu lugar. Não tenho intenções de passar a minha vida aqui e de fazer amigos.

— Talvez faças mal... Esta profissão é menos desprezível do que imaginas. Repara nisto...

— São vagens de acácia.

— Têm um forte teor em tanino, tal como a casca da mesma árvore, e esse produto permite realizar um verdadeiro curtimento, indispensável para as peças excepcionais. Um soberbo saco de cabedal, por exemplo, ou melhor ainda...

— Só me interessa o saco.

— Recebi uma encomenda de um estojo no qual um encarregado dos segredos do templo de Carnaque meterá os seus papiros. Uma pequena maravilha que eu próprio fabricarei... Se te interessa, poderei fazer uma cópia com a qual te pagarei pelo teu trabalho.

— Além do saco?

— Com certeza.

— Porque me fazeis essa proposta?

— Se desejas de tal forma esse saco, é para deslumbrar alguém. Com o estojo a mais, terás a certeza de o conseguir. E, além disso, surpreendes-me. Nunca tinha encontrado ninguém do teu género. Terias um belo futuro se eu fizesse de ti o meu braço direito. Só tenho filhas e preciso de um sucessor.

— O que me interessa é o saco. Claro que não digo que não ao estojo também. Quanto ao resto, não vou criar raízes aqui.

— Vais mudar de opinião.

— Não conteis com isso.

— Veremos, meu rapaz, veremos!

Ardente não precisava mais do que três ou quatro horas de sono para recuperar. Era o primeiro a chegar à fábrica de curtumes, o último a sair, vivia numa cabana que ele próprio construía com juncos. Como se aproximava a estação quente e o patrão lhe dera uma coberta de linho grosseiro, o rapaz suportava a falta de conforto.

A noite caíra já há muito tempo quando entrou no seu reduto.

Detectou imediatamente uma presença.

— Quem está lá?

Alguém se mexeu por baixo da coberta. Ardente levantou-a e descobriu uma rapariga nua que tentava desajeitadamente ocultar o sexo e os seios com as mãos. Não era bonita nem feia e devia ter cerca de vinte anos.

— Quem és tu?

— A prima do teu patrão... Reparei em ti na oficina. Como me agradas muito, não tive paciência para esperar mais tempo.

— Fizeste bem, minha bela.

A rapariga deitou-se de costas e estendeu os braços para o rapaz que tirara o saíote.

— Começava a sentir a falta — confessou ele. — Chegas no momento certo.

Ela acolheu o corpo do atleta com um ronronar de gata.

Uma boa profissão, de futuro, um patrão satisfeito, uma amante amável e pouco esquiva... Ardente poderia exigir mais?

Capítulo 13

Quando Silencioso anunciara a sua partida ao pai de Clara, este fora dominado por uma violenta cólera e ameaçara-o de o levar diante de um tribunal se não terminasse a construção da casa que Lhe tinha confiado.

Reconhecendo os seus deveres, Silencioso concordara em não sair de Tebas antes de ter cumprido o seu contrato moral.

O empreiteiro acalmara-se e pedira-lhe para se sentar.

— Desculpa, perdi a cabeça.

— Tínheis razão. Mesmo que tenha que me ocupar sozinho da obra, acabá-la-ei.

— Porque recusas tornar-te meu contramestre e casar com a minha filha?

— Ela não vos falou?

— Não, mas sinto a sua tristeza. Quem senão tu pode ser a causa?

— É verdade, amo a vossa filha.

— Então não compreendo nada! Se é ela que recusa, convencê-la-ei.

— Considerais que é assim tão submissa?

— Terá que ser!

— Não a atormenteis, a minha decisão é irrevogável.

— Porquê uma tal obstinação?

— Porque tenho intenção de entrar na confraria do Lugar de Verdade.

— Mas... é impossível! De que apoios dispões?

— Fui criado na aldeia dos artesãos.

— Então é isso... Eis a razão pela qual não trabalhas como os outros. Suponho que nenhum argumento abalará a tua determinação.

— Nenhum, com efeito.

— Também eu me sinto triste... Teríamos podido viver dias felizes todos três. Termina esta casa, Silencioso, e poderás partir.

Em menos de quinze dias, Ardente realizara três meses de trabalho normal. Nenhum operário curtia as peles melhor do que ele e eram as suas que se vendiam mais depressa e por melhor preço. Consciencioso, realizava cada gesto com cuidado e raspava a pele antes do curtimento tanto tempo quanto era necessário. Recusando os óleos que ameaçavam ganhar ranço, o rapaz orientara-se espontaneamente para a

qualidade e acabava de terminar um par de sandálias que só um senhor poderia adquirir.

Com uma faca de lâmina semicircular, Ardente cortava numa pele de cabra as tiras macias que colocaria no escudo de um tenente de transportes, consolidado por bordas de metal.

— És tu o novo?

A voz era cortante e autoritária. Ardente não se voltou e permaneceu concentrado no seu trabalho.

— É o tenente Méhi que te fala e não gosta que lhe voltem as costas.

— Não me ocupo dos clientes... Ide ter com o patrão.

— És tu que me interessas. Parece que és forte como um touro selvagem e que puseste inconscientes dois valentões habituados a bater-se.

— Não tive que esforçar-me muito... Bateram um contra o outro.

Méhi agarrou Ardente pelo braço e obrigou-o a olhá-lo.

— Detesto que façam troça de mim, meu rapaz!

— Largai-me imediatamente.

Havia uma tal violência nos olhos negros do jovem atleta que Méhi o largou e recuou um passo.

Ardente descobriu um homem pequeno, de rosto redondo e cabelos muito negros colados ao crânio. Os lábios eram grossos, as mãos e os pés papudos, o torso largo e forte.

O oficial parecia seguro de si e os seus olhos de um castanho-escuro estavam cheios de arrogância.

— Ousarias agredir-me?

— Peço-vos apenas que me respeiteis.

— Entendido, meu rapaz. Como vai o meu escudo?

— Ocupo-me dele.

— Mostra-mo.

Ardente obedeceu.

— Vai ser necessário adicionar-lhe tachas e placas de metal. Exijo um escudo de tal solidez que deslumbre os melhores soldados.

— Farei o melhor que souber.

— Não desejas trocar a tanoaria pelo exército? Com uma estatura como a tua, serias imediatamente contratado.

— Não sinto o mínimo atractivo pela vida militar.
— Fazes mal, tem inúmeras vantagens.
— Tanto melhor para vós, muito pouco para mim.
— És jovem e excessivamente fogoso, amigo! Se servisses sob as minhas ordens, aprenderias a flexibilidade.

— A flexibilidade ensino eu ao cabedal.
— Se te tornares mais inteligente, dirige-te à caserna principal de Tebas e apresenta-te ao tenente Méhi. Entretanto, termina o meu escudo o mais depressa possível. Mandarei um soldado buscá-lo amanhã de manhã.

Logo a seguir à partida do oficial, o patrão apareceu na oficina.
— As coisas correram bem, Ardente?
— Não ficaremos amigos.
— Este Méhi é um homem influente... Tem uma grande ambição e murmura-se que em breve conseguirá uma promoção importante. Terminaste o escudo dele?

— Se quereis, ficará pronto esta noite.
— Mais vale não contrariar Méhi.
— Amanhã à tarde terei terminado as tarefas necessárias à compra do saco de cabedal.

— Eu sei, eu sei... Voltaremos a falar disso.
Quando Ardente acordou, a prima do patrão dormia de barriga para baixo. Admirou por instantes as maravilhosas nádegas que tanto prazer lhe tinham proporcionado, mas o seu olhar foi atraído pelos primeiros raios do Sol que atravessavam a parede de juncos e iluminavam dois objectos poisados no chão: um saco e um estojo de cabedal.

Ardente ergueu-se para os palpar: eram de primeira qualidade.
— Agradam-te? — perguntou a voz aguda da prima, semi-desperta. Duas pequenas maravilhas. Como os meus seios?

— Se quiseses.
— O patrão oferece-tos.
— Erro, minha linda; foi o meu trabalho que mos deu.
— Quando casamos?
— Sentes-te tentada?
— Claro, visto que a tanoaria será para ti.
Ardente gratificou-a com uma palmada nas nádegas.

— O dia começa bem!

— Vai depressa ver o patrão e volta para mim ainda mais depressa — implorou ela, lânguida.

Silencioso abandonara o estaleiro de madrugada, depois de ter terminado a casa de Tebas onde viveria um pasteleiro, a segunda esposa e os dois filhos de ambos. O seu contrato estava cumprido. Podia abandonar a margem este, apanhar a barca e tomar o caminho do Lugar de Verdade.

Cem vezes sentira vontade de se precipitar em direcção ao jardim para rever Clara uma última vez. Mas não seria avivar ainda mais a ferida e aumentar a dor da separação?

Silencioso mergulhara no seu trabalho para não pensar mais nela, mas o seu rosto não o abandonava. Renunciar a falar com ela fora uma provação quase insustentável e era tempo de deixar a cidade. Uns dias mais e talvez não tivesse tido a coragem de partir.

A brisa da madrugada era aromática e deliciosa. Carregado de mercadorias, a barca atravessou o Nilo avançando de viés para aproveitar simultaneamente o vento e a corrente. Ensonados, os viajantes terminavam a sua noite.

Silencioso foi o primeiro a saltar para a margem, trepou a curadeira e imobilizou-se. Clara estava ali, sentada sob uma palmeira. Precipitou-se para ela e estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar.

— Vou contigo — declarou ela.

Capítulo 14

O curtidor abandonou o seu pedaço de pão e correu em direcção a Ardente.

— Onde vais?

— Trabalhei bem, pagaste-me, vou-me embora.

— É insensato! A minha prima não te agrada?

— Tem umas nádegas esplêndidas e um cérebro de pardal.

— Não me queres suceder?

— Na tua idade, devias ter ouvidos para ouvir. Consegui o que tinha vindo buscar e, tal como te tinha dito, retomo o meu caminho.

— Reflecte, Ardente!

— Adeus, patrão.

Esquecendo já a fábrica de curtumes, o rapaz sonhava adquirir a madeira necessária para fabricar uma cadeira de braços. Poderia trocá-la pelo belo estojo de cabedal, mas não tinha vontade de se separar dele. Não seria um trunfo suplementar para se apresentar à porta do Lugar de Verdade?

Agora, precisava de encontrar trabalho num marceneiro e não perder mais tempo do que em casa do curtidor.

No meio da manhã, o rapaz apresentou-se ao patrão de uma oficina que empregava uma boa vintena de aprendizes e outros tantos profissionais competentes e produzia um mobiliário simples mas sólido. Com cerca de sessenta anos, robusto, o lábio superior ornado de um pequeno bigode, o patrão não tinha um ar fácil.

— O teu nome?

— Ardente.

— A tua experiência profissional?

— Agricultor e curtidor.

— Despediram-te?

— Não, parti por minha vontade.

— Quais as razões?

— Isso é comigo.

— É comigo também, meu rapaz. Se recusas responder-me, vai procurar a Outro lado.

O tom agressivo do marceneiro agradou a Ardente; sentiu desejo de lhe dar luta.

— O meu pai é um homem tacanho e indolente; o curtidor em casa de quem trabalhei um oportunista sem talento. Poderia suceder tanto a um como a outro, mas procuro mestre melhor.

O marceneiro não dissimulou o seu espanto.

— Que idade tens?

— Dezasseis anos. Dão-me mais por causa da minha estatura. Contratais-me ou tenho que ir procurar noutro lugar?

— O que desejas exactamente?

— Fazer o mais rapidamente possível o número de dias de trabalho que me permita adquirir a quantidade de madeira necessária para fabricar uma cadeira de braços e comprar um banquinho de dobrar.

— Sabes os preços?

— Para um preguiçoso, cinco meses de trabalho sem se cansar. A mim, não mais de um mês.

— Nunca dormes?

— O menos possível, quando tenho um trabalho a terminar.

— E depois?

— Quando tiver obtido o que desejo, irei embora.

— Não te interessa aprender a profissão a fundo?

— Não tenho nada mais a dizer. Compete-vos decidir.

— És um fulano engraçado... Aqui, sou eu que mando e não gosto de agitadores. Se aceitas obedecer, podemos fazer uma experiência.

— Começo já?

— Como tens necessidade de madeira, vais cortá-la tu próprio. O meu lenhador ensinar-te-á a manejar o machado.

Clara e Silencioso avançavam lentamente na direcção do Lugar de Verdade, seguindo pela orla dos campos de trigo entrecortados por palmeirais e bosques de sicómoros.

— Não é uma aldeia como as outras — explicou-lhe ele. — Não serás admitida lá.

— Excepto se habitar-mos sob o mesmo tecto por sermos marido e mulher.

Ele imobilizou-se para a tomar nos seus braços.

— Queres... Queres verdadeiramente?

— Duvidas?

Nunca o ar tinha sido tão vivificante, o céu tão puro, o Sol tão luminoso. Mas Silencioso sabia que aquela felicidade seria de curta duração.

— As outras mulheres vão tornar-te a existência impossível e obrigar-te a partir. Tentarei fazer com que te aceitem, convencê-las que não és apenas minha esposa e que não és estranha à obra realizada pelo Lugar de Verdade, mas...

— Não será necessário.

Então Clara renunciava. Compreendera que o seu desejo era utópico.

— Não será necessário — repetiu ela, tão calma como determinada — porque eu também ouvi o apelo.

— De que forma?

— Contemplando a colina do Ocidente onde reside a deusa do Silêncio. Não protege ela os vales interditos onde residem as almas imortais dos faraós e das suas esposas, não é ela a padroeira secreta dos artesãos do Lugar de Verdade?

A sua voz deslizou no vento e abriu o meu coração.

— Actualmente, sei que passarei a minha vida a descobri-la, a conhecê-la, a servi-la. E só há um lugar onde poderei realizar essa tarefa.

— Ajudar-te-ei com todas as minhas forças, Clara, e não passarei sem ti a porta da aldeia.

De mãos dadas, com o olhar fixo na colina do Ocidente, continuaram a avançar para o Lugar de Verdade. O amor que os unia tornava-os agora inseparáveis. Queriam viver a mesma vida, em todas as suas dimensões, da mais material à mais espiritual. Fossem quais fossem as provações a sofrer, não expressariam lamento ou mágoa; e se fosse necessário enfrentar o espectro do fracasso, não recuariam.

Havia dois caminhos que permitiam o acesso à aldeia. O primeiro começava perto do Ramasseum, o Templo dos Milhões de Anos de Ramsés o Grande, mas estava permanentemente barrado por soldados que só deixavam passar os artesãos vindos do Lugar de Verdade. O segundo era a única via autorizada para quem queria tentar dirigir-se à aldeia.

Clara e Silencioso deixaram à direita o templo de Amenhotep, filho de Hapu, o grande sábio que servira fielmente o faraó Amenhotep III, cujo imenso santuário estava erigido nas proximidades, e à esquerda a colina de Djêmé onde estavam enterrados os deuses primordiais. Abandonando a zona dos campos de cultura, entraram no deserto.

O primeiro dos cinco fortins marcava o limite da propriedade sagrada que estava sob a alçada do grande e nobre Túmulo dos Milhões de Anos a ocidente de Tebas..

Denominado abreviadamente o Túmulo, a instituição agrupava os artesãos encarregados de escavar e decorar as Moradas de Eternidade dos faraós e das suas esposas, e o seu território compreendia, para além do próprio Lugar de Verdade, os Vales dos Reis e das Rainhas.

Clara teve consciência que se aventurava num outro mundo simultaneamente tão próximo e tão distante, um mundo onde os humanos continuavam a amar, a sofrer e a lutar com o quotidiano mas onde o seu trabalho consistia em modelar a eternidade como material.

Desde que tinha ouvido o apelo, Clara via Silencioso de maneira diferente. Do seu ser emanava um desejo de criação que a dominava, mas ainda era necessário colocar à sua disposição as ferramentas necessárias para o concretizar.

Os polícias não tinham um ar mais amável do que era habitual.

— Os vossos salvo-condutos?

— Não temos.

— Então, voltem para onde vieram.

— Sou Silencioso, filho de Neb o Realizado, chefe de equipa do Lugar de Verdade. Manda prevenir o meu pai que a minha viagem terminou e que desejo regressar à aldeia com a minha esposa.

— Ah... Tenho que informar o chefe. De momento, ficam aqui.

O polícia transmitiu o pedido a um colega que se dirigiu ao segundo fortim, e a mesma cena se repetiu de fortim em fortim, até à secretária do chefe Sobek, que autorizou o casal a franquear os cinco muros para se apresentar diante dele.

Face ao seu olhar agressivo, Clara e Silencioso sentiram que a partida ainda se encontrava longe de estar ganha.

— A vossa história parece-me suspeita — declarou Sobek em tom arrogante. — Se me mentiram, vão pagar caro.

Capítulo 15

O chefe Sobek não convidou os seus hóspedes a sentarem-se. Tinha dormido mal, digerira mal um prato de favas com molho, praguejava contra o calor e não suportava ser contrariado.

— Conheceis o chefe de equipa Neb o Realizado? — perguntou Silencioso com calma.

— Tomas-me por um atrasado mental? É a ti que não conheço! E Neb o Realizado não tem filho nenhum.

— No sentido profano da palavra, é verdade.

— O que estás tu para aí a dizer?

— Os meus pais morreram e Neb o Realizado adoptou-me. Aos olhos dos artesãos do Lugar de Verdade, tornei-me seu filho. E como deveis estar neste posto há pouco tempo, ouvis falar de mim pela primeira vez.

Sobek bateu na testa com a palma da mão direita.

— Todas essas histórias, todos esses mistérios... Como hei de verificar isso? Não tenho o direito de penetrar na aldeia!

— Deixai-me falar ao guarda da grande porta. Ele prevenirá o meu pai.

— Admitamos... E essa, quem é?

— Clara, a minha esposa.

— E é filha de quem?

— De um empreiteiro da margem este.

— Ah... Então ela não vive na aldeia!

— Ainda não, mas vai lá viver comigo.

Sobek apontou um indicador acusatório a Silencioso.

— O que me prova que sois casado?

— Sabeis bem que não é necessário qualquer documento administrativo.

— Sei também que devem habitar sob o mesmo tecto. Onde está esse tecto?

— Se nos autorizardes a sair daqui e a nos dirigirmos ao bairro dos auxiliares, mostrar-vos-ei. Vamos.

No exterior da cerca da aldeia, alguns artesãos pertencentes ao pessoal auxiliar da confraria tinham sido autorizados a construir modestas habitações. Era o caso de

Obed, o ferreiro, um sírio quadragenário de braços enormes, pernas curtas e barbudo. Fabricava e reparava ferramentas de metal.

Logo que viu Silencioso, Obed saiu da sua forja e precipitou-se para ele para lhe dar um abraço que quase derrubou o jovem.

— Finalmente de regresso! Estava convencido que tu não tinhas desaparecido. O escriba Ramosé está doente e o teu pai começava a desesperar.

Irritado, Sobek interveio.

— Estás a fazer troça de mim! Esta casa é a de Obed, não a tua.

O ferreiro interpôs-se.

— Qual é o teu problema, chefe?

— Este homem pretende ser casado com esta mulher, mas não têm tecto.

Obed contemplou Clara.

— Por todos os deuses do céu e da terra, como é bela! Se me quisesse para marido, não hesitaria um instante. Estás mal informado, chefe. Acabo de legar o meu quarto a este jovem casal que aí vai penetrar à vista e com conhecimento de todos. Estarão portanto em sua casa e aí consumarão a sua união.

Furioso, Sobek tentou argumentar.

— E se esta rapariga não estivesse de acordo, se esses dois fossem irmão e irmã, se...

— Pega-me ao colo — pediu Clara a Silencioso, que era para franquear o limiar da casa.

— Felicito-vos pela vossa consciência profissional, chefe Sobek — declarou o filho espiritual de Neb o Realizado. — Clara e eu amamo-nos, somos marido e mulher e vamos venerar Hátor, deusa do amor, pela felicidade que ela nos oferece.

— Não queres assistir à cena e lavrar um auto? — Perguntou o ferreiro ao polícia.

Sob o riso gutural de Obed, Sobek regressou ao seu gabinete. Queria saber tudo de Silencioso. Se este tivesse cometido a mínima falta, não o pouparia.

Como tinha sido doce aquela noite de amor num pequeno quarto mobilado com uma velha cama cambada! Os seus corpos eram feitos um para o outro e os seus gestos tinham desenhado espontaneamente a magia do desejo e da ternura.

— Como esta hora é feliz — disse Silencioso quando o Sol se ergueu. — Que deusa a poderia tornar eterna?

— Dormi a teu lado, meu amor, a tua mão pousou sobre mim, tornei-me tua esposa. Nunca mais te afastes de mim, que nada nem ninguém nos separem.

Silencioso ia enlaçá-la quando um ruído o alertou.

— Se os recém-casados estão acordados — anunciou a voz grossa do ferreiro — trago-lhes qualquer coisa para comerem.

Leite, bolos ainda quentes, queijo fresco, figos... Um verdadeiro festim!

— A tua mulher é bela como uma deusa, Silencioso, e deve possuir inúmeras qualidades, mas... preveniste-a bem que não a levas para o paraíso? A aldeia é um mundo fechado, hostil a qualquer rosto novo, sobretudo quando se arrisca a eclipsar os outros.

— O meu marido não me ocultou nada — afirmou Clara.

— Ah... E não tendes medo?

— Tal como ele, ouvi o apelo.

— Bom, então os meus avisos são inúteis. Eu, no vosso lugar, esqueceria o Lugar de Verdade e iria instalar-me na margem este a saborear a existência. Na vossa idade, fecharem-se nesta aldeia e não terem outro horizonte senão uma obra misteriosa... Enfim, cada um com o seu destino.

— O meu saiote está muito velho — deplorou Silencioso. Com o teu vestido novo, vais fazer melhor efeito.

— Espero que o tribunal de admissão não se pronuncie pela aparência.

— Para ser franco, ignoro os seus critérios e nem sequer sei quem faz parte dele.

— Estás inquieto?

— Receio falhar, desiludir-te, ser indigno do meu pai...

— Também eu estou inquieta. Mas sei que não temos alternativa, que teremos de ser sinceros e mostrarmo-nos tal como somos.

— Um outro pormenor me preocupa: preenchi as condições materiais para me apresentar, mas o que exigirão de ti?

— Veremos.

O ferreiro chamou Silencioso.

— Eis o que me tinhas confiado antes da tua partida, há vários anos — disse Obed entregando-lhe o saco de cabedal, pedaços de madeira de boa qualidade para fabricar uma cadeira de braços e um banquinho de dobrar de madeira. — Gostaria no entanto de compreender... Porque não te apresentaste perante o tribunal quando tinhas satisfeito as condições impostas, tu, o filho espiritual de um artesão de renome?

— Porque ainda não tinha ouvido o apelo.

— E foi para o ouvires que viajaste tanto tempo?

— Sim, e apercebi-me que estava muito perto, tão perto que a sua força me tornara surdo.

O ferreiro suspirou.

— Obrigado pela tua franqueza, mas não compreendo realmente nada... Boa sorte, apesar de tudo.

A manhã estava soberba, o calor insuportável. O casal dirigiu-se ao posto de polícia principal onde um Sobek de melhor humor saboreava o seu pequeno-almoço.

— Não tenho qualquer razão para vos prender — lamentou ele.

— Saíam daqui e apresentem-se na porta do norte.

Silencioso e Clara obedeceram ao polícia. Os muros que formavam a cerca da aldeia pareciam intransponíveis.

À esquerda da porta fechada encontrava-se um dos dois guardas, de serviço das quatro horas da manhã às quatro horas da tarde. Empunhando um grande cajado, dispunha de uma cabana para se abrigar do Sol e não tinha autorização para franquear o limiar. Tal como o seu companheiro, vivia na zona cultivada, longe do Lugar de Verdade.

De cabeça quadrada, ombros largos, hábil em todas as formas de luta, o guarda recebia um modesto salário completado por gratificações quando servia de testemunha durante as transacções comerciais.

— Chamo-me Silencioso e sou filho de Neb o Realizado. A minha esposa Clara ouviu o apelo, tal como eu, e pedimos-te para abrires a porta da aldeia.

— Não estão autorizados a entrar.

Capítulo 16

O lenhador tinha a pele curtida como couro e mastigava constantemente folhas de alfena. Em frente dele e de Ardente avançavam uma dezena de cabras guiadas por uma mais velha que parecia saber para onde se dirigia.

— Cortamos madeira ou guardamos gado?

— Não sejas tão impaciente, rapaz. Segundo vejo, não conheces a profissão. Graças às minhas cabras, ganho tempo e energia.

A cabra mais velha descobriu uma acácia no limite do deserto e atirou-se às folhas mais acessíveis. Incapazes de resistir a semelhante petisco, as suas congêneres lançaram-se ao assalto da árvore.

— Sentemo-nos à sombra daquela palmeira além e deixemos as cabras trabalhar. Trouxe pão, cebolas e um odre de água fresca.

— Não me apetece descansar mas sim cortar madeira, muita madeira.

— Para fazer o quê?

— Preciso da quantidade necessária para fazer uma cadeira de braços.

— Tens uma casa para mobilar?

— Preciso dessa madeira.

— Tens os teus segredinhos e fazes bem. Quanto menos contamos, melhor andamos. Eu divorciei-me duas vezes porque tinha demasiada confiança nas minhas mulheres. Acabaram por me deitar a perder e acabarei os meus dias como lenhador, ao serviço de um marceneiro.

— Quando começamos?

— Olha para esses valentes animais e sê-Lhes reconhecido.

Erguendo-se nas patas posteriores, as cabras comiam as folhas com afã. Depois de terem devorado aquilo que podiam atingir, o lenhador veio em seu auxílio. Prendeu uma corda aos ramos mais altos e puxou-os para que ficassem ao alcance dos quadrúpedes, satisfeitos por continuarem o festim.

— Admira este trabalho, meu rapaz! Esta acácia está completamente limpa, vamos agora nós ao trabalho.

Ardente recebeu um machado com cabo de madeira e lâmina de bronze arqueada. Cortou os ramos com pequenos golpes precisos e depois, sem parar para tomar fôlego, cortou a madeira com uma força que espantou o lenhador. Não só o rapaz

parecia infatigável, como ainda tinha os gestos exactos, como se fosse um profissional experiente.

— Vais depressa demais para mim... A esse ritmo, arriskas-te a dar cabo da profissão.

— Descansa, não tenho intenção de fazer carreira. Logo que eu termine, pede às tuas cabras para escolherem outra árvore.

— O patrão tinha dito que...

— Sou eu que manejo o machado, não o patrão.

O lenhador considerou que era melhor evitar aborrecimentos para já. As cabras partiram então de novo à conquista de um novo festim, enquanto ele saboreava um repouso bem merecido e Ardente se atirava à sua segunda acácia.

Silencioso e Clara esperavam há três dias. Obed o ferreiro trazia-Lhes refeições frugais sem dizer uma palavra, como se tivesse recebido ordem para manter um mutismo sem falhas. O chefe Sobek passava em frente deles sem Lhes dirigir a palavra.

Assistiam à chegada do cortejo de burros carregados de alimentos diversos e material, à descarga vigiada pelo guarda da porta e ao trabalho dos auxiliares que garantiam o conforto dos habitantes do Lugar de Verdade.

— É um procedimento normal? — perguntou Clara.

— Não sei. Os lá de dentro agem como muito bem lhes apetece.

— Esperar a teu lado não é uma provação e este lugar é tão mágico que faz escoar o tempo como mel.

Silencioso partilhava da serenidade da sua companheira. Com ela e graças a ela, não receava nenhuma partida da sorte. Se o tribunal de admissão tencionava fazê-los ceder sob o peso da angústia, estava enganado. Estar ali, no deserto, no coração das colinas selvagens dominadas pela majestosa colina do Ocidente, perto do lugar onde havia seres que trabalhavam para a eternidade, vivendo o segredo da matéria, não era já a felicidade?

Quando o terceiro dia estava a chegar ao fim e o Sol mergulhava no horizonte, o guarda da porta veio ao seu encontro.

— Silencioso, persistes em solicitar a tua admissão na confraria do Lugar de Verdade?

— As minhas intenções não se modificaram. E tu, Clara?

— As minhas também não.

— Eu e o meu colega encarregamo-nos do serviço do correio. Desejam enviar

uma carta a algum familiar antes de se apresentarem ao tribunal de admissão?

Silencioso abanou negativamente a cabeça e a esposa imitou-o, não sem pensar no pai, que não compreenderia a sua decisão.

— Então, sigam-me.

A noite caía depressa. Os auxiliares tinham ido dormir para suas casas, na planície, e poder-se-ia jurar que a aldeia, mergulhada na obscuridade, tinha sido abandonada.

Apesar da sua determinação, o coração de Clara apertou-se. A doce magia daquele lugar tinha desaparecido com os últimos raios do crepúsculo e restava apenas um temor difuso e opressivo. Seguindo o guarda, o casal chegou a um metro da porta do norte, o acesso principal do Lugar de Verdade.

— Esperem aqui.

Silencioso apertou a mão da esposa. O guarda acocorou-se, acendeu uma tocha e desinteressou-se do casal. Falcões peregrinos dançavam no céu onde morriam os últimos clarões alaranjados.

A porta entreabriu-se.

Com uma pesada peruca negra, envergando um longo saiote branco e segurando na mão direita um cajado nodoso, um homem de idade estacou no limiar. Silencioso julgou reconhecer um talhador de pedra de carácter difícil que não era conveniente importunar.

— Quem sois vós, vós que ousais perturbar a serenidade do Lugar de Verdade?

— Silencioso, filho de Neb o Realizado, e a minha esposa Clara.

— Sois conhecidos do tribunal de admissão?

— Desejamos apresentar o nosso pedido.

— Qual é ele?

— Pertencer à confraria dos artesãos e viver no Lugar de Verdade.

— Satisfazeis as condições impostas?

Silencioso apresentou o saco de cabedal, o banquinho de dobrar e a madeira destinada ao fabrico da cadeira de braços. O homem examinou-os e não fez qualquer comentário.

— E tu, Clara?

— Ouvi o apelo da colina do Ocidente.

O homem do cajado reflectiu um longo momento, como se avaliasse a resposta.

— Jurai pelo nome do Faraó que não revelareis seja a quem for em nenhuma circunstância o que ides ver e ouvir.

O casal prestou juramento.

— Se trairdes a palavra dada, que os demónios do inferno vos atormentem eternamente! Segui-me!

Seguindo o homem do cajado, Silencioso e depois Clara deslizaram pela porta entreaberta. Do outro lado, adivinharam uma ruela orlada de casas mas não tiveram tempo para deixar o olhar vaguear sobre aquele universo misterioso porque foram obrigados a dirigir-se para a esquerda onde esbarraram num alpendre precedido por dois artesãos. A obscuridade impedia-os de lhes distinguirem o rosto. Um deles avançou e agarrou no pulso de Clara.

Silencioso reagiu imediatamente.

— Onde a levas?

— Se recusas submeter-te às nossas leis, abandona imediatamente esta aldeia.

— Tem confiança — disse Clara.

O artesão afastou-se com a jovem.

Silencioso sentiu o rigor da solidão e receou as próximas provas. Tinha esperado que não os separassem e que juntariam as suas forças face aos juízes, mas ia ter de enfrentá-los sem ela.

— Chegou a hora — anunciou o homem do cajado.

Capítulo 17

Quatro acácias. Ardente tinha despachado quatro acácias num tempo recorde sob o olhar espantado do lenhador. Este tinha gaguejado um relatório confuso ao marceneiro, obrigado a acreditá-lo ao ver o monte de toros empilhados em frente da sua oficina. O rapaz tinha aprendido a utilizar uma serra indispensável para dividir no sentido do comprimento os mais belos pedaços e obter tábuas que não teriam desacreditado um profissional competente.

Indiferente à discussão entre o lenhador e o marceneiro, Ardente interessava-se pelos objectos prontos para serem entregues: cabos de leque, pentes, cadinhos e pequenos móveis, cofres e tamboretas.

O marceneiro aproximou-se do rapaz.

— Tinha dado indicações precisas e tu espezinhaste-as. Sabes que o abate de uma árvore exige autorização? Vou ter que justificar o teu zelo junto da administração!

— É problema seu, patrão. Eu adiantei-lhe serviço e, além disso, economizará salários. Quantas árvores tenho ainda que cortar em tábuas para conseguir a quantidade de madeira que desejo?

— A tua experiência de lenhador terminou.

— Despede-me?

— Seria com certeza a melhor solução, mas precisas de aprender a fabricar uma cadeira de braços e um banquinho de dobrar, se bem me lembro.

— Tem boa memória.

— Não se entra numa oficina como um touro numa arena. Emprego técnicos minuciosos que trabalham aqui há muitos anos e os aprendizes sabem que devem obedecer e comportar-se de maneira correcta. Receio que não sejas capaz.

— Mesmo assim, experimentemos.

— Previno-te: à primeira escorregadela, despeço-te.

O patrão e o empregado concordaram.

— Posso começar agora?

— Espera para amanhã, tu...

— Não tenho tempo a perder.

Quando o marceneiro apresentou Ardente aos operários da oficina, a atmosfera

tornou-se glacial. Rostos fechados voltaram-se para o recém-chegado a fim de lhe fazerem compreender que não era bem-vindo.

— Peço-vos que aceitem Ardente como aprendiz — declarou o patrão. — Ajudar-vos-á a terminar os trabalhos atrasados e ficará à disposição de quem tiver necessidade dele.

— O que é que ele sabe fazer? — interrogou o decano da oficina.

— Aprender — respondeu o rapaz. — Quem quer começar a instruir-me?

— Pega nisto.

O decano estendeu a Ardente uma enxó, uma pequena ferramenta com cabo de madeira que tinha uma das faces, lisa, levantada quase em ângulo recto; nela estava presa uma lâmina de bronze por meio de uma tira de cabedal.

— Mostra-nos as tuas capacidades — ordenou com ironia.

Ardente examinou a lâmina, passou-lhe o dedo pelo fio de corte e depois explorou longamente a oficina como se se preparasse para tomar posse dela. Demorou alguns instantes junto de um cepo antes de escolher uma tábua cuja superfície aplanou com a enxó.

— Quem te ensinou? — espantou-se o decano.

— Uma ferramenta está forçosamente adaptada ao material que tem de trabalhar. Esta é feita para aplainar, não é verdade?

— Não és um novato...

— Até agora não precisei de ninguém e pergunto a mim mesmo se as coisas não vão continuar assim. Não tem mais nada para mostrar?

O patrão fez sinal aos operários para desaparecerem.

— Quem és tu verdadeiramente, meu rapaz?

— Alguém que deseja aprender a fabricar um banquinho de dobrar.

— É o meu lugar que tu cobiças?

— Por esse lado, pode estar sossegado! Logo que tiver obtido o que desejo, vou-me embora.

— Está bem... Olha para mim.

O marceneiro sentou-se num banco, segurou na mão direita o maço e na esquerda um formão de madeira. Numa tábua estreita que entalou entre os joelhos escavou entalhes com impressionante regularidade.

— É a tua vez.

Ardente tomou o lugar do patrão e imitou-o sem hesitação.

— Não posso acreditar que nunca tenhas trabalhado em madeira!

— Acredite no que quiser e continuemos.

Na oficina havia várias espécies de machados, serras, facas e formões. Ardente experimentou-os quase sem hesitações. Tinha a mão firme e os seus gestos eram precisos.

Siderado, o marceneiro mostrou ao rapaz como utilizar as tábuas cuidadosamente recortadas que encaixou em rabo de andorinha, reforçando-as com cavilhas e grampos. Revelou-lhe a técnica dos cantos com mitra, a das cavilhas de madeira, a arte de unir entalhes e encaixes, o dos fechos de cofres para evitar que o seu conteúdo se espalhe em caso de queda, e o método de ajustamento perfeito que permite fabricar caixas e assentos.

A mão de Ardente compreendia tudo e não esquecia nada. Mostrava-se por vezes mais hábil do que a do seu maravilhado professor.

— Nasceste para ser marceneiro, meu rapaz. Nenhuma dificuldade te resistirá e farás fortuna.

— Quantos tamboretos tenho que fazer para ganhar o meu banquinho de dobrar?

— Bastará uma dezena... Mas tenho a certeza que lhe vais tomar o gosto!

— Mostre-me como se empalha uma cadeira.

— Veremos isso amanhã.

— Está cansado?

Picado, o patrão utilizou fibras vegetais entrelaçadas para empalhar um escabelo capaz de suportar um peso razoável.

A noite passou muito depressa, com o mestre testando cada vez mais avançadamente as capacidades surpreendentes do aluno que não o desiludiu uma única vez.

Quando o marceneiro caiu adormecido, Ardente terminava o seu primeiro tamborete.

Era feriado. Os operários descansavam, com excepção de Ardente que trabalhava por baixo de um sicômoro. Divertia-o manejar o malho e o formão e gozava com as ciladas que a madeira lhe armava. Com uma pedra polida, tornava perfeitamente lisa a superfície de um tamborete. Ajudado pela experiência, acabaria por conseguir fazer um pequeno móvel tão bonito como sólido.

— O Ardente és tu? — perguntou uma jovem longilínea, de cabelos negros e curtos.

— Sou eu.

— Posso sentar-me?

— À vontade.

Trazia uma camisa de mangas curtas e uma saia por cima do joelho. Bronzeada, de olhar provocante, chupava um caule de papiro açucarado.

— Sabes o que contam, Ardente? O murmúrio das folhas de sicômoro é semelhante ao perfume do mel, a sua folhagem à turquesa, a casca à faiança, e os frutos são mais vermelhos que o jaspe. A sua sombra refresca, mas eu tenho calor, tanto calor... Ajudas-me a tirar a camisa?

— Estou ocupado.

Ela própria tirou a frágil peça de roupa, desnudando duas maçãs-de-amor, e aninhou-se de encontro à coxa forte do jovem atleta.

— Não gostas da minha descrição do sicômoro?

— Qual é o teu grau de parentesco com o meu patrão?

O seu rostinho contraiu-se.

— Eu... sou sua sobrinha.

— Começo a estar habituado; os meus sucessivos patrões mandam uma rapariga bonita para me fazerem falar e me reterem em casa.

— Enganas-te, eu...

— Não te alargues em mentiras. Podes confirmar ao teu tio que sei a verdade e que não tenho a mínima intenção de me tornar torneiro. Graças a ele, progredi rapidamente e em breve serei proprietário de um belo banquinho de dobrar.

— Não ficarás aqui?

— Tenho coisa melhor para fazer.

— Mas o teu futuro...

— Deixa que eu me preocupe com isso. E o meu futuro imediato é uma rapariga deslumbrante que tem vontade de fazer amor.

Capítulo 18

Toda a cidade de Tebas estava entusiasmada porque se confirmava o rumor: Ramsés o Grande chegava da sua capital do Delta, Pi-Ramés, para residir durante várias semanas no seu palácio de Carnaque. Alguns cortesãos consideravam que se tratava de uma simples vilegiatura, isto é, um repouso no templo fechado, outros que o velho monarca iria anunciar importantes decisões.

Ramsés o Grande reinava sobre o Egito há cinquenta e sete anos e aproximava-se dos oitenta anos. No ano vinte e um assinara um tratado de paz com os hititas para abrir uma era de paz e de prosperidade que marcaria a memória da humanidade. Mas a desgraça ferira-o por diversas vezes, quando o seu pai Séti, a mãe Tuia e a esposa adorada, a Grande Esposa Real Nefertári, tinham desaparecido. Amigos próximos tinham também abandonado a terra dos vivos e, dois anos antes, Khâ, o filho letrado e sábio que lhe deveria suceder, tinha igualmente partido para os paraísos do além. Competiria ao seu outro filho, Mérenptah, assumir essa pesada tarefa.

Devido à avançada idade e dolorosos reumatismos, Ramsés deixava já a Mérenptah o cuidado de gerir as Duas Terras, o Alto e o Baixo Egito, mas nenhuma decisão importante era tomada sem o seu acordo e era ele que assinava os decretos reais redigidos pelo fiel escriba Améni, cada vez mais rabugento mas sempre trabalhador.

Graças ao faraó, afirmava o povo egípcio, a verdade expulsava a mentira, os malfeitores caíam com o rosto no chão, a cheia crescia na hora certa, as trevas cediam perante a luz; não possuía o rei milhões de ouvidos que lhe permitiam ouvir as palavras de todos os seres, mesmo que estivessem ocultos no fundo de uma caverna e os seus olhos não eram mais luminosos do que as estrelas? Canal que regularizava o caudal do rio, vasta sala onde cada um podia encontrar repouso, baluarte com muralhas de metal celeste, água fresca durante os fortes calores, abrigo seco e quente durante o Inverno, o Faraó estava entronizado nos corações porque tornava o Egito mais verde e mais próspero do que um grande Nilo.

Foi numa cadeira de carregadores que Ramsés o Grande chegou ao palácio de Carnaque onde foi acolhido pelo grande sacerdote de Amon, o vizir, o governador de Tebas e mais alguns oficiais tetanizados com a ideia de ver de perto o ilustre monarca cuja reputação tinha ultrapassado há muito as fronteiras do Egito.

A segurança era garantida pelo tenente de transportes Méhi, que tudo fizera para

tornar evidentes os seus bons e leais serviços. Apesar dos estragos da idade, Ramsés o Grande continuava tão impressionante como no momento da sua coroação. O nariz longo e um tanto aquilino, as orelhas redondas e delicadamente desenhadas, o maxilar autoritário e o olhar penetrante formavam o semblante de um monarca habituado a comandar. O palácio encantava o olhar. O pavimento e as paredes da sala de recepções de colunas eram adornados com representações de lótus, de papiros, de peixes e de pássaros que se recreavam em mágicas paisagens. Colocados em ovais simbolizando o circuito do sol, os nomes de Ramsés tinham sido pintados em azul sobre fundo branco. Frisos de acianos e de papoilas decoravam a parte superior das paredes. Quando o Faraó, envergando um vestido branco e um saiote branco e ouro, pulseiras de ouro nos pulsos, pés calçados com sandálias brancas, tomou lugar num trono de madeira dourada, cada uma das pessoas admitidas a esse conselho excepcional sentiu que Ramsés o Grande segurava ainda firmemente o leme do navio do Estado.

— Majestade — disse o governador de Tebas — a cidade do deus Amon alegra-se com a vossa presença. É graças às vossas directivas que ela vive feliz, vós que sois o pai e a mãe de todos os seres. Possa a vossa palavra continuar a alimentar os nossos corações. Sois o senhor da alegria e aquele que se revolta contra o Faraó destrói-se a si mesmo.

— Durante a viagem examinei os relatórios referentes à gestão da minha querida cidade de Tebas. És um bom governador, mas debes velar mais pelo bem-estar dos habitantes do bairro novo. Alguns trabalhos de conservação atrasaram-se demasiado.

— Será feito conforme a vossa vontade, Majestade, e esse atraso será ultrapassado. Posso propor-vos que entre para a ordem do colar de ouro o tenente de transportes Méhi, que garante a vossa segurança em Tebas e tem dado cabal satisfação à frente do seu destacamento de elite?

Ramsés aprovou com um gesto cansado. Há muito tempo que não se interessava pela entrega de condecorações e pelo pueril jogo das honrarias em que tantos dignitários perdiam a sua alma.

Para Méhi, era o começo de uma soberba carreira. Ao receber o fino colar de ouro das mãos do vizir, que reconhecia assim os seus méritos em nome do Faraó, o oficial ia não apenas ser elevado ao grau de capitão como ainda passava a pertencer à alta administração da rica cidade tebana. Os seus lábios grossos reluziam de satisfação. Méhi ficou no entanto um pouco desiludido por Ramsés não ter poisado mais os olhos sobre ele e a cerimónia ter sido tão breve.

— Recebi uma carta do administrador principal da margem ocidental de Tebas — revelou o rei — e o seu conteúdo é a verdadeira razão da minha presença aqui. Que o autor desse documento exponha as suas queixas.

Abri, um alto funcionário bem alimentado, apresentou-se perante o monarca e inclinou-se.

— Majestade, fiz questão de vos alertar a propósito de uma situação anormal. Os artesãos do Lugar de Verdade formam uma comunidade à parte desde o reinado do vosso glorioso antepassado, Tutmés I. Há mais de três séculos que ela existe e que escava as Moradas de Eternidade no Vale dos Reis... Não seria oportuno reformar essa instituição?

— O que Lhe censuras?

A pergunta, demasiado directa, embaraçou o escriba.

— Majestade, não são exactamente censuras, mas essa confraria exige receber quotidianamente um certo número de mercadorias que sobrecarregam o nosso orçamento. Há vários auxiliares afectos ao seu serviço e, como os residentes do Lugar de Verdade estão submetidos ao segredo, é impossível controlar o seu trabalho e cobrar-lhes os impostos devidos. Muitos funcionários se interrogam sobre o papel exacto dessa corporação que goza de privilégios que alguns consideram exorbitantes.

— O que propões?

O administrador principal sentiu-se encorajado a prosseguir. O monarca tinha apreciado visivelmente a sua argumentação.

— Proponho que seja suprimido o Lugar de Verdade e dispersos os artesãos que o compõem. A aldeia, que não ocupa uma grande superfície, será transformada em entreposto. Faremos assim substanciais economias, sem contar com os impostos que recairão sobre famílias e indivíduos que até aqui eram poupados. O desaparecimento dessa instituição arcaica será portanto de todo o benefício para o Estado.

Só restava a Ramsés promulgar o decreto que transformaria aquele projecto em realidade.

— Conheces a missão do Lugar de Verdade? — perguntou o monarca.

O alto funcionário ficou crispado.

— Sim, Majestade... Como referi, escavar as Moradas de Eternidade do faraó reinante, da Grande Esposa Real e dos seus próximos.

— O meu próprio túmulo foi começado no ano dois do meu reinado e consideras sem dúvida que os artesãos da confraria estão inactivos porque a sua tarefa terminou há muito tempo, tendo em conta a minha longevidade.

— Oh não, Majestade, sei muito bem que têm outras actividades e não queria dizer que...

— O Faraó constrói na terra a cidade de Deus, como é seu dever, e mostra-se benemérito em relação aos trabalhos que empreende em atenção aos deuses, edificando os seus templos e modelando as suas imagens. Em Bubastis, em Athribis, em Pi-Ramsés, em Mênfis, em Héliópolis, em Hermópolis, em Abidos, em Tebas, em Edfu, em Elefantina, tanto no Baixo como no Alto Egito, obra realiza-se e prossegue sob múltiplas formas. No coração dessa obra está a Morada de Eternidade do Faraó que o Lugar de Verdade cria. Foi por isso que o meu pai, Sêti, decretou a ampliação da aldeia, porque o mistério essencial de onde tudo procede é que o nascimento daquilo que os espíritos limitados como o teu consideram um túmulo que, na realidade, é um lar de luz. Os artesãos trabalham todos os dias para vencer a morte, constróem para o Ka real, que passa de faraó em faraó sem nunca ser propriedade de nenhum deles; que continuem a preparar a minha última morada; Mas o que podes tu compreender desse segredo por natureza, escriba de coração fechado e inteligência estreita? Fica a saber que a minha estadia em Tebas tem como única finalidade embelezar a aldeia dos construtores, oferecer-lhes mais meios de acção e reforçar a sua estabilidade. E será a essa tarefa que consagrarei os últimos anos da minha existência terrestre, porque não há nada mais essencial do que o Lugar de Verdade.

Capítulo 19

Ramsés o Grande repousava no jardim do palácio sombreado de palmeiras, jujubeiras, tamargueiras e um salgueiro plantado na margem do lago. Orladas de ranúnculos, acianos e papoilas, as áleas arenosas tinham sido traçadas em linhas rectas e eram objecto de uma manutenção constante. Sentado numa confortável cadeira de braços, com a cabeça recostada numa almofada, o velho soberano estava instalado num pavilhão de finas colunas de madeira pintadas de verde. Sobre uma mesa baixa, perto dele, cerveja, fresca e leve, uvas, figos e maçãs. O rei saboreava o doce vento do norte que acabava de se levantar e observava poupas e andorinhas revoltear na luz do poente.

A chegada do seu convidado arrancou o monarca às suas recordações. O homem que se inclinava diante dele tinha sido um dos dignitários mais discretos mas mais importantes do seu reinado, visto que Ramosé, filho de um carteiro, fora designado como escriba do Túmulo e do Lugar de Verdade no ano cinco de Ramsés, terceiro mês da cheia, no décimo dia. Fora o rei que pessoalmente escolhera Ramosé para desempenhar essa difícil função, depois de uma carreira bem preenchida: educação numa Casa da Vida, formação como assistente de um escriba, posto de escriba contabilista do gado do templo de Amon de Carnaque, depois da correspondência, dos arquivos reais e do Tesouro do Faraó antes de dar o salto e se tornar um homem do interior.

O soberano deixara a escolha a Ramosé, porque se tratava para o escriba, de uma mudança radical de orientação. Depois de ter frequentado o imenso Carnaque e os templos de Tutmés e do sábio Amenhotep, filho de Hapu, o dignitário teria de abandonar uma existência fácil e luxuosa para gerir, do interior, a aldeia secreta dos artesãos.

Ramosé não hesitara muito tempo: a aventura era suficientemente excepcional para ser tentada. Desde a sua nomeação, pedira aos Servos do Lugar de Verdade, de acordo com as ordens do rei, que construíssem uma residência para Ramsés no domínio reservado e ampliassem o templo de Hátor, protectora da comunidade, continuando entretanto a ocupar-se da Morada de Eternidade do soberano.

Com oitenta e sete anos, Ramosé reformara-se mas permanecera na aldeia, onde era amado por todos. Nenhuma decisão importante era tomada sem ouvir a sua opinião.

Para se encontrar com o seu rei, Ramosé envergara indumentária de festa: camisa

de longas mangas plissadas, avental de pregas verticais e sandálias de cabedal. Graças a Ramsés, tivera uma existência exaltante velando pela prosperidade do Lugar de Verdade e sentia-se feliz por poder agradecer ao soberano antes de morrer.

— Lembra-te, Ramosé, do texto célebre que gostavas de ler aos aprendizes de escriba: Imita os teus pais que viveram antes de ti, vencer depende da tua capacidade de conhecimento. Os sábios transmitiram os ensinamentos nos seus escritos: consulta-os, estuda-os, lê-os e relê-os sem cessar".

— Apesar da fraqueza dos meus olhos, Majestade, continuo eu próprio a seguir esse preceito.

— Recordas-te também da grande festa do ano dezassete que organizaste com Pazair, o melhor dos meus vizires? Éramos jovens nessa altura e a nossa energia parecia inesgotável. Hoje, és um velho como eu mas também o homem mais venerado do Lugar de Verdade e o único dignitário autorizado a usar o título de «escriba de Maet».

— Haveis sido vós a dar-me a possibilidade de servir Maet durante toda a minha vida, no coração da confraria que vive dela todos os dias, mas a hora da grande viagem aproxima-se.

— Mandaste preparar três túmulos próximo da aldeia, como tínhamos projectado (1)?

— Sim, Majestade. No primeiro, presto homenagem às divindades e aos vossos antepassados que tanto fizeram pela confraria, Amnhotep I e a sua mãe, Horembeh e Tutmés IV; foi lá que coloquei a estela onde vós apareceis. No segundo, evoco as minhas duas vacas, Ocidente e Bela Onda, assim como o vaqueiro que tratou delas. No terceiro estão presentes os seres que me foram mais queridos.

— Silencioso faz parte deles?

— É a maior alegria dos meus últimos dias, Majestade. Sabeis que a minha esposa Mut e eu próprio não pudemos ter filhos, apesar das estátuas, das estelas e das outras oferendas a Hátor, a Tuéris, a grande mãe, e mesmo a divindades estrangeiras. Preparei portanto o além com cuidado, sem esquecer a formação do meu sucessor, o escriba Quenhir. Mas aquele por quem tenho maior estima e afecto é Silencioso. Quando deixou a aldeia para iniciar uma longa viagem no mundo exterior, julguei morrer antes do seu regresso, do qual nunca duvidei. Por felicidade, o tribunal de admissão da confraria acaba de admiti-lo entre aqueles que ouviram o apelo. Ei-lo Servidor no Lugar de Verdade e estou persuadido que desempenhará um papel essencial e não apenas como talhador de pedra e escultor.

— Que nome de iniciação lhe foi dado?

— Néfer-hotep, Majestade.

— Néfer, «a realização, a beleza, a bondade» e hotep, «a paz, a plenitude, a oferta...». Dítai-lhe um rude programa!

— A plenitude da paz interior, o hotep, talvez só lhe seja oferecido no termo da sua existência, desde que seja efectivamente "Néfer" como artesão. Devo informar-vos que Silencioso não se apresentou só à porta da aldeia.

— Quem o acompanhava?

— A sua esposa, Clara. O seu nome, ouhekhet, significa também "luminosa". Impressionou o tribunal pela sua determinação e fulgor.

*1 Túmulos tebanos 7, 212 e 250.

É bela, inteligente, desprovida de ambição e não tem a mínima noção da amplitude das suas capacidades. O casal é sólido e as rudes provações que o esperam não o destruirão. O tribunal conservou Clara como nome de iniciação da esposa de Néfer. Para mim, representam a esperança da confraria.

— De onde é originária essa jovem?

— É uma tebana, filha espiritual de Néféret, a defunta médica-chefe do reino.

— Néféret... Tratou admiravelmente de mim... Se Clara herdou os seus dons, a confraria tem muita sorte. Mas fala-me francamente, Ramosé: duvidas das qualidades do teu sucessor Quenhir.

— Não, Majestade, embora ele não tenha um carácter fácil e desempenhe a sua função com uma firmeza por vezes excessiva Não lamento nem tê-lo escolhido nem ter-lhe legado os meus móveis, a minha biblioteca, os meus campos e as minhas vacas. E afinal ele é apenas o escriba do Túmulo... Os chefes de equipa, os talhadores de pedra, os escultores e os pintores não contam menos do que ele. Talvez ainda não tenha compreendido isso, mas o tempo fará a sua obra.

— Nestes últimos anos, diversos artesãos não foram substituídos — lembrou Ramsés que, como chefe supremo da confraria, seguia atentamente a sua evolução.

— A equipa completa chegou a ter quarenta membros e actualmente não tem mais de trinta.

— Trinta e um com Néfer, Majestade.

— É um número suficiente para a realização de todos os trabalhos em curso?

— Só tenho uma lição a transmitir: a qualidade importa mais do que a quantidade. O essencial, sabei-lo bem, é o bom funcionamento da Morada do Ouro e a sua capacidade de criação. Por esse lado, não há qualquer motivo para inquietação. Estou mesmo persuadido que a chegada de Néfer é sinónimo de um

futuro radioso.

— As tuas palavras são um bálsamo, Ramosé, porque a hostilidade em relação ao Lugar de Verdade cresce constantemente. Os altos funcionários só pensam em enriquecer e formam uma casta cada vez mais perniciosa, apenas preocupada com o seu futuro e o do país. Para eles, a confraria dos artesãos é uma anomalia administrativa que desejam suprimir.

— Mas sois vós que reinais, Majestade!

— Enquanto eu viver, o Lugar de Verdade não terá nada a recear dos invejosos e caluniadores. Espero que o meu filho Méremptah seguirá os meus passos e compreenderá que sem a actividade dessa confraria, a grande luz do Egipto estaria condenada a declinar e depois a extinguir-se. Mas quem pode predizer o comportamento de um ser quando ele está sobrecarregado com o poder supremo?

— Tenho confiança, Majestade.

Ramsés o Grande sabia que Ramosé sempre tinha sido a generosidade em pessoa e que a claridade da sua alma iluminara a confraria, mas sabia também que esta última estava em perigo. Fazendo calar as armas em todo o Próximo Oriente, o monarca não aniquilara nem os ódios nem as ambições e tinha consciência que apenas a frágil deusa Maet, incarnação da rectidão, podia impedir a espécie humana de seguir a sua inclinação natural que a conduzia à corrupção, à injustiça e à destruição.

Desde o tempo das pirâmides, a instituição faraónica apoiava-se numa confraria de artesãos iniciados nos mistérios da Morada do Ouro e capazes de inscrever a eternidade na pedra. Quando os fundadores do Novo Império tinham elevado Tebas à categoria de capital, fora a comunidade do Lugar de Verdade que tomara o facho nas suas mãos.

E essa chama era vital para a sobrevivência da civilização.

Capítulo 20

— Esqueci-me de uma anedota divertida, Majestade. Acabamos de registrar uma candidatura completamente disparatada, mas hesito em importunar-vos com esse incidente sem importância.

— Estou a ouvir-te, Ramosé.

— A quase totalidade dos pedidos de admissão na confraria são rejeitados, embora venham de artesãos experientes que já demonstraram as suas qualidades. Neste caso, trata-se de um jovem colosso de dezasseis anos sem qualquer referência séria. Um filho de camponês que passou por oficinas de curtidor e de marceneiro... Mas é tão obstinado que Sobek, o chefe da segurança, já teve que o prender pela segunda vez!

— Preencheu as condições necessárias para se apresentar perante o tribunal de admissão?

— Sim, Majestade, mas...

— Muitos dos que compõem hoje a confraria vieram do exterior, a começar por ti, Ramosé. Deixa esse rapaz enfrentar os juízes do Lugar de Verdade.

Ramsés o Grande olhava ao longe.

O velho escriba do Túmulo sentiu que partilhava um desses momentos privilegiados durante os quais a visão do rei ultrapassava a dos outros homens. Muitas vezes, no decurso da sua existência, Ramsés tivera intuições que atravessavam as paredes do futuro e lhe permitiam agir fora dos caminhos trilhados.

— Majestade, julgais que esse rapaz...

— Que ele compareça perante os artesãos e que estes não decidam com leviandade. Se ele conseguir triunfar das provas, esse rapaz desempenhará talvez um papel decisivo na história do Lugar de Verdade. Mas surgiu-me uma outra realidade: é necessário ampliar o santuário do ka real. Velaste pela sua construção, decidirás sobre a data dos trabalhos e o plano de obra.

Ramosé sentiu uma intensa felicidade.

— É uma imensa honra para a aldeia! Em conjunto com a Muábia, escolheremos o momento certo.

Ramsés lembrou-se que, na juventude, também ele tinha ouvido o apelo. Teria gostado de partilhar a existência desses homens cujo pensamento se transformava em

obra luminosa, mas o seu pai escolhera-o como sucessor para manter o Egito nos caminhos de Maet e preservar os laços da terra com o céu. Nem um único dia pudera escapar aos seus deveres. E era bom que não fosse doutra forma.

Sobek abriu a porta da cela.

— Já acabaste de fazer barulho?

— Tenho a intenção de furar as paredes desta prisão e hei de consegui-lo — respondeu Ardente.

Apenas com os punhos, o rapaz já conseguira afectar seriamente a parede de tijolos.

— Se não parares imediatamente mando-te pôr correntes!

— Não tendes qualquer razão para me prender, visto que eu trouxe o necessário para me apresentar à porta da aldeia.

— Julgas conhecer a lei melhor do que eu?

— Neste caso, sim.

O chefe Sobek coçou a cicatriz que tinha por baixo do olho esquerdo, recordação de uma luta de morte com um leopardo na savana da Núbia.

— Começas a irritar-me verdadeiramente, meu rapaz. Vou tratar eu próprio do teu caso e prometo-te que não voltarás a ter vontade de abrir a boca em frente de um polícia.

Ardente enfrentou-o.

Era tão bem constituído como Sobek, mas este era um pouco mais alto e, sobretudo, brandia um pau na mão direita.

Um polícia correu, arquejante.

— Chefe, chefe! Tenho de vos falar, imediatamente!

— Não tenho tempo.

— Tem a ver com o prisioneiro.

O ar aflito do seu subordinado convenceu Sobek a ouvi-lo. Ba teu portanto com a porta da cela.

Ardente pensava na maneira como o torcionário iria usar o pau; Se o levantasse demasiado alto, bloquear-lhe-ia o braço e rebentar-lhe-ia o peito com uma cabeçada. Mas Sobek era um profissional e não se devia bater como um ingénuo. O rapaz não teria um papel fácil e talvez não ficasse por cima, mas o núbio não sairia indemne do duelo, porque Ardente lançaria todas as suas forças na batalha.

A porta tornou a abrir-se.

— Sai daqui — ordenou Sobek, sempre armado com o pau.

— Quereis atacar-me pelas costas?

— Vontade não me falta, mas recebi ordens. Um polícia vai acompanhar-te até à porta principal da aldeia.

Ardente arqueou o peito.

— Então, sempre há uma lei neste país.

— Sai daqui, ou não respondo pelos meus nervos!

— Se tivermos ocasião de nos voltarmos a ver, Sobek, resolveremos o nosso diferendo de homem para homem.

— Desaparece!

— Não sem o que me pertence.

Com os maxilares contraídos, Sobek entregou a Ardente o saco de cabedal, o estojo para papiros, os bocados de madeira atados e o banquinho de dobrar fabricado pelo aprendiz de carpinteiro. Equipado com aquele precioso pecúlio, este saiu do fortim de cabeça levantada, como um general vitorioso avançando em país conquistado.

O núbio que o acompanhava era um sólido latagão mas, ao lado de Ardente, parecia quase magricela.

— Não devias pôr o Sobek contra ti — recomendou-lhe ele. — É bastante rancoroso e, na primeira ocasião, não te poupará.

— Será melhor para ele... Caso contrário, sou eu que não o poupo.

— É o chefe da polícia local!

— O importante é o valor de um homem, não os seus títulos. Se esse Sobek me procurar, encontrar-me-á.

O polícia não tentou mais aconselhar Ardente, cuja exaltação aumentava à medida que se aproximava do objectivo. Desta vez, não ia ser um guarda que o ia impedir de franquear o limiar da aldeia interdita.

Ignorava a sequência dos acontecimentos, mas pouco lhe importava. Saberria convencer os seus juizes que ouvira o apelo e portanto, todas as portas se deviam abrir diante dele.

O Sol brilhava com generosidade e o seu ardor dava ainda mais dinamismo ao rapaz que não receava os mais implacáveis Verões.

Que a aldeia dos artesãos ficasse situada no deserto era para ele uma vantagem mais.

— Eu paro aqui — disse o polícia. — Continua só.

Ardente não hesitou. Com passo decidido, percorreu o espaço que separava o

quinto e último fortim dos limites da aldeia.

Naquele fim de manhã, os auxiliares tinham desertado das suas oficinas para almoçar à sombra de um alpendre. Foi com curiosidade que viram passar o rapaz.

O guarda da porta levantou-se e barrou-lhe a passagem.

— Onde tencionas ir?

— Chamo-me Ardente, desejo entrar para o Lugar de Verdade e estou equipado com o que é necessário.

— Tens a certeza?

— Absolutamente.

— Se te enganaste, ele dá cabo de ti. No teu lugar, não corria esse risco e voltaria para onde vinha.

— Fica no teu lugar, guarda, e não te preocupes com o meu.

— Eu preveni-te.

— Pára de falar e abre a porta da aldeia.

O guardião fez-lhe a vontade com lentidão.

Durante alguns instantes, Ardente ficou sem respiração. Finalmente, realizava-se o seu sonho!

Capítulo 21

Dois artesãos saíram da aldeia. Um colocou-se atrás de Ardente e o outro à frente.

— Segue-me — ordenou este.

— Mas... não entro?

— Se continuares a fazer perguntas inúteis, nem sequer te conduziremos perante o tribunal de admissão.

Irritado, Ardente conseguiu controlar-se. Ainda não conhecia as regras do jogo naquele lugar misterioso e devia evitar o passo em falso que o condenaria.

O trio voltou as costas à porta principal da aldeia e dirigiu-se para o recinto do templo maior do Lugar de Verdade, junto do qual estava erigida uma capela dedicada à deusa Hátor. Altos muros ocultavam o edifício aos olhares profanos.

Diante do seu portal fechado estavam nove homens sentados em cadeiras de madeira dispostas em semicírculo. Envergavam um simples saiote, com excepção de um velho vestido com uma longa túnica branca.

— Sou o escriba Ramosé e encontras-te no território sagrado do grande e nobre Túmulo dos milhões de anos, a ocidente de Tebas. Aqui reina Maet, no seu país luminoso. Sê sincero, não mintas e fala com o coração; caso contrário, ela afastar-te-á do Lugar de Verdade.

Os membros do tribunal de admissão não tinham um ar amável e o rapaz preferiu fixar o velho escriba Ramosé, cujo rosto estava imbuído de bondade.

— Quem és tu e o que desejas?

— Chamo-me Ardente e quero passar a minha vida a desenhar.

— O teu pai é artesão? — perguntou um dos juízes.

— Não, agricultor. Estamos definitivamente zangados.

— Que profissões praticaste?

— A de curtidor e de marceneiro para satisfazer as vossas exigências.

Sem ser autorizado a tal, Ardente poisou a sua bagagem.

— Eis o saco de cabedal — declarou ele com orgulho. — Acrescento-lhe um estojo para papiros de óptima qualidade.

Os dois objectos passaram de mão em mão.

Um juiz rabugento tomou a palavra.

— Tínhamos exigido um saco de cabedal e não este estojo.

— É uma falta fazer mais do que o que nos é pedido?

— É uma falta, sim.

— Para mim, não! — insurgiu-se o rapaz. — Só os preguiçosos e os medíocres se limitam estritamente às ordens, porque têm medo dos outros e deles próprios. À força de uma pessoa se submeter e de não tomar nenhuma iniciativa, torna-se mais inerte do que uma pedra.

— Tu, que falas tão alto, porque nos apresentas apenas um banquinho de dobrar em vez da cadeira de braços que te devia acompanhar? Visto que gostas de ir além do que te é imposto, porque te contentas em apresentar-nos bocados de madeira em vez da obra?

— Haveis-me armado uma cilada — constatou Ardente, furioso contra os seus juízes e contra si próprio —, e eu não fui capaz de lhe escapar... Tenho direito a uma segunda oportunidade?

— Senta-te no banquinho de dobrar — ordenou o artesão ramosé.

Logo que o seu traseiro poisou no assento, Ardente ouviu sinistros estalidos. Com certeza o banco não suportaria o seu peso.

— Prefiro ficar em pé.

— Quer dizer que nem sequer verificaste a qualidade desse objecto. À tua arrogância acrescentas a falta de cuidado e a incompetência?

— Exigiram um banquinho de dobrar, aí o têm!

— Pobre resposta, rapaz. Não passarás de um fanfarrão e um cobarde?

Ardente cerrou os punhos.

— Estais enganados! Tentei satisfazer-vos, mas o meu objectivo não é fabricar móveis. Sei desenhar e posso prová-lo.

Outro artesão colocou em frente de Ardente um pincel, um bocado de papiro usado e um godé com tinta preta.

— Pois bem, prova-o!

O rapaz ajoelhou. Com os olhos fixos no velho escriba Ramosé fez o seu retrato. A mão não lhe tremia, mas não estava habituado àquele material, cuja utilização lhe pareceu das mais delicadas.

— Posso fazer muito melhor — afirmou ele — mas é a primeira vez que manejo um pincel e que desenho num papiro com tinta... Em geral, contento-me com areia.

Nervoso, precipitado, Ardente estragou o alto da testa e as orelhas. O retrato de

Ramosé estava horrível.

— Deixai-me recomeçar.

O desenho circulou. Não foi feito qualquer comentário.

— O que sabes do Lugar de Verdade? — interrogou Ramosé.

— Detém os segredos do desenho e quero conhecê-los.

— O que farás deles?

— Decifrarei a vida... e essa viagem não terá fim.

— Não precisamos de pensadores mas de especialistas — afirmou um artesão.

— Ensina-me a desenhar e a pintar — insistiu Ardente – e vereis do que sou capaz.

— Tens noiva?

— Não, mas já conheci várias raparigas. Para mim, fazem parte dos prazeres da existência, nada mais.

— Não tens intenções de casar?

— Com certeza que não! Não tenho qualquer vontade de me sobrecarregar com uma dona de casa e uma ninhada de crianças. Quantas vezes terei ainda que vos dizer que o meu único objectivo é desenhar a criação e pintar a vida?

— A exigência do segredo incomoda-te?

Tanto pior para os que não conseguem decifrá-lo.

— Sabes que terás de te submeter a uma regra muito exigente. Se não me impedir de progredir, procurarei suportá-la. Mas, não me submeterei a ordens estúpidas.

— Serás suficientement inteligente para as considerares como tal.

— Ninguém traçará o meu caminho em vez de ser eu a fazê-lo.

O juiz rabugento voltou ao ataque.

— Com essas ideias, consideras ser digno de pertencer à nossa congregação?

— Compete a vós decidir. Haveis pedido para ser sincero, eu sou.

— És paciente?

— Não e não tenho tenções de me tornar.

— Consideras que o teu carácter é tão perfeito que nenhum dos seus traços deve ser modificado?

— Não ponho essa questão. É com o desejo que se atingem os fins, — não com o carácter. Ter inimigos é normal: ou eles me vencem porque eu sou um fraco, ou os esmagarei. De qualquer forma, haverá luta; é por isso que estou sempre pronto para me bater.

— Não ouviste dizer que o Lugar de Verdade é uma enseada de paz de onde as querelas são banidas?

— Visto que há homens e mulheres, é impossível. A paz não existe em lugar nenhum nesta terra.

— Tens a certeza de ter necessidade de nós?

— Sois os únicos a possuir conhecimentos que não posso obter por mim próprio.

— O que tens a dizer mais para nos convenceres? — perguntou Ramosé.

— Nada.

— Vamos então deliberar e tu esperarás o nosso veredicto. Não terá apelo.

O velho escriba fez sinal aos dois artesãos que tinham trazido Ardente para o reconduzirem à porta norte da aldeia.

— Demorará muito? — perguntou.

Ninguém Lhe respondeu.

Capítulo 22

Ramosé estava ainda em estado de choque. Presidira muitas vezes ao tribunal de admissão, mas era a primeira vez que deparava com um candidato como aquele. Era óbvio que Ardente tinha desagradado profundamente aos artesãos chamados como jurados, aos quais se juntara Quenhir o Rabugento, sucessor de Ramosé e escriba do Túmulo em actividade.

Pelo menos, a deliberação não demoraria muito tempo e não se assemelharia ao animado debate que se seguira à audição de Silencioso. Quenhir mostrara-se particularmente agressivo, considerando que o jovem, dotado de inúmeras qualidades, tinha múltiplas carreiras ao seu alcance e que o Lugar de Verdade seria um espaço demasiado restrito para ele. Não tinha sido essa a opinião da maioria dos artesãos, impressionados pela poderosa personalidade do postulante.

Fora necessária toda a autoridade de Ramosé para impedir dois artesãos de se juntarem à opinião de Quenhir e recusarem assim o pedido de admissão do filho espiritual de Neb o Realizado. Como era indispensável a unanimidade, o velho escriba travara um longo e difícil combate para conseguir modificar a visão negativa de Quenhir.

Para Clara, as deliberações tinham sido breves. Quando ela evocara o apelo da colina de Ocidente, o tribunal, composto por sacerdotisas de Hátor que habitavam na aldeia, sentira uma intensa emoção. E a presidente do júri, aquela a quem chamavam a Mulher Sábia, acolhera com alegria a esposa de Néfer o Silencioso.

Quem quer tomar a palavra? — perguntou Ramosé.

Um escultor levantou a mão.

— Este Ardente é vaidoso, agressivo e não tem qualquer sentido de diplomacia, mas estou convencido que ouviu realmente o apelo. É sobre esse ponto, e apenas sobre esse ponto, que nos devemos pronunciar.

Um pintor foi autorizado a exprimir-se.

— Não estou de acordo contigo. Não contesto que o postulante tenha ouvido um apelo, mas qual é a sua natureza? É a sua própria realização que ele deseja e não uma integração harmoniosa na nossa confraria. Apenas lhe daríamos uma técnica e ele não nos daria nada. Que esse rapaz siga o seu caminho próprio, que é muito afastado do nosso.

Quenhir o Rabugento interveio com veemência.

— Um fogo estranho anima esse rapaz e ele incomoda-vos porque vocês só gostam dos mornos! Ah, não é um artesão vulgar, submisso ao seu contramestre, incapaz de reflectir e de tal forma baço que ninguém o nota! Admiti-lo entre nós é arriscarmo-nos a fazer uma tempestade atravessar a aldeia e alterar muitos hábitos. Tornaram-se os artesãos do Lugar de Verdade medrosos a ponto de recusarem um talento extraordinário? Porque ele possui esse talento, como todos viram! Um desenho falhado, de acordo, devido à sua inexperiência, mas que soberbo retrato! Citem-me um único desenhador que, antes de ter recebido um ensino correcto, demonstrasse semelhantes capacidades.

— Apesar disso — objectou o escultor — podes ter a certeza que esse rapaz recusará obedecer e espezinhará a nossa regra.

— Se for esse o caso, será expulso da aldeia; mas tenho a certeza que saberá dobrar a espinha para atingir os seus fins.

— Ora falemos então desses fins! Não se tratará de um simples curioso que quer penetrar nos segredos da nossa confraria?

— Não seria o primeiro! Mas todos sabem que os curiosos não têm qualquer hipótese de permanecer muito tempo entre nós.

Ramosé estava estupefacto com a atitude do seu colega Quenhir, que refutava uma a uma as objecções formuladas contra Ardente. Em geral o escriba do Túmulo não tomava partido com tanto entusiasmo.

Os artesãos mais hostis a Ardente começavam a vacilar.

— Precisamos de seres equilibrados e serenos como Néfer — continuou Quenhir — mas também de corações inflamados como esse futuro pintor. Se ele compreender bem o sentido da obra que aqui se realiza, que esplêndidas figuras desenhará nas paredes das Moradas de Eternidade! Acreditem, temos de tentar a aventura.

O chefe de equipa Neb o Realizado interveio.

— A nossa confraria não tem como vocação tentar aventuras mas sim perpetuar as tradições da Morada do Ouro e preservar segredos do Lugar de Verdade. Esse rapaz não partilhará as nossas preocupações e comportar-se-á como um ladrão.

Ramosé sentiu que a oposição do chefe de equipa seria irreduzível; não tinha portanto o direito de continuar a calar-se.

— Tive o privilégio de conversar com Sua Majestade — revelou o velho escriba — e evocámos o caso deste rapaz. Se bem compreendi o pensamento de Ramsés o Grande; Ardente parece-lhe habitado por uma energia especial que não devemos negligenciar, no interesse superior da confraria.

— Tratar-se-á... da energia de Seth? — perguntou o chefe de equipa.

— Sua Majestade não me precisou isso.

— Mas é ela, não é verdade?

Os juízes estremeceram. Assassino de Osíris, incarnado numa criatura sobrenatural que uns comparavam a um canídeo e outros a um ocapia (1), o deus Seth era detentor da força do cosmos que a humanidade sentia umas vezes como benéfica, outras como destrutiva. Sem ela, era impossível lutar contra as trevas e fazer renascer a luz todas as manhãs. Mas era preciso ser um faraó da estatura do pai de Ramsés para se atrever a usar o nome de Sétí. Nenhum monarca antes dele suportara semelhante fardo simbólico que o levava a fazer erigir em Abidos o mais vasto e esplêndido dos santuários de Osíris.

Em geral, os seres atravessados pela energia de Seth eram dominados por excessos e pela violência que apenas uma sociedade solidamente construída sobre a base de Maet podia canalizar. Mas seria necessário excluir esse género de indivíduo de uma comunidade de artesãos destinada a criar beleza e harmonia?

*1 Ocapia — mamífero ruminante das florestas húmidas de África, com o porte de um grande antílope e cuja cabeça se assemelha à da girafa.

— Sua Majestade deu-vos uma ordem em relação a Ardente — perguntou o chefe de equipa a Ramosé.

— Não, mas faz apelo à nossa clarividência.

— Será preciso dizer mais? — reiterou Quenhir. — Saibamos interpretar a vontade do Faraó, que é o senhor supremo do Lugar de Verdade.

Os mais cépticos ficaram convencidos, mas Neb o Realizado não arredou pé.

— A minha nomeação como chefe de equipa foi aprovada pelo Faraó e portanto ele confia em mim para apreciar a qualidade daqueles que desejam entrar na confraria. É por isso que qualquer fraqueza da minha parte seria condenável. Porque exigir menos desse rapaz do que dos outros artesãos?

— És o único juiz a opor-se à admissão de Ardente — constatou Quenhir — e precisamos de unanimidade. Esse isolamento não deverá conduzir-te a reconsiderar a tua posição?

— A nossa confraria não deve correr qualquer risco.

— O risco faz parte da vida e recuar diante dele conduzir-nos-á à imobilidade e depois à morte.

Geralmente calmo, o chefe de equipa estava quase a perder a cabeça.

— Constato que esse rapaz consegue dividir-nos! Não é um resultado que deveria incitar-nos a desconfiar mais?

— Não exageres, Neb! As nossas discussões a propósito de certos candidatos já foram bastante animadas.

— É verdade, mas sempre acabámos por conseguir a unanimidade.

— Temos de sair desta situação — decidiu Ramosé. — Aceitas deixar-te convencer?

— Não — respondeu Neb o Realizado. — Receio que esse rapaz perturbe a harmonia da aldeia e contrarie o nosso trabalho.

— Não tens pulso suficiente para impedir semelhante desastre. — interrogou Quenhir.

— Não sobrestimo as minhas capacidades.

Ramosé compreendeu que os passes de armas não abalariam a determinação do chefe de equipa.

— Opor-se não é uma atitude construtiva, Neb. O que propões para sairmos deste impasse?

— Ponhamos Ardente mais à prova. Se ouviu o apelo e se possui a força necessária para criar o seu caminho, a porta abrir-se-á.

O chefe de equipa expôs o seu plano.

Todos concordaram, incluindo Quenhir que, resmungando, afirmou no entanto que estavam a tomar precauções inúteis.

Capítulo 23

— Ainda vai demorar muito — perguntou Ardente a um dos artesãos que se tinham sentado a seu lado.

— Não sei.

— Não vão ficar dias a deliberar!

— Já aconteceu.

— Quando demora muito, é bom ou mau sinal?

— Depende.

— Quantos candidatos aceitam por ano?

— Não há regra.

— Há um número limite?

— Não tens que saber isso.

— Quantos são vocês neste momento?

— Pergunta ao Faraó.

— Há grandes desenhadores entre vocês?

— Cada um faz o seu trabalho.

Ardente compreendeu que era inútil interrogar o artesão; quanto ao seu colega, estava mudo. No entanto, o desânimo não dominava o rapaz. Se os juízes que tinham enfrentado fossem os mais justos, compreenderiam a intensidade do seu desejo.

Alguém passou no canto oeste do recinto. Ardente reconheceu-o imediatamente, levantou-se e abraçou-o.

— Silencioso! Admitiram-te?

— Tive essa sorte.

— Tu, pelo menos, vais falar-me da aldeia!

— É impossível, Ardente. Jurei guardar silêncio e não há coisa mais importante do que a palavra dada.

— Então já não és meu amigo?

— Claro que sim, e estou convencido que vais conseguir.

— Podes falar-Lhes em meu favor?

— Infelizmente não. É o tribunal de admissão e só ele que decide.

— Já não és verdadeiramente meu amigo... No entanto, salvei-te a vida.

— Nunca o esquecerei.

— Já esqueceste, visto que pertences a outro mundo... E recusas ajudar-me.

— Não posso. Tens de enfrentar sozinho esta prova.

— Obrigado pelo conselho, Silencioso.

— A confraria deu-me um novo nome: Néfer. E devo informar-te também que casei.

— Ah!... É bonita?

— Clara é uma mulher sublime. O tribunal admitiu-a no Lugar de Verdade.

— Tens as oportunidades todas! As sete fadas de Hátor deviam estar todas presentes em volta do teu berço e não pouparam nos presentes. Que tarefa te atribuíram?

— Também disso não te posso falar.

— Ah, é verdade, já me esquecia... Para ti, eu já não existo.

— Ardente...

— Vai-te embora, Néfer o Silencioso. Prefiro ficar só com os meus guardas. Não são mais conversadores do que tu, mas eles não são meus amigos.

— Tem confiança.

Dado que ouviste o apelo, os juízes não te afastarão.

Néfer poisou a mão no ombro de Ardente.

— Tenho fé em ti, meu amigo. Sei que o fogo que te habita queimará todos os obstáculos.

Quando Néfer se afastou, Ardente sentiu vontade de o seguir e de penetrar com ele na aldeia; mas teria sido expulso para sempre.

Pouco antes do cair do dia, um dos juízes do tribunal fez a sua aparição. Todos os músculos de Ardente se incendiaram, como se fosse travar o seu último combate.

— Tomámos a nossa decisão — anunciou o juiz. — Admitimos-te na equipa do exterior, colocado sob a responsabilidade do oleiro Béquen, chefe dos auxiliares. Vai ter com ele para saberes a tarefa que terás de executar.

— A equipa do exterior... Mas o que significa isso?

O juiz partiu, seguido pelos dois artesãos.

— Esperem... Exijo mais explicações!

O guarda da porta interpôs-se.

— Calma! Conheces a decisão e deves aceitá-la. Caso contrário, desaparece e

não voltas nunca mais aqui. Não é assim tão mau ficar na equipa do exterior. Terás o teu lugar como oleiro, lenhador, lavadeiro, transportador de água, jardineiro, pescador, padeiro, carnicheiro, cervejeiro ou sapateiro. Essas pessoas trabalham para garantir o bem-estar dos artesãos do Lugar de Verdade e passam bem. Eu próprio e o outro guarda da porta somos homens do exterior.

— Não falaste nem em desenhadores nem em pintores.

— Esses conhecem os segredos... Mas para que serve isso? Não são mais felizes nem mais ricos e passam a maior parte da sua existência a trabalhar sem descanso. Tu safas-te melhor, podes acreditar em mim. Procura entender-te bem com Béquen o oleiro e terás uma bela vida.

— Onde vive ele?

— Na orla dos campos cultivados, numa pequena casa com um estábulo. Não tem razões para se queixar, mas é um grosseirão, convencido que cada um dos seus auxiliares cobiça o seu lugar. Aliás, talvez não se engane... Desconfia das suas patadas. Béquen é traiçoeiro: não chegou onde está por acaso... Se lhe desagradares, dará cabo de ti.

— Quando se pertence à equipa do exterior ainda se pode entrar na confraria?

— O exterior é o exterior. Não queiras ir mais longe e contenta-te com o que te é oferecido. Por agora, podes dormir numa das oficinas dos auxiliares. Daqui a algum tempo, viverás numa casa da zona cultivada, casarás com uma linda rapariga e far-lhe-ás crianças. Evita os lavadeiros... O seu trabalho é penoso. O melhor é pescador ou padeiro. Se fores esperto, venderás peixes ou pães sem os declarares ao escriba dos impostos.

— Vou ter imediatamente com Béquen.

— Não to aconselho.

— Porquê?

— Depois do dia de trabalho gosta de estar tranquilo. Ver aparecer em sua casa um desconhecido fá-lo-á ficar com um mau-hu humor terrível e tomar-te-á de ponta. Vai dormir e vê-lo-ás amanhã de manhã.

Ardente teve vontade de atacar o guarda e depois de destruir a cerca da aldeia interdita. Silencioso, aquela galinha choca, tornara-se Néfer e ele, cujo apelo era tão intenso, era recambiado para uma equipa do exterior onde estagnaria como um incapaz!

Humilhado, teria outra solução que não fosse destruir o que não obteria nunca?

O guarda sentara-se sobre a sua esteira com os olhos baixos. Ardente ouviu risos de criança, vozes de mulheres, pedaços de conversas. A vida recomeçava no interior

da aldeia, uma vida da qual ele nada podia ver.

Quem eram esses seres admitidos a conhecer os segredos do Lugar de Verdade, que qualidades tinham evidenciado para convencer o tribunal a admiti-los? Ardente não conhecia senão Néfer o Silencioso e não se parecia nada com ele.

Seria com as suas próprias armas que teria de se bater. Ninguém viria em seu auxílio e os conselhos eram apenas veneno. Mas não renunciaria.

Dirigiu-se para as oficinas abandonadas pelos auxiliares, sabendo que o guarda o observava pelo canto do olho. Fingiu penetrar num deles, mas contornou-o para ficar fora do campo de visão do observador e depois seguiu pela colina, tendo o cuidado de avançar tão silenciosamente como uma raposa da areia.

Já que a confraria o relegava para os auxiliares, iria mostrar-lhe do que era capaz.

Capítulo 24

O capitão de transportes Méhi não parava de esfregar entre os dedos papudos o fino colar de ouro que fazia dele uma das personagens em destaque na melhor sociedade tebana. Graças àquela condecoração, passaria a partir de agora a ser convidado para as mais faustosas recepções e receberia as confidências daqueles que verdadeiramente tinham peso. Pouco a pouco, Méhi teceria a sua teia para se tornar o senhor oculto da riquíssima cidade do deus.

Impunha-se uma primeira decisão: deixar no seu lugar o governador de Tebas, um pequeno tirano doméstico que se embrulhava numa luta de facções e não tinha qualquer visão a longo prazo. Enquanto ele se esgotasse num combate estéril e ocupasse a frente do palco, Méhi colocaria os seus amigos no lugar necessário para controlar pouco a pouco os diversos sectores da administração.

Belas perspectivas, na verdade, mas que não o satisfaziam. O mais importante era o segredo do Lugar de Verdade, esse segredo que lhe fora dado contemplar e que queria possuir. Quando a Pedra de Luz estivesse nas mãos de Méhi, tornar-se-ia mais poderoso do que o próprio Faraó e poderia pretender governar o Egito à sua maneira.

Há muito tempo que Méhi suspeitava que os artesãos do Lugar de Verdade dissimulavam um certo número de descobertas científicas reservadas ao exclusivo uso do monarca. Esses privilégios deviam desaparecer. O Egito possuiria novas armas, esmagaria os seus adversários e iniciaria finalmente uma política de expansão que Ramsés não soubera conduzir.

No seu lugar, Méhi não teria feito a paz com os hititas.

Teria que aproveitar o enfraquecimento deles para os esmagar e formar um exército moderno e poderoso, capaz de dominar o Próprio Oriente e a Ásia. Em vez dessa grandiosa política de conquista o Faraó adormecera pouco a pouco na paz e os seus oficiais superiores apenas sonhavam com a reforma, que passariam numa pequena propriedade no campo concedida pelo monarca. Dava vontade de chorar a constatação de semelhante desperdício!

— Desejais beber algo fresco? — perguntou o escanção de Méhi.

— Vinho branco dos oásis.

Um criado propôs ao capitão de transportes abaná-lo com um leque enquanto saboreava a cara bebida. Não era fácil conseguir melhor vinho, mas Méhi subornara

sem dificuldade um vinhateiro que entregava a sua produção no palácio e desviava uma pequena quantidade em seu benefício.

Não consistia a arte suprema em acumular pastas comprometedoras sobre todos e aproveitá-las no momento exacto, acrescentando algumas invenções plausíveis? Fora assim que Méhi conseguira afastar alguns jovens graduados mais qualificados do que ele, mas muito menos hábeis.

— A senhora Serquéta gostaria de vos ver — anunciou o porteiro da bela moradia que Méhi possuía no centro de Tebas.

Serquéta, a noiva um pouco estúpida com quem ia ser obrigado a casar devido à sua fortuna e à posição social do pai, tesoureiro-principal de Tebas... Mas não era ela que ele esperava.

No entanto, desceu até à sala de recepção do rés-do-chão da qual se orgulhava particularmente devido às altas janelas pintadas de amarelo e ao luxuoso mobiliário de madeira de ébano.

— Méhi, meu querido! Tinha medo que não estivesses em casa... Como me achas?

Gorda demais,, teve vontade de responder o capitão de transportes, mas evitou revelar os seus pensamentos, porque a senhora Serquéta estava obcecada pelo seu peso, que o consumo quotidiano de bolos não contribuía para fazer diminuir.

— Estás mais encantadora do que nunca, minha querida. Esse vestido verde fica-te maravilhosamente.

— Sabia que te iria agradar — disse ela, bamboleando-se.

— Há um pequeno problema: tenho de receber um notável de carácter um pouco difícil. Aceitas esperar e depois jantar comigo?

Ela esboçou um sorriso tolo mas cheio de promessas.

— Não esperava tanto, meu querido.

Ele atraiu-a a si com brutalidade, mas Serquéta não protestou. De opulento seio, cabeleira abundante alourada com tinta, olhos de um azul-deslavado, gostava de se requebrar e fazer de garotinha.

Na realidade, aborrecia-se. Graças ao pai, um viuvo que apreciava as raparigas cada vez mais jovens, podia satisfazer os seus caprichos e comprar tudo o que lhe agradava. Com o correr do tempo, a sua existência tornara-se tão fastidiosa que procurara qualquer prazer susceptível de acabar com a sua neurastenia. O vinho divertira-a algum tempo, sem quebrar a sua solidão. Serquéta sonhava ser ainda um bebé, animado pela mãe e a ama, protegido do mundo exterior.

Quando encontrara Méhi pela primeira vez, durante uma recepção, achara-o

gordo, vulgar e pretensioso, mas ele proporcionara-lhe uma sensação inédita: o medo. Havia nele uma bestialidade mal contida que a fascinava e da qual sentia necessidade.

Como a personagem mal disfarçava as suas ambições e parecia pronto a esmagar sob o rodado do carro quem se atravessasse no seu caminho, Serquéta decidira casar com ele. Talvez Méhi lhe desse sensações inéditas que a curassem do seu tédio.

— Quanto tempo tem que durar ainda o nosso noivado?

— Isso só depende de ti, querido. Desde que foste condecorado com o colar de ouro oferecido por Ramsés o Grande o meu pai considera-te como um dos futuros altos dignitários de Tebas.

— Não tenho intenção de o desiludir.

Serquéta mordiscou a orelha direita de Méhi.

— E tu, meu tesouro, também não me desiludirás a mim?

— Não receies.

Atrapalhado com a atitude do casal, o intendente assinalou a sua presença batendo à porta que ficara aberta.

— O que queres? — perguntou Méhi.

— O vosso visitante chegou.

— Pede-lhe que espere e fecha essa porta!

Serquéta devorava o oficial com os olhos.

— Então, esse casamento?

— O mais cedo possível, apenas o tempo de organizar uma grande recepção em que a nobreza tebana invejará a nossa felicidade.

— Queres que eu trate disso?

— Farás maravilhas, minha querida.

O oficial esmagou com as mãos os seios da futura esposa, que emitiu um gemido de prazer.

— O meu pai é bastante exigente com o nosso contrato de casamento.

— Que contrato? — espantou-se Méhi.

— O meu pai pensa que é preferível, tendo em consideração a sua fortuna. Está convencido que seremos muito felizes e teremos vários filhos, mas considera apesar disso necessário um contrato de separação de bens.

— Mas que importância tem isso, meu amor? Não misturemos o direito com os sentimentos...

— Acaricia-me mais.

Méhi recomeçou, mas com menos entusiasmo. Aquela notícia era um verdadeiro desastre, pois deitar a mão à fortuna do pai de Serquéta era uma das principais etapas da sua conquista do poder.

— Estás com um ar contrariado, meu leão terrível... Não é por causa desse pormenor jurídico, pois não?

— Não, claro que não... Virás viver aqui, não é verdade?

— Quando residirmos em Tebas, é evidente. Esta moradia é soberba e bem situada e o meu pai decidiu reembolsar imediatamente o que ainda estás a dever e tornar-te assim proprietário.

— É muito generoso... Como Lhe hei de mostrar o meu reconhecimento?

— Tornando a sua filha louca de amor!

Beijou-o em plena boca.

— Teremos também uma grande villa nos campos tebanos, outra no Egipto Médio e uma bela moradia em Mênfis... Essas propriedades ficarão em meu nome, mas trata-se apenas de outro pormenor.

Méhi de boa vontade a teria violado como um soldado qualquer, ela desejava demasiado que isso acontecesse e ele tinha que receber o visitante. Começava já a recuperar do golpe baixo que acabava de receber. O oficial tinha compreendido há muito tempo que a hipocrisia e a mentira eram armas temíveis graças às quais era possível voltar a seu favor situações aparentemente comprometedoras. Fingiria aceitar e ser vencido para melhor preparar um contra-ataque decisivo. O pai de Serquéta fazia mal em acreditar que podia pôr o freio num homem da sua têmpera.

— Perdoa-me, delícia dos meus sentidos, mas essa entrevista é extremamente importante.

— Compreendo... Vou tratar dos nossos preparativos de casamento. Até logo à noite, para o jantar.

Capítulo 25

Méhi sentia-se orgulhoso da sua vasta casa. Para a adquirir, conseguira convencer um velho nobre tebano, afectado pela viuvez, a ceder-lha por baixo preço. Como a administração militar lhe concedera um empréstimo em condições muito vantajosas, o oficial ganhara em todos os campos. E graças à fingida generosidade do seu futuro sogro, tornava-se proprietário mais cedo do que previra! Na realidade, o pai de Serquéta queria apresentar à alta sociedade um genro aparentemente rico, ao abrigo de qualquer problema financeiro, sem revelar que era ele, o notável, e apenas ele, que controlava a situação. Méhi far-lhe-ia pagar cara aquela humilhação.

Os dois andares da moradia tinham sido construídos sobre uma plataforma sobrelevada para evitar a humidade. No rés-do-chão ficavam os compartimentos reservados aos criados colocados sob a responsabilidade de um intendente; Méhi só comia pão fabricado pelo seu próprio padeiro e fazia questão da absoluta limpeza da sua indumentária, cuidadosamente lavada e limpa pelo seu lavadeiro. Nos degraus da escada que conduzia aos andares, jarras com ramos armados que eram substituídos logo que as flores ameaçavam murchar.

No primeiro andar, os compartimentos de recepção; no segundo, o gabinete do dono da casa, os quartos, os quartos de banho e as retretes. O oficial mandara instalar um sistema de canalização para a evacuação das águas usadas e gozava de um conforto que não estava longe de igualar o do palácio do Faraó.

Méhi detestava os jardins e a terra; havia camponeses suficientes para se ocuparem disso. Homens da sua qualidade mereciam melhor e só o centro de uma grande cidade como Tebas podia abrigar uma residência digna desse nome.

Quando entrou na sua sala de recepção de tecto elevado, Méhi regulou a frescura do lugar que, graças a um hábil sistema de ventilação, persistia mesmo durante o Verão. O que havia de mais detestável do que o calor?

O homem que tanto esperara encontrar estava sentado numa cadeira de braços coberta com um tecido multicolor. De um jarro azul tirara água perfumada para lavar as mãos e os pés.

— Sê bem-vindo, Daktair. Como achas a minha casa?

— Admirável, capitão Méhi! Não conheço outra mais bela.

Daktair era pequeno, gordo e barbudo. Os olhos negros animavam o rosto manhoso que espessos pêlos ruivos devoravam. As pernas demasiado curtas davam-

lhe um ar desajeitado, mas sabia também ser tão vivo como uma serpente quando era preciso atacar um adversário.

Filho de um matemático grego e de uma química persa, Daktair tinha nascido em Mênfis onde, muito jovem, se tornara notado devido ao seu acentuado gosto pela investigação científica. Desprovido de qualquer sentido moral, o estudante rapidamente compreendera que pilhar as ideias dos outros lhe permitia progredir a passos de gigante com um mínimo de esforços. Mas não passava de uma estratégia posta ao serviço do seu grande objectivo: fazer do Egipto a terra de eleição de uma ciência pura, desembaraçada de qualquer superstição, uma ciência que permitiria ao homem dominar a natureza.

Graças aos seus dons de técnico e inventor, Daktair tornara-se indispensável ao governador de Mênfis antes de se transformar no protegido do de Tebas, onde tentava decifrar os arcanos da antiga sabedoria. Os seus cálculos de previsões sobre as cheias do Nilo tinham-se revelado notáveis e melhorara o método de observação dos planetas. No entanto, tratavam-se apenas de bagatelas; amanhã imporia uma nova visão do mundo que faria sair o Egipto da sua letargia e das suas tradições ultrapassadas para entrar no caminho do progresso. Do que não seria capaz um país tão rico e poderoso quando tivesse renunciado às suas velhas crenças?

— As minhas felicitações pelo vosso colar de ouro, capitão — É uma recompensa merecida que faz de vós um homem importante cujas opiniões serão cada vez mais escutadas.

— Não tanto como as tuas, Daktair. Ouvi dizer que o governador de Tebas já não podia passar sem os teus conselhos.

— É dizer demais, mas trata-se de um homem prudente que, como eu, se preocupa mais com o futuro do que com o passado.

— Também ouvi dizer que as tuas ideias chocam altas personalidades.

Daktair acariciou a espessa barba.

— É difícil negar, capitão. O sumo-sacerdote de Carnaque e os especialistas colocados sob as suas ordens não apreciam nada as minhas investigações, mas não os receio.

— Pareces muito seguro de ti!

— Os meus adversários serão em breve arrastados por um rio mais poderoso do que o Nilo: a curiosidade natural do ser humano. Todos temos necessidade de saber e é principalmente essa necessidade que eu contribuo para satisfazer. Num país demasiado tradicional como este, o caminho ameaça ser longo. No entanto, seria possível ganhar tempo, muito tempo...

— De que maneira?

— Tomando posse dos segredos do Lugar de Verdade.

Méhi bebeu um pouco de vinho branco para disfarçar a sua emoção. Iria deitar a mão a um aliado de envergadura?

— Não te estou a seguir bem... Não se trata de uma simples corporação de construtores?

Daktair humedeceu a testa com um pano perfumado.

— Foi o que julguei durante muito tempo... Mas estava enganado. Não só reúne artesãos de competências excepcionais, como ainda detém segredos de uma importância vital.

— Segredos... De que género?

— Se não receasse ser grandiloquente, diria que dizem respeito à vida eterna. A confraria do Lugar de Verdade não está encarregada de preparar a morada de ressurreição do faraó? Na minha opinião, alguns dos seus membros conhecem o processo alquímico que permite transformar a cevada em ouro (1), sem falar de outros segredos.

— Tentaste descobrir esses mistérios?

— Mais do que uma vez, capitão, mas sem qualquer sucesso.

O lugar de Verdade só depende do Faraó e do vizir. A cada um dos meus pedidos de visita, a administração respondeu pela negativa.

Apesar de contar com numerosos amigos na alta administração, essa aldeia permanece inacessível.

— A tua posição não é... imprudente?

— Já fiz várias vezes este mesmo discurso e riram-me na cara.

— Foi o que me contaram, com efeito, mas queria ouvi-lo da tua boca. Porque eu, pela minha parte, levo-te a sério.

Daktair ficou espantado.

— Sinto-me lisonjeado, capitão, mas porque razão vos convenci?

— Porque o Lugar de Verdade é igualmente uma das minhas principais preocupações. Tal como tu, tentei saber o que ocultam os altos muros dessa aldeia mas não o consegui. Um segredo tão bem guardado deve ser de primordial importância.

— Excelente dedução, capitão!

Méhi fitou o seu convidado.

— Não se trata de uma dedução.

— O que... o que devo compreender?

— Eu vi o segredo do Lugar de Verdade.

O sábio levantou-se com as mãos a tremer.

— Qual é?

— Não sejas tão impaciente. Ofereço-te a certeza de que ele existe e o teu auxílio é-me indispensável para que consigamos apoderar-nos dele e explorá-lo. Estás preparado para fazer um acordo?

*1 Transformar a cevada em ouro é a mais antiga expressão da obra alquímica, que se tornará transformar o chumbo em ouro.

Capítulo 26

Os pequenos olhos negros de Daktair tornaram-se penetrantes, como se fossem capazes de decifrar as intenções ocultas do capitão Méhi.

— Um acordo, dizeis... Mas que género de acordo?

— És um cientista brilhante, mas as tuas investigações esbarraram em muros impossíveis de franquear, os do Lugar de Verdade. Por razões pessoais, decidi tudo fazer a fim de destruir essa instituição arcaica, mas não antes de lhe ter arrancado os seus tesouros e os seus conhecimentos secretos. Unamos os nossos esforços para o conseguir.

O sábio pareceu perplexo.

— Tens a inteligência e a competência — prosseguiu Méhi — mas faltam-te os meios materiais. Em breve disparei de uma das maiores fortunas de Tebas e tenciono utilizá-la para ampliar a minha influência.

— Visais um elevado posto no exército, suponho?

— É evidente, mas essa é apenas uma etapa. O Egipto está velho e doente, Daktair. Há demasiado tempo que é governado por Ramsés o Grande, que não passa de um déspota senil, incapaz de compreender o futuro e de tomar as decisões certas. Esse reinado demasiado longo condena o país a um perigoso imobilismo.

O convidado do capitão Méhi estava lívido.

— Vós... vós não pensais naquilo que estais a dizer!

— Sou lúcido, o que é uma qualidade indispensável quando se visam altas funções.

— Ramsés por si só é um monumento! Nunca ouvi a mínima crítica a seu respeito... Não foi graças a ele que se abriu uma era de paz?

— Não passa de prelúdio a novos conflitos para os quais o Egipto está muito mal preparado. Ramsés o Grande não tardará a desaparecer e ninguém o substituirá. Com ele extinguir-se-á uma forma de civilização ultrapassada. Eu compreendi isso. E tu também, Daktair. Encarrega-te de fazer progredir as ideias; eu encarregar-me-ei das instituições. Eis a base do nosso acordo. Para que se torne realidade, devemos tornar-nos senhores dos elementos principais que formam a força do Egipto. Na primeira linha destes encontra-se o Lugar de Verdade.

— Esqueceis o exército, a polícia, a guarda...

— Repito-te que me encarrego disso. A fortuna do Faraó não depende das suas tropas de elite, que conseguirei controlar, mas da misteriosa ciência dos seus artesãos que sabem simultaneamente criar uma Morada de Eternidade e fornecer-lhe ouro em profusão.

Daktair estava fascinado.

— Sabeis muito sobre o Lugar de Verdade...

— O que vi provou-me que nem tu nem eu nos enganávamos sobre a vastidão da sua ciência.

— Fazeis questão de não me dizer mais nada, não é verdade?

— Aceitas tornar-te meu aliado?

— É perigoso, capitão, muito perigoso...

— Exacto. Devemos avançar com tanta prudência como determinação. Se te falta a coragem, renuncia.

Se Daktair não se compromettesse, Méhi suprimi-lo-ia. Não podia deixar viver um homem a quem tinha revelado uma parte dos seus planos.

O sábio hesitava. Méhi dava-lhe a oportunidade de realizar os seus sonhos mais loucos, mas enveredando por um caminho perigoso. Visando a supremacia da ciência, Daktair esquecera que o Estado faraónico e as suas forças armadas não se desinteressariam de uma tal alteração. Por trás do seu sorriso e das suas boas maneiras, Méhi tinha uma alma de assassino. No fundo, não lhe deixava opção: ou colaborava sem pensamentos reservados ou desapareceria de forma brutal.

— Aceito, capitão. Unamos as nossas forças e vontades.

O rosto lunar do oficial alegrou-se.

— É um grande momento, Daktair! Graças a nós, o Egipto conhecerá um futuro. Selemos o nosso pacto bebendo um belíssimo vinho que data do ano cinco de Ramsés.

— Lamento mas só bebo água.

— Mesmo nesta ocasião excepcional?

— Prefiro manter a mente clara em todas as circunstâncias.

— Aprecio os homens de carácter. A partir de amanhã iniciarei uma série de visitas oficiais para propor um plano de melhoria do funcionamento das forças armadas tebanas. Não terei qualquer dificuldade em impô-lo e valer-me-á uma promoção. Depois do meu casamento, obterei a consideração de numerosos notáveis e insinuar-me-ei pouco a pouco nas instâncias dirigentes a ponto de me tornar indispensável.

— Pelo meu lado — precisou Daktair — tenho esperanças de ser nomeado adjunto do chefe do laboratório central de Tebas.

— Uma palavra do meu futuro sogro e sê-lo-ás. Será necessário deixar passar algum tempo para que tomes o controlo absoluto.

— Será uma etapa importante que me permitirá iniciar investigações até agora desaconselháveis e utilizar novos recursos técnicos.

Méhi sonhou imediatamente com a fabricação de novas armas que tornariam invencíveis as tropas colocadas sob as suas ordens.

— Precisamos fazer o ponto sobre o Lugar de Verdade — exigiu o oficial — para distinguirmos a efabulação da certeza. É sabido que é um escriba experiente, nomeado pelo faraó, que se encarrega da administração da aldeia. Durante longos anos, Ramosé desempenhou essa função, em relação à qual ninguém conseguiu arrancar-lhe a mínima palavra. Apenas sei o nome do seu sucessor, visto que assina os documentos oficiais: Quenhir. Precisamos de um máximo de informações sobre essa personagem. Se for manipulável, poderíamos atacar logo por cima.

— Na condição de ser o verdadeiro chefe da confraria — objectou o sábio.

— Há obrigatoriamente um mestre, ou mesmo vários, e uma equipa completa... É essencial conhecer o nome e o papel exacto dos dirigentes.

— Os artesãos com certeza que não falarão, mas o mesmo não se passará com os auxiliares.

— Se me não engano, esses não entram na aldeia.

— É verdade, capitão, mas assistem a certos acontecimentos.

— O fornecimento de água, de alimentos. de vestuário, eu sei... mas que utilidade tem isso?

Daktair esboçou um sorriso satisfeito.

— O exame pormenorizado desses diferentes produtos ajudar-nos-á a conhecer o nível de vida da confraria e o número aproximado dos seus membros.

— Interessante — reconheceu Méhi. — Já tens informadores.

— Um único, um lavadeiro a quem ofereci um pó Iniraculoso graças ao qual ele limpa mais rapidamente a roupa suja. É apenas o princípio... Se lhes pusermos um preço, obteremos outros apoios. O lavadeiro falou-me de um episódio excepcional na vida da confraria.

Daktair deixou Méhi salivar alguns instantes.

— Há muito tempo que não era admitido um novo artesão — continuou. — Ora um homem jovem, Néfer o Silencioso, foi considerado digno de confiança pelo

tribunal do Lugar de Verdade. O seu percurso é bastante surpreendente porque abandonou a aldeia onde tinha sido criado para viajar durante vários anos antes de aí regressar.

— Curioso, com efeito... Teria alguma coisa a censurar-se?

— Compete-nos descobrir. Além disso, era acompanhado por uma rapariga vinda do exterior, provavelmente a filha de um tebano bem colocado na vida.

— São casados?

— Outro ponto a verificar.

Méhi imaginava já diversas estratégias para colocar em dificuldades o Lugar de Verdade e forçar os seus dirigentes a sair do seu espaço protegido. Uma vez rachados, os muros da aldeia não tardariam a desmoronar-se.

— Não pensava, meu caro Daktair, que o nosso primeiro encontro desse tantos frutos.

— Eu também não, capitão.

— A nossa tarefa anuncia-se difícil e a paciência não é a minha principal virtude. Mas terei no entanto que praticá-la. Agora, trabalho.

Capítulo 27

Béquen o oleiro estava contente consigo próprio. Como chefe dos auxiliares do Lugar de Verdade, fazia habilidosamente batota com as horas de trabalho efectivas e aproveitava a sua posição para conseguir certas vantagens susceptíveis de adoçar a existência. Fora por isso que trouxera para a sua cama a filha de um sapateiro mais preocupado com a salvaguarda do seu emprego do que com a virtude da sua progenitura. Não era bela nem inteligente, mas tinha vinte e cinco anos menos do que ele.

— Anda para ao pé de mim, meu passarinho... Não te vou devorar.

A rapariga permanecia agachada perto da porta.

— Sou um homem bom e generoso. Se te mostrares gentil, oferecer-te-ei uma excelente refeição e o teu pai continuará a exercer a sua profissão sem qualquer problema.

Com o coração na boca, a rapariga deu um passo.

— Mais um pequeno esforço, pardalito caprichoso, e não o lamentarás. Começa por tirar a túnica...

Com extrema lentidão, a filha do sapateiro obedeceu.

No momento em que Béquen estendia os braços para se apoderar da sua presa, a porta da casa abriu-se de rompante, bateu-lhe violentamente no ombro e fê-lo cair.

Assustada, a rapariga viu aparecer um jovem colosso semelhante a um touro furioso e tentou desajeitadamente dissimular as suas formas com a túnica.

— Sai daqui — ordenou-lhe ele.

Ela fugiu aos guinchos, enquanto o colosso levantava a vítima puxando-a pelos cabelos.

— És tu Bequen o oleiro, chefe do Lugar de Verdade?

— Sim, sim, mas... o que me queres?

— O meu nome é Ardente e tinha que te ver o mais rapidamente possível para me confiases um trabalho.

— Larga-me, estás a magoar-me!

O rapaz atirou o oleiro para cima da cama.

— Vamos entender-nos hem, Béquen, mas previno-te: o meu forte não é a paciência.

Furioso, o chefe dos auxiliares ergueu-se.

— Sabes a quem te estás a dirigir? Sem mim não conseguirás nada!

Ardente encostou Béquen à parede.

— Se me arranjares aborrecimentos, vou-me encolerizar... E quando a cólera me domina, sou incapaz de me controlar.

Béquen não tomou de ânimo leve o furor que animava o olhar do colosso.

— Está bem, está bem, acalma-te!

— Aborrece-me que um fulano do teu género me dê ordens.

O Oleiro recuperou um pouco do seu orgulho.

— No entanto, será necessário que me obedças. Sou o chefe dos auxiliares e gosto que o trabalho seja bem feito.

— Então serei o teu braço direito e não ficarás desiludido! Como o teu trabalho é esmagador, tens necessidade de um adjunto eficaz.

— Não é assim tão fácil...

— Não me venhas com histórias. Como chegámos a acordo, instalo-me aqui. O lugar agrada-me e tenho sono.

— Mas... é a minha casa!

— Detesto repetir-me, Béquen. Não te esqueças de me trazer bolos quentes, queijo e leite fresco um pouco antes da madrugada. O nosso dia anuncia-se difícil.

Ardente não necessitara mais do que três horas de sono e despertara quando tinha decidido, muito tempo antes do nascer do Sol. Alimentara-se com pão seco e tâmaras e depois saíra da casa de Bequen para se esconder no estábulo onde uma gorda vaca o observara com os seus serenos olhos. Todos sabiam que o doce quadrúpede era uma das encarnações de Hátor, deusa do amor, e o seu olhar possuía uma beleza sem igual.

O que Ardente previra aconteceu: o oleiro aproximava-se, acompanhado por dois latagões, cada um com um cacete. Béquen não tinha intenção de ceder e considerava que um correctivo sério dissuadiria o arruaceiro de o importunar de novo.

Ardente viu o trio penetrar na casa e saiu do estábulo para ouvir as mocadas dadas sobre a cama onde deveria estar estendido. Gritou por sua vez no momento em que os cúmplices de Béquen terminavam a sua tarefa. — É a mim que procuram?

Assustado, o oleiro colocou-se atrás dos seus acólitos. O primeiro precipitou-se sobre Ardente que agarrou num tamborete e o pôs fora de acção. O segundo conseguiu atingir o jovem colosso no ombro esquerdo, mas recebeu um soco tão

violento que o nariz lhe estalou e caiu desmaiado, de braços abertos.

— Só faltas tu, Béquen.

O oleiro revirava os olhos.

— Desiludes-me muito. Não só és cobarde como também estúpido. Se repetires a graça, quebro-te os braços... E adeus olaria. Agora estamos entendidos?

Béquen abanou a cabeça a um ritmo acelerado.

— Livra-me desses dois enfezados e traz-me de comer. Tenho fome.

Foi com um ostensivo orgulho que Ardente passou pelos cinco fortins em companhia de Béquen o oleiro que o apresentou aos guardas como seu assistente. Quenhir, o escriba do Túmulo, informara-os da contratação do rapaz, mas ninguém esperava uma promoção tão rápida.

Há muito tempo que o oleiro não aparecia tão cedo no local reservado aos auxiliares. Até mesmo Obed o ferreiro, que no entanto era sempre madrugador, estava ainda a dormir.

— Todos em pé! — ordenou Ardente com voz tonitroante que despertou os poucos auxiliares autorizados a dormir perto da aldeia.

Levantaram-se, espantados e inquietos. De que catástrofe acabava de ser vítima o Lugar de Verdade?

— Béquen constatou que vocês eram todos uns preguiçosos — declarou Ardente — e não suporta mais isso. Cada um fecha-se no seu pequeno trabalhinho e não se preocupa com os outros.

Isso tem de mudar. A partir de hoje, vamos participar na descarga das mercadorias, demasiado lenta e caótica. Depois, passarei para ver cada um de vocês a fim de fazer o ponto das respectivas tarefas em curso e assegurar-me que não há atrasos.

Ainda ensonado, o ferreiro protestou.

— O que estás para aí a dizer?... Isso não são ordens de Bequen!

— Foram as que ele me deu e executá-las-ei zelosamente.

O oleiro arqueou o peito. Afinal, a intenção de Ardente restaurava a sua autoridade, por vezes enfraquecida.

— Constatei que havia relaxamento — afirmou. — Foi por isso que tomei novas disposições e contratei um assistente a fim de que sejam aplicadas com rigor.

Ardente apontou com o indicador um rapagão de pernas musculosas.

— Tu, vais correr até à planície e reunir os que já deveriam estar aqui. Não somos funcionários pagos para dormir no nosso gabinete mas auxiliares do Lugar de

Verdade. Se a rotina nos invadir, não tardarão a despedir-nos.

O argumento fez efeito e ninguém protestou.

— Béquen é o primeiro a dar o exemplo — fez notar Ardente. — Vai fabricar mais vasos num dia do que nos dois últimos meses.

— Sim, sim... Comprometo-me a fazê-lo.

— Se tomarmos consciência da importância do nosso trabalho, ele será mais bem feito. Começo por examinar o teu, ferreiro.

— Achas que és capaz? Vais ensinar-me.

Capítulo 28

O casamento de Méhi e Serquéta tinha sido sumptuoso.

Quinhentos convidados, a fina flor da nobreza tebana, todos os altos dignitários... Apenas faltara Ramsés o Grande, mas o velho monarca não saía do palácio de Carnaque onde trabalhava com o seu fiel Améni, que reduzia ao mínimo as audiências.

Embriagada, Serquéta estava desfalecida sobre almofadas. A imensa villa do seu pai tinha-se esvaziado de convidados e Mosé, o Tesoureiro principal de Tebas, bebia um caldo de legumes para dissipar a enxaqueca enquanto Méhi, estranhamente calmo, contemplava o lago dos lótus.

Quinquagenário anafado mas esperto, Mosé parecia perpetuamente preocupado. Uma calvície precoce fazia-o assemelhar-se aos sacerdotes puros dos templos com os quais não tinha no entanto qualquer afinidade. Desde a infância que Mosé jogava com os números e se interessava por gestão; deixando para outros o serviço dos deuses, enriquecera sem cessar e a sua viuvez ainda aumentara mais a sede de posse.

Reconhecera essa mesma sede em Méhi e era essa a razão pela qual se deixara convencer pela filha a escolhê-lo como genro.

— Estás feliz. Méhi?

Foi uma recepção inesquecível. Serquéta é uma dona de casa maravilhosa.

— Eis-te admitido na melhor sociedade.. Se falássemos do futuro?

— O exército, sem dúvida... Mas está adormecido.

— É normal — considerou Mosé. — Graças a Ramsés o Grande estabeleceu-se uma paz duradoira e os oficiais superiores preocupam-se mais em fazer carreira na administração do que em combater inimigos inexistentes. Tens uma ambição precisa?

— Desejo reorganizar as tropas de elite de maneira a que a segurança da cidade esteja perfeitamente assegurada.

— É uma tarefa louvável, mas precisas de ver mais longe. O que pensarias de um posto de Tesoureiro principal adjunto da província de Tebas? Serias assistido por uma grande quantidade de escribas que resolveriam os problemas aborrecidos e dar-te-ia conselhos para tirares o máximo de proveito pessoal da tua gestão, dentro de toda a legalidade.

— Sois muito generoso, mas não sei se as minhas competências...

— Nada de falsas modéstias. És um homem de números, como eu, e desembaraçar-te-ás perfeitamente.

— Não gostaria de abandonar o exército.

— Quem to pede? Obterás rapidamente os galões e jogarás nos dois campos, civil e militar, como tantos outros oficiais superiores. Ramsés está muito velho, preparou a sua sucessão, mas quem pode saber como se comportará Mérenptah, o filho que ele gostaria de ver reinar?

— Haveis-vos aproximado dele?

— Não o suficiente. É um homem recto, quase inflexível, de carácter tão pouco cómodo como o do pai e hostil a qualquer inovação. Preparemo-nos para um reinado conservador, sem grandes rasgos, durante o qual a nossa querida Tebas manterá um lugar proeminente. Mas a longevidade de Ramsés o Grande ainda nos pode surpreender... Se Mérenptah morresse antes dele, quem associaria ao trono? Teríeis um candidato?

— Com certeza que não! Ocupo-me de finanças, não dos perigosos jogos do poder dos quais o meu genro não deve ser vítima. Ocuparás portanto uma posição estratégica a fim de fazeres face a qualquer eventualidade: ou terão necessidade de ti como soldado ou como administrador.

Em caso de perturbações, nem a minha filha nem o marido se arriscarão a nada.

— Encontrei um homem estranho, um sábio estrangeiro chamado Daktair.

— O governador de Tebas entusiasmou-se com ele. É uma espécie de inventor cujo cérebro se agita constantemente.

— Pareceu-me simpático e gostaria de lhe ser útil.

Poderíamos levá-lo a tornar-se um dos responsáveis pelo laboratório central de Tebas.

— Não há qualquer dificuldade e é mesmo uma excelente ideia.

Esse estrangeiro abanará alguns investigadores adormecidos e ficar-nos-á grato pela sua promoção. Talvez algum dia nos venha a ser útil. Aprende a rodear-te de quem te esteja agradecido, Méhi, acumula dados sobre eles. Detestar-te-ão mas serão obrigados a obedecer-te quando fizeres estalar os dedos.

— Há um pormenor que me contraria, querido sogro.

— Qual?

— Porque não tendes confiança em mim?

— A tua pergunta surpreende-me, depois de tantas perspectivas de futuro!

— Se confiásseis verdadeiramente em mim, porque razão ter exigido um contrato de separação de bens?

Mosé esvaziou a sua taça de caldo.

— Ignoras o que é a fortuna, Méhi, e não sei como te comportarás com a minha filha. Talvez sejas infiel, talvez sintas desejo de te divorciar... Ao mínimo erro, perderás tudo. É assim que pretendo proteger Serquéta e ninguém me fará mudar de opinião. Resolvido esse problema, ajudar-te-ei a tornares-te um homem importante, porque o meu genro não pode ser um medíocre. Gozarás de todos os prazeres da existência, os nobres invejar-te-ão... O que mais podes desejar? Aproveita a tua sorte, Méhi, e não exijas mais.

— São sábios conselhos, meu querido sogro.

Um casal de íbis estendia as suas amplas asas no céu alaranjado do poente. No Nilo, embarcações de diversos tamanhos vogavam graças ao vento do norte e brincavam com as correntes.

Na parte de trás de uma barca de seis remadores, equipada com uma vela branca nova, o capitão Méhi e Daktair tomavam o fresco.

— O governador de Tebas nomeou-me adjunto do director do laboratório central — revelou Daktair. — Suponho que a vossa intervenção seja a causa desta promoção.

— O meu sogro aprecia-te e não faz a mínima ideia da tua verdadeira personalidade. Como acolheu o director a notícia?

— Bastante mal. É um homem experiente, educado em Carnaque por cientistas da velha escola e que se contenta com conhecimentos adquiridos. Pediu-me encarecidamente que me restringisse às experiências autorizadas e não tomasse qualquer iniciativa. Estou vigiado e não terei as mãos livres.

— Paciência, Daktair. O teu superior não é eterno.

— Parece-me de perfeita saúde!

— Não existirão inúmeros meios de afastar um obstáculo?

— Não me atrevo a compreender, capitão...

— Não te faças inocente, Daktair. De momento, não faças ondas; contenta-te em obedecer às ordens. Porque razão desejavas ver-me com urgência?

— Graças aos meus contactos no palácio, fiquei a saber que Ramsés o Grande concedera uma longa audiência a Ramosé, o ex-escriba do Túmulo que não saía da aldeia há vários anos.

Ramosé não é um homem desconfiado; confiou a um cortesão, uma relação de velha data, que o rei tem grandes projectos para o Lugar de Verdade.

— Não é uma revelação! Na altura da sua última aparição oficial em Tebas, Ramsés censurou vigorosamente o administrador da margem oeste que solicitava o encerramento da aldeia e a dispersão dos artesãos.

— Não tenho vontade de me bater contra Ramsés... A luta seria demasiado desigual!

— Não passa de um velho.

— Compete-me a mim recordar-vos que ele é o Faraó e o governador do Lugar de Verdade? Não temos envergadura, Méhi; desistamos antes que seja demasiado tarde.

— Esqueces os segredos vitais que tanto desejas conhecer?

— Claro que não, mas estão fora de alcance.

— Enganas-te, Daktair, e vou provar-to. Lembra-te que enveredaste por um caminho de onde já não podes sair. O que mais?

— O escriba Ramosé alegra-se com a admissão na confraria de Néfer o Silencioso porque está convencido que lhe manterá o prestígio.

— Por outras palavras, considera-o como um dos seus futuros dirigentes.

— Não passa da opinião de Ramosé — objectou o sábio. — Mas tem o título de escriba de Maet e goza da estima geral. Outro pormenor plausível: Néfer casou com Clara, admitida na confraria ao mesmo tempo que ele.

Pensativo, Méhi olhava o Nilo.

— Para enfraquecer o Lugar de Verdade — considerou —, é necessário primeiro desconsiderá-lo. Quando a sua reputação tiver sido definitivamente afectada, nem mesmo o rei poderá continuar a defendê-lo. E nós temos uma boa hipótese de vencer.

Capítulo 29

— Vais ceder, Ardente, tens de ceder!

— Continua a falar, Obed.

O ferreiro e o novo adjunto do oleiro travavam um desafio de braço de ferro na forja, protegidos do olhar dos outros auxiliares.

— Sou o homem mais forte do Lugar de Verdade e continuarei a ser — afirmou Obed.

— Estás a desperdiçar a energia.

O braço de Ardente era tão duro como um bloco de pedra e Obed não conseguia movê-lo. Lentamente, muito lentamente, o do ferreiro começou a inclinar-se. Fazendo apelo às suas últimas reservas, conseguiu travar por instantes a inexorável descida.

Mas a pressão foi demasiado intensa e, com um grito de fera ferida, cedeu.

Com as costas da mão esquerda, Obed enxugou a testa encharcada de suor. Nem uma gota perlava a do jovem colosso.

— Até agora, nunca ninguém me tinha vencido. Que energia corre nas tuas veias?

— Tiveste falta de concentração — considerou Ardente. — Produzo a força de que preciso à medida das necessidades.

— Às vezes fazes-me medo!

— Enquanto fores meu amigo, nada terás a recear.

Ardente passava boa parte do dia na forja onde Obed lhe ensinara a fabricar e reparar utensílios de metal. O técnico não contava as horas, ao contrário da maior parte dos auxiliares que o rapaz espicaçava constantemente.

— Amigos não tens muitos — fez notar Obed. — Em geral, o chefe dos auxiliares tem cuidado em não ferir a susceptibilidade de uns e de outros e esforça-se por reduzir ao máximo a cadência. Béquen o oleiro fazia-o lindamente...

Desde a tua nomeação, este local assemelha-se a uma colmeia!

Mas parece que o escriba do Túmulo, esse resmungão do Quenhir, está bastante satisfeito.

— Então apoiar-me-á.

— Com certeza que não! É um fulano horrível, mal-disposto e autoritário. Evita-o ao máximo.

— Por que foi nomeado para esse posto?

— Eu cá não sei... Foi a vontade do Faraó. Mas todos preferiam Ramosé, tão humano e tão generoso! Fez-nos beneficiar da generosidade sem nada pedir em troca e a alegria reinava por toda a parte na época em que ele desempenhava a função de escriba do Túmulo. A atmosfera modificou-se muito com Quenhir.

— Porque não solicitas a tua admissão à confraria?

— Sou velho demais e gosto da minha profissão. Um ferreiro só pode fazer parte dos auxiliares.

— Não é uma injustiça?

— São as leis do Lugar de Verdade e considero-me satisfeito com a minha sorte. Se fosses razoável, imitar-me-ias.

Ardente saiu da forja para verificar se as instruções de Béquen o oleiro eram respeitadas. Assim eram as coisas desde há algumas semanas e o rapaz tinha prazer naquela tarefa ingrata que o obrigava a velar pela qualidade da água, do peixe, da carne, dos legumes, da madeira para aquecimento, da roupa lavada pelos lavadeiros ou da loiça de barro.

Seguindo a tradição, as diferentes actividades dos auxiliares eram mais ou menos intensas em função das fases da lua e, os do exterior, também chamados «os que apoiam», tinham compreendido que o rapaz não manifestava qualquer indulgência em relação aos inúteis e aos batoteiros. As mulheres encarregadas de colher os frutos perdiam menos tempo em conversas e os condutores paravam menos frequentemente a caminho da aldeia para beber e falar. Ardente exigia mais dos pescadores e dos jardineiros, propensos a se satisfazerem com o mínimo, e ele próprio provava os pães do padeiro.

Tinha recusado produtos imperfeitos por causa de uma farinha medíocre; desde essa intervenção, o auxiliar nunca mais metera tal género de falta e fornecera mesmo bolos de mel e pastéis de amêndoa muito apreciados pelos artesãos.

Ardente acompanhara os pastores nas zonas de terra seca, na orla dos pântanos, onde a erva crescia vigorosa e o gado ficava satisfeito; saboreando a companhia daqueles homens rudes, dormia numa cabana de juncos, ouvira as suas queixas, compreendera o seu medo dos crocodilos e dos mosquitos, mas mostrara-se intratável. Apesar das suas dificuldades, não deviam passar o dia a tocar flauta e a dormir ao lado dos cães, mas sim a abastecer o Lugar de Verdade de acordo com o seu contrato. Depois dos primeiros contactos, bastante ásperos, a simpatia prevalecera e Ardente fizera-se compreender.

Contudo, ao dirigir-se para o matadouro ao ar livre, o rapaz sabia que talvez caminhasse para o fracasso.

De cabelos curtos, vestindo um saiote de cabedal ao qual estavam presas uma faca e uma pedra de afiar, o chefe dos carneiros Dés tinha parado ostensivamente o trabalho enquanto os seus ajudantes depenavam gansos e patos antes de os esvaziarem, salgarem e pendurarem num longo alpendre ou os porem de conserva em grandes potes.

— Saudações, Dés. Estás doente?

— Estou a repousar. Isso incomoda-te?

— Entregaram-te uma gazela e um boi esta manhã. As panelas estão prontas e só esperam os pedaços de carne que deverias cortar.

— Doem-me as mãos.

— Mostra-mas.

— És médico?

— Mostra-mas lá.

— Se queres carne, corta-a tu próprio.

Ardente apoderou-se da faca de sílex de um assistente e cortou a pata da frente do boi, de acordo com os preceitos rituais. Era assim que o animal sacrificado oferecia toda a sua energia àqueles que o consumiam.

O sangue recolhido numa taça era bom. Ardente inseriu a lâmina nas articulações, cortou os tendões, seleccionou os melhores pedaços e entregou-os aos cozinheiros. O fígado do boi seria também uma iguaria apreciada.

— Sou menos hábil do que tu, Dés, mas a mesa dos artesãos estará bem fornecida.

— Tanto melhor para eles.

O carneiro mastigava carne crua.

— Põe-se uma questão: para que serves?

O olhar raivoso fixou-se em Ardente.

— Achas que me impressionas, garoto? Sou o chefe dos carneiros e assim continuarei. Estou-me a borrifar para as tuas ordens ou para as do oleiro.

— Por que razão havias de ter direito a um tratamento preferencial, Dés? Há muitos anos que fazes o que muito bem te apetece. Béquen contou-me que o chefe dos auxiliares eras tu.

Vais entrar na linha e servir correctamente o Lugar de Verdade.

Os ajudantes e os cozinheiros desandaram. Conhecendo o carácter do chefe carneiro, receavam o pior e não queriam ser testemunhas do drama inevitável. Em seguida, tomariam o partido de Dés.

O carnicheiro levantou-se. Era mais baixo e menos bem constituído do que Ardente, mas os seus antebraços e bíceps assustavam qualquer adversário. Brandiu a faca.

— Vamos resolver isto lealmente, rapaz. Vou-te cortar alguns tendões e ficarás incapaz de andar. Um impotente não nos criará mais aborrecimentos.

Ardente atirou para longe a sua própria faca.

— Julgas poder defender-te com as mãos nuas, pobre louco!

Excitado, o carnicheiro atirou-se sobre Ardente com a lâmina apontada ao ventre do rapaz que se esquivou ao ataque no último instante. Encontrando apenas o vazio, Dés foi arrastado pelo seu impulso e não teve tempo de se voltar antes do assalto do seu adversário que lhe fez uma chave no braço, obrigando-o a largar a arma, e lhe apertou o pescoço a ponto de lhe cortar a respiração.

— Podes escolher, Dés: ou respeitas as ordens ou quebro-te a nuca. Um simples acidente de trabalho de que serás inteiramente responsável.

— Tu... Tu não te atreverias!

A pressão aumentou.

— De acordo, de acordo!

— Tenho a tua palavra?

Liberto, o carnicheiro caiu de joelhos e aspirou o ar que Lhe faltava.

— Tenho fome — gritou Ardente na direcção dos cozinheiros. — Sirvam-me um belo pedaço de carne.

Capítulo 30

Abri esbofeteou a filha que começou a berrar e correu a refugiar-se no quarto da mãe. Desde que fora severamente repreendido por Ramsés o Grande durante uma audiência pública, o administrador principal da margem oeste de Tebas via o seu estado de nervos degradar-se dia após dia. Não suportava nem o seu pessoal nem os seus empregados domésticos, nem mesmo a própria família. A mais ínfima contrariedade desencadeava a sua cólera e esperava com ansiedade o decreto de demissão que o voltaria a mergulhar na condição de simples escriba, sem villa própria do cargo, sem cadeira de carregadores e sem servos zelosos. Teria de suportar o olhar irónico ou vingativo daqueles que tinha afastado, muitas vezes sem quaisquer cerimónias, para obter o seu posto. Furiosa com a redução do seu nível de vida, a mulher pediria o divórcio e obteria a custódia dos dois filhos.

Abri não tinha coragem para acabar consigo. A melhor solução tinha consistido em fugir para refazer a carreira no estrangeiro, mas abandonar o paraíso tebano era superior às suas forças. Não lhe restava portanto senão sofrer a sua inexorável derrota.

— Senhor, o capitão Méhi desejaria ver-vos — preveniu-o o intendente.

— Não recebo ninguém.

— Ele insiste.

Cansado, Abri cedeu.

— Que vá ter comigo à sala de recepção.

O administrador da margem oeste tinha a intenção de mandar pintar a sala, mas devia renunciar a meter-se em novas despesas.

Com as pálpebras agitadas por um tique nervoso, andava de um lado para outro.

Vestido à última moda, com os pulsos adornados de pulseiras, excessivamente perfumado, o capitão Méhi avançou com altivez.

— Obrigado pelo vosso acolhimento, Abri. O conforto da vossa casa é notável.

— Vindes, como um abutre, alimentar-vos com os meus despojos?

— Confidencialmente, não apreciei as censuras do rei.

Abri ficou estupefacto.

— Não pretendeis dizer... que aprovais a minha posição?

— Claro que sim, meu caro. Os vossos argumentos pareceram-me muito

pertinentes.

Passada a surpresa, o administrador sentiu desconfiança. Não seria aquele jovem oficial um provocador?

— A palavra de Ramsés tem força de lei, todos nos devemos submeter a ela!

— É evidente — reconheceu Méhi — mas nenhum homem é infalível e o nosso bem-amado soberano é hoje um homem muito idoso, demasiado agarrado aos restos do passado. Embora venerando a sua grandeza, não devemos exercer um mínimo de espírito crítico para melhor preparar o futuro?

Abri imobilizou-se.

— Pronunciais palavras de extrema gravidade, capitão.

— Como oficial, tenho obrigação de ser lúcido. Em caso de conflito, os nossos exércitos não estariam prontos para combater e o Egipto arriscar-se-ia a ser esmagado. É por isso que proponho reformas que os meus superiores estudam com bons olhos. Bem vedes que não procuro destruir.

Um pouco mais sereno, Abri sentou-se num banco de pedra.

— Apreciais o vinho de tâmaras com anis?

— Com certeza.

O alto funcionário mandou servir o seu hóspede que se instalou à frente dele. por que razão deveria eu conceder-vos a minha confiança.

— Porque sou o único a apoiar-vos nesta provação. Sabeis que acabo de casar com a filha do Tesoureiro principal de Tebas e sei que a minha influência irá crescendo. Porque me havia de interessar por um perdido se não partilhasse as suas opiniões?

Abri tinha o costume de desferir golpes muito duros nos seus adversários. Hoje, cabia-lhe a ele recebê-los.

— Os meus dias estão contados... Já não posso ser útil a ninguém.

— Enganais-vos, Abri. O meu sogro é-vos bastante favorável e fez correr sabiamente mensagens preconizando a vossa manutenção como administrador da margem oeste. Os ecos são bastante favoráveis.

— É Ramsés, e só ele, que toma as decisões.

— Visto que conhece as vossas opiniões, porque havia de vos substituir por um dignitário de ideias incertas. Como o rei se opôs terminantemente ao vosso programa, não podereis aplicá-lo e contentar-vos-eis em gerir o sector como no passado, sem tocar nos privilégios dos artesãos.

— Falais... falais a sério?

— Ramsés é um homem muito hábil a quem ninguém contesta a autoridade. A ordem que ele deu não poderia ser transigida e, visto que receais pelo vosso posto, sereis o primeiro a velar pela sua rigorosa aplicação. Presentemente, Abri, não sois vós o mais eficaz defensor do Lugar de Verdade?

No seu foro íntimo, o administrador teve que admitir que Méhi não estava enganado.

— Permanecereis no vosso lugar — prometeu o capitão — e ajudar-vos-ei a reforçar a vossa posição.

— Nada se obtém gratuitamente... O que desejais em troca.

— O mesmo que vós: o aniquilamento do Lugar de Verdade.

— Não vos compreendo... Do meu ponto de vista, toda a população deve pagar impostos e não ser permitido a ninguém escapar-lhes. Mas vós... Quais são as vossas razões de queixa?

— Face ao necessário processo de modernização do país, essa confraria é uma anomalia que deve desaparecer.

Abri sentiu que o seu interlocutor lhe ocultava as verdadeiras motivações mas, no fundo, pouco lhe importava.

Méhi não era um mensageiro de bom augúrio? Trazia-lhe esperança e oferecia-lhe um futuro.

— Não vejo como possa ajudar-vos. Acabais de me explicar que o meu papel consiste a partir de agora em salvaguardar a aldeia dos artesãos contra qualquer agressão!

— Aparentemente, meu caro, só aparentemente! Nem taxas nem impostos específicos, por agora, uma atitude de fingida benevolência, uma adesão bem evidenciada à vontade do rei, eis a vossa linha de conduta oficial.

— E... qual será a outra?

— Minar pouco a pouco os alicerces da confraria.

— Seria correr consideráveis riscos!

— Menos do que imaginais, Abri. Descansai: sou um homem muito prudente que sabe agir na sombra. Vós mesmo haveis aprendido que é recomendável atacar um inimigo pelas costas e não enfrentá-lo de rosto descoberto. As minhas exigências actuais são simples: aceitais confiar-me tudo o que sabeis sobre o Lugar de Verdade?

— Sei poucas coisas, mas tratam-se no entanto de informações rigorosamente confidenciais. Se vo-las comunicar, torno-me vosso cúmplice.

— Não meu cúmplice mas meu aliado.

— Até onde tencionais ir, Méhi?

— Desejais realmente saber?

A irrupção da esposa do administrador interrompeu a conversa. Grande, morena, estava superexcitada.

— Porque esbofeteaste a pequena?

— Apresento-te o capitão Méhi. Não é conveniente misturá-lo com os nossos assuntos familiares.

— Revelaste-lhe que nos tornavas a existência impossível, com as tuas cóleras cada vez mais frequentes?

— Controla-te, querida!

— Estou farta de me controlar! Porque hei de continuar a suportar os teus saltos de humor? Que o capitão Méhi te aliste no seu regimento e nos livre da tua presença!

— A situação vai melhorar, prometo-te.

— É um oficial que vai salvar a tua cabeça?

— Porque não? — interrogou Méhi.

A esposa de Abri encarou o visitante com desprezo.

— Por quem vos tomais? Regressai à vossa caserna!

O administrador agarrou a mulher pelo braço e arrastou-a para a porta.

— Vai acalmar a tua filha e não nos incomodes mais.

Magoada, ela desapareceu.

— Por causa de Ramsés o Grande — confessou o alto funcionário — a minha existência tornou-se um inferno. Não merecia isso.

— Um homem da vossa qualidade não deve suportar semelhante injustiça sem reagir — afirmou Méhi.

Abri recomeçou a andar de um lado para outro, entregue a uma intensa reflexão que o capitão evitou interromper.

— Não desejo saber onde pretendeis chegar realmente, Méhi, e o meu único objectivo é conservar o meu lugar. Na medida do possível, aceito informar-vos. Mas não me soliciteis mais do que isso.

Capítulo 31

O capitão estava encantado. Abri acabava de dar o primeiro passo, os outros viriam a seguir.

— Receio que fiqueis desiludido — declarou o administrador da margem oeste. — Embora eu seja o alto funcionário melhor informado sobre o Lugar de Verdade, sou incapaz de vos dizer aquilo que realmente ali se passa.

— Quem dirige a aldeia?

— No que me diz respeito, é o escriba do Túmulo, Quenhir, que sucedeu a Ramosé, o qual decidiu terminar a sua existência na aldeia.

— Porque dizeis no que me diz respeito?

— Porque me situo no plano meramente administrativo. Em caso de necessidade, é com o escriba do Túmulo que me correspondo e é ele que me responde. Mas existe com certeza uma hierarquia secreta controlada pelos próprios artesãos, sem dúvida sob a autoridade de um mestre-de-obras.

— Ignorais o seu nome?

— Apenas o Faraó e o vizir o conhecem. Apesar de múltiplas tentativas, nunca consegui obtê-lo.

— Com quantos artesãos conta a confraria?

— Para o saber, seria necessário entrar na aldeia ou obter uma resposta fiável do escriba do Túmulo.

— O que sabeis das actividades exactas do Lugar da Verdade?

— A sua missão oficial consiste em escavar e decorar a Morada de Eternidade do faraó reinante. Por ordem deste, um ou vários artesãos podem ser chamados para diferentes estaleiros a fim de empenharem missões pontuais.

— É frequente?

— Mais uma vez, apenas o escriba do Túmulo vos poderia responder.

— Diz-se que o Lugar de Verdade é capaz de produzir ouro...

— É uma velha lenda, com efeito, mas não lhe concedeis crédito. Na realidade, essa confraria goza de privilégios inaceitáveis. Possui uma aldeia inteira, não presta contas dos seus trabalhos senão ao faraó e ao vizir, dispõe do seu próprio tribunal e é servida por uma corte de auxiliares! Esta situação é intolerável. Como não me

canso de explicar, uma boa gestão consiste em aumentar os impostos todos os anos!

Méhi estava desiludido. Alto funcionário medroso, Abri não se preocupava senão com as vantagens adquiridas e não tomava qualquer iniciativa. Mas restava uma pista a explorar.

— O que sabeis vós de Quenhir?

— Ramosé não pôde ter filhos, apesar das suas múltiplas oferendas às divindades. Quando admitiu o seu infortúnio, decidiu adoptar um filho que seria o seu sucessor e ao qual legaria os seus bens. A sua escolha incidiu sobre Quenhir que Ramsés designou como escriba do Túmulo no ano trinta e oito do seu reinado. Para muitos, foi uma má escolha. Ramosé é um homem generoso, amável, de uma firmeza sorridente; Quenhir é uma personagem odiosa, muito fanfarrona, imbuída da sua superioridade intelectual, mas de grande competência. Desde a sua nomeação, nenhuma censura séria lhe foi dirigida.

— Que idade tem?

— Cinquenta e dois anos.

— Está portanto no fim da carreira... Suponho que não seria hostil a ver a sua reforma aumentada de maneira substancial.

— Duvido! Tal como Ramosé, contentar-se-á com um fim de vida sereno na aldeia.

— Nenhum homem se parece com outro, meu caro Abri; talvez Quenhir tenha desejos inconfessos que poderíamos satisfazer. É casado?

— Que eu saiba, não.

— Antes de entrar no Lugar de Verdade, onde trabalhava?

— Numa obscura oficina da margem oeste onde Ramosé reparou nele.

— Poderíeis abordá-lo?

— Não é assim tão fácil... Quenhir sai pouco da aldeia.

— Arranjareis um pretexto para ter uma entrevista com ele.

— O que deverei dizer-lhe?

— Ganhai a sua amizade e fazei-lhe a proposta de o associar à vossa gestão em troca de uma gratificação substancial, por exemplo, duas vacas leiteiras, algumas peças de linho fino e uma dezena de jarros de vinho de primeira qualidade. Em seguida, arranjai maneira de lhe oferecer mais, extorquindo-lhe o máximo de informações.

— Exigis muito!

— Não correis o mínimo risco, Abri. Ou Quenhir é incorruptível ou morderá a

isca.

O administrador mostrou má cara.

— As larguezas que evocais... Terei dificuldade em consegui-las dos meus próprios bens.

— Descansai, meu caro: sou eu que me encarrego disso.

Abri ficou aliviado.

— Nessas condições, estou de acordo em tentar esta manobra, mas sem garantia de sucesso.

O capitão teve um breve acesso de desencorajamento. Com aliados tão medíocres, não seria fácil penetrar nos segredos do Lugar de Verdade; mas estava no início do caminho e, pouco a pouco, eliminaria os incapazes. Abri, pelo menos, era fácil de manipular.

— Exerceis algum controlo sobre os trabalhos que os artesãos do Lugar de Verdade realizam no exterior?

— Nenhum — deplorou Abri. — Fiz vários protestos, mas o vizir permaneceu surdo.

— Conheceis a natureza e a quantidade das mercadorias entregues na aldeia?

— Os artesãos não têm falta de nada! Água em abundância todos os dias, carne, legumes, azeite, unguentos, roupa, que sei eu! E o escriba do Túmulo queixa-se se houver atraso ou se a qualidade dos produtos lhe parecer insuficiente.

Nos últimos tempos, felizmente, Quenhir tem feito menos recriminações.

— Qual a razão?

— O chefe dos auxiliares contratou como adjunto um jovem colosso, Ardente, que deu um abanão na equipa do exterior encarregada de velar pelo bem-estar da confraria. O rapaz tem pulso, parece, e sabe fazer-se obedecer.

— Não trabalhou numa fábrica de curtumes?

— Assim foi. Segundo o que me contou Sobek, o chefe da segurança, esse Ardente apresentou-se perante o tribunal do Lugar de Verdade mas foi recusado. Admitiram-no no entanto como auxiliar e tenho a impressão que ele se vinga nos seus camaradas.

O capitão lembrou-se do rapaz que lhe fabricara um robusto escudo. Aquele cabeça dura não se tinha apresentado na caserna para se alistar. Hoje em dia devia estar ácido e desiludido.

— Quem nomeia os auxiliares?

— Em teoria, o escriba do Túmulo, mas não se ocupa de cada transportador de

água, ao contrário do chefe Sobek e dos seus polícias, que só deixam passar caras conhecidas.

— Esse Sobek... Que género de homem é?

— Censuram-lhe a propensão para a violência e a falta de diplomacia, mas demonstra uma tal eficácia que deverá permanecer no seu posto durante muito tempo.

— Uma promoção afastá-lo-ia do Lugar de Verdade...

— O vizir gosta muito dele.

— Arranjai-me um relatório completo sobre esse Sobek; tem com certeza as suas fraquezas.

— Uma tarefa muito perigosa, capitão!

— Trar-vos-á benefícios, meu caro. Estou persuadido que vasos cretenses de grande valor embelezariam a vossa encantadora casa.

— Há muito que sonho com isso...

— Eis um sonho que está prestes a tornar-se realidade, e haverá outros se a vossa colaboração se revelar eficaz. Mais uma pergunta: quando não estão em missão oficial, os artesãos são obrigados a permanecer encerrados na aldeia?

— Não, têm o direito de sair quando desejam e de ir onde muito bem lhes apetece. Alguns têm família na margem este e vão visitá-la.

— Quando um deles se deslocar, indicai-mo.

— Não será fácil! Quando viajam, os membros da confraria preenchem qualquer formalidade administrativa. Mas farei o que puder.

Capítulo 32

Quando o padeiro viu Ardente chegar, apressou-se a oferecer-lhe um pão redondo, fofo, de côdea dourada.

— Excelente — reconheceu o rapaz. — Estás a fazer progressos. O que preparaste hoje?

— Pães compridos, outros triangulares, pastéis e bolos secos.

— Estás satisfeito com a farinha?

— Nunca foi tão fina!

Satisfeito com o seu exame, Ardente afastou-se, deixando atrás de si um auxiliar aliviado. Entrou depois na fábrica de cerveja onde os pães de cevada semi-cozidos maceravam no licor de tâmaras. O líquido obtido seria depois filtrado por um passador e transformar-se-ia numa cerveja forte para os dias festivos.

— A caldeira que encomendei já foi entregue? — perguntou Ardente ao cervejeiro.

Este pareceu atrapalhado. Repugnava-lhe denunciar outro auxiliar que sofreria a cólera de Ardente.

— Foi... enfim, quase. Há só um pequeno atraso, não é muito grave.

Com passo enfurecido, o rapaz passou em frente da oficina do sapateiro, que lhe baixou a cabeça, e meteu por um estreito atalho pedregoso que se dirigia para o fundo do valezinho isolado onde trabalhava o caldeireiro, acorado diante de uma lareira composta por pequenas pedras e alimentada a carvão de madeira.

De pele dura como a de um crocodilo, empestando como um peixe podre, o auxiliar manjava um fole de pele de cabra cujo bocal metálico colocava no lume.

— Esqueceste a minha encomenda? — perguntou Ardente.

— Não és o senhor aqui. Preveni Béquen o oleiro que tinha duas caldeiras para arranjar e outra para tornar a estanhar. O meu assistente está doente, não posso fazer mais.

— Olhando para o teu fogo, parece que não o acendes há muito tempo. Aproveitas o teu isolamento para preguiçar.

— Vai importunar outro! Estou-me a marimbar para as tuas recriminações, Ardente levantou uma caldeira com um buraco e atirou-a para o cascalho. O caldeireiro sobressaltou-se.

— Enlouqueceste? Quanto tempo vou levar agora para a pôr em condições?

— Se recusas obedecer às ordens, não deixarei intacta uma só das tuas caldeiras e vais ter que te esfalfar dia e noite para as reparar.

Furioso, o auxiliar atacou Ardente brandindo o fole. O rapaz desarmou-o com facilidade e fê-lo rolar na areia.

O caldeireiro levantou-se com dificuldade.

— Estás resolvido a obedecer?

— Está bem, Ardente... Ganhaste.

— As minhas felicitações, Ardente.

Sobek olhava dos pés à cabeça o jovem colosso que saboreava um prato de favas bem condimentado.

— Não és muito popular entre os auxiliares, mas aprenderam a respeitar-te.

— Quem dá as ordens é Béquen o oleiro.

— Vai contar essa a outros, Ardente! Ele não passa de um brinquedo nas tuas mãos. Com a tua idade, prometes... Como polícia, serias excelente.

— Enganas-te, Sobek. Ser guarda das galés horroriza-me.

— Ora vejam lá... E o que julgas tu que és? Ordenas, controlas, castigas... Os auxiliares nunca tinham estado sujeitos a uma autoridade assim!

O escriba do Túmulo está encantado e eu também. Quero mesmo esquecer o pequeno diferendo que nos opôs. Não pode estragar um rapagão da tua espécie... Tornaste-te demasiado precioso.

Ter-me-ia divertido ser o primeiro a dar-te um bom correctivo, mas é preciso sabermos adaptar-nos às circunstâncias. Não tardarás a tornar-te o chefe dos auxiliares e teremos de colaborar. As minhas sinceras felicitações: vais por bom caminho.

Sobek afastou-se e Ardente deu o resto do seu prato ao sapateiro.

— É... é para mim?

— Come, já não tenho fome.

— Tens alguma coisa a censurar-me?

— Nada.

— Os dois pares de sandálias que prometi estarão prontos esta tarde.

— Ainda bem.

Ardente entrou na oficina de Béquen o oleiro, que se levantou de imediato.

— Fiquei de repente um pouco fatigado — explicou. — Agora já estou melhor... Vou trabalhar.

— Se estás cansado, descansa.

— O que dizes?

— És tu o chefe dos auxiliares e és tu que decides.

Béquen nem queria acreditar nos seus ouvidos.

— Estás a fazer troça de mim?

— Digo apenas a verdade. Cumpre a função que te foi atribuída e tudo correrá bem. Sobretudo, não me peças mais nada.

— Já não te queres ocupar dos auxiliares?

— A cada um o seu papel.

— Mas... O que vais tu fazer?

Ardente saiu da oficina sem responder. O chefe Sobek tinha-o colocado brutalmente em face da realidade: para provar o seu valor ao tribunal do Lugar de Verdade, caíra numa armadilha.

Desde que se consagrava à organização do trabalho dos auxiliares, Ardente esquecera-se de desenhar e perdera-se em tarefas secundárias onde apenas a sua vaidade fora satisfeita.

Transformando-se num pequeno tirano, condenava-se a si próprio à esterilidade. Mais algumas semanas daquele regime e a sua mão ficaria morta.

Béquen veio atrás dele.

— Estás zangado com alguém?

— Apenas comigo mesmo.

— Não te enerves... Vou falar com o escriba do Túmulo e propor-te como chefe dos auxiliares. É isso que exiges?

— Já não.

— Não compreendo...

— Volta para a tua oficina, Béquen. Não tens nada mais a recear de mim.

— Tu... tu vais-me deixar em paz?

— Retoma as tuas prerrogativas.

Demasiado feliz com a ideia, o oleiro não insistiu.

Febril, Ardente dirigiu-se para a porta da aldeia. Desde que se evadira da prisão familiar, não tinha progredido.

Dobrando-se às exigências do Lugar de Verdade, perdera-se num caminho sem

saída e não explorara a sua própria via.

Transformado num homem de exterior, só podia aspirar a reinar sobre os auxiliares sem nunca descobrir os segredos do desenho e da pintura.

Ardente recusava esse medíocre destino.

Quando o guarda da porta norte o viu aproximar, brandiu o seu cajado. Iria o jovem colosso tentar forçar a passagem?

Mas Ardente sentou-se a uma dezena de metros da porta e limpou meticulosamente o terreno para obter uma superfície plana. Com um sílex, desenhcou na areia os muros da aldeia e a paisagem envolvente. Quando terminou o esboço, acentuou os traços com um pedaço de madeira pontiagudo e deixou-se absorver pela sua obra.

Sossegado, o guarda tornou a sentar-se sem deixar de observar o desenhador que trabalhava com surpreendente calma.

Quando não estava satisfeito com um pormenor, apagava-o e recomeçava.

Na altura da rendição, às quatro da tarde, Ardente continuava a desenhcou. E continuava ainda aquando da rendição seguinte, às quatro horas da madrugada.

Quando os auxiliares descarregaram os burros, lançaram um olhar ao maravilhoso desenho, cada vez mais vasto mas dotado de pormenores de miniaturista. Ninguém se atreveu a aproximar-se do rapaz, indiferente ao mundo exterior.

Capítulo 33

O tribunal reuniu-se diante da porta do templo principal do Lugar de Verdade. Tinha sido instalado um guarda-sol para proteger o velho escriba Ramosé dos ardores do Sol.

— A experiência foi levada a bom termo — declarou Quenhir, tão rabugento como de costume — e constatamos o resultado. Neb o Realizado pensava que Ardente não aceitaria ser um auxiliar obediente, terno e dócil e teve razão; predisse que Ardente se imporia de uma forma ou de outra, e uma vez mais teve razão, visto que esse jovem lutador fez sair da toca um certo número de preguiçosos e devolveu o entusiasmo aos seus colegas; mas Neb o Realizado enganou-se ao supor que o postulante esqueceria o apelo e se contentaria em exercer a sua autoridade sobre os homens do exterior. Há dois dias e duas noites que desenha sem interrupção, satisfazendo-se com um pouco de água que o guarda lhe ofereceu. Poderia ter tido uma reacção violenta mas, em vez disso, faz questão de nos mostrar os seus dons com os fracos meios de que dispõe. Não compete a esta assembleia, desta vez, ouvir o apelo de Ardente?

Ramosé aprovou, mas o chefe de equipa não desarmou.

— Nesse ponto, reconheço ter-me enganado. No entanto, é evidente que é a força de Seth que habita esse rapaz e que ele não se submeterá a qualquer regra. Continuo portanto a considerá-lo como um perigo para a confraria e prefiro que vá exercer os seus talentos para outro lado.

— Tinhas proposto um plano e nós seguimo-lo — objectou Quenhir. — Ardente não caiu na armadilha que lhe tinhas preparado e deves portanto curvar-te. Não esqueças que nenhuma missão é definitiva e que um comportamento indigno conduz a retrocesso, isto é, a uma expulsão. Recebendo esse postulante entre nós, apenas correremos riscos mínimos.

— Antes de me pronunciar de forma definitiva — declarou Neb o Realizado — solicito uma nova audição de Ardente por este tribunal.

— Queres seguir-me? — perguntou o artesão ao rapaz que, pela décima vez, redeseenhava a porta da aldeia, procurando cada vez maior precisão no traço.

Ardente levantou-se.

Não sentia a mínima fadiga, mas não sabia em que mundo se encontrava. O dos

auxiliares já não lhe interessava, o do Lugar de Verdade permanecia inacessível para ele. Reduzido a si próprio, consumia-se na sua própria chama. O que poderia reear de pior?

Sem uma palavra, seguiu o artesão que o conduziu até ao tribunal. Ardente sentou-se à maneira de escriba e não olhou os seus juizes.

— Não cometeste um abuso de poder maltratando auxiliares? — interrogou Neb o Realizado.

— Há desculpa para a preguiça?

— Ninguém te sugerira que tomasses iniciativas tão radicais.

— Se tolerais a hipocrisia, esse não é o meu caso. Não tenho o hábito de agir às escondidas.

— Foi o oleiro que te ordenou para te comportares assim? — perguntou Ramosé.

— É um homem fraco que aprecia os seus privilégios e não tem intenção de incomodar os seus subordinados. Sou o único responsável pelas minhas iniciativas.

— Desejas tornar-te chefe dos auxiliares em lugar do oleiro?

— Seria o pior dos destinos! Estar próximo do Lugar de Verdade, tão próximo, e não poder entrar...

— No entanto, tinhas tomado gosto pela tua função.

É verdade, enganei-me a mim próprio, como qualquer homem que exerce o poder. Mergulhei numa embriaguez mortal, mas tive de despertar.

— Isso significa que recusas trabalhar como auxiliar? — interrogou Neb o Realizado.

— Vim aqui para aprender a desenhar. O resto não me interessa.

— Não crês que o caminho começa pela obediência?

— O importante é que a porta se abra.

— O teu comportamento justificará a nossa indulgência?

Ardente esboçou um pobre sorriso.

— Não espero nada disso, mas não tendes o direito de me manter na incerteza! Ou me recusais ou me acolheis.

— Qual seria a tua reacção em caso de recusa?

O rapaz demorou muito tempo a responder.

— De qualquer maneira, não vos interessais por isso.

— Tens novos argumentos para nos convenceres a aceitar-te entre nós?

— Só existe um: ouvi o apelo.

Um artesão conduziu de novo Ardente para a frente da porta principal do Lugar de Verdade. Com o pé, o rapaz apagou o desenho gigante. Desta vez, ia decidir-se o seu destino. Se a confraria o rejeitasse, não teria mais qualquer hipótese de realizar o seu ideal. Não tinha medo, mas amaldiçoava a sorte que o colocava à mercê de um bando de juízes, a maioria dos quais tinha certamente um espírito tacanho. Que fossem inflexíveis e desumanos não o incomodava, mas seriam verdadeiramente capazes de compreender o seu desejo? Desde que tinha escapado da armadilha dos auxiliares, Ardente sentia de novo arder dentro de si o fogo que o conduzira ao limiar da aldeia. Seria aqui e em mais nenhum outro lugar que a sua existência se realizaria. Se lhe recusassem qualquer futuro, se o impedissem de franquear a barreira por trás da qual se encontrava o segredo que queria conhecer, perderia toda a esperança.

Era inútil sobrecarregar o espírito com aquela sombria perspectiva. Só a realidade merecia ser enfrentada e a do momento era apenas a espera.

Uma espera que duraria longas horas, talvez vários dias, e que não devia diminuir a sua determinação. Ardente estava persuadido que devia, mesmo à distância, impor a sua vontade ao tribunal. Se permanecesse intacta e total apesar da provação os juízes detectariam inevitavelmente a sua intensidade.

Lançados por Quenhir, os debates duravam há duas horas.

Quenhir exigira que a decisão tomada fosse definitiva e que cada um dos juízes assumisse a sua plena e inteira responsabilidade, argumentando o seu voto.

— Este rapaz não me inspira nenhuma confiança — declarou Neb o Realizado.

— O seu fogo de Seth aterroriza-te? — ironizou o escriba do Túmulo.

— Quem não o receasse seria um inconsciente. Como chefe de equipa, não tenho o direito de pôr em perigo a harmonia da confraria. Mantenho a minha posição: Ardente que vá procurar a sorte noutro lado.

— Não há outro sítio a não ser o Lugar de Verdade que lhe permita viver a sua vocação e sabes isso muito bem! Tu, que te chamas Neb o Realizado, recusarás a possibilidade de se realizar a um ser que ouviu o apelo?

O chefe de equipa pareceu abalado mas não cedeu.

— Tu, que és tão intratável com os membros da nossa confraria, porque manifestas tanta solicitude em relação a Ardente?

Quenhir reagiu duramente.

— Não compreendeste nada, Neb! Não se trata nem de solicitude nem de

benevolência, mas do superior interesse do Lugar de Verdade! Compete-me a mim, que sou apenas o escriba do Túmulo, incitar-vos a aceitar um ser dotado de tal potência? Ter-vos-eis tornado incapazes de a transformar em força criadora e de a integrar na vossa obra?

O rosto do chefe de equipa endureceu.

— Vais longe demais, Quenhir! Os artesãos reconhecem a tua autoridade administrativa, mas não és competente para te imiscuíres no nosso trabalho.

— Não é essa a minha intenção, Neb. O meu pai e meu mestre, o escriba Ramosé, fez-me compreender a natureza e os limites da função. Tens com certeza razão, mostrei-me excessivo.

És precisamente tu e os outros artesãos que compõem este tribunal que têm de tomar a decisão definitiva. Se for negativa, aceitarei a vossa decisão.

Ramosé, o escriba de Maet, exprimiu-se calmamente.

— O amor que dedico a esta confraria proíbe-me de a influenciar usando a minha idade e a minha experiência; mas devo recordar-vos que Sua Majestade nos recomendou que examinássemos o caso de Ardente com lucidez. Que cada um se expresse com serenidade.

Os artesãos procederam à votação.

Apesar de inúmeras reservas, cada um considerou que era necessário dar a Ardente a possibilidade de se tornar desenhador, na condição de respeitar escrupulosamente a regra da confraria e se curvar às exigências da aprendizagem.

Faltava ouvir Neb o Realizado, que escutara os seus subordinados com atenção.

— Esta assembleia realizou a sua reflexão com sabedoria — afirmou — e cada um dos seus juízes abriu o coração sem ceder aos seus sentimentos. Não aprecio o carácter de Ardente, não penso que ele esteja apto a compreender a importância do nosso trabalho, mas devemos responder ao seu apelo.

Capítulo 34

O chefe Sobek bebeu três malgas de leite fresco e devorou uma dezena de bolos quentes. Depois de uma noite passada a inspeccionar as colinas que dominavam o Vale dos Reis, sentia-se exausto mas não se iria deitar antes de ter ouvido os relatórios dos seus homens.

Um após outro, desfilaram diante dele sem Lhe relatarem o mínimo facto suspeito. No entanto, Sobek continuava inquieto.

O seu instinto raramente o enganava e há vários dias que Lhe anunciava a iminência de um perigo. O responsável pela segurança do Lugar de Verdade multiplicara portanto as rondas, correndo o risco de aborrecer os seus homens que não apreciavam nada esse aumento de trabalho.

A ansiedade quase lhe fazia esquecer o acontecimento principal que a aldeia se preparava para viver: a iniciação de um novo adepto e não um qualquer! Porque tinha o tribunal de admissão aberto a porta da confraria a esse Ardente que, era evidente, semearia a confusão? Com a energia devastadora de que dispunha, aquele rapagão só podia ser bandido ou polícia.

Não ficaria por muito tempo encerrado na aldeia e recusar-se-ia a obedecer às ordens dos seus superiores que se veriam obrigados a reenviá-lo para a categoria dos auxiliares ou expulsá-lo definitivamente. Ardente ia acabar mal e o seu destino seria uma morte brutal durante uma rixa ou uma longa pena de prisão.

Um polícia entrou no gabinete onde Sobek se preparava para se estender sobre a esteira visando um bem merecido repouso.

— É o carteiro, Chefe. Quer vê-lo pessoalmente.

O mensageiro do correio real ia todos os dias ao posto de guarda principal do Lugar de Verdade, trazia o correio destinado à confraria e levava as cartas dos artesãos e das suas famílias que comunicavam assim de maneira fácil com o mundo exterior, sem esquecer relatórios oficiais do escriba do Túmulo dirigidos ao vizir. Em caso de necessidade ou de urgência, um serviço especial fazia seguir mensagens com maior rapidez.

— Não podes tratar disso?

— É a vós que ele quer ver, chefe, e mais ninguém.

— Está bem... Que entre.

Do saco contendo papiros mais ou menos usados que eram reutilizados para

escrever cartas, o carteiro Uputi, um homem longilíneo de cerca de trinta anos, de pernas e ombros robustos, extraiu um caco envolvido num pano de linho e poisou-o sobre a secretária do chefe Sobek..

— De acordo com o texto escrito a tinta vermelha no tecido, esta mensagem é-te destinada, Sobek.

— Leste-a?

— Bem sabes que não tenho esse direito.

Uputi era um funcionário considerado e bem pago. Detentor de um bastão de Tot que incarnava a rectidão e a precisão do seu trabalho, tinha o dever de encaminhar as cartas ao seu destino, em bom estado e garantindo que apenas o destinatário delas tivesse conhecimento. A profissão era dura, porque o palácio e os serviços do vizir exigiam que as suas directivas fossem transmitidas com a maior rapidez e não faltavam períodos de intensa actividade. Uputi tinha consciência da importância da sua tarefa e sentia-se honrado pela confiança que as mais elevadas autoridades lhe testemunhavam.

— Devo esperar pela tua resposta?

— Um instante.

Sobek retirou o cordão de linho e leu as linhas inscritas, também a tinta vermelha, no pequeno bocado de calcário liso, cuidadosamente polido.

Estupefacto, o polícia núbio releu a incrível mensagem. Não, não era possível...

— Então, Sobek?

— Podes partir, Uputi... Não haverá resposta.

O chefe da segurança já não tinha qualquer desejo de duvidar. Uma vez mais o seu instinto estava certo: acabava de verificar-se uma catástrofe e a sua dimensão arriscava-se a varrer a aldeia dos artesãos com mais violência do que o mais furioso dos ventos de areia.

Néfer o Silencioso vivia todas as felicidades, a ponto de se sentir quase atordado. Depois de ter ouvido o apelo, fora admitido na confraria do Lugar de Verdade em companhia da mulher que amava, Clara, e a adaptação dos dois aos costumes da aldeia fechada decorria sem demasiados atritos, sobretudo por causa da gentileza inata da jovem, que conseguia conter os impulsos de agressividade para com os recém-chegados.

E depois, dentro de alguns dias, Ardente ia ver o seu sonho realizado! O que lhe salvara a vida, o que lhe permitira reencontrar Maet, e captar a sua grandeza, tornar-se-ia um irmão com o qual participaria na fabulosa aventura de que ele próprio

começava a compreender a amplitude. Com o seu ímpeto, o seu entusiasmo, a sua paixão de criar, Ardente mostrar-se-ia à altura da missão que lhe fosse confiada.

Uma existência colocada sob o signo da Grande Obra, um amor luminoso, uma amizade exaltante... Néfer o Silencioso era mimado pelos deuses aos quais nunca conseguiria agradecer. Em troca de tantas benesses, teria de cumprir o seu dever com o mais extremo rigor e não concederia a si próprio a mínima demora na realização das suas tarefas. Porque tinha ouvido o apelo e porque lhe respondera, céu e terra cumulavam-no de alegrias: competia-lhe saber utilizá-las mostrando-se digno do caminho a percorrer.

Quando se preparava para partir para a oficina de escultura, Clara mostrou-lhe a carta que acabava de lhe ser entregue.

Pelo seu olhar entristecido, Néfer compreendeu que se tratava de uma má notícia.

— O meu pai está muito doente — revelou ela. — O médico receia um desenlace fatal. De acordo com a mensagem que redigiu, o pai deseja ver-nos a ambos o mais depressa possível.

Néfer dirigiu-se imediatamente ao chefe de equipa para o informar do motivo da sua ausência, que ficaria registada no registo mantido pelo escriba do Túmulo.

O casal não levou nenhuma bagagem e saiu da aldeia pela porta secundária para meter pelo carreiro que ia dar à proximidade do templo dos Milhões de Anos de Ramsés o Grande.

— Sinto-te contrariado — disse Clara ao marido. — Receias não regressar a tempo para assistir à iniciação de Ardente, não é verdade?

— Tens razão.

— Logo que vires o meu pai, regressarás à aldeia e eu ficarei a seu lado tanto tempo quanto for necessário.

— Eu também, Clara.

— Não, tu deves estar presente quando o teu amigo se tornar servidor do Lugar de Verdade.

No posto de guarda do Ramasseum, os polícias perguntaram — lhes o nome e deixaram-nos passar sem qualquer formalidade.

Néfer e Clara eram conhecidos das autoridades como membros da confraria. circulavam livremente no território do Lugar de Verdade e saíam à vontade.

O casal avançou rapidamente até à zona das culturas, atravessou um campo de

luzerna, seguiu ao longo de um pequeno mercado e dirigiu-se para a margem onde uma barca se preparava para atravessar. Misturados com outros viajantes, camponeses que se dirigiam a Tebas para vender os seus legumes, trocaram banalidades sobre a estabilidade dos preços, a prosperidade do país e a generosidade do Nilo. Ninguém podia desconfiar que vinham da aldeia mais secreta do Egipto.

Apesar da sua inquietação, Clara conseguiu fazer boa figura e acabou mesmo por reconfortar uma mãe de família cuja filhinha estava com febre.

Logo que a barca encostou na margem este, Néfer e a esposa saltaram para a borda e tomaram a direcção do domicílio do construtor. Quando se encontravam ainda a boa distância, Trigueiro correu para eles. Saltando de um para outro, lambeu-lhes o rosto. Nos seus olhos cor de avelã brilhava uma intensa alegria.

— Anda, Trigueiro — disse Clara. — Temos pressa.

De repente, o cão negro rosnou e mostrou os dentes fixando um grupo de polícias que se aproximava do casal.

À cabeça, Sobek.

— O que se passa? — perguntou a jovem.

— Descansai, o vosso pai está bem. A carta que haveis recebido, fui eu que a escrevi e não um médico.

— Mas... por que razão?

— Não tinha outro processo para fazer sair o vosso marido da aldeia. Várias testemunhas atestarão que ele se dirigiu livremente à margem este.

— Qual a finalidade deste estratagema, Sobek?

— A justiça.

— Explicai-vos, por favor!

— Néfer está preso. É acusado de ter morto um dos meus homens pertencente à equipa de vigilância de noite do Vale dos Reis.

Capítulo 35

Méhi estava a tornar-se a coqueluche de Tebas. Não havia um serão mundano para o qual não fosse convidado, uma recepção oficial sem a sua presença, uma reunião de trabalho importante sem a sua participação. Conversador brilhante, nunca lhe faltava uma reflexão original, um cumprimento adequado ou uma sugestão digna de interesse.

Todos felicitavam o Tesoureiro-principal Mosé por ter escolhido um genro tão notável cuja carreira se anunciava prometedora, tanto mais que os seus projectos de reforma do exército tebano eram muito apreciados nas altas esferas.

Por ocasião do seu aniversário, o governador de Tebas tinha oferecido uma recepção grandiosa nos jardins da sua villa, onde se comprimiam os notáveis da cidade do deus Amon. Com expressão satisfeita e o Verbo solto, cumprimentava os seus convidados com a segurança de um estratega que acabasse de sufocar uma facção perigosa.

— Que elegância, meu caro Méhi! Essa camisa plissada de mangas compridas, essa túnica de uma brancura imaculada, essas sandálias de recorte perfeito... Se não fôsseis casado, muitas raparigas tentariam seduzir-vos.

— Resistirei à tentação.

— Entre nós, Serquéta deve saber satisfazer um homem, não é verdade?

— Não poderia mentir ao governador de Tebas, cuja experiência é unanimemente reconhecida.

— Agradais-me, Méhi. Suponho que o exército, para vós passa de uma etapa, não?

— Quando tiver terminado a reforma que acabo de iniciar, gostaria de ser associado de mais perto à gestão da nossa magnífica cidade.

— Ambição legítima e louvável — considerou o governador — mas não esqueçais que Tebas é apenas a terceira cidade do país, atrás de Mênfis e da nossa nova capital, Pi-Ramsés.

Aqui, apreciamos a tranquilidade e as tradições.

— Não será a mais sábia política?

— Excelente, Méhi! Com opiniões como as vossas, ireis longe.

— Devo muito ao meu querido sogro, o meu principal tema de preocupação.

O governador ficou espantado.

— Mosé tem problemas?

— Confidencialmente, a sua saúde está a declinar.

— No entanto, parece-me em excelente forma!

— A sua vitalidade parece intacta, com efeito, mas a cabeça está afectada... Nestes últimos tempos, pedi-lhe com cuidado que recuasse em certas decisões bastante aberrantes. De momento, ele consente em fazê-lo e reconhece os seus erros, perguntando a si próprio que demónio o atormenta, mas o que acontecerá amanhã? Os seus esquecimentos são cada vez mais frequentes... Mas não vos devia ter falado nisto.

— Pelo contrário, Méhi, pelo contrário! Deveis manter-me regularmente ao corrente e continuai a intervir para evitar uma catástrofe. Se a situação se degradar, alertai-me imediatamente. Esta recepção está a decorrer muito bem, mas já é a segunda má notícia do dia.

— Atrever-me-ei a perguntar-vos qual foi a primeira?

— Uma questão muito aborrecida... Um jovem artesão, Néfer, que acabava de entrar na confraria do Lugar de Verdade, é acusado de assassínio na pessoa de um polícia colocado sob as ordens do chefe Sobek. Ele próprio acreditara num acidente, mas factos novos persuadiram-no que se tratava de um acto criminoso.

— Esse Néfer será julgado pelo tribunal do Lugar de Verdade?

— Não, porque foi detido na margem este onde ia visitar o sogro. Se tivesse ficado na aldeia, não teríamos podido interpelá-lo.

O processo pode vir a fazer muito barulho.

— A reputação dos artesãos não se arrisca a ser afectada?

— Será mesmo a sobrevivência da aldeia a ser posta em causa! aquela confraria dá abrigo a criminosos, deve ser dissolvida. O administrador da margem oeste ficará encantado... A condenação de Nefer demonstrará a Ramsés que o Lugar de Verdade é mais perigoso do que útil. A confraria defender-se-á com unhas e dentes, claro... não serei com certeza obrigado a utilizar o exército, e portanto vós mesmo, para proceder a uma evacuação em regra.

— Estou à vossa disposição.

— Saberei recordar-me disso... Rever-nos-emos em breve.

Continuai a divertir-vos, Méhi.

O governador iniciou uma conversa com um rico proprietário de terras, deixando o oficial superior saborear a sua primeira grande vitória.

A carta anónima que enviara a Sobek para denunciar Néfer provocava o efeito esperado. Desta forma, o assassínio que ele próprio cometera prestava-lhe inestimáveis serviços. O jovem seria provavelmente condenado à pena capital e a confraria seria dispersa. Méhi ocuparia a aldeia o tempo necessário para a revistar a fundo e se apoderar dos seus tesouros. Agindo a coberto de uma missão oficial, atingiria os seus fins com toda a legalidade.

Ardente estava sentado no chão de terra batida de um pequeno compartimento de paredes branqueadas a cal. Não tinha janelas e ignorava se era de dia ou de noite. Traziam-lhe de beber e de comer sem lhe dirigirem uma palavra.

A porta do pequeno compartimento não estava fechada e teria podido sair. Mas sentia que aquela falsa liberdade ocultava uma nova armadilha e que não tinha outra solução a não ser esperar pelo julgamento do tribunal.

Ele, regra geral tão fogo e impaciente, não se revoltava contra aquela prova que sentia como indispensável.

Permitia-lhe viver um tempo fora do tempo, conhecer um repouso da alma e do corpo que julgava inacessível. Como o seu destino já não lhe pertencia separava-se dele e alimentava-se desse vazio apaziguador e nada acontecia.

Enquanto a última decisão lhe não fosse anunciada, não seria nem morto nem vivo. Aqui, no território secreto do Lugar de Verdade, já não era um profano mas talvez nunca chegasse a ser membro da confraria. O seu passado tinha desaparecido, mas o futuro ainda não existia.

Ardente descobrira já, fosse qual fosse o resultado daquele combate sem adversários, um mundo que o surpreendia. Os seus pontos de referência habituais tinham desaparecido, os limites esbatiam-se e outro horizonte surgia. Mas não passava de uma sombra sem consistência, como ele próprio, cuja força e o desejo se tinham tornado inúteis.

O rapaz estava persuadido que todos os membros da confraria tinham passado por aquele lugar e que tinham esperado, como ele, um veredicto sem apelo. Nenhum obtivera privilégios, fossem quais fossem os seus dons e competências, e o facto de ter vivido a mesma prova, nas mesmas condições, devia uni-los como irmãos que partilhavam o mesmo ideal.

A porta abriu-se.

O artesão não trazia pão nem água.

— Vem comigo, Ardente.

O jovem colosso teria gostado de passar intermináveis dias naquele lugar calmo

onde nada o podia atingir. Ergueu-se muito lentamente, como se hesitasse em seguir o seu guia.

— Renuncias a solicitar a tua admissão na confraria? — perguntou o artesão.

— Conduz-me onde devo ir.

Tomaram o caminho do templo em frente do qual se encontrava instalado o tribunal de admissão. Os rostos dos juizes estavam impassíveis, com exceção do do velho escriba Ramosé, que parecia sorrir.

Mas Ardente, cujo coração batia em tropel, preferiu ignorá-lo e imobilizou-se em frente de Quenhir, o escriba do Túmulo.

Pela primeira vez na sua existência, a angústia impedia-o de respirar. Pensou em correr até ao extremo da terra para não ouvir as palavras que iam ser pronunciadas.

— Este tribunal tomou uma decisão — disse Quenhir com gravidade — e ela é irrevogável. Sua Majestade o Faraó, mestre supremo do Lugar de Verdade, aprovou-a, e será registada no gabinete do vizir. Tu, Ardente, ouviste realmente o apelo e serás portanto admitido nesta confraria.

Era realmente a ele que o escriba se dirigia? De repente, um fogo novo correu nas suas veias e sentiu vontade de beijar Quenhir Rabugento.

— Infelizmente — continuou este — somos obrigados a adiar a tua iniciação. Não és tu que estás em causa mas a confraria no seu conjunto, devido à desgraça que a feriu.

— Que desgraça?

— A acusação de assassinio que pesa sobre Néfer o Silencioso.

— Silencioso, um assassino? É absurdo!

— Também é a nossa opinião, mas devemos consagrar todas as energias a inocentá-lo. Quando a paz tiver regressado ao meio de nós, receberás o teu novo nome e descobrirás os primeiros mistérios do Lugar de Verdade.

Capítulo 36

No final de um esgotante dia de trabalho, o capitão Méhi fizera brutalmente amor com Serquéta, dando largas à sua fogosidade habitual. A partir de agora, ela não conseguiria passar sem ele e permaneceria no único lugar que uma mulher podia ocupar: o de serva dedicada e obediente. Desde a infância que Méhi desprezava as mulheres e não ia ser Serquéta a modificar a sua atitude. Tal como as outras, procurava um amo e senhor de autoridade indiscutível. Ela, pelo menos, tivera a sorte de o encontrar.

Desde a prisão de Néfer o Silencioso, Méhi contactara com dezenas de pessoas para desenvolver uma estratégia cuja eficácia saboreava: o falso boato. Havia os maledicentes por natureza, que se apoderavam dele com avidez e o espalhavam à velocidade do vento; os imbecis, que o repetiam sem compreender e os faladores, demasiado felizes por poderem brilhar propagando a informação de que afirmavam ser os únicos detentores.

Graças a esta correia de transmissão, Méhi conseguia modelar o pensamento dos outros como queria e transformava o boato em realidade. Para a opinião pública, Néfer o Silencioso surgia já como um temível criminoso, autor de vários assassinatos, e o Lugar de Verdade como um covil de malfeitores que beneficiava de protecções intoleráveis.

Apenas Ramsés o Grande teria podido, com uma palavra, modificar a situação. Mas o Faraó não se situava acima de Maet e não tinha o direito de intervir num processo judicial. Era o preço da salvaguarda da felicidade e da coerência do Egipto.

Acusado, Néfer ia ser julgado.

Como os laços entre o Lugar de Verdade e o vizir eram demasiado estreitos, não seria este a presidir à audiência preliminar destinada a formular a acusação mas sim o decano do tribunal de justiça, um homem idoso rigorosamente ligado às normas processuais.

Méhi não precisava de o comprar visto que, face à gravidade dos factos, decidiria obrigatoriamente pela comparência de Néfer perante um júri.

Seria nesse momento que a intervenção subterrânea se revelaria decisiva. Em primeiro lugar, precisava de impor Abri, o administrador da margem oeste, como jurado, e fazê-lo espalhar novas calúnias sobre a confraria a fim de a sujar mais e de a tornar ainda mais detestável aos olhos da população; em seguida, garantir o voto

da maioria do júri para conseguir a condenação à morte de Néfer, apresentado como um assassino a sangue-frio, uma verdadeira fera desprovida de qualquer humanidade cuja educação tinha sido feita por artesãos tão cruéis como ele.

Desta forma, a armadilha fechar-se-ia sobre a aldeia.

Méhi apalpou o traseiro de Serquéta.

— Esta poldra pertence-me, não é verdade?

Ela enroscou-se de encontro a ele.

— Sim, sou tua... Ama-me uma vez mais.

— És insaciável!

— Não será natural, visto que tenho a sorte de ter um marido infatigável?

— O teu pai preocupa-me, Serquéta.

— Ah... e porquê?

— Está a perder a cabeça.

— Não notei nada.

— Porque não trabalhas com ele. Foi o governador de Tebas em pessoa que me alertou. Durante uma importante reunião, o teu pai balbuciou palavras incompreensíveis, enganou-se no seu relatório contabilístico e depois permaneceu prostrado um longo momento. Por meu lado, assisti nestes últimos dias a incidentes do mesmo género, ainda mais graves. Claro que não disse nada ao governador e tentei dissipar os seus receios.

Infelizmente, o teu pai recusa-se a admitir a realidade.

Quando sai das crises, não se lembra de nada e recusa admitir as suas ausências.

— O que seria preciso fazer?

— Informa o médico dele e pede-lhe para considerar um medicamento, se existe, sem contrariar o teu pai. E se fosse só essa angustiante doença...

Serquéta sentou-se na beira da cama.

— O que se passa?

— Hesito em contar-te.

— Sou a tua mulher, Méhi, e quero saber tudo.

— É de tal forma horrível...

— Fala, exijo-te.

— Arriskas-te a ficar desiludida e ferida, minha cara.

Méhi exprimia-se em voz baixa, como se receasse ser ouvido.

— O teu pai visitava uma propriedade para rever os respectivos impostos e levava-me consigo para me ensinar alguns pormenores técnicos. De repente, atirou-se a uma rapariguinha e tentou violá-la. Embora eu seja muito mais robusto do que ele, tive grande dificuldade em dominá-lo.

Felizmente, impedi o pior. Em seguida, quando voltou à normalidade, não se recordava dessa cena atroz.

— Houve... testemunhas?

— A mãe da rapariguinha.

— Vai apresentar queixa!

— Descansa, consegui dissuadi-la explicando-lhe a situação e oferecendo-lhe uma vaca leiteira e quatro sacos de espelta (1) para ela esquecer aquela tragédia. Mas não estou sempre ao lado do teu pai e receio que volte a fazer o mesmo.

Serquéta estava à beira de uma crise de nervos.

— Vamos perder a nossa reputação, os nossos bens...

— Amo-te por ti mesma, minha querida. Preocupa-te apenas com a saúde do teu pai.

Para Serquéta, o caminho estava traçado: devia transferir a fortuna familiar para o casal e não permitir mais que um doente mental a gerisse.

*1 Espelta — espécie de trigo de inferior qualidade.

Quando a loucura avançasse, o pai assinaria qualquer documento e delapidaria a sua herança. Ora a jovem não suportava a ideia da pobreza. Felizmente, tinha casado com Méhi, cuja luz a salvaria de semelhante perigo.

— Podes mandar vigiar o meu pai permanentemente?

— Não, eu...

— Ordena aos teus soldados que velem discretamente pela sua segurança. Se ele cometer um acto repreensível, eles que intervenham de imediato e não comuniquem o relatório senão a ti.

— Isso seria ultrapassar as minhas funções, e...

— Fá-lo por nós, Méhi! É o nosso futuro que está em jogo.

O capitão fingiu reflectir, quando na verdade já tinha proposto aquela solução ao governador, que a aceitara.

— Se os meus superiores souberem, arrisco-me a pesadas sanções por abuso de poder, mas corro esse risco por ti, minha doçura.

Serquéta beijou o peito do marido.

— Não o lamentarás... E não permanecerei inactiva.

— Sobretudo, fala com o médico dele.

— Com certeza... Mas consultarei também os nossos juristas.

Como filha única, tenho de proteger o património familiar. E a minha verdadeira família, hoje, és tu e os nossos futuros filhos.

Ele obrigou-a a estender-se de costas e estendeu-se sobre ela com todo o seu peso.

— Quantos queres?

— Quatro, cinco...

— Não é demais, para uma mulher da tua qualidade?

— Quero vários rapazes. Parecer-se-ão contigo e terei assim a impressão de te ter junto de mim.

— Já não podes realmente passar sem Méhi, minha linda...

Incapaz de sentir prazer, Serquéta importava-se pouco com as proezas do marido, um amante bastante medíocre. Mas era no entanto um marido ideal, ambicioso e ávido de poder. Graças a ele, preservaria a sua fortuna e conseguiria mesmo aumentá-la, desde que se desembaraçasse de um pai que, de incómodo, passara a perigoso.

Para manipular Méhi, bastava lisonjeá-lo e fazer-lhe crer que era o seu senhor todo-poderoso.

Comportando-se como uma Mulher ardente e uma encantadora idiota, apenas boa para ser mostrada nas recepções pelo braço do seu deslumbrante senhor, serquéta fortalecê-lo-ia na elevada opinião que tinha de si próprio e na sombra, ocupar-se-ia de acumular o máximo de bens. O motivo da existência não era possuir cada vez mais?

Capítulo 37

Daktair não acalmava.

— Haveis-me feito obter o posto que desejava, Méhi, mas estou reduzido a um mero papel de figurante! O director do laboratório central é um velho sacerdote estúpido, incapaz de compreender as perspectivas que a ciência proporciona. Recusa qualquer inovação, qualquer experimentação e reduz o meu trabalho a classificar processos.

— Comei mais um pouco de ganso assado, meu caro; o meu cozinheiro não é um verdadeiro artista?

— Sim, mas...

— Teria julgado um sábio da vossa envergadura muito mais paciente.

— Compreendei-me... Tenho centenas de projectos e estou reduzido à impotência!

— Já não será por muito tempo, Daktair.

O sábio acariciou a barba com as pontas dos dedos.

— Não tenho a impressão que a situação evolua a meu favor.

— Enganais-vos! As minhas boas relações com o governador de Tebas reforçam-se cada vez mais e a minha influência aumenta de dia para dia. O vosso actual director não permanecerá no seu posto durante muito tempo e sois vós que lhe sucedereis.

Daktair deu uma grande dentada numa coxa de ganso bem assada.

— Esse processo que põe em questão o Lugar de Verdade... É uma coisa séria?

— Completamente, meu caro! Graças ao crime abominável que Néfer cometeu, desembaraçar-nos-emos mais depressa do que estava previsto. Os artesãos serão dispersos dessa maldita confraria e serei mandatado para revistar a aldeia de uma ponta a outra, é evidente que me assistireis a título de perito.

Os olhinhos de Daktair brilharam de excitação.

— Mas... o julgamento ainda não se realizou!

— A justiça egípcia é muito severa e pronunciará pesadas penas, simultaneamente contra o assassino e contra os que o protegeram. Pois não é essa confraria uma associação de malfeitores. Proibi-la surgirá como a melhor solução.

Obed o ferreiro acolhera um Ardente de tal forma sobre excitado que trabalhava de forma ininterrupta há oito horas. O rapaz propusera ao escriba do Túmulo formar um comando com dois ou três artesãos robustos, ir libertar Néfer e trazê-lo para a aldeia para o pôr fora do alcance da polícia, mas Quenhir opusera-lhe uma vigorosa recusa. Enquanto esperava a sua iniciação, Ardente devia regressar para junto dos auxiliares e tornar-se útil.

— Então, aceitaram-te? — perguntou o ferreiro que examinava com satisfação os formões de cobre fabricados pelo seu companheiro de um dia.

— Espero que não voltem atrás na palavra dada.

— Não é o género deles... Mas este processo criminal é um mau golpe desferido na confraria.

— Silencioso está inocente!

— No entanto, vai ser condenado por assassínio. O chefe Sobek dispõe com certeza de uma prova.

— Só faço uma pergunta: quem odeia o meu amigo a ponto de assim o arrastar na lama e destruir a sua existência?

— Deverias esquecer essa suja história, Ardente, e trabalhar comigo. Gostas da forja, és dotado. Não te feches nessa aldeia que tem os dias contados.

— O que queres dizer?

— Se Néfer for condenado, a confraria também será. Será feito um inquérito aprofundado a cada um dos membros para estabelecer eventuais cumplicidades, os estaleiros pararão e os artesãos serão dispersos pelos diversos templos tebanos.

É o fim do Lugar de Verdade.

— E a minha iniciação?

— Nunca se realizará.

O rapaz cerrou os punhos.

— Tudo por causa de um génio mau que se oculta nas trevas...

— Conheces bem Néfer? — interrogou o ferreiro.

— É meu amigo.

— Isso não basta para o inocentar! No fundo, não sabes quase nada dele e do seu passado. Durante a sua longa viagem, que homem se tornou? Na Núbia foi com certeza confrontado com a violência e deve ter aprendido a matar. Não regressou a Tebas para enriquecer? Na aldeia, ouviu falar das riquezas depositadas nos túmulos dos faraós durante os seus funerais.

Não terá pensado em apoderar-se delas?

— Seria monstruoso!

— Não terá sido o primeiro a ter tido essa ideia e não será o último. E ele estava melhor colocado do que ninguém para a pôr em execução! Era por essa razão que andava de noite pelas colinas que dominam o Vale dos Reis... Mas ignorava que Sobek se tornara o chefe da segurança e que estabelecera um novo sistema de vigilância. Um guarda surpreendeu-o. Silencioso matou-o e não arranjou melhor refúgio do que a própria aldeia para escapar à polícia. Subestimou a persistência de Sobek, que continuou com a sua investigação e acabou por identificá-lo.

— A tua história é estúpida!

— Vão apresentá-la no tribunal, verás. Os factos encaixam-se demasiado bem uns nos outros para não serem credíveis.

— No entanto, não é essa a verdade!

— Este assunto cheira mal: nem Néfer nem a confraria sairão dele indemnes. Segue o meu conselho e mantém-te a distância.

— Os artesãos estão atados de pés e mãos, mas nem tu nem eu pertencemos à confraria. Se eu tentasse um golpe de força, estarias disposto a ajudar-me?

— Claro que não! Não teríamos qualquer possibilidade e gosto muito do meu trabalho. Néfer está na prisão e ninguém o fará sair de lá.

— Os pais de Clara ainda são vivos?

— Só o pai.

— Sabes qual é a profissão dele?

— Empreiteiro de construção. É um homem competente, de excelente reputação.

Graças às indicações de Obed o ferreiro, Ardente não teve qualquer dificuldade em encontrar a casa do pai de Clara. Para o rapaz não havia qualquer dúvida: o culpado era ele. Não suportando a partida da filha, vingara-se de Néfer fornecendo falsas provas ao chefe Sobek para fazer acusar o sedutor.

Sentindo-se abandonado e traído, o empreiteiro decidira destruir o casal que, retirando-se para a aldeia, lhe escapava.

De boa vontade ou à força, Ardente arrastá-lo-ia diante do tribunal para que confessasse a sua malvadez e limpasse Néfer de qualquer suspeita. Desta forma, o caso rapidamente ficaria resolvido!

A manhã chegava ao fim, as pessoas estavam de regresso do mercado. O rapaz penetrou na casa cuja porta que dava para a rua estava aberta.

Um cão negro barrava-lhe o caminho.

— Calma, amigo... Não te quero mal nenhum.

Bem firme nas patas, o cão rosnou, mostrando os dentes. Se Ardente avançasse, atacaria.

O colosso teria podido quebrar-lhe o pescoço, mas o corajoso guardião era-lhe simpático e Ardente pôs-se de joelhos para o olhar de olhos nos olhos.

— Vem cá, não sou teu inimigo.

Hesitante, o cão negro curvou a cabeça como se quisesse examinar o intruso de outro ângulo.

— Aproxima-te, não te mordo.

Clara surgiu no cimo da escada que dava para o andar de cima.

— Ardente... O que desejas?

O rapaz levantou-se.

— Posso acariciá-lo?

— É um amigo, Trigueiro. Podes recebê-lo sem receio.

O cão parou de rosnar e aceitou uma carícia no alto da cabeça.

— Clara... Sei tudo. Foi o teu pai, não é verdade?

— O meu pai? Não compreendo!

— Ele não aceitou o teu casamento e denunciou Silencioso à polícia. Tem de confessar.

A jovem esboçou um triste sorriso.

— Enganas-te, Ardente. A desgraça que nos fere fez com que o meu pai ficasse doente, muito doente. Embora a minha partida o tenha desgostado, sentiu um grande orgulho por me ver casada com um Servidor do Lugar de Verdade, lá onde são revelados os segredos da profissão aos quais ele próprio não teve acesso.

Quando lhe contei da prisão de Néfer, o seu coração fraquejou.

— Ele...

— Ele ainda vive, mas sinto que a morte está muito próxima.

Capítulo 38

Clara não se enganava.

Uma hora antes do início da audiência preliminar, o pai entregou a alma. A filha sossegara-o afirmando que Néfer não tinha nada a ceensurar-se e que a justiça acabaria por triunfar.

— Tenho que me ocupar dos funerais — disse ela a Ardente.

— Não, vai ao tribunal; o teu marido terá necessidade da tua presença. Eu substituir-te-ei.

— Não posso aceitar, eu...

— Confia em mim, Clara. O teu lugar é ao lado do teu marido.

— Não sabes a quem te hás de dirigir, tu...

— Não te inquietes. É perante uma prova tão atroz que se reconhecem os verdadeiros amigos. Queria salvar Silencioso rebentando os muros da sua prisão, mas é impossível. Só tu o podes apoiar e eu devo vir em teu auxílio. Se o teu pai era um justo, nada tem a recear do tribunal de Osíris, enquanto que o teu marido pode sofrer o inferno por causa do dos vivos.

As palavras do jovem colosso eram rudes mas devolveram a coragem a Clara. Não tinha tempo para se apiedar de si mesma e não tinha outra solução senão continuar a bater-se, mesmo que as suas armas fossem irrisórias.

— Eu, jurado?

— Meu caro Méhi, a vossa designação foi aprovada pelo vizir — revelou o governador de Tebas. — Como era preciso um graduado, pensei imediatamente em vós.

— Mas É uma pesada responsabilidade.

— Eu sei, eu sei... Mas não é a última que exercereis!

Quando este aborrecido processo estiver terminado, gostaria de vos confiar umas tarefas importantes. Os meus gestores estão a envelhecer e preciso de sangue novo.

— Como já vos disse, estou à vossa inteira disposição.

— Perfeito, Méhi. E... o vosso sogro?

— A sua saúde degrada-se.

— É muito aborrecido... Haveis organizado um serviço de vigilância?

— Sim, como estava combinado. Homens de uma discrição exemplar, que só intervirão em caso de necessidade absoluta.

— Qual é a opinião do médico?

— Uma doença que ele conhece mas não pode curar.

— Maçador, verdadeiramente maçador... A propósito da audiência preliminar, o vizir ordenou que se realizasse na margem oeste, em frente da porta do Templo dos Milhões de Anos de Sêti, o pai de Ramsés. Aqui, na margem este, receava uma excessiva afluência de basbaques. Um cordão de polícia impedirá os curiosos de se aproximarem e garantirá a serenidade do tribunal.

Esta modificação de último minuto desagradou a Méhi, mas em nada modificaria o resultado dos debates. Néfer o Silencioso serviria de bode expiatório e a confraria seria arrastada na sua queda.

A delegação do Lugar de Verdade era formada pelo velho escriba Ramosé, pelo escriba do Túmulo Quenhir e pelo chefe de equipa Neb o Realizado. A totalidade dos habitantes da aldeia desejava organizar-se em procissão para vir ao tribunal, mas Ramosé desaconselhara essa exibição que se arriscava a desagradar aos magistrados e prejudicar o acusado.

— Não podes pedir audiência a Ramsés? — perguntou o chefe de equipa a Ramosé.

— Seria inútil. O Faraó deve deixar agir a justiça. Como escriba de Maet, sou o garante da rectidão da confraria.

— Poderíamos exigir ver o vizir!

— Seria igualmente inútil. Actualmente, a sorte de Néfer está nas mãos do tribunal.

— E se ele se engana?

— Se não existirem provas ou se forem inconsistentes, Quenhir e eu próprio exigiremos a absolvição.

Neb o Realizado não partilhava do optimismo de Ramosé. Só tinha confiança no tribunal do Lugar de Verdade, onde a corrupção não existia.

— Estou persuadido que Néfer é inocente e que procuram prejudicar-nos — afirmou Quenhir.

— Ramsés o Grande protege-nos — retorquiu Ramosé. — A obra do Lugar de

Verdade é vital para a sobrevivência do Egito.

— Mas passa-se qualquer coisa de anormal, como se um monstro oculto nas trevas tivesse decidido sair de lá para espalhar o mal.

— Se for esse o caso, saberemos resistir-lhe.

— Primeiro era preciso identificá-lo! Se nos atacar pelas costas, morreremos antes de termos combatido.

O decano dos juizes de Tebas declarou aberta a audiência preliminar referente ao caso de Néfer, Servidor do Lugar de Verdade, acusado de assassinio na pessoa de um polícia pertencente à equipa da noite encarregada de vigiar o Vale dos Reis.

— Sob a protecção de Maet e em seu nome — declarou o decano — peço a esta assembleia que considere os factos e apenas os factos.

Estavam presentes os jurados que, no fim do processo, teriam de pronunciar um veredicto, a delegação do Lugar de Verdade e Clara, a esposa do acusado, que se mantinha à esquerda do decano. Néfer estava ladeado por dois soldados armados com um cacete e um punhal.

Parecia calmo, quase indiferente. Quando o seu olhar se cruzou com o da mulher, sentiu-se capaz de enfrentar aquela provação. Com a sua presença, ela oferecia-lhe uma magia que reforçava a sua serenidade.

— És Néfer o Silencioso. — perguntou o presidente do tribunal.

— Esse sou eu.

— Reconheces ser autor de um assassinato?

— Sou inocente do crime de que me acusam.

— Ousas jurá-lo?

— Sobre o nome do Faraó, juro.

Um longo silêncio seguiu-se àquele juramento, do qual todos compreenderam a importância. Méhi estava encantado; depois de proferir tal declaração, Néfer, reconhecido como perjuro, não escaparia à pena de morte.

— A acusação tem a palavra.

O chefe Sobek avançou e recordou os factos. Lamentou a rapidez do seu próprio inquérito e as suas conclusões apressadas e comunicou ao tribunal a carta anónima, mas perfeitamente informada, que acusava Néfer. A partir daquela revelação, reflectira e concluía que Néfer, com efeito, era um culpado plausível, tanto mais que não dispunha de qualquer alibi para a noite do crime. Criado na aldeia dos artesãos, ouvira forçosamente falar das riquezas do Vale dos Reis e concebera o

projecto insensato de se apoderar delas.

Surpreendido por Um guarda quando tentava seguir um itinerário para penetrar no domínio interdito, não tivera outra hipótese senão matá-lo. Com o espírito calculista que o caracterizava, Néfer refugiara-se em seguida na aldeia onde a polícia não tinha o direito de penetrar.

— Essa grave acusação baseia-se apenas num documento anónimo — observou o decano.

— É evidente — respondeu Sobek — que foi escrito por um artesão dominado pelos remorsos e que deseja que a verdade venha ao de cima. Para mais, os factos encadeiam-se de maneira implacável.

O decano dirigiu-se a Néfer.

— Onde estavas tu na noite do crime?

— Não me lembro.

— Porque regressaste à aldeia?

— Porque ouvira o apelo.

O administrador da margem oeste pediu a palavra.

— A defesa de Néfer é irrisória! Esse rapaz é um aventureiro, dotado de um sangue-frio temível e capaz do pior.

Que ele compareça perante um júri que o condenará por assassínio e perjúrio.

— Falta uma prova decisiva — considerou o decano.

— Talvez não — objectou Sobek. — Um dos meus homens, que patrulhava nessa noite o lugar do crime, lembra-se de ter detectado alguém a rondar por ali.

Fizeram comparecer o polícia que, impressionado pelo decano e os jurados, teve a maior dificuldade em expressar-se, mas acabou por admitir que lhe parecia ter reconhecido o acusado.

O decano não tinha alternativa.

— Decido assim...

— Um instante.

— Quem ousa interromper-me?

Uma mulher idosa, magra, de magníficos cabelos brancos, sentou-se perante o presidente do tribunal.

— Néfer o Silencioso está inocente.

— Quem és tu?

— A Mulher Sábia do Lugar de Verdade.

Capítulo 39

Houve murmúrios percorrendo a assembleia, estupefacta com o aparecimento daquela mulher estranha que tinha o porte de uma rainha. Para muitos, a Mulher Sábia do Lugar de Verdade não passava de uma personagem lendária, dotada de poderes sobrenaturais. Como nunca saía da aldeia, a sua própria existência chegara a ser posta em dúvida.

O presidente do tribunal teve dificuldade em encontrar as palavras.

— Como... Como podeis ser tão afirmativa?

— Desde que Néfer o Silencioso vive na aldeia que o observo.

Ele não é um criminoso.

— A vossa opinião não deixa de ser importante — considerou o decano com prudência — mas só uma prova...

— Se fosse provado que Néfer não podia estar na margem oeste, no sítio do drama, seria definitivamente considerado inocente?

— Com certeza, mas ele próprio é incapaz de se recordar donde se encontrava!

A Mulher Sábia aproximou-se do jovem que admirou a profundidade e a beleza do seu olhar.

— Dá-me a tua mão esquerda.

Apertou-a entre as suas. Um calor simultaneamente doce e intenso penetrou na palma da mão de Néfer, subiu ao longo do seu corpo e invadiu-lhe a cabeça.

— Fecha os olhos e recorda-te.

A alma-pássaro de Néfer iniciou uma maravilhosa viagem voando sobre o Nilo e as barcas impelidas pelo vento. Depois, irresistivelmente atraída por um palmar onde se aninhava uma pequena aldeia próxima de Assuão, a Margem Feliz, onde as crianças brincavam com um pequeno macaco verde.

— Sim — murmurou ele — dormi na orla dessa aldeia nessa noite, embrulhado na minha esteira. Estava fatigado e triste, prisioneiro da minha vida errante, sem qualquer gosto pelo mundo exterior... Mas era ali, na Margem Feliz, e a lua cheia brilhava.

Néfer abriu os olhos, a Mulher Sábia afastou-se e dirigiu-se de novo ao presidente do tribunal.

— Pedi ao chefe Sobek que se dirija imediatamente a esse local e interrogue os

habitantes.

Encerrado numa das celas do quinto fortim, Néfer esperava sem impaciência. Devido à intervenção da Mulher Sábia em seu favor, os polícias mostravam-se particularmente amáveis para ele, com medo de serem afectados por um feitiço. Correctamente alimentado, autorizado a dar alguns passos no exterior de manhã e à tarde, Néfer via Clara todos os dias.

Para o serenar, ela afirmava-lhe que corria tudo bem na aldeia, mas Néfer estava persuadido que alguns, duvidando ainda da sua inocência, Lhe deviam fazer a vida dura.

Finalmente, depois de duas semanas de viagem e investigação, Sobek abriu a porta da cela.

— Estás livre e limpo de toda a suspeita, Néfer. Várias testemunhas te viram perfeitamente na Margem Feliz na noite do crime. Não foste portanto tu que mataste o polícia. A título de indemnização por prejuízos sofridos, o tribunal concede-te uma arca de arrumação em madeira, dois saíotes novos e um rolo de papiros de boa qualidade. Quanto a mim, apresento-te as minhas desculpas.

— Apenas fizeste o teu trabalho.

— Mas tu nunca me perdoarás...

— Porque acreditaste na minha culpabilidade, Sobek?

— Agi duas vezes com leviandade: primeiro, supondo que o polícia tinha sido vítima de um acidente; em seguida, pensando que o autor da carta anónima me oferecia a identidade do assassino e me permitia reparar o meu erro. Se o exigires, serei demitido.

— Não o exigirei.

O núbio ficou tenso.

— Não estou habituado a que tenham pena de mim...

— Não é pena. Cometeste dois graves erros, com efeito, e eles ensinaram-te com certeza mais do que todos os teus êxitos. Actualmente, serás muito mais desconfiado e velarás pela segurança da aldeia com mais lucidez.

— Subsiste um problema grave — lembrou o polícia: — quem escreveu aquela carta?

— Tens alguma pista?

— Nenhuma, mas fui ridicularizado e sou rancoroso. Houve crime, tenho a certeza, e o assassino é provavelmente o autor desse documento. Mas porque

procurou ele destruir-te?

— Não faço a mínima ideia.

— Levarei o tempo que for preciso — prometeu Sobek — mas não deixarei este enigma por explicar.

— Posso regressar à aldeia e reunir-me com a minha esposa?

— És livre, já te disse, mas ouve-me mais um instante: não crês que estás em perigo?

— Não garantirás a minha protecção?

— Não estou autorizado a penetrar na aldeia.

— O que poderei ter a recear ali?

— Supõe que o autor da carta anónima seja um membro da confraria... Não descansará enquanto não continuar a prejudicar-te, mesmo a suprimir-te. É na própria aldeia que estarás em maior perigo.

— Faz o teu inquérito, Sobek, e identifica o demónio que se oculta nas trevas.

O núbio sentiu que o artesão não levava a sério os seus avisos mas não continuou a retê-lo, demasiado feliz por não o ver apresentar contra ele uma queixa que teria posto fim à sua carreira.

Logo que Néfer saiu do fortim, um cão negro saltou sobre ele com tal entusiasmo que por pouco não o fez cair. Depois de lhe ter poisado as patas nos ombros e lambido a cara, Trigueiro iniciou uma corrida louca em redor do seu dono e, com a língua pendente deteve-se finalmente para deixar que ele o acariciasse.

Clara avançou para o marido, que a tomou nos braços.

— O Trigueiro queria ser o primeiro a festejar a tua libertação. Que felicidade reencontrar-te!

— Durante esta provação só pensei em ti. Via o teu rosto que apagava a angústia e as paredes da cela. Se não tivesses estado presente na audiência, ter-me-ia ido abaixo.

— Foi a Mulher Sábia que te salvou.

— Não, foste tu. Logo que te vi, tive a certeza que as mentiras não me atingiriam.

— O meu pai morreu — confessou ela — e foi Ardente que se ocupou dos funerais para que eu pudesse estar presente na audiência. Aquele rapaz tem um coração de ouro.

— Tornaste a ver a Mulher Sábia?

— Não, e aconselharam-me a que não a importunasse. Já era altura de regressares.

— Mantiveram-te à parte, não é verdade?

— Não me lembro de nada... A nossa vida na aldeia começa hoje.

Clara tinha razão. Actualmente, Néfer sabia que a felicidade era simultaneamente frágil como as asas de uma borboleta e robusta como o granito, desde que fosse saboreada a cada instante como um milagre.

Acompanhado de Trigueiro, o casal dirigiu-se para a porta principal.

— Lamento não ter assistido aos funerais do teu pai.

— Admirava-te muito e espero tê-lo serenado antes da grande partida. Prometera-lhe que seria feita justiça e assim foi.

— Não possuis estranhos poderes?

— Não, foi o teu amor que me permitiu não perder a coragem.

O guarda cumprimentou-os calorosamente.

— Estou feliz por voltar a ver-te, Néfer! Eu e o meu colega sempre soubemos que estavas inocente. Parece que se prepara uma festa na aldeia... Divirtam-se!

A porta abriu-se e Néfer e Clara entraram na sua nova pátria.

Com os dois chefes de equipa à frente, todos os artesãos se tinham reunido à entrada da rua principal para acolher o casal e o abraçar. O reencontro foi feliz e esvaziaram algumas ânforas de cerveja doce, gabando os méritos da Mulher Sábia.

— Visto que Néfer está de regresso — disse Neb o Realizado — chegou a hora de proceder à iniciação de Ardente.

Capítulo 40

— Acorda — disse Obed o ferreiro a Ardente.

— O que se passa?

— O teu amigo Néfer foi libertado e dois artesãos vieram buscar-te.

Ardente, que tinha dormido duas horas depois de um dia de trabalho intenso na forja, levantou-se de um salto.

— Reflectiste bem? — perguntou Obed.

— Chegou o momento da minha iniciação!

O ferreiro não insistiu. No entanto, estava persuadido que o jovem colosso corria para a sua perda.

— Onde vamos? — interrogou Ardente.

Os dois artesãos tinham uma expressão hostil.

— A primeira das virtudes é o silêncio — respondeu um deles.

— Se desejas, segue-nos.

A noite tinha caído, não brilhava nenhuma luz na aldeia nem nos arredores. Em passo seguro, como se conhecessem a menor irregularidade do terreno, os dois artesãos guiaram Ardente até ao limiar de uma capela da necrópole escavada na colina que ladeava o flanco oeste da aldeia.

O postulante teve um movimento de recuo. Não era a morte que procurava, mas uma vida nova! Embora sentisse vontade de fazer dez perguntas, conseguiu controlar a língua.

Os dois artesãos afastaram-se e desapareceram nas trevas, deixando Ardente só diante da porta de madeira dourada, enquadrada por alisares de calcário e encimada por uma pequena pirâmide.

Quanto tempo deveria ainda esperar? Se a confraria pensava esgotar a sua paciência, enganava-se. Agora que se encontrava diante da primeira porta, Ardente não abandonaria mais a sua presa.

Estava pronto a bater-se com qualquer adversário, mas o que saiu das trevas fê-lo arrepiar: sobre um corpo de homem, havia uma cabeça de chacal de longo focinho agressivo e orelhas pontiagudas! Na mão esquerda, o monstro segurava um ceptro cuja extremidade superior era um focinho de canídeo pronto para morder..

O homem com cabeça de chacal imobilizou-se a menos de um metro de Ardente

e estendeu-lhe a mão direita.

Não ia ser um monstro, por muito aterrador que fosse, que se atravessaria no seu caminho; assim, Ardente não hesitou, embora se lembrasse dos contos que afirmavam que o chacal da noite só aparecia aos mortos.

— Se seguires Anúbis — disse a estranha criatura — ele conduzir-te-á ao segredo. Mas se tens medo, não vás mais longe.

— Sejas quem fores, desempenha a tua função.

— Esta porta só se abrirá se pronunciares as palavras de força.

O homem com cabeça de chacal largou a mão de Ardente que se interrogou sobre a conduta a adoptar. Não conhecia essas palavras! Teria de deitar a porta abaixo a murro para saber o que havia do outro lado?

Antes que tomasse uma decisão radical, Anúbis reapareceu, trazendo uma pata de bovídeo em alabastro.

— Apresenta-a à porta — ordenou a Ardente. — Só ela é detentora da palavra de força, a da oferenda.

O jovem colosso elevou a escultura.

Lentamente, a porta abriu-se. Surgiu um homem com cabeça de falcão, envergando um corpete de ouro e transportando uma estatueta de madeira vermelha que representava uma personagem decapitada, com os pés para o céu.

— Toma o cuidado de não andares com a cabeça ao contrário, Ardente, senão perdê-la-ás. Só a rectidão te evitará essa triste sorte. Agora, franqueia a entrada.

Ardente penetrou numa pequena capela decorada com cenas que mostravam os membros da confraria em posição de fazer oferendas às divindades. No centro do compartimento, o início de uma escada que mergulhava nas entranhas da colina.

— Vai ao centro da Terra — ordenou o homem de cabeça de falcão — abre o grande vaso que aí se encontra e bebe da sua água pura a fim de não seres consumido pelo fogo. Ele te fará descobrir a energia da criação.

Ardente desceu a escada, degrau a degrau, para se habituar à obscuridade.

Chegou a uma cripta onde tinha sido colocado um grande vaso que ergueu segurando-o pelas asas. A água que continha era fresca e anisada.

O rapaz sentiu-se animado por um vigor novo, como no tempo abençoado da inundação, quando era recebida a autorização para beber água da cheia.

O homem com cabeça de chacal e o seu companheiro com cabeça de falcão desceram por sua vez para a cripta e, com tochas, iluminaram um jarro de prata e uma bacia do mesmo metal, cheia de água. Utilizaram-na para lavar os pés de

Ardente, antes de se colocarem de um lado e de outro do postulante e verterem o líquido purificador sobre a sua cabeça, ombros e mãos.

— Nasces para uma vida nova — disseram-lhe — e vais percorrer o oceano das energias.

No fundo da cripta, uma passagem conduzia a um jazigo ocupado por um sarcófago em forma de peixe, o mesmo que engolira o sexo de Osíris quando as partes do corpo do deus assassinado tinham sido dispersas no Nilo. Os dois ritualistas retiraram a cobertura e fizeram sinal a Ardente que se estendesse no interior do enorme peixe incrustado de lápis-lazúli.

Ali viveu a sua primeira metamorfose, compreendendo que não era apenas um homem mas pertencia à criação inteira e estava também ligado a todas as formas de existência.

Graças ao peixe de luz, julgou-se um instante capaz de subir à fonte da vida.

Mas o chacal e o falcão arrancaram-no à sua meditação para o fazerem voltar a subir à superfície, sair da capela e entrar noutra, muito mais ampla, onde quatro archotes tinham sido colocados em rectângulo. Junto deles, quatro bacias de argila misturada com incenso e cheias do leite de uma bezerra branca.

Estavam presentes vários artesãos. O chefe de equipa Neb o Realizado tomou a palavra.

— É o olho de Hórus que nos permite ver esses mistérios e estar em comunhão com os bem-aventurados que residem no céu.

Se desejas verdadeiramente tornar-te nosso irmão, deverás trabalhar, longe dos olhos e dos ouvidos e respeitar a nossa regra, que é o nosso pão e a nossa cerveja; chama-se "a cabeça e a perna (1), porque inspira simultaneamente o pensamento e a acção e serve de leme à nossa barca comunitária. A regra é a expressão de Maet, a filha da luz divina, o princípio de toda a harmonia e o Verbo criador. Persistes em solicitar a tua admissão entre nós e desejas conhecer a extensão dos teus deveres?

— Persisto e desejo — respondeu Ardente.

— Sê vigilante para realizares as tarefas que te forem confiadas — disse Neb o Realizado — e não te mostres nunca negligente. Procura o que é justo, sê coerente, transmite o que tiveres recebido, incarnando-o na matéria sem trair o espírito. Que o mistério da obra permaneça oculto sendo revelado; sê silencioso e preserva o segredo. Trabalha no templo se fores chamado a isso, faz oferendas aos deuses, ao Faraó e aos antepassados, participa nas procissões, nas festas e nos funerais dos teus irmãos, cotiza-te para os nossos fundos de solidariedade, submete-te às decisões do nosso tribunal, não toleres qualquer má vontade, não te apresentes no templo se agiste contra Maet, se estás em estado de impureza ou de mentira. Não

aumentes no peso nem na medida, não leses o olho de luz, não sejas ambicioso. Estás pronto a jurar sobre a pedra que respeitarás a nossa regra?

*1 Em egípcio, tep-rec.

— Estou pronto.

Foi Néfer o Silencioso que avançou para destapar uma pedra em forma de cubo de onde parecia brotar uma suave luz.

— Pela tua vida e pela do Faraó, comprometes-te a respeitar os deveres que acabo de enunciar?

— Comprometo-me — afirmou Ardente.

— Hoje — declarou o chefe de equipa — tornas-te Servidor do Lugar de Verdade, nativo do Túmulo, e recebes o teu novo nome, Paneb. Possa ele durar como as estrelas do céu, não ser esquecido para a eternidade e preservar a tua força dia e noite. Que as divindades o tornem estável como a própria verdade.

Segurando na mão esquerda uma bengala com cabeça de carneiro, incarnação do deus Amon, Néfer escreveu o novo nome de Ardente sobre o seu ombro direito com um pincel fino mergulhado em tinta vermelha.

— Que tu, que te tornas artesão — continuou o chefe de equipa — saibas sempre responder ao apelo, trabalhes para ter acesso às fórmulas de Tot, resolver as suas dificuldades e tornar-te perito nos seus segredos. Assim, acederás ao país de luz.

Paneb o Ardente foi coberto com óleos perfumados e unguentos, depois vestido com uma túnica branca e calçado com sandálias brancas. Sobre a língua, Néfer traçou simbolicamente a imagem de Maet para que ela não mais pronunciasse palavras incorrectas.

O chefe de equipa tornou a cobrir a pedra e apagou os quatro archotes mergulhando-os nas bacias de leite. Depois, os artesãos saíram da capela para contemplarem as estrelas.

Capítulo 41

Quando a aurora surgiu, Paneb o Ardente e Néfer o Silencioso continuavam sentados em frente da porta da capela onde o primeiro acabava de ser iniciado. Tinham contemplado as estrelas onde para sempre viviam as almas dos faraós e dos sábios que, desde as origens da civilização egípcia, tinham contribuído para a construir.

— Passaste pelos mesmos rituais? — perguntou Paneb ao amigo.

— Exactamente os mesmos.

— E a tua esposa?

— Ela também, tal como as outras mulheres que vivem na aldeia. Pertencem todas à confraria das sacerdotisas de Hátor, mas a maior parte delas contenta-se com o primeiro escalão.

— Há vários?

— Provavelmente...

— Para os artesãos também?

— Claro, mas o essencial é que formamos uma tripulação. Seja qual for a nossa função, vogamos todos na mesma barca e cada um desempenha a bordo uma função determinada.

— Qual será a minha?

— Em primeiro lugar, tornares-te útil.

— Aos outros?

— Útil à obra e, além disso, aos membros da confraria.

— O que é realmente esta obra, Néfer?

— A construção do túmulo real e tudo o que ele implica.

Graças a ela, o invisível está presente na Terra e o processo de ressurreição realiza-se.

Mas falta-nos ainda aprender muito antes de participarmos plenamente na obra.

— Vou finalmente pintar e desenhar!

— O mais urgente, para ti, é aprender a ler e a escrever com as crianças da aldeia.

— Já não sou um garoto! — protestou Paneb.

— A escrita é a base da tua arte e não tens tempo a perder.

Quenhir é um professor severo, por vezes picuinhas, mas os seus alunos ficam bem formados.

— Já que é preciso passar por isso... Sabes o significado do meu novo nome?

— Paneb significa o mestre. Foi o chefe de equipa Neb o Realizado que to atribuiu para te fixar um objectivo impossível de atingir. Está convencido que não renunciarás a tornar-te um mestre e que queimarás a tua energia à medida que fores conhecendo fracassos. Um dia, acalmarás.

— Esse chefe de equipa há de ficar desiludido! Hei-de tornar-me um mestre na minha profissão e merecerei o meu nome.

Julgou fazer-me vergar sob um fardo, mas proporciona-me um fogo que não se extinguirá senão com a minha morte.

No exterior do recinto, os auxiliares dedicavam-se ao trabalho: descarregavam os burros e entregavam a água necessária para as abluções matinais.

O Sol erguia-se sobre o Lugar de Verdade, o território onde Paneb o Ardente ia viver a aventura com que tanto sonhara.

Descobria finalmente a aldeia, bem abrigada por trás dos seus altos muros! Outros, menos elevados, eram construídos com uma base de grandes blocos para estabelecer um obstáculo às correntes de lama e cascalho provocadas pelas tempestades, tão raras quanto violentas.

Situada a quinhentos metros do limite das mais fortes cheias que, portanto, não ameaçavam, a aldeia ocupava todo o espaço do pequeno vale desértico, um antigo leito de torrente rodeado de colinas que ocultavam da vista e protegiam o aglomerado sagrado do olhar dos curiosos. A igual distância do Templo dos Milhões de Anos de Ramsés o Grande e da santa colina de Djêmé onde dormitavam os deuses primordiais, a cidade", como lhe chamavam por vezes os artesãos, surgia como um local fora do mundo, isolado do vale do Nilo. A oeste, a falésia da Líbia; a sul, um contraforte rochoso ao qual encostava o templo principal; para norte, a saída do vale e o suave declive que ia dar aos campos de cultura.

Tinham sido preparadas duas necrópoles de um lado e outro da aldeia. A de este fora concebida em três níveis: o inferior para as crianças, o médio para os adolescentes e o superior para os adultos. A de oeste, igualmente disposta em degraus, ficava de frente para o Sol e possuía as mais belas capelas.

Aqui, a vida, a morte e a eternidade estavam intimamente unidas numa harmonia ao mesmo tempo natural e sobrenatural. No território da aldeia havia também

santuários, capelas de confraria, oratórios, cisternas, celeiros e outras construções sagradas ou profanas.

— Vem — disse Néfer a Paneb — levo-te a tua casa.

— Queres dizer... que tenho uma casa?

— Uma pequena casa de celibatário... Mas não esperes nenhuma maravilha!

— Tu também tens uma?

— Tive mais sorte do que tu, porque a minha está em melhor estado. Ninguém escolhe: é o escriba do Túmulo que nos atribui o domicílio e o chefe de equipa um lugar na capela da confraria onde nos reunimos.

— Quem a dirige realmente?

— O escriba do Túmulo, Quenhir, e dois chefes de equipa, devia dizer de tripulação, pois a nossa confraria é comparável a um barco. Neb o Realizado reina a estibordo, o lado direito, e Quaha a bombordo, o lado esquerdo. Tu e eu fomos englobados na equipa do lado direito como aprendizes. Devemos respeito aos companheiros e aos peritos que aqui se encontram há longos anos e tiveram acesso às fórmulas de conhecimento.

— Quantos somos?

— Hoje, trinta e dois artesãos. Dezasseis na equipa da direita, dezasseis na equipa da esquerda. Já foram mais, antigamente, até cerca de cinquenta.

Mas houve mortes e partidas para outros horizontes e o Faraó prefere uma equipa compacta e coerente. A tua admissão, tal como a minha, são quase um milagre! Como dizes, somos obrigados ao silêncio para tentarmos tornar-nos realmente os que ouviram o apelo.

— No grupo de que profissão foste incluído?

— No dos talhadores de pedra que têm como missão saber utilizar o grande formão, capaz de fender a rocha mais dura, mas também esculpir com delicadeza com a pequena enxó.

— Deixaram-te escolher?

— Não possuo os teus dons para o desenho — respondeu Néfer — e sempre gostei de lidar com a pedra.

— Para mim, será o desenho e nada mais!

— E se o chefe de equipa te confiar outras tarefas?

O jovem colosso disfarçou mal o seu descontentamento.

— Tenho um objectivo determinado e ninguém me desvia dele!

— Neb o Realizado não é fácil — afirmou Néfer — e não aceita que discutam as

suas ordens. Como és o último aprendiz, deverás curvar-te.

— Tu que és meu amigo sabes que isso é impossível! Por quanto chefe de equipa que ele seja, não me faz medo e terá de explicar-me o que espera de mim. No Egipto não há escravos e não serei eu o primeiro.

Néfer não insistiu, com medo de atiar o incêndio. Os primeiros passos de Paneb anunciavam-se difíceis.

Este descobriu com curiosidade a aldeia, atravessada por uma rua principal norte-sul e um segundo eixo perpendicular de menor importância. No interior do recinto, setenta casas brancas onde viviam os membros da confraria e as suas famílias e o escriba do Túmulo. A norte, a mais antiga parte habitada, datando da época de Tutmés I.

Os dois amigos passaram em frente da bela moradia de Ramosé, que ali acolhera o seu sucessor e filho espiritual, Quenhir, que dispunha também de uma sala de colunas para receber os artesãos e de um gabinete perfeitamente equipado.

Paneb sentiu poisar sobre ele o olhar dos seus colegas da eqi pa da direita, que estava a repousar, e os das respectivas esposas provavelmente intrigadas com a chegada daquele jovem colosso de corpo sedutor.

Uma dezena de crianças, dos quatro aos doze anos, à sua frente, conversando e rindo. O Eixo principal ia dar a uma espécie de cruzamento e os dois homens dirigiram-se para a direita e depois regressaram ao eixo transversal até atingirem o extremo sul da aldeia onde ficava a casa atribuída A Paneb o Ardente. Contemplou-a longamente.

— Mas é uma ruína!

Capítulo 42

As paredes ameaçavam desmoronar-se, as madeiras estavam carunchosas e a pintura estalada.

— Esta casa não está em excelente estado — reconheceu Néfer — mas tem a inestimável vantagem de ter sido construída na aldeia.

O argumento não acalmou a cólera de Paneb.

— Quero ver imediatamente o escriba do Túmulo.

Sem se preocupar com as consequências da sua iniciativa, o jovem colosso subiu a rua a toda a velocidade e penetrou na sala de audiência de Quenhir onde este, sentado numa esteira, desenrolava um papiro de contabilidade.

— Haveis sido vós a atribuir-me um pardieiro inabitável?

O escriba do Túmulo não levantou os olhos e continuou a ler.

— És o aprendiz Paneb?

— Sou eu, sim, e exijo ser correctamente alojado.

— Aqui, rapaz, um aprendiz não exige nada. Ouve e obedece.

Com esse carácter, vais ter muita dificuldade em vencer e o teu chefe de equipa não tardará a pedir a tua exclusão. Serei o primeiro a dar-lhe razão.

— Não devo ser tratado como os outros artesãos? Eles dispõem de um alojamento como deve ser!

— De momento, não és nada. A confraria iniciou-te nos teus primeiros deveres, mas o que compreendeste da cerimónia? Ainda nem sequer passaste um dia na aldeia e já queres ser instalado como um notável! Mas por quem te tomas? Julgavas talvez que, pelos teus lindos olhos, te ofereceriam uma soberba moradia, luxuosamente mobilada, com uma cave cheia de bons vinhos...

Ignoras que todos os teus colegas construíram ou repararam a sua casa, sem gemer nem protestar? Beneficiar de um local e de umas paredes, mesmo a cair, é já uma extraordinária sorte com a qual sonham centenas de candidatos infelizes. E tu atreves-te a queixar-te! æ vaidade juntas a estupidez!

Com precaução, Quenhir continuou a desenrolar o papiro, lançando uma vista de olhos aos números lá inscritos.

Paneb fervia interiormente, hesitando em agarrar no escriba e atirá-lo para fora da sua toca e destruir-lhe o material.

— Ainda aí estás, aprendiz? Farias melhor em tornar o teu casebre habitável, porque ninguém te ajudará. Numa confraria como a nossa, quem não é autónomo não tem lugar.

Paneb deu meia volta. Quenhir respirou melhor. Se o jovem colosso tivesse cedido à cólera, como teria o escriba podido resistir-lhe?

Os degraus da pequena escada de pedra que ligava a rua ao limiar do primeiro compartimento estavam gastos. Com excepção das bases inferiores de pedra, que tinham resistido ao tempo, o resto da casa, de tijolos secos, era para reconstruir.

Quanto às vigas, estavam tão afectadas que mais valia mudá-las. Era evidente que o casebre não era habitado há muitos anos e seria preciso primeiro que tudo limpá-lo de cima abaixo.

Mas o discurso do escriba do Túmulo agradara a Paneb o Ardente que acabava de tomar consciência que aquela ruína era a sua primeira casa. De repente, pareceu-lhe mais bela do que um palácio.

— Estou pronto a ajudar-te — disse-lhe Néfer.

— Segundo Quenhir, é proibido.

— Há o costume. mas há também a amizade.

— Respeitarei o costume e tratarei sozinho do restauro.

— Alguns aspectos técnicos podem escapar-te.

— Cometerei erros, mas será o meu estaleiro. Em contrapartida, se me convidasses para almoçar não diria que não.

— Supuseste por um instante sequer que Clara se tinha esquecido de ti?

Se a fachada da casa atribuída a Néfer criava ilusões, o interior exigia uma reparação completa. Tivera apenas tempo de arranjar uma pequena cozinha onde Clara preparava carne de vaca e lentilhas com cominhos. O fumo saía por um buraco redondo aberto no tecto.

Uma vez mais Paneb foi tocado pela extraordinária beleza da jovem, cujo sorriso luminoso obrigava os mais agrestes a mostrar-se amáveis.

— Ainda não temos assentos — disse ela — mas sê bem-vindo a nossa casa! Tenho a certeza que a tua magnífica propriedade te entusiasmou.

Paneb desatou a rir.

— Conheces-me bem, Clara. Ontem, dormia ao relento; hoje arrisco-me a morrer esmagado pelo peso dos velhos tijolos que desabarão sobre a minha carcaça. Mas, enfim, estou aqui, convosco... e morro de fome!

Paneb o Ardente saboreou a melhor refeição da sua jovem existência. O pão

estava estaladiço, a carne saborosa, as lentilhas macias e a cerveja suave. Um queijo de cabra completou o festim.

— Amanhã de manhã — disse Clara — irás buscar as tuas rações.

— Come-se assim todos os dias?

— Muito melhor por altura das festas.

— Compreendo por que razão é tão difícil entrar nesta confraria! Alojamento gratuito, alimento em quantidade, profissão apaixonante... Descobri o paraíso na terra.

— Apesar de tudo, sê prudente — recomendou Néfer. — É muito difícil entrar, com efeito, mas muito fácil sair. Se o teu chefe de equipa estiver descontente contigo, não vai ser Quenhir que te apoiará. Entre os dois, conseguirão a tua expulsão imediata.

— Como te entendes com Neb o Realizado?

— É um homem rude, autoritário, que não tolera qualquer imperfeição no trabalho. Para ser sincero, não gosta muito de ti e não te permitirá qualquer escorregadela.

— É possível passar para a outra equipa?

— Não te aconselho a fazeres essa tentativa. Desagradará profundamente aos dois chefes de equipa e Quaha será ainda mais intransigente do que Neb o Realizado.

— Entendido; vou lutar.

— Porque hás de encarar as relações hierárquicas como uma guerra? — interrogou Clara.

A pergunta surpreendeu Ardente.

— É preciso lutar a cada momento, aqui como em qualquer outro lugar. O chefe de equipa tentará vergar-me e fracassará.

— E se a sua intenção fosse formar-te para que tu viesses a realizar obras importantes?

— Sou jovem, Clara, mas já não tenho a mínima ilusão. Entre os seres só existem relações de força.

— Esqueces o amor?

Paneb fixou a sua escudela.

— Tu e Néfer formam um casal excepcional, mas não podem servir de modelo. És sacerdotisa de Hátor, não é verdade?

— Desde a minha iniciação — disse a jovem — vou ao seu oratório todos os

dias e preparo as oferendas que devem ser depositadas nos altares, nos templos e nas capelas de túmulos e em cada casa. Na aldeia, a vida é diferente. Há casais, celibatários, crianças, mas as nossas casas são também santuários e não existem outros sacerdotes e sacerdotisas que não sejam os artesãos e as suas esposas. Nas nossas respectivas funções, o quotidiano não está separado do sagrado e é essa a razão pela qual tive a impressão de ouvir bater um dos corações secretos do Egipto ao abrigo dos muros desta aldeia. É-nos proposto experimentar o mistério, apreciar o seu sabor, ouvir a sua música, e esse destino pertence-nos.

— Desde que os chefes de equipa assim o desejem...

— Vivo aqui há pouco tempo — acrescentou Clara — mas sei já que a perseverança é uma virtude essencial para compreender as leis invisíveis do Lugar de Verdade. A aldeia é uma mãe generosa que dá sem deitar contas, mas estará o nosso coração suficientemente aberto para a acolher?

As palavras da jovem perturbaram Paneb o Ardente. Rasgaram um véu que lhe obscurecia o olhar e que a própria iniciação tinha deixado intacto.

Embora tivesse ouvido o apelo, não imaginava que aquela modesta aldeia fosse um mundo tão vasto e contivesse tantos tesouros cuja verdadeira natureza ainda lhe escapava...

— Vais dormir esta noite aqui? — perguntou Néfer.

— Não, tenho que tratar da minha casa, caso contrário a Clara e tu teriam vergonha de mim.

— Repito-te que podes contar com a minha ajuda.

— Se não conseguir sozinho, sou eu que terei vergonha da minha mediocridade. Confesso ser idiota de vez em quando, mas compreendi que a reparação deste casebre é a minha primeira prova.

Capítulo 43

O trabalho em profundidade de Méhi dava os resultados previstos. Não precisou de mais de três meses para obter o grau de comandante-chefe das tropas tebanas, cuja reorganização administrativa e militar lhe tinha sido confiada. Pouco a pouco, conseguia afastar os outros oficiais superiores utilizando a sua arma favorita, a intriga, à qual acrescentava uma ladainha de promessas que encantavam os ouvidos dos soldados: aumento do soldo, possibilidade de reforma antecipada, melhoria do rancho, modernização das casernas. Quando não eram concretizadas, Méhi acusava a hierarquia de negligência e de hipocrisia e lamentava os infelizes que tinham sido enganados, afirmando que tomava constantemente a sua defesa perante as autoridades competentes. Na realidade, face a estas últimas, apelidava os soldados de escória e acusava-os de ozarem de condições de vida demasiado favoráveis.

A nomeação do novo comandante-chefe tinha sido bem acolhida tanto pelas chefias como pelas bases, e Méhi fortalecia a sua excelente reputação convidando todas as noites para jantar um notável de Tebas, cujo processo estudara com cuidado para o poder lisonjear com um máximo de eficácia. Cada um dos seus convidados partia com a certeza de que era um ser excepcional e o comandante um homem dedicado e digno de elogios.

Além disso, Serquéta excedia-se no papel de perfeita dona de casa, encantadora e divertida, suficientemente superficial para não aborrecer e capaz de brincar às rapariguinhas para enternecer aqueles altos funcionários, excitados pelas suas gracinhas.

Reinando sobre um batalhão de criados, Serquéta mostrava-lhes outro rosto, o de uma patroa agressiva e sem coração.

Méhi e Serquéta tinham-se tornado o casal da moda e os que tinham peso em Tebas esperavam com impaciência ser convidados para a sua mesa. O comandante tomava no entanto o cuidado de não fazer qualquer sombra ao governador de Tebas, que era ainda suficientemente poderoso e manhoso para lhe quebrar as pernas quando se encontravam, Méhi fazia-se modesto e só revelava ambições razoáveis e limitadas. Aliás, não tinha intenção de roubar o lugar ao edil, demasiado envolvido em querelas de clãs. Era melhor manipulá-lo, deixando-o exhibir-se na frente do palco. Só se conquistava um poder duradouro com uma vasta parte de sombra e atribuindo a responsabilidade dos fracassos aos imbecis que julgavam deter esse mesmo poder.

Como habitualmente, o banquete tinha sido um sucesso; o escriba principal dos celeiros e a esposa, uma rica tebana feia e pretensiosa, tinham-se empanturrado de carne e de bolos, sem esquecer o vinho branco fresco dos oásis que, subindo-lhes à cabeça, soltara as línguas. Méhi obtivera assim algumas informações confidenciais sobre a gestão de stocks de cereais que saberia utilizar na ocasião propícia.

— Partiram finalmente! — disse o comandante à esposa, apertando-a brutalmente contra si. Aqueles eram os mais difíceis da semana, mas daqui em diante só dirão bem de nós.

— Querido, tenho uma grande notícia a dar-te.

— Vais ter um filho meu?

— Adivinhaste.

— Um filho... Vou ter um filho! Fizeste os testes de urina?

— Ainda não. Se fosse uma rapariga, ficarias desiludido?

— Com certeza... Mas tu dar-me-ás um filho, tenho a certeza!

De repente, o entusiasmo de Méhi esmoreceu e o seu rosto ensombrou-se.

— Gostaria tanto que o teu pai partilhasse a nossa alegria... Infelizmente, está cada vez pior. Tive que modificar os seus últimos relatórios, de tal forma continham aberrações. O médico prescreveu-lhe um tratamento?

— Por recomendação minha, não se atreve a falar ao meu pai na sua doença que é, aliás, incapaz de combater. Contenta-se em tratar-lhe do coração, que considera demasiado fraco.

São-lhe interditas emoções fortes.

— Tenho medo, Serquéta. Tenho medo que ele cometa uma monstruosidade que arruinaria todos os nossos esforços, tanto mais que vamos ter um herdeiro. Temos de pensar no seu futuro, meu amor.

— Descansa, contactei um jurista a quem expus o nosso problema. Sob segredo, bem entendido.

— O que pensa ele?

— Já tomámos um certo número de disposições legais que impediriam o meu pai de delapidar a minha fortuna se perdesse completamente a cabeça, mas não é suficiente. Apenas um caso de loucura declarada me permitiria ser a única gerente dos nossos bens.

— Manterás o nosso contrato de separação de bens?

— Enquanto não tínhamos herdeiro, era a melhor solução.

Agora, é diferente... Formamos um excelente casal, espero um filho teu e és um

gerente notável. Quando o meu pai desaparecer, ou se for considerado irresponsável, anularei esse contrato e partilharemos tudo.

Méhi beijou avidamente Serquéta.

— És maravilhosa! E não me contentarei com um só filho...

Serquéta analisara demoradamente a situação. O pai estava a envelhecer, utilizava métodos ultrapassados e já não tinha o dinamismo necessário para enriquecer mais. O novo senhor do jogo era Méhi. Astuto, mentiroso, cruel e hábil, avançava e ganhava terreno constantemente. Ter filhos com ele ou com qualquer outro, o que interessava? Não seria Serquéta a criá-los e Méhi teria diante dos olhos a prova da sua força viril à qual dava extrema importância.

Em caso de divórcio, Serquéta guardaria pelo menos um terço da fortuna e saberia atacar o seu ex-marido na justiça para recuperar o resto. A anulação do contrato de separação de bens convencê-lo-ia da confiança cega de uma mulher apaixonada e fá-lo-ia baixar a guarda. Ver Méhi crescer e continuar a crescer, colher os frutos das suas manobras e depois devorá-lo à maneira de uma manta religiosa...

Com um futuro tão excitante, Serquéta não se arriscava a mergulhar no aborrecimento.

— Todos os dias — confessou o comandante — peço aos deuses para que o teu pai se cure. Se lhe acontecesse qualquer desgraça, eu ficaria desfeito.

— Não duvido um instante, meu amor; mas estarei a teu lado para ultrapassar essa terrível provação.

O comandante Méhi tinha convidado os seus subordinados mais próximos e alguns notáveis para uma caçada na floresta de papiros com seis metros de altura, a norte de Tebas. O administrador principal da margem oeste, Abri, estava quase morto de medo, Sabia que o local se podia revelar perigoso e que as suas hipóteses de sobrevivência eram escassas. Um hipopótamo furioso voltava facilmente uma barca, um crocodilo lançava-se sobre a sua presa com uma rapidez terrível e as serpentes de águia não faltavam!

O alto funcionário tomara lugar ao lado de Méhi que, com um pau sem nós, esmigalhara já o crânio de uma avezinha. Matar pássaros provocava-lhe um intenso prazer e gabava-se da sua destreza difícil de igualar.

— Podíamos conversar noutro local — considerou Abri.

— Desconfio dos vossos colaboradores e da vossa esposa — retorquiu Méhi. — Desde que Néfer foi absolvido, o Lugar de Verdade readquiriu todo o seu antigo fulgor. Parece perigoso atacá-lo.

— Também é a minha opinião! É por isso que vos proponho que renunciéis e vos

limiteis a actividades oficiais.

— Fora de questão, meu caro.

— Mas por que insistir?

— Admirai este lugar, Abri. A natureza manifesta-se aqui em toda a sua força selvagem, com uma única lei: matar ou ser morto. Só o mais forte ganha.

— A prática de Maet consiste justamente em lutar contra essa lei.

— Maet não é eterna! — exclamou Méhi, atirando um pau sem nós na direcção de um maçarico.

Falhou por poucos centímetros.

— Enervei-me e tive falta de precisão — lamentou. — Na caça, o sangue-frio é a melhor das armas. Quereis tentar?

— Não, sou incapaz.

— Vamos continuar, Abri, e ajudar-me-eis. Este pequeno fracasso judicial não afectou a minha determinação e tenho inúmeras razões para acreditar no nosso sucesso.

— O Lugar de Verdade é mais inexpugnável do que uma fortaleza da Núbia!

— Nenhuma fortaleza é inexpugnável, basta utilizar a estratégia certa. A confraria considera-se agora ao abrigo de qualquer ataque e continua os seus trabalhos na mais perfeita serenidade. Aí reside o seu ponto fraco.

Uma gineta saltou de um tufo de papiros para outro para escapar aos caçadores enquanto os patos davam o alerta lançando gritos aterrados.

— Paciência, uma batida sistemática e nenhum deles nos escapará.

— É essa a vossa estratégia contra o Lugar de Verdade?

— Em parte, meu caro... Acrescentar-lhe-ei mais alguns ingredientes. O que haveis sabido de novo?

— Nada, desde a entrada de Néfer o Silencioso e de Paneb o Ardente na confraria.

— Paneb, o mestre... Os colegas determinaram-lhe um belo destino!

— Não me parece que esse género de nome tenha uma real importância.

— Conheceis mal os artesãos, Abri. Eu tenho a certeza que não deixam nada ao acaso e que devemos ter em conta o mínimo indício. Haveis montado um sistema de vigilância que vos alerte se algum membro da confraria sair da aldeia para partir em viagem?

— Está montado, mas não houve qualquer resultado até ao momento.

- Logo que tal se verifique, avisai-me imediatamente.
- A hora vai avançada... Não deveríamos regressar à cidade?
- Ainda não matei pássaros suficientes.

Capítulo 44

— "Ouvir é o melhor de tudo", dizia o velho sábio Ptah-hot que vivia no tempo das pirâmides. "Todos sabem correr, nadar e conversar, mas os vossos últimos exercícios de escrita eram lamentáveis porque não me dão ouvidos!"

Como todas as manhãs, o escriba do Túmulo Quenhir estava de um mau-humor terrível. Acontecia-lhe muitas vezes delegar o trabalho de educador ao melhor desenhador da confraria, que recebia então o título de escriba", mas desde a chegada de Paneb era o próprio Quenhir que dava as aulas, para desespero dos rapazes e das raparigas, sobrecarregados de trabalho e de reprimendas.

— Mal conhecem o alfabeto e desenham-no muito mal! Quanto aos hieróglifos que valem dois sons, há que recomeçar tudo e já nem falo no aspecto dos vossos pássaros, em especial a coruja e o passarinho que bate as águas deitando a língua de fora! Como ensinar quem não quer ouvir? Seriam necessárias centenas de bastonadas para abrir a orelha que têm nas costas.

Paneb o Ardente interveio.

— Como sou o aluno com mais idade, sou eu o responsável pelos erros da turma. Tenho as costas bastante largas para receberem a totalidade das bastonadas.

— Bem, bem... Veremos isso mais tarde. Sentem-se à maneira de escribas, molhem as pontas dos vossos juncos na tinta negra diluída e escrevam as letras-mãe na vossa ostraca.

As ostracas eram pequenos cacos de calcário, muito numerosos na zona da aldeia. Alguns, mais preciosos, eram provenientes da escavação de túmulos. Serviam de rascunho aos alunos e aos aprendizes de desenhadores que não eram considerados dignos de utilizar papiro, mesmo usado e de qualidade inferior.

Aquele material rudimentar maravilhava Paneb. Tinha finalmente um suporte e um instrumento para praticar a sua arte! E demorava-se a traçar cada hieróglifo com uma precisão e uma elegância que surpreendiam Quenhir. O jovem colosso aprendia muito depressa e poder-se-ia mesmo pensar que a sua mão conhecia os bolos desde sempre.

Quenhir examinou as ostracas e constatou que as raparigas eram decididamente mais dotadas do que os rapazes.

— Vocês não passam de paus torcidos que dá vontade de atirar para o chão, onde a luz e a sombra lhes baterão! Se passar um marceneiro, dizem os sábios, pode

prestar atenção a esses miseráveis paus, endireitá-los e fazer com eles bengalas para dignitários. Esse marceneiro sou eu! Seja qual for o vosso destino, saíreis desta escola sabendo ler e escrever.

E o exercício recomeçou, até à hora de almoço.

— Amanhã — anunciou Quenhir — desenharemos peixes. Agora, vão comer e portem-se correctamente à mesa. O caminho da sabedoria começa pela delicadeza e o respeito pelos outros.

Tu, Paneb, ficas..

Os alunos dispersaram, chilreando.

— Tens fome?

— Tenho.

— Eu também, mas há coisas mais urgentes.

Quenhir confiou a Paneb uma grande lasca de calcário ligeiramente polido e um verdadeiro pincel de escriba. A seus pés, depositou um godé cheio de uma tinta de um negro-profundo.

O rapaz ficou entusiasmado.

— É... é magnífico! Nunca me atreverei a desenhar aqui...

— Estarás a tornar-te medroso?

O insulto fez ferver interiormente Paneb que conseguiu no entanto não reagir.

— Desenha cinco vezes os dois símbolos que formam o teu nome: PA, o pato que inicia o voo, e NEB, o cesto pronto para receber as oferendas e que se torna portanto dono daquilo que contém.

Sem precipitação, Paneb obhedeceu. A mão não lhe tremeu e dois símbolos surgiram, bem formados.

— Ficou bem, não é verdade?

— Não te compete a ti julgar. Compreendes por que te foi dado esse nome?

— Porque nunca devo deixar de levantar voo para o céu e porque a qualidade da minha mestria dependerá daquilo que tiver compreendido e recebido.

— A mestria... Ainda estás muito longe dela! — resmungou Quenhir. — Desenha um olho, uma cabeça vista de frente, outra de perfil, cabelos, um chacal e uma barca.

Paneb demorou muito tempo, como se vivesse interiormente cada símbolo antes de o desenhar com uma segurança de execução espantosa para um aprendiz.

— Apaga tudo isso raspando o calcário.

Como conseguia um espírito animado pelo fogo de Seth mostrar-se tão paciente e meticoloso?, interrogava-se Quenhir.

Aquele rapaz era um autêntico mistério.

— Aqui está.

— Copia o texto deste papiro.

Quenhir desenrolou um soberbo documento cuja escrita, pequena e pontiaguda, não era fácil de reproduzir.

— Devo desenhar idêntico ou interpretar à minha maneira?

— Como quiseses.

Paneb escolheu a segunda solução.

O trabalho que realizou não tinha qualquer erro e a legibilidade do texto tinha aumentado de forma notável. O jovem possuía sem dúvida uma mão de escriba que à rapidez juntava a clareza. Como a escrita de Quenhir, ocupado a traçar símbolos durante todo o dia, se tornara quase ilegível, este sentiu uma certa irritação.

— Lê-me esse texto.

"Se o acto de escutar constantemente penetrar aquele que escuta, o que escuta torna-se o que compreende. Quando a escuta é boa a palavra é boa.

O que Deus ama é o que compreende; o que não compreende é odiado por Deus. É o que gosta de escutar que realiza o que é dito. Quanto ao ignorante que não escuta, nada realizará.

Considera tanto o conhecimento como a ignorância, o útil e o inútil, faz tudo o que é detestável, vive do que faz morrer.

Não ponhas uma coisa no lugar de outra, tem o cuidado de quebrar as peias que há em ti, presta atenção ao que diz o que conhece os rituais".

— Tu sabes ler, Paneb, e não esbarras em nenhuma palavra.

Mas compreenderás aquilo que lês?

— Suponho que não haveis escolhido este texto por acaso...

Considerais que não escuto suficientemente os vossos ensinamentos?

— Veremos isso mais tarde... Vai comer. E não leves o pedaço de calcário, que não te pertence.

Paneb afastou-se. Quenhir dirigiu-se a casa de Ramosé onde fixara domicílio. A aldeã que este tinha contratado como cozinheira preparara uma salada, espargos e rins de vitela.

— Perdoa este atraso — disse Quenhir. — A minha aula demorou mais do que estava previsto.

- A minha esposa está doente — explicou Ramosé. — Não almoçará connosco.
- Alguma coisa grave?
- Espero o diagnóstico da Mulher Sábia. Consegues domesticar Paneb?
- É um rapaz notável do qual gostaria de fazer um escriba.
- Sabes que a vocação dele é outra.
- Se se curvar às exigências da ciência de Tot, Paneb tornar-se-á um pintor excepcional. Mas terá a paciência para aprender e franquear as etapas uma a uma?
- Tens um fraco por ele, não é verdade?
- Está animado por uma força de que a confraria tem necessidade. Quem pode imaginar as obras que traz em si?
- Confio em ti, Quenhir; tu e o chefe de equipa Neb o Realizado saberão conduzi-lo à maturidade.
- Devemos prever numerosos choques e mesmo um fracasso...
- Paneb o Ardente é exigente, excessivo e violento, sempre pronto a revoltar-se. O fogo de Seth que o habita é tão forte que talvez não o consigamos controlar.
- Sabe ler e escrever?
- Tão bem como tu e eu. Em menos de um ano, dominou o saber que a maioria demora dez anos a assimilar.
- Como se comporta com as crianças?
- Como um perfeito irmão mais velho. Protege-as, serena-as e nunca se recusa a brincar com elas. A sua autoridade é natural e não precisa de elevar a voz para ser obedecido. O pior é que ajuda os cábulas a fazer os seus deveres sem dar ouvidos às minhas recomendações. Seria preciso castigá-lo, ameaçá-lo de expulsão, fazer...
- Recorda-te da regra dos professores, daqueles que instruem os futuros escribas: "ser para os seus alunos um professor paciente e de doces palavras, conquistar o seu respeito despertando-lhes a sensibilidade, educar suscitando o amor..."

Continua a formar esse jovem colosso, Quenhir; combate sem descanso as suas imperfeições, não tolere nenhum dos seus desvarios e revela-lhe pouco a pouco aquilo que é admirável e imperecível.

Capítulo 45

Mosé, o Tesoureiro-principal de Tebas, untou o crânio com uma loção à base de óleo de moringa para deter a calvície. Um comentário desagradável da sua última amante fizera-lhe compreender que estava a envelhecer e que o seu poder de sedução diminuía. Fora dominado por uma cólera violenta e sentira-se mal. Chamado de urgência, o médico aconselhara-lhe que repousasse e poupasse o seu coração doente.

Como dar ouvidos a semelhantes conselhos quando vergava sob o peso das responsabilidades? Tebas era apenas a terceira cidade do país, mas regurgitava de riquezas e o vizir exigia uma administração clara e eficaz. Às vezes Mosé sentia vontade de se retirar para o campo em companhia da sua filha única, Serquéta, e saborear os prazeres da jardinagem que já não tinha tempo de praticar.

E eis que lhe anunciava o nascimento de um filho! Que notícia maravilhosa e que belo casal ela formava com Méhi!

Mosé teria uma velhice feliz, rodeado de vários netos a quem ensinaria contabilidade e gestão, esperando que fossem tão dotados como o pai, para quem os números não tinham qualquer segredo. A agilidade mental de Méhi estava de tal forma desenvolvida que inquietava Mosé; não acabaria por torná-lo indiferente a tudo o que não dissesse respeito à sua carreira?

Pensando bem, Mosé devia desconfiar do novo comandante-chefe das forças tebanas. Se por vezes se fazia modesto, principalmente diante do governador, era por cálculo.

Havia muitos homens daquele género, mas Méhi aliava a humildade à ambição e ignorava a piedade. Embora usasse uma espessa máscara, Mosé desmascará-lo-ia e receava descobrir um arrivista que apenas tinha casado com a doce e frágil Serquéta para se apoderar da sua fortuna. Competia-lhe a ele, seu pai, protegê-la convencendo-a principalmente a modificar o contrato de separação de bens e pensar também em proteger os filhos.

A sua última conversa com o governador de Tebas, um amigo de longa data, perturbara Mosé. O edil parecera-lhe distante, quase desconfiado, e evocara apenas superficialmente os projectos imediatos, como se se dirigisse a um estranho. Mosé desconfiava que o genro tivesse intervindo de maneira subtil para abalar a sua posição e se apresentar como o seu inevitável sucessor: se fosse esse o caso, Méhi tornava-se um concorrente temível e um intriguista da pior espécie, que era

necessário impedir que viesse a ser prejudicial.

O intendente de Mosé anunciou ao patrão a chegada do casal que ele convidara para almoçar.

Serquéta estava deslumbrante, Méhi seguro de si.

— Como tens passado, minha filha querida?

— A minha saúde é excelente. E a tua, adorado pai?

— Não tenho tempo para pensar nisso; o vizir exige a situação contabilística da província de Tebas para a próxima semana e, como todos os anos, faltam-me relatórios.

— Se vos puder ajudar... — propôs Méhi.

— Não será necessário, os meus técnicos farão horas extraordinárias.

Pela primeira vez, Méhi detectou desconfiança, mesmo hostilidade, na atitude do sogro. Estaria Mosé mais lúcido do que ele supusera?

— Finalmente, um momento de paz — apreciou Serquéta. — Esta noite jantamos com o sacerdote dos rebanhos de Amon, uma personagem maçadora que só fala de vacas e bois. Não podias manobrar de forma a ser substituído por alguém menos aborrecido?

Observando a reacção do genro, Mosé não ouvira a filha.

Serquéta ficou imediatamente persuadida que o pai era vítima de uma das terríveis ausências detectadas por Méhi.

— Pai, estás a ouvir-me?

— Sim... Quero dizer, não. O que é?

— Não tem importância.

— Todos gabam a eficácia das vossas equipas — disse Méhi, condescendente.

— No entanto, se for necessário, podeis contar comigo.

— Vou ver o que preparou o teu cozinheiro — anunciou Serqueta, perturbada.

— Excelente ideia! Méhi e eu esperar-te-emos bebendo um copo de vinho, debaixo da parreira.

O lugar era encantador e prestar-se-ia agradavelmente a uma preguiçosa meditação, mas o comandante já não podia permitir-se perder tempo.

— Meu caro sogro, tenho uma informação confidencial a vos transmitir.

— Diz-me respeito... directamente?

— Diz muito directamente respeito à vossa função. Sabeis com certeza que vários comerciantes sírios se instalaram em Tebas no princípio do ano.

— Com efeito, foi-lhes concedida autorização. Ninguém se queixou do seu comportamento e pagam correctamente os impostos, que são contabilizados como deve ser nas receitas da província.

— São apenas aparências... A realidade é bem diferente.

— O que descobriste?

— Durante uma missão de vigilância, um entreposto fechado intrigou um dos meus homens. Fez um discreto inquérito do qual vos transmito os resultados: os sírios organizaram um tráfico de cereais com os camponeses da margem oeste.

— Tens provas?

— A mais tangível possível: a sua contabilidade oculta, dissimulada nesse entreposto.

— Apoderaste-te dela?

— Desejava reservar-vos esse privilégio.

O almoço fora encurtado. Serquéta regressara a casa para preparar o banquete da noite, Méhi e Mosé tinham tomado a direcção do bairro dos entrepostos. Mosé estava cada vez mais nervoso com a ideia de pôr cobro a um tráfico daquela importância.

O comandante parecia hesitar.

— Não reconheces o local?

— Reconheço, é o edifício em frente da ruela, mas estou desconfiado. Esses sírios podem ser perigosos.

— Estarão presentes lá?

— Vou certificar-me.

— Não corras tantos riscos, Méhi! Não Esqueces que és o marido da minha filha e o pai do seu filho? Vai buscar soldados.

— Está bem, mas não vos moveis daqui e esperai por mim.

Mosé fixava o entreposto que o genro lhe indicara. O controlo dos cereais era no entanto um dos mais rigorosos e o Tesoureiro-principal de Tebas não compreendia como tinham os sírios conseguido contorná-lo. O exame da contabilidade oculta provaria sem dúvida a existência de cumplicidades e as sanções seriam severas.

O local estava deserto e o entreposto parecia abandonado. Um esconderijo perfeito para documentos comprometedores.

A curiosidade e a impaciência apoderaram-se de Mosé. Visto que Méhi tardava em regressar, decidiu explorar a zona.

Ninguém.

Com o coração a bater aceleradamente, empurrou a porta do entreposto que nem sequer estava fechada. Passando por uma janela alta, um raio de luz iluminava uma arca cheia de papiros. No momento em que desenrolava o primeiro Mosé teve um choque.

Uma rapariguinha muito jovem avançava para ele.

— Quem és tu?

A pequena sacudiu os cabelos, rasgou o fato e arranhou o busto e os braços com as unhas.

— Mas... Tu és louca!

— Socorro! — berrou ela. — Estão a violar-me!

Mosé agarrou-a pelos ombros.

— Cala-te, pequena mentirosa!

Os pedidos de socorro redobraram de intensidade. A porta abriu-se de rompante e apareceram dois soldados de espada na mão.

— Larga essa criança, miserável!

Em pânico, Mosé voltou-se para os homens armados.

— Enganam-se... Eu... Ela...

Uma violenta dor no meio do peito impediu Mosé de continuar.

Levou as mãos ao coração, escancarou a boca para aspirar o ar que lhe faltava e depois caiu, de cabeça para a frente.

Vestindo-se à pressa, a rapariguinha desaparecera por uma abertura oculta na parede do fundo.

Méhi entrou.

— O que se passa aqui?

— O Tesoureiro-principal tentou violar uma garotinha, comandante. Ela fugiu e ele... Creio que está morto.

Méhi curvou-se sobre o cadáver. Tal como esperava, o coração do sogro tinha cedido.

— O infeliz deixou-nos... Assistiram à cena?

— Os berros da garota não deixavam dúvidas a ninguém. Como nos havíeis ordenado que interviéssemos em caso de incidente...

— Não cometestes qualquer erro, mas é preciso esquecer esta tragédia. Quero que o meu sogro tenha belos funerais e que a sua reputação não seja manchada. Não haverá nenhum relatório, não haveis visto nem ouvido nada. Em troca da vossa

obediência, receberéis tecidos e vinho.

Os dois soldados abanaram a cabeça em sinal de assentimento.

A pequena síria que Méhi pagara para desempenhar o papel regressaria naquele mesmo dia ao seu país com um belo pecúlio.

Graças à morte de Mosé, o comandante tornava-se um dos homens mais ricos de Tebas.

Capítulo 46

Néfer o Silencioso habituara-se rapidamente ao ritmo do Lugar de Verdade: oito dias de trabalho seguidos de dois dias de repouso, aos quais se juntavam numerosas festas de Estado ou locais, as tardes de liberdade concedidas pelo chefe de de equipa e as faltas autorizadas por motivos pessoais admitidos pelo escriba do Túmulo.

Os artesãos começavam às oito horas, almoçavam entre o meio-dia e as catorze horas e retomavam o trabalho até às dezoito horas. Alguns utilizavam o seu tempo livre para satisfazer encomendas do exterior, exigindo bom preço.

O trabalho oficial apenas preenchia metade do ano, mas a confraria não o sentia como uma penosa obrigação; os membros das equipas da direita e da esquerda tinham plena consciência de participar numa aventura excepcional, numa obra que o próprio Faraó considerava como prioritária.

Néfer partilhava esse sentimento mas vivia momentos difíceis. A sua integração na equipa da direita esbarrava com a mentalidade de clã dos seus colegas que continuavam a observá-lo com desconfiança. Como talhador de pedra, estava em contacto quotidiano com os seus homólogos: Féned, chamado o Nariz porque tinha sempre a intuição do gesto correcto, Casa o Cordame, especialista do deslocamento e da elevação dos materiais, Nakht o Poderoso e Quaro o Mal-humorado. Quanto aos três escultores, ao pintor, aos três desenhadores, ao carpinteiro e ao ourives, raramente lhe dirigiam a palavra a não ser para trocar banalidades.

Como a equipa da esquerda partia para o trabalho enquanto a da direita descansava e inversamente, não conviviam uma com a outra. Os seus dois chefes, Neb o Realizado e Quaha, tinham cada qual o seu método e a sua maneira de governar sem que os opusesse qualquer espírito de competição.

Todas as noites, Néfer limpava as ferramentas, contava-as e fazia um relatório ao escriba do Túmulo, que as fechava na casa-forte da aldeia para as redistribuir na manhã seguinte.

Com efeito, todas as ferramentas pertenciam ao Faraó e nenhum artesão tinha o direito de se apropriar de uma única. Pelo contrário, os Servos do Lugar de Verdade eram convidados a fabricar as suas próprias ferramentas, utilizadas quando fabricavam os objectos para o exterior. Néfer tinha trabalhado com a picareta de pedra, que pesava três quilos e era talhada em bico, suficientemente forte para atacar as rochas mais duras. Era muitas vezes o último no estaleiro do Vale dos Nobres,

onde a equipa da direita preparava uma Morada de Eternidade destinada a um escriba real.

Observando os seus colegas, Silencioso aprendera a manejar o maço e o formão de lâmina biselada que tornava mais eficaz com o auxílio de um arco que fazia girar rapidamente a ferramenta para fazer buracos. Com a mão esquerda, mantinha o formão no lugar devido com uma calota atravessada por uma cavidade na qual se encaixava o cabo de madeira. Depois de muitas tentativas pouco satisfatórias, já conseguia brincar com as duas ferramentas como se fossem um instrumento de música, sentindo as suas vibrações como uma melodia e sem fazer qualquer esforço inútil.

Dominar a faca de lâmina afiada em três faces, o buril de cabo curto e ponta quadrada e a enxó de cobre para os acabamentos não tinha sido mais fácil, mas Néfer mostrara-se paciente a fim de fazer nascer a inteligência das suas mãos.

Quaro o Mal-humorado apostrofou-o.

— Verifica se o bloco que acabei de nivelar se ajustará correctamente à parede que estamos a montar.

A tarefa era árdua e só um talhador de pedra experiente se podia sair bem. Quaro o Mal-humorado não a devia ter confiado a um aprendiz, mas Néfer não protestou e tentou recordar-se da maneira como o chefe de equipa procedera na véspera.

Utilizou três ajustes com um comprimento de doze centímetros e perfurou um buraco em bisel numa das extremidades. Depois de se ter certificado que eram perfeitamente iguais, colocou-os na vertical da superfície a verificar e estendeu entre dois deles um fio, servindo o terceiro pau de ponto de referência.

Insatisfeito com o resultado, Néfer serviu-se de uma lima grossa de calcário para retirar as asperezas.

— Estás a brincar a quê? — interrogou Quaro o Mal-humorado, visivelmente irritado.

— Confiaste-me um trabalho e eu realizo-o.

— Só te pedi uma verificação e ultrapassaste os limites.

— Deveria ter-me contentado com o mínimo? Visto que constatei imperfeições, tento apagá-las. Este bloco ficará correctamente nivelado e entrará na construção.

— É o meu bloco, não o teu!

Néfer poisou as ferramentas e enfrentou Quaro, um homenzinho atarracado, de braços curtos e musculados. Espessas sobrancelhas e um nariz largo tornavam o seu rosto agressivo.

— Tens mais experiência do que eu, Quaro, mas ela não te autoriza a macular a

obra que realizamos. Este bloco não é teu nem meu, mas sim da Morada de Eternidade a que é destinado.

— Acabaram os discursos! Abandona o estaleiro e deixa-me o meu bloco.

— Basta, Quaro. Sou um membro desta equipa e não suportarei por mais tempo esse género de vexames.

— Se o nosso comportamento te desagrada, volta para o exterior.

— Não quero saber da tua atitude e apenas esta pedra me interessa. Provei-te que sabia nivelá-la e integrá-la nessa parede. O que queres mais?

Quaro o Mal-humorado apoderou-se de um formão e tornou-se ameaçador.

— Não precisamos de ti na aldeia.

— A aldeia é a minha vida.

— Devias ter medo, Néfer... Acredita que não irás longe.

— Poisa esse formão e fica a saber que nenhum medo me impediria de respeitar o meu juramento.

Os dois homens desafiaram-se demoradamente com o olhar.

Néfer poisou a ferramenta sobre a pedra.

— Então nada te assusta?

— Gosto da minha profissão e mostrar-me-ei digno da conta que a confraria me concedeu, sejam quais forem as circunstâncias e os antagonismos.

— Deixo-te esse bloco... Termina-o.

O artesão afastou-se. Néfer suprimiu as últimas asperezas da pedra sem se preocupar com a hora que avançava. Os seus gestos regulares eram suaves como a luz do poente.

— Não será tempo de regressares a tua casa? — perguntou o chefe de equipa.

— Já quase acabei.

— Aborrecimentos com Quaro?

— Nenhum. Tem o seu carácter, eu tenho o meu; se fizermos o esforço necessário, as nossas relações melhorarão. Aconteça o que acontecer, o trabalho não será afectado.

— Vem comigo, Néfer.

Neb o Realizado levou o aprendiz até um alpendre onde estavam colocadas diversas espécies de pedras.

— O que pensas desta?

— Um grés médio, suficientemente macio para ser trabalhado com formões de

bronze mas excessivamente poroso. Não é proveniente da melhor pedreira, a de Gebel Silsileh, e não merece entrar num monumento real.

— Tens razão, Néfer, a pedreira é essencial: Assuão para o granito rosa, Hatnub para o alabastro, Tura para o calcário e Gebel el-Ahmar para o quartzito. O Lugar de Verdade não tolera nenhuma falha nesse domínio e deverá ser sempre mantido o mesmo nível de exigência. Visitarás cada uma dessas pedreiras e gravarás na tua memória o seu nível de exploração.

Reflectiste na origem da pedra?

— Penso que as pedras são geradas no mundo subterrâneo e crescem no ventre das montanhas, mas nascem também no espaço luminoso, visto que algumas caíram do céu. Um bloco parece imóvel e, no entanto, a mão do talhador de pedra sabe bem que está vivo e traz em si o rasto de metamorfoses que o nosso olhar não sabe ver, porque o tempo do mineral não é o do homem!

A pedra é a testemunha de mutações que ultrapassam a nossa existência; detectando-as, não seremos, por nossa vez, testemunhas da eternidade?

— Este granito agrada-te?

— É uma maravilha... Deixar-se-á polir na perfeição e atravessará os séculos.

— Gostarias de te tornar escultor?

— Aprender a talhar a pedra pode demorar uma vida inteira mas a escultura atrai-me.

— O chefe escultor Ouserhat acha que não precisa de ninguém e vais ter grande dificuldade em convencê-lo a ensinar-te.

Mas, se a pedra te fala, talvez ela te abra o caminho.

— É a ela que escuto e a ela só.

Neb o Realizado fez menção de abandonar o estaleiro mas, de momento, observou o jovem. A partir do dia seguinte, falaria com o seu confrade Quaha da necessária elevação de Néfer o Silencioso na hierarquia do Lugar de Verdade.

Capítulo 47

Clara não podia desejar nada mais. Vivia um amor profundo e luminoso numa aldeia única cujos hábitos e pequenos segredos ia descobrindo a pouco e pouco e servia todos os dias a deusa Hátor preparando ramos de flores que eram depositados nos altares e nos oratórios.

As mulheres iniciadas não estavam divididas em duas equipas como os homens; na base da hierarquia, Clara sentia-se bem e realizava alegremente a tarefa que lhe fora confiada. No entanto, as aldeãs do Lugar de Verdade apenas trocavam com ela frases insignificantes e faziam-na sentir que era ainda uma estranha na qual não depositavam nenhuma confiança.

À noite, Néfer e Clara falavam das suas respectivas experiências e consideravam perfeitamente normal a atitude dos artesãos e das mulheres. Aquela aldeia não se assemelhava a nenhuma outra e seria preciso travar um longo combate para lá ser admitido sem restrições.

Celebrando Hátor, a deusa das estrelas que fazia circular no universo a força amorosa, a única capaz de unir entre eles todos os elementos da vida, as sacerdotisas do Lugar de Verdade contribuíam para manter a harmonia invisível sem a qual nenhuma criação visível, correspondendo às leis celestes teria sido possível. Competia à confraria no seu conjunto, tal como aos ritualistas de todos os templos do Egipto a começar pelo próprio Faraó, alimentar todos os dias essa energia subtil para garantir ao resto da população a protecção dos deuses e a presença de Maet: terra.

À sua modesta escala, Clara sentia-se feliz por participar na obra primordial, tanto mais perceptível quanto a aldeia lhe votara a sua existência.

A porta da moradia de Casa o Cordame estava fechada. Em geral, de manhã, a esposa limpava a soleira e o primeiro compartimento da casa e ela própria recebia o ramo das mãos de Clara.

Inquieta, a jovem bateu.

Uma morena baixinha veio abrir.

— O meu marido está doente — disse ela com raiva, como se Clara fosse a responsável. — Como a Mulher Sábia está a tratar da esposa do escriba Ramosé, não sei quando virá.

— Talvez possa ajudar-vos...

— Tereis por acaso noções de medicina?

— Algumas.

A esposa de Casa o Cordame hesitou.

— Previno-vos que se fordes ineficaz direi a toda a gente que não passais de uma pretensiosa!

— Tereis razão.

A calma de Clara desarmou a moreninha que lhe deu passagem.

Casa estava deitado sobre um banco de pedra, com uma almofada por baixo da nuca. De estatura mediana e cabelos muito negros, tinha rosto quadrado, olhos castanhos e pernas fortíssimas.

— De que vos queixais?

— A minha barriga... Está em fogo.

Clara examinou o paciente como lhe ensinara a médica-chefe Néféret, tendo em consideração a pele, o cheiro do corpo e o hálito, mas sobretudo apalpando-lhe o abdómen e tomando-lhe o pulso para ouvir a voz do coração.

— É grave? — inquietou-se Casa.

— Não creio, porque não vos ameaça nenhum demónio. Sofreis do estômago em consequência de um excesso alimentar. Durante alguns dias, comereis mel, pão duro torrado, aipo e figos e bebereis cerveja muito doce em pequena quantidade, mas por diversas vezes. A dor irá desaparecendo progressivamente.

O artesão já se sentia melhor.

— Prepara-me tudo isso — pediu ele à mulher — e não te esqueças de prevenir o escriba do Túmulo que não irei trabalhar hoje.

A moreninha olhava Clara com desconfiança.

— Desejais que disponha as flores no vosso altar?

— Eu própria tratarei disso. Saí porque tenho muito que fazer.

— Que Hátor vos proteja e cure o vosso marido.

Clara tencionava continuar a sua distribuição de flores, mas estacou. A um metro dela, no meio da rua principal, estava a Mulher sábia, de impressionante cabeleira branca e olhos inquisidores.

— Quem te ensinou a tratar?

— A médica-chefe Néféret.

Um ligeiro sorriso iluminou o rosto severo da Mulher Sábia.

— Néféret... Então conheceste-a?

— Foi ela que me educou.

— Porque não te tornaste médica?

— Porque Néféret me predisse que outro destino me esperava e eu lhe dei ouvidos.

— Sabes combater as doenças mais graves?

— Algumas.

— Vem comigo.

A casa da Mulher Sábia, coberta de malvas-rosas, ficava ao lado da de Ramosé. Assombradas, as vizinhas viram Clara entrar a seguir à sua proprietária que, há mais de vinte anos, não abria a sua porta a ninguém.

A jovem descobriu um grande compartimento cheirando bem a madressilva. Nas prateleiras, potes e vasos contendo substâncias medicinais. Ao longo das paredes, arcas cheias de papiros.

— Trabalhei durante muito tempo com o médico Pahéri, autor de um tratado de problemas do recto e do ânus — revelou a Mulher Sábia. — Impôs aos aldeões uma rigorosa higiene quotidiana, a regra base para evitar a maior parte das doenças. Dispomos de toda a água necessária, e é o nosso principal remédio. Sê intransigente nesse ponto e combate sem descanso a sujidade; os remédios mais activos serão inúteis se a higiene estiver ausente. Tens medo dos escorpiões?

— Receio-os, mas Néféret ensinou-me que o seu veneno contém substâncias notáveis contra muitas perturbações.

— O mesmo se passa com as serpentes e hei de levar-te ao deserto para capturarmos as espécies mais temíveis e fabricarmos os nossos próprios Produtos. Um bom médico é "aquele que domina os escorpiões", porque esse animal é capaz de afastar os maus espíritos e atrair as energias positivas que o médico fixa nos amuletos. Tratar o corpo subtil é tão importante como curar o corpo aparente. Conheces a primeira das fórmulas de cura?

— Sou a sacerdotisa pura da leoz Sekmet, perita nos seus deveres, a que poisa a mão sobre o doente, uma mão sábia na arte de diagnosticar.

— Mostra-me como procedes.

Clara poisou a mão sobre a cabeça da Mulher Sábia, na parte de trás do crânio, nas mãos, nos braços, no coração e nas pernas. Desta forma, ouvia as palavras do coração em cada canal de energia.

— Só sofreis de afecções benignas — concluiu.

Foi a vez da Mulher Sábia impor as mãos em Clara, que sentiu imediatamente um calor intenso.

— Tenho mais energia do que tu e vou tirar qualquer vestígio de fadiga do teu organismo. Quando te sentires mais fraca vem ter comigo e tornarei a dar-te a força que te faltar.

A sessão de magnetismo durou mais de meia hora. Clara teve a impressão que um sangue regenerado corria nas suas veias.

— Néféret deve ter-te ensinado o uso das plantas medicinais e dos produtos tóxicos.

— Passei dias inteiros no laboratório dela e os seus ensinamentos estão gravados na minha memória.

— Terás acesso às minhas arcas que contêm os produtos mais simples; quanto ao resto, aqui estão os potes de filtragem que utilizo.

A Mulher Sábia mostrou a Clara recipientes separados a meio por um filtro; na parte de cima, as drogas sólidas; na de baixo, as líquidas.

— Aquecendo — explicou — provoca-se vapor que dissolve os sólidos, que se misturam então com os líquidos. Em alguns casos, não se deve aquecer mas sim esmagar os sólidos em água, com um almofariz e deitar a solução obtida num vaso. Desejas que te ensine a minha ciência?

O rosto de Clara iluminou-se.

— Como posso agradecer-vos...

— Trabalhando duramente e colocando-te ao serviço da confraria. Fica a saber que os chefes de equipa, com razão, não autorizam um operário doente a trabalhar e que este é livre de se fazer movimentar quer na aldeia, quer no exterior.

Neste último caso, pede ao médico uma nota de honorários e o escriba do Túmulo reembolsa as suas despesas. Nunca te imponhas e deixa que cada um seja responsável pela sua escolha.

— Devo compreender... que passo a ser vossa assistente?

— Só os superiores da confraria conhecem a minha idade.

Hoje, Clara, confio-te este pequeno segredo: na próxima semana farei cem anos. De acordo com os sábios, restam-me alguns anos para me dedicar e me consagrar exclusivamente a Maet. Visto que aceitas ajudar-me, talvez o consiga.

— Cem anos... É incrível!

— Esta aldeia contém tesouros inestimáveis. Um deles consiste em saber que o espírito não está irremediavelmente condenado à degradação. É possível combater o seu envelhecimento praticando uma ciência que consiste em regenerá-lo. Faz as tuas provas e talvez voltemos a falar disso.

Capítulo 48

Paneb o Ardente continuava a sua aprendizagem sob a implacável direcção de Quenhir, avaro de cumprimentos. O escriba do Túmulo considerava que um futuro desenhador do Lugar de Verdade devia possuir um perfeito domínio da língua hieroglífica e nunca hesitar no símbolo a desenhar. Quando o aluno tinha tendência para se mostrar demasiado satisfeito consigo próprio, o professor impunha-lhe um exercício mais difícil.

Quenhir continuava a sentir-se surpreendido pelo espantoso contraste entre a potência física do rapaz e delicadeza de execução dos seus desenhos. Com uma infinita paciência que o seu carácter colérico e violento não levava a supor, podia revelar o talento de um miniaturista. Como Paneb ignorava a fadiga e nunca desistiria antes de ter dado plena satisfação ao seu instrutor, Quenhir solicitara uma bebida fortificante à Mulher Sábia a fim de não sucumbir perante o seu aluno.

Nessa manhã, Quenhir não propusera qualquer nova prova a Paneb, que se contentara em traçar a toda a velocidade mais de seiscentos hieróglifos, do mais simples ao mais complexo.

— Estás satisfeito com a tua existência na aldeia? — perguntou o escriba do Túmulo.

— Estou aqui para aprender e aprendo.

— Parece que não tens contactos com os outros membros da tua equipa.

— Passo os meus dias na escola, as noites a preparar os exercícios para o dia seguinte e o tempo livre a reconstruir a minha casa.

Para me distrair, divirto-me a desenhar retratos nos bocados de calcário que apanho no deserto. Portanto, não tenho tempo para tagarelar com um e com outro.

— Retratos... Retratos de quem?

— Vossos e dos outros alunos. Parecem-me divertidos, mas destruo-os logo que os acabo.

— Tanto melhor... A primeira fase da tua educação terminou, Paneb. O chefe de equipa reclama-te e não lhe posso mentir pretendendo que não estás preparado. Para ti, chegou a hora da escolha.

— Qual?

— Tornares-te escriba em Tebas ou desenhador no Lugar de Verdade. Se optares

pela primeira solução, recomendar-te-ei a colegas meus e serás contratado pela administração. Sei que te curvarás com dificuldade aos regulamentos, mas esse ligeiro contratempo não conta face à brilhante carreira que te espera.

Terás direito a alojamento oficial e enriquecerás ano após ano, os servos tornar-te-ão a existência fácil e as pessoas inclinar-se-ão diante de ti. Com a tua capacidade de trabalho e a tua extraordinária memória, ocuparás um posto de elevada responsabilidade. Em contrapartida, o teu futuro de desenhador anuncia-se dos mais sombrios, porque os teus confrades não têm qualquer desejo de te ajudar, antes pelo contrário.

Conhecem-se há muito tempo e vêem com maus olhos a chegada de um novato que os atrasará nos estaleiros.

— Pertencemos à mesma comunidade, não é verdade?

— Claro, mas são profissionais aguerridos e homens rudes que será difícil conquistar. Na minha opinião, sejam quais forem os teus esforços e os teus dons, rejeitar-te-ão e permanecerás um simples operário, desiludido por ter falhado uma bela carreira de escriba.

— Os meus confrades seriam a tal ponto cruéis?

— Para eles, representas uma ameaça. Defender-se-ão.

— Não é uma atitude muito fraterna...

— Os Servos do Lugar de Verdade são apenas homens, Paneb.

— Se vos desse ouvidos, o meu caminho já estaria traçado.

— Se seguires a via da razão, não o lamentarás.

— Há um pormenor que me intriga, professor... Por que razão um erudito com o vosso talento aceitou o lugar de escriba do Túmulo em vez de se tornar um alto dignitário tebano?

O Lugar de Verdade deve possuir alguns encantos para vos ter atraído.

Quenhir permaneceu calado.

— Não vos inquieteis por minha causa: enfrentarei os desenhadores e provar-lhes-ei que tenho o meu lugar entre eles.

De acordo com o chefe de equipa Neb o Realizado, Quenhir tentara assustar o rapaz. Felizmente, falhara.

Percorrendo a rua principal da aldeia, Paneb teve a impressão de sair de um longo sono. Desde a sua admissão na confraria, só t vera dois objectivos: aprender a desenhar os hieróglifos e tornar a sua casa habitável. O primeiro fora atingido ultrapassando as suas esperanças, a ponto de ocultar com frequência o segundo.

Saber ler e escrever dava ao rapaz uma formidável impressão de força. De cada vez que desenhava uma pantera, um falcão ou um touro, tinha a sensação de adquirir um pouco das qualidades do animal; a escrita fazia viver o abstracto, a leitura proporcionava os ensinamentos dos sábios.

Tinham passado dois anos como um sonho. Paneb só convivera com Néfer e Clara, com os quais apenas falava de hieróglifos, e passara a maior parte do seu tempo junto de Quenhir, quer na escola com os outros alunos, quer em aulas particulares. Agora a estratégia do seu professor era evidente: ele, o escriba do Túmulo, tentara formar um outro escriba e mandá-lo para o exterior!

Paneb saberia extrair a lição desse combate aveludado que não se travara com os punhos mas com a cabeça. Quenhir tentara enfeitiçá-lo, agir sobre a sua vocação desviando-a e fazendo brilhar as inúmeras vantagens de que gozava um burocrata.

Quenhir falhara. Sem se desviar do seu caminho, Paneb apoderara-se do seu saber e dominava actualmente os símbolos de força indispensáveis a um desenhador do Lugar de Verdade. A magia deles era tão intensa que captara a sua energia e atenção a ponto de lhe fazer esquecer a mais bela criação dos deuses: as mulheres.

Desde que se lançara ao trabalho, nem uma única vez Paneb olhara para elas! Clara não contava, porque era ao mesmo tempo diferente das outras e mulher de Néfer. Considerava-a como uma irmã mais velha que o acalmava e só lhe dava bons conselhos.

Como pudera passar sem as mulheres durante tanto tempo? a magia do manhoso Quenhir era mesmo muito eficaz! No futuro, desconfiaria dessa personagem astuta, um dos três chefes da confraria. Prendendo-o nas suas redes, não o privara de amor?

Era dia de repouso para a equipa da direita. Alguns artesãos dormiam, outros arranjavam a casa. outros ainda fabricavam móveis para vender a compradores do exterior. Até agora, todos tinham ignorado Paneb que lhes pagara na mesma moeda. Em breve enfrentaria os desenhadores. mas naquele fim de manhã concedia a si mesmo um prazer incomparável: olhar as mulheres da aldeia e seduzi-las.

Em vez de voltar para casa a passo apressado para se ocupar dela, avançava lentamente pela rua principal e poisava os olhos sobre todos os elementos do belo sexo.

A maior parte das mulheres estava a trabalhar ou deambulava de seios nus e o olhar de Paneb detinha-se mais facilmente sobre os peitos jovens. As esposas dos artesãos não apreciaram esse jogo; umas lançaram-lhe olhares sombrios, outras entraram em casa, furibundas.

A caçada não se anunciava fácil, mas o jovem colosso não duvidava do seu êxito. Depois daquele terrível período de abstinência, não se faria esquisito, quer se

tratasse de uma velha experiente ou de uma jovem debutante.

Julgou ter encontrado a sua presa quando uma loirinha pequena, linda de morrer, o observou com ternura. Mas avançou demasiado depressa direito a ela; assustada, refugiou-se em casa e fechou a porta.

— Dir-se-ia que assustas as raparigas — murmurou uma voz doce.

Paneb voltou-se para descobrir uma deslumbrante ruiva de cerca de vinte anos que envergava um vestido verde de alças deixando os seios nus. Exibia um peito soberbo e todas as suas formas provocavam o desejo.

— O meu nome é Paneb.

— Eu chamo-me Turquesa e sou celibatária.

Fosse casada ou não, queria lá saber disso. O essencial era que fosse uma mulher.

— Queres conversar um pouco?

— De maneira nenhuma. Quero fazer amor contigo e imediatamente.

Turquesa sorriu.

— És um verdadeiro colosso...

— E tu uma bela estampa! Devíamos combinar às maravilhas e ter tanto prazer um como o outro.

— Achas que se fala assim com uma mulher?

— Já falámos o suficiente.

Subiu os poucos degraus que levavam à entrada da pequena casa de Turquesa, apertou-a nos seus braços e brindou-a com um beijo de fogo. Como ela não resistisse, arrastou-a para dentro onde reinava uma suave penumbra e arrancou-lhe o frágil vestido.

O perfume ambarino da jovem, a sua pele branca e a forma de se enroscar de encontro a ele enlouquecia-o. Ela correspondeu a cada uma das suas iniciativas e partiram juntos para uma maravilhosa viagem, à descoberta do corpo.

Capítulo 49

Saciados, os amantes repousavam por fim.

— Mereceste o teu nome, Paneb o Ardente.

— Nunca tinha conhecido uma mulher tão excitante...

— As tuas conquistas devem ser inúmeras.

— No campo, as raparigas não se fazem rogadas.

— Os sentimentos não parecem interessar-te.

— Os sentimentos são bons para os velhos. Uma mulher precisa de um homem, um homem de uma mulher... Para que complicar as coisas?

— É essa a opinião do teu amigo Néfer?

— Conhece-lo?

— Vi-o com a mulher, Clara.

— Com eles é diferente. O seu amor é um milagre que os unirá até à morte, mas não os invejo. Ele não conhecerá outra mulher, estás a ver! Pensando bem, é quase uma espécie de maldição.

Paneb ergueu-se e apoiou-se nos cotovelos.

— És realmente soberba... Por que não estás ainda casada?

— Porque prefiro a minha liberdade, como tu.

— Isso deve dar que falar na aldeia.

— Sim e não. Sou filha de um talhador de pedra da equipa da esquerda que ficou viúvo muito novo. Fui criada por uns e por outros até à sua morte, há três anos. Decidi ficar aqui, na minha aldeia, e tornar-me sacerdotisa de Hátor. Não é ela a deusa do amor, de todos os amores?

— Já tiveste muitos amantes?

— Não tens nada a ver com isso.

— Tens razão, não interessa! Actualmente, o teu único senhor sou eu.

— Enganas-te, Paneb. Sou uma mulher livre e não me submeterei a nenhum homem. Talvez nunca mais me deite contigo.

— És louca!

Tentou estender-se em cima dela, mas Turquesa escapou-lhe.

— Sai de minha casa — ordenou ela.

— Poderia ter-te à força!

— Serias expulso da aldeia esta noite mesmo e condenado a uma longa pena de prisão. Vai-te embora, Paneb.

Confuso, o jovem colosso eclipsou-se. Como as mulheres eram complicadas. Sobretudo quando recusavam submeter-se! Perdera Turquesa, encontraria outras. Acalmado o fogo sexual por algum tempo, Paneb não se preocupava senão com acabar a sua casa.

Tal como as outras moradias do Lugar de Verdade, fora-lhe oficialmente atribuída pelo vizir e a modesta superfície de 70 metros quadrados tinha em conta a sua condição de celibatário.

Os casais beneficiavam de 80 metros quadrados em média, os casais com filhos de 120 metros quadrados. Com dimensões que iam de três a sete metros, as fachadas davam para uma artéria principal e eram estreitas e com uma pequena porta para a qual dava um lanço de degraus.

A construção apoiava-se numa base de pedras até à altura de um metro, sobre a qual tinham sido edificadas as paredes de tijolos crus cobertos por um reboco e inúmeras camadas de leite de cal, acabamentos que faltavam à casa de Paneb, longe de ser tão sólida como as mais antigas construções da aldeia, construídas directamente sobre o rochedo.

Sem ajudar o amigo que fazia questão de trabalhar sozinho, Néfer dera-lhe no entanto alguns conselhos para evitar erros fatais. Assim, Paneb esfalfara-se a tornar mais espessas as paredes exteriores e separara os compartimentos por paredes interiores menos grossas e de tijolos ligados por uma simples argamassa de terra. Essas divisões suportavam os tectos e o terraço. A armação era formada por troncos de palmeira apenas esquadriados e apertados aos outros; colocá-los correctamente não fora uma tarefa fácil, graças à sua força e às indicações precisas de Néfer, Paneb conseguira fazê-lo.

A disposição das janelas exigira toda a sua atenção, porque tinha de garantir uma boa circulação de ar, mantendo ao mesmo tempo o calor durante o Inverno e a frescura no Verão. Depois de um primeiro fracasso, que o obrigara a recomeçar uma parte da obra de base e tornar a dar mais espessura às paredes exteriores, Paneb conseguira um resultado satisfatório.

Como a maior parte dos outros habitantes da aldeia, dispunha de três compartimentos principais, uma cozinha, duas caves, latrina e um terraço. Mas o conjunto estava vazio e nenhuma decoração o animava. O mobiliário reduzia-se a uma simples esteira e faltavam pinturas e outros ornamentos para dar uma alma

àquela habitação.

Paneb tinha mil ideias mas não era capaz de as concretizar e só a perfeição lhe interessava. De momento, contentava-se com flores quotidianamente entregues às sacerdotisas de Hátor e que Clara estava encarregada de distribuir aos habitantes da aldeia para que as depositassem num altar, em homenagem à deusa.

Chegara o momento de aprender novas técnicas que permitiriam a Paneb embelezar a sua casa e fazer dela a mais deslumbrante do Lugar de Verdade.

Aproximava-se um homem.

Embora um pouco mais baixo do que Paneb, tinha quase a mesma envergadura e caminhava batendo pesadamente no solo, como se tivesse dificuldade em deslocar a sua massa muscular.

— É a mim que vens ver?

— És Paneb o Ardente?

— Como te chamas?

— Nakht o Poderoso, talhador de pedra.

— Lindo apelido... Que façanhas realizaste para o merecer?

— Mesmo que começasses hoje a levantar blocos, não parando um segundo até ao centésimo ano, não manipularias tantos como eu.

— Não tenho intenção de me tornar talhador de pedra, mas sim desenhador e pintor.

— A confraria conta nas suas fileiras com um pintor excepcional e três desenhadores experientes. São eles que decoram a Morada de Eternidade de Ramsés o Grande, as dos membros da família real e as dos nobres. Para que poderia um tratante da tua espécie servir?

— Fui iniciado como eles e pertenço à mesma confraria.

— Confundes a teoria com a prática, meu rapaz. É verdade que tiveste a sorte de ser admitido entre nós, mas durante quanto tempo cá ficarás?

— Tanto tempo quanto me apetecer.

— Julgas-te senhor do teu destino?

— No nosso caminho há portas. Uns ficam a olhar, outros batem com a esperança que alguém as abrirá. Eu, meto-as dentro.

— Enquanto esperas, vais obedecer-me.

— Quais são as tuas ordens, Nakht?

— Há uma parede da minha casa que precisa de ser restaurada e não me apetece cansar-me. Já que adquiriste experiência, serás tu a ocupar-te disso.

— Trata-se da tua casa, não da minha. Resolve tu próprio o problema.
— Foste contratado para servir, rapaz.
— Servir a obra, sim, mas não exploradores do teu género.
— És muito insolente para o meu gosto... Um bom correctivo colocar-te-á no caminho certo.

O adversário era de envergadura, mas não assustou Paneb, certo de se mostrar mais rápido tanto na esquiva como no ataque.

— Desconfia, Nakht. Arriskas-te a ter uma má surpresa.
— Aproxima-te, fanfarrão, aproxima-te...
— Reflectiste bem? No teu lugar, voltaria para casa para que a minha esposa me amimasse. Se ela te encontrar coberto de ferimentos, vai abandonar-te.

Fora de si, Nakht o Poderoso tentou enfiar o punho no ventre de Paneb. Mas este tinha saltado para o lado e foi ele que atingiu o seu adversário no flanco esquerdo, quebrando-lhe uma costela e arrancando-lhe um berro de dor.

— Parai! — ordenou Néfer que chegava a correr, e que vinha trazer ao amigo um bolo de figos preparado por Clara, deparava com um espectáculo aflitivo. Paneb obedeceu-lhe e baixou a guarda.

Não foi esse o caso de Nakht o Poderoso, que mergulhou sobre o adversário com a cabeça para a frente.

Capítulo 50

Guiados por Quaro, o mal-humorado, que ritmava a marcha com um longo bordão nodoso, os artesãos da equipa da direita dirigiam-se para o local que lhes era reservado, na base da colina do norte, no limite da necrópole.

Néfer o Silencioso descobriu uma espécie de pequeno templo no qual se entrava por um pórtico. Desempenhando as funções de guarda da entrada, o chefe de equipa Neb o Realizado pediu a cada artesão que se identificasse.

Cumprido aquele ritual, cada membro da equipa da direita penetrou num pequeno pátio aberto e ajoelhou diante de uma bacia de purificação de forma rectangular. O pintor Ched o Salvador retirou dela água com uma taça e derramou-a sobre as mãos estendidas dos seus confrades, com as palmas voltadas para o céu.

Ched foi purificado por sua vez e depois os artesãos penetraram na sala de reunião cujo tecto, sustido por duas colunas, estava pintado de um ocre amarelado. Ao longo das paredes havia espaços vagos encastrados entre bancos de pedra.

Três janelas altas espalhavam uma luz doce durante o dia; como começava a cair a noite, tinham sido acesas tochas.

Murinhos baixos separavam a sala de reunião de um santuário sobrelevado onde apenas o chefe de equipa podia penetrar. Era composto por um naos (1) que abrigava uma estatueta da Maet.

*1 Espécie de sacrário. e por duas pequenas divisões laterais onde eram colocados vasos de unguentos, altares portáteis e outros objectos rituais.

Neb o Realizado colocou-se a oriente, sobre o assento de madeira que antes dele tinham ocupado os outros mestres-de-obras encarregados de dirigir a equipa da direita.

— Prestemos homenagem aos antepassados — ordenou — e peçamos-lhes que nos iluminem. Que o espaço de pedra mais próximo de mim permaneça para sempre vazio de qualquer presença humana para ser reservado ao ka do meu predecessor, vivendo entre as estrelas e sempre presente entre nós. Que o seu exemplo preserve a nossa unidade.

Os artesãos fizeram silêncio. Todos tiveram a sensação que as palavras de Neb o Realizado não eram vãs e que os laços que os uniam eram mais fortes do que a

morte.

— Dois dos nossos estão em conflito — declarou o chefe de equipa. — Devo consultar-vos para saber se é possível resolver esse assunto aqui mesmo ou se devemos levá-lo perante o tribunal do Lugar de Verdade.

Com a cabeça envolta num pano humedecido com mirra que acalmava a dor, Nakht pediu a palavra.

— Fui agredido pelo aprendiz Paneb o Ardente. Quase me rebentou o crânio e tenho que ficar alguns dias em repouso, o que atrasará o trabalho da equipa. É por isso que ele deve ser severamente condenado pelo tribunal.

— Não há outra solução — aprovou Quaro o Mal-humorado.

Paneb preparava-se para protestar vigorosamente quando Néfer lhe poisou a mão no ombro para o impedir de se levantar.

— Fui testemunha do confronto entre Nakht o Poderoso e Paneb — disse Néfer com calma. — Era evidente que iam andar à pancada e intervim para fazer cessar essa querela. Paneb deu-me ouvidos, mas Nakht atirou-se a ele, com a cabeça para a frente. Tentou apanhá-lo traiçoeiramente e Paneb não fez mais do que defender-se, batendo-lhe.

— Não falas assim porque Paneb é teu amigo? — interrogou o chefe de equipa.

— Se ele tivesse agido mal, não tentaria justificar o seu comportamento. Para mim, só falta esclarecer um ponto: a causa de tal confronto.

— De maneira nenhuma — objectou Nakht. — Os meus ferimentos provam que não era eu o agressor.

— Argumento enganador — considerou Néfer. — Se me tivesses dado ouvidos, estarias indemne. Mas o que exigias tu de Paneb?

— Desejava simplesmente discutir com ele, mas cobriu-me de insultos. É uma atitude indigna de um aprendiz!

— Um talhador de pedra tem o direito de exigir de um aprendiz que saia do caminho da rectidão e traia o seu juramento?

Nakht o Poderoso empalideceu.

— Essa pergunta não faz qualquer sentido! Estavas demasiado longe, não podes ter ouvido nada, e depois... Não exigi nada dele!

— Não ouvi nada, com efeito, mas o teu comportamento só assim se pode explicar. Vivemos no Lugar de Verdade e Maet é a nossa soberana. Como podes continuar a mentir?

O tom de Néfer não tinha nada de agressivo. Mais parecia o de um pai que

tentava fazer o filho compreender que cometia um grave erro mas que nada era ainda irremediável.

Os argumentos de Néfer giraram na cabeça de Nakht o Poderoso a um ritmo vertiginoso. Os olhares dos seus colegas pareceram-lhe mais pesados do que as alcofas cheias de cascalho que tantas vezes levantara e as palavras do seu primeiro juramento, tão longínquas, voltaram-lhe à memória.

— Retiro a minha queixa contra Paneb — declarou baixando a cabeça. — Não é uma pequena querela deste género que pode pôr em causa a nossa fraternidade... Entre nós, acontece sermos um pouco agressivos, mas isso nada tem de grave. Pegámo-nos um pouco porque queríamos medir as nossas forças. Mais valia enfrentarmo-nos por ocasião de uma competição de luta...

— Estou à tua disposição — disse Paneb.

— O incidente está encerrado — considerou o chefe de equipa.

— Outros assuntos a abordar?

— Estou descontente com a qualidade dos últimos unguentos que me entregaram — queixou-se Quaro o Mal-humorado.

— Tenho a pele frágil e estes provocaram-me irritações. Se nos tratam como se não fôssemos nada, não tardaremos a reagir!

— Referi-lo-ei ao escriba do Túmulo — prometeu Neb o Realizado — e a qualidade dos unguentos será vigiada mais de perto.

— Em breve vamos ter falta de pincéis finos — lamentou o pintor Ched. — Lanço avisos há vários meses, mas continuam a ser letra morta.

— Eu trato disso. É tudo?

Ninguém pediu a palavra.

— Temos um programa de trabalho muito sobrecarregado — anunciou Neb o Realizado. — Enquanto a equipa da esquerda termina a imensa Morada de Eternidade dos filhos reais, de Ramsés o Grande no Vale dos Reis, recebemos ordem de restaurar vários túmulos do Vale das Rainhas. Se forem necessárias horas extraordinárias, receberéis sandálias de primeira qualidade e belas peças de tecido como compensação.

— Há também uma festa a preparar — queixou-se Quaro. — Quando vamos ter tempo para dormir? Com o calor que está a chegar, o trabalho será cada vez mais penoso. Sobretudo, que não falte a água fresca.

— Sem esquecer a cerveja — acrescentou Nakht o Poderoso. — Sem ela, não temos braços.

— Como desenhador e tendo em vista a amplitude deste projecto — acrescentou

Gau o Exacto — solicito que o laboratório central esteja particularmente vigilante em relação à qualidade das cores que nos vai entregar. Devemos respeitar os contornos e os tons de origem.

Os seus dois colegas, Unesh o Chacal e Pai o Bom pão, apresentaram as mesmas exigências.

Como mais nenhum artesão se desejava manifestar, o chefe de equipa levantou-se, mandou apagar as tochas e dirigiu uma última invocação aos antepassados.

Embora o local estivesse mergulhado na obscuridade, Paneb notou um estranho clarão que provinha do naos. Era capaz de jurar que estava acesa uma lâmpada no interior do pequeno santuário e que a sua luz atravessava a porta de madeira dourada.

Julgando-se vítima de uma alucinação, o rapaz fixou o fenómeno, mas não teve oportunidade para se demorar, pois teve que seguir os artesãos que abandonavam a sala de reunião.

— Viste aquela estranha claridade? — perguntou ao Ched.

— Sai em silêncio.

A noite estava suave, a aldeia dormia. Logo que se encontraram ao ar livre, Paneb voltou a fazer a pergunta.

— Então, viste?

— Só havia o vermelho das tochas que se extinguíam.

— Era uma luz que vinha do naos.

— Estás enganado, Paneb.

— Tenho a certeza que não.

— Vai dormir; isso evitará que te deixes dominar por miragens.

Paneb interrogou Pai o Bom pão que também não tinha notado nada de anormal. Depois procurou Néfer sem conseguir encontrá-lo. O amigo, que conseguira inocentá-lo e poupar-lhe qualquer sanção, devia ter voltado para casa.

Não, era impossível! Néfer teria certamente gostado de ir com ele.

A equipa tinha-se dispersado. Paneb estava só em frente da porta fechada do local da confraria.

O que acontecera a Néfer?

Capítulo 51

Paneb aguardara até de madrugada, esperando ver aparecer o amigo. À chegada das sacerdotisas de Hátor, que se dirigiam para o templo a fim de despertar a força divina, o jovem colosso, despeitado, regressou ao seu domicílio.

De repente, a aldeia de aparência tão serena pareceu-lhe inquietante e hostil. Quando julgava ter descoberto as suas leis, encontrava-se brutalmente mergulhado no desconhecido. O seu único amigo teria sido vítima de uma conspiração fomentada por temíveis indivíduos decididos a eliminar todos aqueles que não entravam na sua forma? Paneb desafiara Nakht o Poderoso; Néfer defendera Paneb... Irredutíveis, os dois amigos deviam desaparecer.

Mas Paneb o Ardente não se deixaria degolar como um animal de talho. Ele sozinho era capaz de pôr aquela maldita aldeia a ferro e fogo!

Preparava-se para partir para a guerra quando lhe bateram à porta.

Desconfiado, o jovem armou-se com um pau, preparado para esmigalhar a cabeça dos artesãos que iam tentar apoderar-se dele.

Com o braço direito levantado, abriu a porta e deparou com duas mulheres, Clara e uma pequena loura intimidada. A primeira trazia um busto de gesso, a segunda um ramo composto por hastes de lótus, narcisos e acianos.

— Protecção sobre o teu rosto — disse ela, utilizando a fórmula tradicional para desejar um bom dia. — Uabet quis acompanhar-me para que começássemos a fazer viver a tua casa.

— Tens notícias de Néfer?

— Estás preocupado?

— Desapareceu!

— Descansa, partiu para visitar um estaleiro naval a fim de estudar as técnicas dos carpinteiros.

— Só?

— Não, com o chefe de equipa e alguns artesãos.

— Tens a certeza?

Intrigada, Clara encarou Paneb.

— Estás com um ar perturbado!

— Julgava que o tinham raptado, que tinha sido maltratado que...

— Tudo corre bem, está descansado; trata-se apenas de uma breve viagem de carácter profissional. O que foste imaginar?

Paneb poisou o pau.

— Tive medo por ele, receei que a confraria inteira lhe fosse hostil.

— Acalma-te — recomendou Clara. — Aqui tens um busto de antepassado que venerarás todos os dias pensando nos Servos do Lugar de Verdade que te precederam.

— Devo colocá-lo na primeira divisão, como em tua casa?

— Com efeito, é o costume.

Tímida, Uabet a Pura entregou as flores ao jovem colosso.

— O seu perfume é agradável ao ka dos antepassados — comentou Clara. — Se não nos mantivéssemos ligados a eles, se não nos oferecessem a sua força, não poderíamos sobreviver.

— Os antepassados não me interessam... Só o futuro conta.

— Não construirás sem alicerces, Paneb. Os nossos predecessores moldaram o espírito desta aldeia e alimentaram-lhe a alma com as suas criações. O que nos transmitiram, devemos transmitir-lo por nossa vez. Se negligenciares os antepassados, tornar-te-ás surdo e cego.

Paneb meditava nas palavras de Clara. Foi por isso que não viu Uabet a Pura olhá-lo com expressão enternecida.

Depois de ter poisado o busto do antepassado negligentemente no canto do primeiro compartimento da casa, Paneb comeu à pressa e depois dirigiu-se para a morada do pintor Ched que considerava como o superior dos três desenhadores. Exigiria dele um programa de trabalho preciso e não se deixaria embalar por um discurso vago.

Equipado com um imponente material, Ched preparava-se para partir para o Vale das Rainhas. Dotado de uma elegância natural, com os cabelos e o pequeno bigode muito bem cuidados, os pêlos de um cinzento-claro, o nariz direito e os lábios finos, parecia poisar um olhar desdenhoso sobre o que o rodeava.

— Esperai por mim!

— Esperar-te... Por que razão?

— Acompanho-vos ao Vale das Rainhas, não é verdade?

O sorriso de Ched era mais aguçado do que uma lâmina.

— Perdeste a cabeça, meu rapaz; vou proceder a trabalhos de restauro de extrema delicadeza e não preciso de um incapaz.

— Sei ler e escrever e desenho perfeitamente os hieróglifos!

— Como todos os habitantes da aldeia... Mas o que sabes tu da arte do Traço, das regras da proporção e da natureza secreta das cores? Queres tornar-te desenhador, parece, e até mesmo pintor! Ignoras que não és tu que ditas as tuas exigências à confraria? Deverias aprender a trabalhar com gesso e essa será com certeza a tua melhor ocupação até ao fim da tua existência.

As palavras de Ched eram facas que se enterravam na carne do jovem colosso.

— Outro elemento essencial que tu não compreendeste — prosseguiu o pintor — é que a morada que te foi atribuída não é uma casa de camponês ou de pequeno escriba, mas um santuário. Só pensaste no teu conforto material, mas o que sabes do significado simbólico de cada compartimento e onde estão as pinturas e os objectos que lhe dão sentido? Não passas ainda de um homem do exterior, meu pobre Paneb, e não tenho a certeza que possuas a inteligência e os talentos necessários para ser um autêntico Servidor do Lugar de Verdade. Pelo menos, segue o exemplo do teu amigo Néfer que já progrediu muito.

E não esqueças que a porta da aldeia se abre muito facilmente para o exterior, onde obterás sem dificuldade um trabalho à tua medida.

Atordado, Paneb viu o pintor afastar-se sem poder proferir uma só réplica. Dominado pela raiva, quase se precipitou sobre Ched para lhe arrancar o material e o espezinhar. Mas as censuras do pintor continuavam a fustigá-lo como chicotadas, com tanta mais violência quanto eram fundadas.

Ched tinha razão: não passava de um camponês disfarçado de pequeno escriba. Mas porque não o ajudara Néfer, o seu único amigo, a tomar consciência disso? E a que progressos fizera Ched alusão? Para ficar descansado, Paneb decidiu interrogar Clara.

Na rua principal, cruzou-se com dois dos três desenhadores, Unesh o Chacal e Gau o Exacto, que partiam para o Vale das Rainhas. Mal os cumprimentou, sentindo pesar sobre si a ironia do seu olhar. A porta da casa de Clara e Néfer estava fechada. Bateu.

— Clara! Posso entrar?

— Um instante — respondeu ela.

Estranho... Ela, regra geral tão acolhedora, iria repelir Paneb tratando-o com desprezo, como o pintor?

Não teve tempo de deixar prosperar as suas ideias negras porque a porta não tardou a abrir-se.

— Néfer já voltou?

— Ainda não.

— Quero vê-lo.

— Trabalha num estaleiro.

— Porque escolheu ele o bom caminho e eu não? Tu deves saber!

— Entra, estou a terminar um trabalho.

Paneb descobriu com estupefacção o terceiro desenhador, Pai o Bom Pão, um homem roliço, de rosto jovial e faces rechonchudas. Tinha o pulso direito ligado.

— Um pequeno entorse — explicou. — Graças aos cuidados de Clara, retomarei as minhas actividades dentro de alguns dias.

A jovem assegurou-se que a ligadura não estava muito apertada.

— De momento, Pai, repouso completo. Não te inquietes porque não ficará nenhuma sequela.

Paneb observava o primeiro compartimento com um novo olhar: a construção bizarra num canto, o busto do antepassado sobre o altar, outro altar florido... Néfer transformara realmente a sua casa num santuário.

— O pintor Ched acaba de me chamar incapaz, o meu único amigo desaparece e eu já não compreendo nada! O que se passa?

— Deves simplesmente ultrapassar uma nova etapa e compete-te a ti traçar o caminho.

— O único conselho que Ched me deu foi que me dedicasse a trabalhar com gesso!

— Ele é excelente — observou Pai o Bom pão.

Paneb fervia.

— Também tu troças de mim!

— Continuas a desejar tornar-te desenhador?

— Mais do que nunca!

— Então compreende que o primeiro estaleiro, onde deves fazer as tuas provas, é a tua própria casa. Mostraste-nos que te sabias desembaraçar sozinho quanto às obras de fundo e a uma reparação sumária, mas é insuficiente. Precisas de aprender tudo sobre a profissão a fim de não cometeres erros quando trabalhares na parede de uma grande Morada de Eternidade.

— Tu não trabalhaste com gesso!

— Claro que sim. Como conseguir fazer bem um desenho sem um bom suporte? A sua fabricação é o primeiro dos segredos.

— Aceitas ensinar-me — perguntou Paneb, angustiado.

Pai o Bom pão contemplou o pulso.

— Não gosto de repouso forado... Poderíamos experimentar.

Capítulo 52

Grávida pela segunda vez, Serquéta esperava com angústia os resultados dos testes. Quando dera à luz uma filha, o marido fora dominado por uma violenta cólera e recusara ver a criança, que seria criada por amas e nunca apareceria diante do pai. Oficialmente, o primogénito devia ser um rapaz. Méhi lamentava por vezes não ser grego ou hitita; nos países deles, a lei não proibia que se suprimissem as raparigas excedentárias.

Gozando de uma perfeita irrigação sanguínea e de boa circulação de ar no corpo, Serquéta tinha assegurada uma gravidez serena e um parto feliz; mas só interessava o sexo da criança. Há duas semanas que ela urinava quotidianamente para dois sacos, um contendo trigo, tâmaras e areia, e o outro areia, tâmaras e cevada. Se o trigo germinasse primeiro, Serquéta daria à luz uma menina; se fosse a cevada, um rapaz.

— Temos um resultado inquestionável — anunciou o ginecologista.

— Tendes um aspecto soberbo, meu caro Méhi! — exclamou o governador de Tebas. — Os militares só falam em vós e as grandes manobras que haveis dirigido foram muito apreciadas pela população, que se sente protegida e ao abrigo de qualquer ameaça.

— O mérito pertence aos oficiais e aos soldados, cuja disciplina é exemplar.

— Mas fostes vós a dar as ordens!

— Inspirando-me nas vossas recomendações — lembrou Méhi.

O governador apreciou aquela precisão.

— Estais já recomposto da morte do vosso sogro?

— Algum dia me recomporei? Tinha tal personalidade e competências que a sua ausência deixa um vazio imenso. Eu e a minha mulher todas as noites evocamos a sua memória; certamente nunca nos consolaremos do seu desaparecimento.

— Com certeza, com certeza... Mas é preciso pensar no futuro e não há melhor remédio para as grandes dores do que um trabalho intenso. Sois competente, consciencioso e metódico; esse conjunto de qualidades fará de vós um excelente Tesoureiro-principal da nossa boa cidade de Tebas.

Méhi fingiu-se surpreendido.

— É um posto de importância capital! Não sei se...

— É a mim que compete decidir e sei que não me engano.

Quando vos tornardes o meu braço direito, sereis responsável pela prosperidade da nossa querida cidade. Por minha parte, afastar-me-ei um pouco.

Méhi sabia que o governador tinha sobretudo necessidade de todo o seu tempo para dismantelar facções que procuravam enfraquecê-lo e lutar contra os numerosos candidatos prontos a ocupar o seu lugar.

— Propondes-me uma tarefa exaltante, mas há uma razão de peso que me impede de aceitar.

— Qual?

— É-me impossível suceder ao meu querido sogro... O choque seria demasiado cruel para a minha esposa.

— Descansai, fá-la-ei compreender! Méhi, Tebas precisa de vós. Em determinadas circunstâncias, não se torna necessário sacrificar os sentimentos ao interesse geral?

Méhi sentia vontade de dançar de alegria. Depois de se ter assegurado do controlo das forças armadas, tomava as rédeas das finanças públicas. Passaria a ser a partir de agora o melhor apoio do governador que, como bom estratega, delimitara de forma clara os respectivos territórios. A Méhi competia uma gestão sadia e irrepreensível, ao governador o poder representativo. Este não acreditara possivelmente que Méhi dedicava um afecto eterno ao sogro, mas não podia suspeitar da verdade. Que um assassino permanecesse impune e ocupasse mesmo o lugar da sua vítima provava ao novo Tesoureiro-principal de Tebas que a lei de Maet não passava de uma fábula inventada por falsos sábios encerrados nos templos, longe da realidade. O velho mundo dos faraós não tardaria a desaparecer para ser substituído por um Estado conquistador, dotado de uma fé inabalável no progresso e capaz de se impor às civilizações decadentes.

Para conseguir encabeçá-lo, Méhi utilizaria os talentos do seu amigo Daktair que não se deixaria embaraçar por qualquer escrúpulo moral. Graças a um clã de homens novos no seu género, sem qualquer laço com a tradição, o Egipto transformar-se-ia rapidamente num país moderno onde reinaria a única lei que Méhi respeitava: a do mais forte. Uma hábil maquilhagem jurídica e algumas declarações públicas bem sentidas acalmariam as consciências reticentes de alguns altos dignitários, rapidamente conquistados pelo benefício pessoal que obteriam com a nova situação. Quanto ao povo, era feito para ser dominado e ninguém se revoltava durante muito tempo face a uma polícia e a um exército bem organizados.

Restava um obstáculo de peso: Ramsés o Grande. Mas o soberano estava demasiado velho e a sua saúde cada vez mais frágil. Apesar da constituição robusta

e da excepcional longevidade, a morte acabaria por vencê-lo. A ideia de um atentado que apressasse o desaparecimento de Ramsés não era de excluir, mas necessitava de um número incalculável de precauções para que um inquérito não conseguisse chegar até Méhi. Mais valia gangrenar o círculo do futuro faraó, Mérenptah, na esperança de fazer abortar o seu reinado e colocar no seu lugar um homem de palha que Méhi controlasse.

O tempo jogava a seu favor. Não devia sobretudo ceder à impaciência, com risco de cometer um fatal passo em falso.

E o objectivo primordial continuava a ser a conquista do Lugar de Verdade. Graças aos segredos que este possuía, Méhi tornar-se-ia o único senhor das Duas Terras. Mas atacá-lo seria embater de frente com Ramsés; até que a correlação de forças se invertesse em seu favor, Méhi contentar-se-ia com ofensivas indirectas, sem se esquecer de ir minando os alicerces do edifício.

De seios nus, perfumada com incenso, os cabelos soltos, os pulsos e os tornozelos adornados com colares de cornalina e turquesa, Serquéta saltou ao pescoço do marido.

— Chegas tarde! Estava farta de estar à tua espera...

— O governador reteve-me.

— É um homem velhaco e sem coração... Desconfia dele!

— Acaba de me nomear Tesoureiro-principal de Tebas.

Serquéta afastou-se do comandante para o contemplar.

— O lugar do meu pai-.. Magnífico! Como tive razão em casar contigo, Méhi. És realmente um homem notável.

— Claro que não manifestei senão um entusiasmo moderado e não parei de cantar os elogios do teu venerado pai, afirmando que ficarias sem dúvida triste por me veres tomar o seu lugar.

O governador há de intervir junto de ti para te fazer admitir que não se pode viver no passado e que eu devo aceitar essa nomeação.

— Conta comigo, querido! Fingir-me-ei uma rapariguinha chorosa e acabarei por aceitar a dura realidade da existência, guarnecendo com flores todos os dias o túmulo do meu pobre pai, tão cedo desaparecido. Mas diz-me... Vamos ficar ainda mais ricos?

— É verdade, mas terei que jogar muito bem para que ninguém me possa acusar de desvio de fundos.

— Não te considerava o meu pai um extraordinário manipulador de números?

— A administração tebana é pesada e complicada... Precisarei de vários anos

para me tornar senhor dela, mas hei de consegui-lo.

— E... depois?

— O que queres dizer, Serquéta?

— Não tens ambições mais elevadas?

— Parece-me que estas perspectivas de carreira não são tão banais!

Serquéta abraçou o oficial superior.

— Espero ainda melhor de ti, meu querido!

Méhi fez amor com a esposa com a brutalidade habitual mas não lhe revelou os seus verdadeiros projectos. Nem ela nem qualquer outra mulher tinham inteligência suficiente para compreender a sua amplitude, mas a filha do ex-Tesoureiro-principal de Tebas podia ser uma aliada fiel e útil.

Com a cabeça poisada no peito forte de Méhi, Serquéta disse com voz comovida.

— Fiz os testes de gravidez no ginecologista...

— E os resultados?

— Foi o trigo que germinou primeiro.

— Isso significa que...

— Infelizmente, sim... Espero uma segunda rapariga.

Méhi esbofeteou a mulher repetidamente.

— Traíste-me, Serquéta! Preciso de um filho, não de filhas, terá a mesma sorte da primeira. Manda-a para onde quiseses, que nunca apareça à minha frente.

— Perdão, Méhi, perdão!

— Estou-me a lixar para as tuas desculpas. O que eu quero é um filho. E exijo que, a partir de amanhã, assines a meu favor o documento de renúncia à totalidade dos teus bens de que me tornarei o único gestor. Quem poderia ser tão estúpido que confie numa mulher que só procria raparigas? Ainda te deixo uma hipótese, Serquéta, mas procura não me desiludires mais.

Se falhares outra vez, repudio-te!

Com o rosto congestionado, aninhada nas almofadas, a esposa de Méhi tentou lutar.

— A lei proíbe-te... E se eu me recusar a renunciar à minha fortuna?

Sorridente, o oficial superior agarrou-lhe no queixo.

— Julgava ter-te provado que ninguém me resiste, minha querida... Ou me obedeces sem discutir, ou te tornas minha inimiga?

— Apesar de tudo, não te atreverias...

— Pare essa maldita rapariga, desembaraça-te dela, torna-te de novo uma esposa muito atraente e dá-me um rapaz. Se o conseserás uma mulher amimada. Entretanto, executa as minhas ordens.

Capítulo 53

O calor era esmagador. Nas colinas que rodeavam o Lugar de Verdade a vida parecia ter-se interrompido. Até os escorpiões permaneciam imóveis e nenhum sopro de vento percorria os valesinhos pedregosos queimados pelo sol.

Paneb o Ardente era o único ser vivo capaz de se deslocar naquela fornalha e de trabalhar serenamente. Tinha a cabeça descoberta e bebia pouco, contentando-se com a água morna de um pequeno odre. O jovem só tinha Uma ideia em mente: recolher o máximo de gipso" no vale distante cuja localização Pai o Bom pão lhe indicara. Devido a indicações demasiado vagas, Paneb perdera-se duas vezes mas acabara por encontrar o caminho certo.

Em geral, eram necessários pelo menos três operários para realizar aquela tarefa. Como ninguém estava disponível, Paneb não esperara nem pela diminuição do calor nem pelas ordens do chefe de equipa.

Com as alcofas cheias até às bordas, içou-as para os ombros e regressou à aldeia. Despejou-as em frente da oficina onde era preparado o gesso e depois partiu de novo para o vale. Ali trabalhou sem descanso até ao pôr do Sol.

Foi Néfer o Silencioso que o recebeu à entrada da aldeia.

— Tu, finalmente! — exclamou Paneb. — Mas onde te tinhas metido?

*1 Gipso — sulfato hidratado de cálcio de que se obtém o gesso.

— O chefe de equipa levou-me para trabalhar nas pedreiras e depois num estaleiro naval para aprender novas técnicas de de construção. Estás com um ar muito mudado...

— Parece que o meu caminho passa pelo gesso. Para o obter, é preciso gipso... Portanto, vou buscá-lo! Como não me disseram qual era a quantidade, esgotarei o valesinho se necessário.

— Aceitas uma ajuda?

— Adquiri o hábito de me desenrascar sozinho.

Os dois amigos seguiram até à oficina. Paneb despejou o conteúdo das suas alcofas e contemplou o monte de gipso.

— Amanhã farei ainda melhor; esta manhã perdi tempo a descobrir o lugar certo. Agora tenho sede!

— Estou convencido que a Clara te guardou um pouco de cerveja fresca.

Paneb esvaziou um jarro de três litros e devorou uma succulenta refeição, cujo apogeu era pombo recheado.

— Correste muitos riscos — observou Clara. — O local onde foste está infestado de serpentes e de escorpiões.

— Tinham demasiado calor... Esses animalejos só saem à noite.

— Posso dar-te um antídoto.

— Não é necessário, eu não tenho medo deles. Quando tenho uma tarefa, ninguém me impede de a realizar.

Paneb lançou um olhar de fogo ao seu amigo Néfer.

— Viste aquele clarão estranho que atravessou a porta do naos, na nossa sala de reunião?

— Sim, vi.

— Porque recusam os outros falar disso?

— Não sei.

— E não tentas saber!

— O chefe de equipa acaba de confiar-me uma tarefa de tal forma importante que me ocupa o espírito dia e noite.

— É um segredo?

— Não para um artesão do Lugar de Verdade — respondeu Néfer, sorrindo. — O Faraó pede um arranjo e ampliação do santuário que mandou edificar na nossa aldeia no início do seu reinado.

Neb o Realizado escolheu-me para concretizar o plano traçado por ele próprio e pelo escriba Ramosé.

— É uma grande honra!

— Sobretudo, uma pesada responsabilidade.

— Sê sincero, Silencioso... Não subiste vários degraus na hierarquia?

— É verdade, Ardente.

— E disso não me podes falar!

— Como todos nós, estou obrigado ao segredo.

— Eu continuo a reboque!

— Segues outro caminho, com outras portas a franquear e seguindo o teu próprio ritmo. Não existe nenhuma competição entre nós nem nunca existirá.

O dia anunciava-se tão quente como o anterior. Paneb o Ardente preparava-se

para retomar o caminho do valezinho de gipso quando o chefe de equipa lhe barrou a passagem.

— Onde vais?

— Buscar gipso.

— Quem te deu ordem para isso?

— Devo aprender a fazer gesso para conseguir uma superfície para desenhar. Portanto, preciso de gipso.

Pela primeira vez desde a sua admissão na confraria, Paneb observou com atenção o seu chefe de equipa: um homem grave, forte, de palavra lenta e olhar severo. O único habitante do Lugar de Verdade que o jovem colosso não teria gostado de enfrentar em combate singular.

— Ainda não compreendeste que aqui ninguém age de acordo com a sua fantasia.

— Não se trata de uma fantasia mas de uma necessidade!

Neb o Realizado cruzou os braços.

— Sou eu que decido as necessidades e uma delas acaba de ocorrer-me de repente. Vai buscar gipso, Paneb, aprende a fazer gesso e depois encarrega-te de pôr como novas as fachadas de todas as casas da aldeia. Quando tiveres terminado, voltaremos a falar da tua carreira de desenhador.

Alguns operários tinham ficado célebres na memória da aldeia por terem sido capazes de produzir, diariamente, um número incrível de sacos de gesso: cento e quarenta para o Luminoso da Manhã e duzentos e cinco para o Homem do deus Amon! Mas Paneb o Ardente, desde que assimilou a técnica ensinada por Pai o Bom pão, conseguiu extrair quotidianamente duzentos e cinquenta da oficina a céu aberto onde trabalhava duramente durante todo o dia.

As necessidades em gesso da comunidade eram muito variáveis, de acordo com a natureza dos estaleiros; mas visto que era necessário dar às fachadas das casas um branco deslumbrante, Paneb produziria primeiro uma enorme quantidade de matéria-prima antes de iniciar o trabalho que lhe demoraria vários meses e não o entusiasmava. Mas desobedecer a um chefe de equipa tê-lo-ia condenado a uma expulsão imediata da aldeia. Paneb esquecia assim os seus ressentimentos para queimar o gipso bruto que ele próprio extraíra do solo. Depois da calcinação a uma temperatura de duzentos graus, misturava-o com água para obter o gesso dos edifícios, que se aplicava sobre uma parede a fim de disfarçar as suas irregularidades e obter uma superfície lisa.

— O teu gesso é melhor do que o meu — confessou Pai o Bompão.

— Dominas a técnica da cozedura de uma forma incrível!

— Comecei a barrar uma parede com várias camadas de leite de cal e a cobrir com gesso a fachada mais estragada das casas da aldeia... O que te parece?

— Um bom trabalho, Paneb! Continua assim. Sabes que um dos nossos foi gesseiro toda a sua vida e que fornecia aos desenhadores superfícies perfeitamente lisas?

— Tanto melhor para ele, mas isso não me basta. O gesso não passa de uma etapa.

— Ainda não conheces todos os seus segredos... Também é utilizado para ligar os pigmentos aos quais talvez venhas a ter acesso se o chefe de equipa te considerar digno disso. Não te esqueças que também se pode usar o gesso como lubrificante quando se colocam grandes blocos.

O jovem colosso abria bem os ouvidos.

— Antes de mais nada, Paneb, pensa em verificar a qualidade do produto obtido.

— Como?

Pai o Bom pão mostrou-lhe um cone de calcário.

— É uma espécie de proveta que te permitirá testar o teu gesso e apreciar a sua consistência em função da utilização a que o destinas. Se cedesses à precipitação, cometerias graves erros e serias obrigado a recomeçar tudo.

Paneb não deixou de ter os avisos em consideração. Só pensava em desembaraçar-se o mais depressa possível da tarefa que lhe fora imposta e penetrar por fim no mundo dos desenhadores.

— Quando eras aprendiz, Pai, também te mandaram gessar todas as casas da aldeia?

— Unicamente a minha, mas eu não disponho da tua força de trabalho! Aqui, têm-se as provas que se merecem.

De repente, Paneb considerou Pai o Bom pão menos simpático do que parecia. Seria espontâneo o auxílio que lhe prestava ou agiria por ordem do chefe de equipa?

— Faz a ti mesmo as perguntas certas — recomendou-lhe Pai. — As erradas tornam-nos estéreis. E lembra-te da máxima que guiou todos os nossos mestres-de-obras: "age para aquele que agiu".

Capítulo 54

Espantados, os aldeões viam Paneb avançar com uma regularidade que provocava a admiração dos mais indiferentes.

Ocupava-se de cada fachada com a determinação de um guerreiro que lutasse pela vida e não descansava antes de ter conseguido uma superfície lisa de um deslumbrante branco brilhante, tornado ainda mais luminoso pelo sol. Graças a Paneb o Ardente, as moradas da aldeia readquiriam vida.

Com olhar irónico, mãos nas ancas, costas negligentemente apoiadas ao umbral da sua porta, a bela Turquesa observava o jovem colosso.

— Eis-te finalmente em minha casa... Receava que continuasses a evitar-me.

— Devo ocupar-me de todas as casas, mas a tua está em óptimo estado.

— Isso é apenas uma ilusão... Só um gesso novo lhe devolverá bom aspecto. Com certeza não queres que me queixe ao chefe de equipa, não?

Paneb o Ardente saltou sobre a jovem, rodeou-lhe a cintura com o braço esquerdo, ergueu-a e levou-a para dentro.

— É chantagem?

— Há uma fenda no quarto de dormir, por causa de um excesso de tensão do revestimento no momento da secagem. Para evitar que aumentasse, seria necessário juntar palha ao reboco.

— Só trato das fachadas.

— Para mim, podes fazer uma excepção.

Enrolou as longas pernas esguias em torno da cintura de Ardente e beijou-o com tanto entusiasmo que ele não lhe resistiu mais tempo. Erguendo o seu delicioso fardo, subiu os três pequenos degraus que conduziam a uma cama de tijolos construída num canto da primeira divisão. Com o comprimento de,80 metros e a largura de 0,90 metros, era coberta de gesso e decorada com pinturas representando uma mulher nua fazendo a sua toilette e uma tocadora de flauta semi-oculta em trepadeiras, unicamente vestida com um colar. Cercada e sobrelevada, aquela cama tornava-se confortável graças a espessos lençóis e almofadas sobre as quais se estenderam os amantes.

— Enganas-te no lugar, Paneb.

— Não é um leito?

— Um leito ritual, colocado sob a protecção de Hátor e destinado a fazer renascer todas as manhãs o jovem Horus a fim de que lute contra as forças do mal e preserve a nossa comunidade da destruição.

— Faz-me nascer para novos prazeres, Turquesa.

A sacerdotisa de Hátor renunciou à teologia e deixou-se despir pelo amante, cujo entusiasmo a encantava. Demasiado ocupado a acariciar o corpo perfeito da jovem, Paneb não notou a figura de Bés pintada na cabeceira do leito ritual. Bés, um anão barbudo e risonho cuja função era fazer nascer um Servidor do Lugar de Verdade no seu novo universo.

Abri, o administrador principal da margem oeste, não cessava de aumentar de peso. Cada vez mais sobreexcitada, a mulher tornava irrespirável a atmosfera familiar. Censurava-lhe a falta de entusiasmo no trabalho, a maneira de se vestir, o corte de cabelo, o gosto pelos vinhos encorpados... Em suma, não existia já entre eles o mínimo campo de entendimento e a volumosa morena pretextava dolorosas enxaquecas nocturnas para dormir num quarto à parte. A fim de esquecer o seu infortúnio conjugal, Abri empanturrava-se com bolos.

Pensara muitas vezes no divórcio, mas era a mulher que possuía o essencial da fortuna e arriscava-se a ir parar à rua. Como ela o enganava e geria muito bem o património e a casa, Abri não tinha qualquer argumento contra ela.

Era impossível, como antigamente, preguiçar longas horas à beira do espelho de água, permitir-se longas sestas e saborear as horas que se escoavam à sombra das palmeiras, visto que aquela rpia não lhe concedia um único momento de paz. No entanto ela devia estar satisfeita! Como lhe anunciara Méhi, Abri fora mantido nas suas funções e não perdera nenhuma das anteriores prerrogativas; mas esse milagre não bastava à esposa, cujas existências não conseguia compreender.

E se fosse só aquela louca! Méhi estava cem vezes mais ameaçador, apesar dos ares amáveis e das palavras calorosas.

Há vários anos que Abri assistia à ascensão do novo Tesoureiro-principal de Tebas com um espanto mesclado de receio. Julgara primeiro que aquele oficial pretensioso seria rapidamente cilindrado pelos seus superiores ou pelos notáveis desconfiados, mas Méhi soubera evitar as armadilhas e mostrar-se mais astuto do que os seus adversários.

Hoje em dia, as tropas tebanas adoravam-no devido às numerosas vantagens que lhes concedera e que ele consolidava desde a sua nomeação à cabeça das finanças públicas. O homem forte de Tebas era Méhi. Tecia a sua teia dia após dia sem que ninguém se inquietasse com isso, como se a sua conquista do poder fosse inelutável.

O governador abandonara-lhe a gestão da grande cidade, que Méhi desempenhava com uma competência que lhe valia uma excelente reputação junto do vizir.

Devido às suas relações privilegiadas com o comandante, Abri deveria rejubilar, mas eram precisamente elas que o preocupavam.

Quando se comprometera a realizar tarefas delicadas, esperara que Méhi seria eliminado e que ele teria portanto beneficiado com o seu apoio sem ter que prestar-lhe o mínimo serviço. Mas a situação evoluíra no sentido contrário ao que esperara e o comandante não tardaria a pedir-lhe contas. Como os poderes do seu incómodo aliado tinham aumentado consideravelmente, Abri não poderia continuar a pretender que, apesar dos seus esforços constantes não conseguia qualquer resultado.

Era por isso que, depois de dois anos a jogar às escondidas, o administrador principal da margem oeste decidira satisfazer o seu temível protector atacando o Lugar de Verdade sob o ângulo desejado por Méhi.

Abri levantara-se cedo, na esperança de tomar o pequeno-almoço tranquilo. Mas mal começava a saborear o iogurte matinal, a fúria surgira para lhe censurar o insuficiente rendimento dos seus campos de trigo. Ele engolira portanto avidamente vários bolos redondos antes de fugir da sua própria casa para se dirigir à aldeia dos artesãos.

Como aceitavam eles viver num ambiente semelhante? Nem jardins luxuriantes, nem repousantes palmeirais, apenas o deserto e as colinas áridas onde o Sol reinava como senhor absoluto. E aquela obra misteriosa, sobre a qual os adeptos do Lugar de Verdade guardavam segredo desde a sua fundação. Abri não lhes invejava a existência austera, simultaneamente tão próxima e tão distante das margens do Nilo e dos prazeres da cidade.

Quando a cadeira de carregadores do administrador principal da margem oeste chegou ao primeiro fortim, o polícia núbio de serviço respeitou rigorosamente as ordens do chefe Sobek.

Pediu a Abri que declinasse a identidade e intimou-o a esperar que o seu superior fosse avisado da sua presença antes de ser autorizado a prosseguir caminho. Os protestos de Abri não conseguiram nada.

Esta atitude confirmava os seus receios: Sobek endurecera realmente as medidas de segurança e suprimira os livres-trânsitos. Abri estudara o seu processo, desde os primeiros passos na polícia até à sua nomeação para o Lugar de Verdade, para chegar a uma conclusão inquietante: Sobek parecia ser um polícia honesto, unicamente preocupado com o trabalho. Nem um único vestígio de corrupção numa carreira irrepreensível. O alto funcionário não tinha portanto nenhum elemento favorável para oferecer a Méhi de modo a desembaraçar-se daquele núbio íntegro

cuja eficácia era um obstáculo difícil de contornar. No entanto, Abri deslocava-se ao terreno com a esperança de descobrir uma falha.

— falha?

O chefe Sobek veio ao encontro de Abri.

— Algum problema? — perguntou o polícia.

— No âmbito das minhas funções, quero simplesmente assegurar-me que tudo corre bem com os auxiliares.

— Vamos.

Abri não estava autorizado a penetrar na aldeia e não podia saquear os fortins senão acompanhado pelo chefe-da-segurança.

— Satisfeito com o vosso posto, Sobek?

— A tarefa é árdua mas absorvente. Se não tivesse ocorrido aquele crime inexplicável...

— Continua sem haver qualquer pista?

— Nenhuma.

— Os anos passaram e ninguém vos censurou nada... Acabareis por esquecer.

— Nunca. Foi um dos meus homens que foi morto e um dia hei de saber o que se passou realmente.

— E se o culpado fosse... alguém da aldeia?

— Não excluo essa hipótese, mas não possuo nenhum indício de prova.

Abri fingiu interessar-se pelo trabalho dos auxiliares e visitou as suas modestas casas, construídas fora da aldeia, antes de ser convidado por Sobek a beber uma cerveja fresca.

— Creio que não sois casado.

— Não — respondeu o grande núbio — nem tenho a intenção nem a possibilidade de o ser. Garantir a perfeita segurança da confraria ocupa todo o meu tempo.

— Com a continuação, a existência arrisca-se a tornar-se pesada — predisse o administrador. — Aqui, haveis demonstrado a amplitude das vossas capacidades; não desejaríeis outro posto, mais gratificante e menos absorvente?

— Não sou eu que decido mas o vizir.

— Durante uma audiência privada, poderia falar-lhe em vosso favor. Deveria compreender que as vossas qualidades merecem melhor do que este trabalho esgotante.

Sobek pareceu interessado. Teria Abri acabado de descobrir a falha?

— Que género de promoção poderia eu esperar? — Perguntou o núbio.

— A direcção da segurança fluvial da região tebana, por exemplo. Tornar-vos-íeis o adjunto do actual titular, que não tardará a reformar-se, e depois suceder-lhe-íeis.

— O que exigis em troca?

— Nada, de momento, meu caro Sobek. Este pequeno empurrãozinho fará de nós amigos inseparáveis, bem entendido amigos transmitem-se informações e prestam-se mutuamente serviços, não é verdade?

O núbio concordou com a cabeça.

Abri ia finalmente dar excelentes notícias ao comandante.

Capítulo 55

Paneb o Ardente vivia uma paixão devoradora com Turquesa, que o iniciava tanto nos mais subtis como nos mais selvagens jogos de amor. No fim do dia de trabalho, quando o Sol descia para lá da montanha do Ocidente, o jovem colosso dirigia-se para a casa da amante a fim de saborear a embriaguez de um prazer inesgotável. Os meses passavam, Paneb continuava a tornar refulgentes as fachadas das moradias da aldeia, mas apenas desenhava pálidos esboços em bocados de calcário e deixara a própria casa ao abandono. Como passava todas as noites em casa de Turquesa, só muito raramente via o seu amigo Néfer que trabalhava na oficina dos planos sob a direcção do mestre-de-obras Neb o Realizado.

Tal como a do céu ou a do Nilo, a beleza de Turquesa variava com as estações. Expansiva no Verão, terna no Outono, orgulhosa no Inverno, provocante na Primavera, revelava a Paneb os caminhos sem fim do desejo. Em breve a aldeia inteira resplandecia de brancura. O gesseiro levava a cabo com êxito a missão que o chefe de equipa lhe confiara e iria exigir ser finalmente admitido na equipa dos desenhadores. Ao entrar em casa de Turquesa, tencionava celebrar esse acontecimento fazendo amor com o ímpeto de um carneiro, mas encontrou-a vestida com um vestido comprido vermelho e adornada de colares e pulseiras de malaquite. Uma peruca de cerimónia tornava o seu magnífico rosto quase severo.

— Vou participar numa cerimónia ritual com as sacerdotisas de Hátor e devo dirigir-me ao templo — explicou ela.

— Deixas-me só?

— Espero que ultrapassarás essa prova — disse ela sorrindo.

— Em geral não estás ocupada no templo senão de manhã cedo e ao fim da tarde...

— Descansa, Paneb. Amanhã à noite estarás ainda mais ardente.

Turquesa saiu de casa com um andar tão gracioso que o jovem teve desejo de se lançar sobre ela e de a cobrir de beijos.

Mas o seu porte de sacerdotisa, imbuído de gravidade, dissuadiu-o de o fazer.

— Turquesa! Queres casar comigo?

— Repito-te: nunca me casarei.

Tinha partido. Paneb estava só, estúpido e inútil. Em passo pesado, dirigiu-se para sua casa.

A alguns metros da porta, sentiu deliciosos odores, como se ti vessem espalhado no ar perfumes embriagadores.

A porta estava aberta e uma voz feminina cantarolava uma canção doce.

Paneb entrou e viu a esguia e frágil Uabet a Pura aspergir o chão com água com salitre depois de ter defumado os compartimentos com um pó combustível composto por incenso seco, junça, cânfora, sementes de melão e avelãs. O fumo elevava-se ainda de uma pequena braseira e mataria os insectos.

— O que fazes em minha casa?

Surpreendida, a jovem interrompeu o que estava a fazer.

— Ah, és tu... Não entres já, vais sujar tudo!

Apressada, trouxe uma bacia de cobre cheia de água para que Paneb lavasse os pés e as mãos.

— Não tens mais nada a recear dos demónios da noite — acrescentou. — Espalhei nos cantos de todos os compartimentos alho moído e reduzido a pó com cerveja. Quanto à gordura de verdelhão com que barrei as paredes, fará fugir as moscas.

Queres esperar um instante? Ainda não terminei o arranjo do quarto.

Uabet a Pura agarrou numa vassoura em que as longas e rígidas fibras de palmeira estavam dobradas e presas em grupos e correu a terminar a sua tarefa.

De braços caídos, Paneb não reconhecia a sua casa. Nos dois primeiros compartimentos, ainda ontem mobilados apenas com a esteira, havia agora tamboretes, cadeiras de dobrar, pequenas mesas robustas com cinquenta centímetros de altura, setenta de comprimento e quarenta de largura, lâmpadas de pé, recipientes em terracota, várias arcas de arrumação com tampa direita ou areada, cestos, cabazes e sacos. A jovem colocara ganchos de suspensão de madeira um pouco por toda a parte nos quais pendurara alcofas.

Paneb descobriu um quarto limpo e perfumado onde tinham sido instalados dois leitos de boa qualidade, um com 1 metro e 95 de Comprimento e o outro com 1 metro e 75, ambos com sólidas tiras cruzadas para suportar um colchão de juncos entrançados sobre os quais tinham sido colocadas esteiras e lençóis novos.

Com uma escova de caniços presos por um anel, Uabet a Pura fazia brilhar o solo.

— Podes examinar a cozinha, não falta quase nada. Coloquei jarros de azeite e de cerveja na primeira cave e as conservas de carne na segunda. Vais ter de instalar-me

umas tábuas na pequena sala da água para o material de toilette e comprar uma ou duas marmitas grandes. Em seguida, temos tempo para ver...

Se me fizesses rapidamente um pequeno armário de madeira onde eu arrumasse o espelho, os pentes, as perucas e os ganchos de cabelo, seria a mais feliz das mulheres. E depois, é necessário não esquecer as sanitas. Desinfectei-as, mas as paredes de tijolos que rodeiam o assento de madeira são um pouco baixas demais. Devias arranjar tempo para as aumentares e verificares a saída dos canais de evacuação das águas usadas.

Paneb o Ardente sentou-se pesadamente num robusto tamborete de três pés, como se acabasse de percorrer uma distância esgotante.

— Mas o que fazes tu aqui...

— Bem vê: ponho um pouco de ordem nisto.

— Todos estes móveis...

— São o meu dote. Pertencem-me e utilizo-os como me apetece.

Não podias continuar a viver apenas com uma esteira, que para mais está num estado lamentável! E tenho a impressão de que não te alimentas convenientemente...

Sem querer vexar-te, emagreceste mesmo um bocado. Não to censuro, visto que trabalhas mais que qualquer outro operário e embelezaste todas as casas da aldeia. Ninguém te felicitará, mas os habitantes estão satisfeitos e a maior parte deles consideram-te como um gesseiro excepcional. Se lhes desses ouvidos, nunca mais mudarias de profissão.

Uabet a Pura era uma curiosa mistura de timidez e segurança; A sua voz parecia hesitante, as atitudes embaraçadas, mas não duvidava do correcto fundamento do que fizera.

E as suas palavras fizeram compreender a Paneb que caíra numa nova armadilha. Dominando a técnica do gesso e desafiando a aldeia à qual demonstrara, é um facto, a sua força e perseverança, não negligenciara uma vez mais o seu ideal?

— Por causa do arranjo da casa — lamentou Uabet a Pura —, só preparei um jantar medíocre: pão torrado, puré de favas e peixe seco. Amanhã cozinharei melhor.

— Não te peço nada! — exclamou Paneb.

— Bem sei, mas o que importa?

— Ouve, Uabet, estou apaixonado pela Turquesa e...

— Toda a aldeia está ao corrente... É assunto vosso.

— Compreendes portanto que não sou livre!

— Como não és livre? Ela sempre proclamou que nunca se casaria e tu

contentas-te em fazer amor com ela sem viver sob o seu tecto. Portanto, és livre.

— Convencê-la-ei a casar comigo.

— Enganas-te.

— Provar-te-ei o contrário!

— Ignoras que Turquesa fez um voto à deusa Hátor.

Consagrando-lhe os pensamentos que animam o seu coração, gozará ao longo de toda a sua existência da beleza concedida pela deusa, na condição de não casar. Uma sacerdotisa de Hátor não quebrará o seu voto.

O jovem colosso estava aniquilado. Uabet a Pura não manifestava qualquer triunfalismo.

— Amas Turquesa, agradas-lhe, brincará contigo durante o tempo em que isso Lhe der prazer. Eu amo-te e ofereço-te tudo o que possuo. Visto que vamos viver sob o mesmo tecto, seremos marido e mulher sem outra forma de cerimónia. Devo confessar-te que a minha família se opõe formalmente a esta união e que se recusa mesmo a organizar uma pequena festa para a celebrar.

— Não tens o direito de ignorar a sua opinião!

— Claro que sim. Caso com o homem que eu escolho e esse homem és tu.

— Ser-te-ei infiel já amanhã.

— O prazer físico não me interessa muito. Em contrapartida, eu gostaria de dar-te um filho... Mas serás tu a tomar a decisão.

— Não vais impor-te...

— Reflecte, Paneb. Prometo-te ser uma boa dona de casa, tornar o teu dia-a-dia agradável e não te privar de qualquer liberdade. Tens tudo a ganhar e nada a perder. E se bebêssemos cerveja forte para selar a nossa união?

— Não será demasiado precipitado?

— É a melhor solução para nós dois. Seja qual for o teu destino, deves viver numa casa limpa e bem arranjada. Serei a tua serva, nem sequer darás por mim.

Confuso, Paneb o Ardente aceitou beber e a bebida não lhe clareou as ideias. No entanto, comeu com apetite e teve de admitir que a cama preparada por Uabet a Pura era muito mais confortável do que a sua velha esteira.

Ele, casado com uma mulher que não amava e apaixonado por outra com quem não poderia nunca casar... A cabeça andava-lhe à roda. Se não expulsasse imediatamente Uabet a Pura daquele quarto e da sua casa, ela apresentar-se-ia no dia seguinte como sua legítima esposa, quando ele nem sequer sabia se permaneceria numa confraria que o reduzia ao estado de gesseiro.

Esperando ser vítima de um pesadelo, mas consciente da sua cobardia do momento, Paneb adormeceu.

Capítulo 56

Quando Paneb acordou, Uabet a Pura tinha desaparecido.

Dobrou os lençóis e enrolou a sua esteira. Aliviado, o jovem colosso subiu a escada que levava ao terraço onde era agradável dormir nas quentes noites de Verão.

Liberto, o rapaz saboreou gulosamente os raios do levante antes de verificar a larga abertura localizada a norte e abrigada por um telheiro de forma triangular. Servia de manga de ar garantindo a boa circulação na casa, onde algumas paredes possuíam pequenas aberturas fáceis de tapar quando o Sol dardejava os seus raios.

Afinal, saía-se bem. Uabet a Pura tinha compreendido que aquele casamento era impossível mas deixara-lhe uma casa admiravelmente limpa e a partir de agora fornecida com um belo mobiliário. Teria o direito de o conservar? Não, devolvê-lo-ia na totalidade. Era o seu dote e ele não podia dispor disso.

Tagarelices de criança intrigaram-no. Do terraço, Paneb viu uma dezena de garotos apresentar-se à sua porta com frágeis gaiolas de vimes recém-cortados cuja ligação era feita com miolo de papiros. Dentro, grandes nozes de palmeira mediterrânea.

O rapaz desceu para abrir.

— O que querem?

— Oferecemos-te um presente para celebrar o teu casamento — disse uma garotinha descarada, que desencadeou uma cascata de risos.

— O meu casamento? Mas...

— Uabet é muito gentil e toda a aldeia sabe que vocês vivem sob o mesmo tecto.

— Estão enganados! Ela partiu esta manhã e...

Uabet a Pura apareceu, trazendo à cabeça um cesto cheio de provisões. Radiosa, deslocava-se com graciosidade apesar da carga.

— Já estás acordado, meu querido marido? Fui buscar legumes e frutos frescos. Não é comovedora a delicadeza destas crianças?

Abatido, Paneb pensou no gesso e nas últimas fachadas que o ocupavam.

Abri, o administrador principal da margem oeste, tomara a barca reservada aos altos funcionários para se dirigir a Tebas. No desembarcadouro, um carro oficial

estava permanentemente à sua disposição e conduziu-o até à sumptuosa villa para onde acabavam de mudar o comandante Méhi e a sua esposa Serquéta.

Abri apresentou-se ao porteiro que ordenou a um servidor que fosse prevenir o seu senhor enquanto o mordomo convidava o visitante a lavar os pés e as mãos com água perfumada antes de penetrar num compartimento de recepção cujo tecto, ornado de entrelaçados vegetais vermelhos e azuis, era suportado por duas colunas de pórfiro.

Abri teve tempo de ver o lago de lótus, o jardim plantado com palmeiras, sicômoros, figueiras, alfarrobeiras e acácias, a pérgola e o respectivo espelho de água, o grande pátio rodeado de silos e estábulos e cujo centro era ocupado por um poço. A vasta e luxuosa moradia não devia ter menos de vinte divisões, sem contar com os alojamentos dos criados.

O êxito de Méhi era fulgurante e a sua ascensão estava longe de terminar. Perante tanta riqueza, Abri teve medo; compreendeu que o homem que o escolhera como aliado era uma personagem temível, cuja dimensão não parava de aumentar.

— O Tesoureiro-principal receber-vos-á na sua sala de massagens — anunciou o mordomo.

Abri respirou melhor. Pelo menos, Méhi não se recusava a recebê-lo. Desta vez não o poderia desiludir mas, pelo contrário, fornecê-lo a prova de uma franca e total colaboração.

Guiado pelo mordomo, o administrador atravessou uma esplêndida sala de quatro colunas cuja decoração era consagrada à pesca e à caça nos pântanos e depois foi introduzido na sala das unções, rodeado por um banco de alvenaria coberto por esteiras multicores de primeira qualidade. Nas prateleiras, uma quantidade impressionante de garrafinhas e potes de unguentos em marfim, vidro e alabastro, em forma de lótus, papiros, romãs, cachos de uvas ou nadadoras nuas empurrando à sua frente um pato de asas articuladas cujo corpo servia de recipiente.

Méhi estava deitado de barriga para baixo. Um massagista trabalhava-lhe as costas enquanto uma manicura lhe limpava as unhas com uma escova de cabelos de tamareira, isto é, os filamentos da base das folhas.

— Sentai-vos, meu caro Abri, e perdoai-me por vos receber nestes propósitos, mas a minha utilização do tempo está sobrecarregada e não desejava adiar esta entrevista. Tendes boas notícias?

— Excelentes... mas confidenciais.

— A minha manicura já terminou; quanto ao meu massagista, é surdo e mudo.

A manicura eclipsou-se e o massagista continuou.

— Há muito tempo que não temos oportunidade de fazer o ponto da situação — fez notar Méhi. — Tanto um como outro temos estado ocupados a conduzir as nossas respectivas carreiras, simultaneamente diferentes e convergentes.

— Também é essa a minha opinião... E felicito-vos pela forma como geris as finanças da nossa querida cidade. O vosso sogro ficaria orgulhoso de vós.

— Esse cumprimento vai-me direito ao coração, Abri; penso muitas vezes nesse querido homem e no seu fim prematuro.

— As vossas responsabilidades são cada vez mais pesadas e múltiplas... Talvez vos incitem a negligenciar, ou mesmo a esquecer, os desígnios que tínhamos evocado.

— De maneira nenhuma — respondeu Méhi com voz cortante.

— Continuais portanto a desejar destruir o Lugar de Verdade?

— As minhas intenções não variaram e o nosso pacto também não. Mas não tenho a certeza que o tenhas respeitado.

O brutal tuteio fez estremecer Abri.

— Fiz o máximo, acreditai, mas os meus esforços não foram coroados de êxito. Os segredos daquela confraria estão muito mais bem guardados do que eu supunha. E um passo em falso teria desencadeado a fúria do vizir ou do próprio Faraó.

— Se há uma opinião que conte em Tebas, é a minha.

Prometera-te que conservarias o teu lugar e mantive a minha palavra. Perante o teu pouco entusiasmo em satisfazer-me, poderia modificar a minha posição e fazer saber às mais altas autoridades do Estado que o administrador principal da margem oeste é incompetente.

Pálido, Abri balbuciou.

— Sabeis bem que não é verdade... Faço correctamente o meu trabalho, ninguém se queixa dele, e eu...

— Preciso de aliados eficazes. Não falavas de excelentes notícias.

Desnortado diante de Méhi, Abri quase esquecera que dispunha finalmente de argumentos convincentes.

— Trata-se do chefe Sobek... Estudei o seu processo a fundo.

— O que descobriste de interessante?

— Infelizmente, nada... Confesso ter ficado desencorajado, porque o polícia parecia-me incorruptível. Então, tomei uma iniciativa: dirigi-me à aldeia sob o pretexto de inspecionar as instalações dos auxiliares. O meu único objectivo era conhecer melhor Sobek.

— Excelente, meu caro Abri! Resultados?

— É um policial muito consciencioso, que realiza a sua tarefa com extremo rigor.

— Já sabíamos isso. O que há de novo?

— Sobek afirma estar satisfeito com a sua sorte, mas não passa de aparência. Na realidade, começa a cansar-se de um trabalho penoso que lhe ocupa todo o tempo e o impede de formar uma família.

Méhi endireitou-se e, com um gesto vivo,, despediu o massagista.

— Isso poderia ser apaixonante, meu caro Abri — considerou o comandante olhando-se num espelho de cobre cujo cabo mostrava uma rapariga nua. — Foste mais longe?

— Muito mais longe. Propus-lhe um posto mais gratificante na direcção da polícia fluvial de Tebas, com a certeza que não teríeis dificuldade em obter-lho.

— Exacto... Mas fizeste-lhe compreender que tal generosidade deveria ser paga em retribuição?

— Com certeza.

— Qual foi a sua reacção?

— Creio que está pronto a ajudar-nos da forma que nos convier.

— É verdadeiramente uma notícia excelente!

Méhi poisou o espelho e penteou os cabelos negros de que se orgulhava muito. Constatando a satisfação do seu poderoso protector, Abri começou a descontrair-se.

— Vou preparar uma nomeação pela calada — anunciou Méhi. — Quando estiver pronta, interrogarás Sobek que nos confiará tudo o que sabe sobre o Lugar de Verdade e as medidas de segurança tomadas para o proteger. Mas não esqueças que eu te tinha confiado uma segunda missão.

— Não esqueço, podeis ter a certeza! Mas há já muito tempo que nenhum artesão sai da aldeia para permanecer no exterior de forma duradoira.

O olhar de Méhi tornou-se feroz.

— É muito difícil de acreditar... Penso antes que não organizaste nenhum sistema de vigilância e que os artesãos circularam livremente.

— Os homens que eu tinha contratado falharam na vigilância, confesso, mas é uma tarefa muito delicada!

— A minha paciência esgotou-se, Abri. Agora, exijo resultados.

Capítulo 57

Desde que Néfer fora chamado pelo chefe de equipa para preparar o novo santuário do ka de Ramsés o Grande, Clara partilhava raros momentos de intimidade com o marido. Depois da iniciação nos segredos do estaleiro naval, Néfer o Silencioso avançara novos graus na hierarquia dos construtores graças a um rigor apreciado por todos.

Os outros adeptos achavam que o jovem assimilava as técnicas com muita facilidade e que lhe bastavam poucos esforços para provar a sua crescente perícia; só a esposa sabia que assim não era e que ele devia essas capacidades a um árduo trabalho.

Mas este não lhe pesava, porque Néfer evoluía num mundo em perfeita harmonia com o seu ser. Nascera para o Lugar de Verdade e os deuses tinham-no moldado a fim de que o servisse e ali se realizasse.

Apesar da vastidão do trabalho e das exigências do quotidiano, os anos tinham passado com a doçura do mel.

Enquanto Néfer se formava junto dos talhadores de pedra e dos escultores, Clara recebia o ensinamento das sacerdotisas de Hátor e da mulher Sábia. As primeiras ofereciam-lhe a dimensão dos ritos e dos símbolos, a segunda a das ciências tradicionais e da percepção das forças invisíveis.

Como todas as manhãs, do terraço da sua casa, Clara Contemplava a aldeia dos artesãos aninhada no fundo do seu vale, dominada por um esporão rochoso considerado como o pé do santo cume e ao longo do qual tinham sido construídos pequenos santuários dedicados às divindades e à memória dos faraós defuntos que haviam protegido o Lugar de Verdade, particularmente Amenhotep I, Tutmés III e Sétí, o pai de Ramsés. A linha sinuosa desses oratórios seguia a base da falésia e cada um dos seus estava encostado à montanha de Ocidente onde, todas as noites, se realizava o mistério da ressurreição, fora dos olhares humanos.

Nem por um instante Clara lamentava ter deixado a margem este e a existência banal para a qual a preparara a sua educação.

Como Néfer, a sua verdadeira pátria era hoje aquela modesta aldeia que não se assemelhava a nenhuma outra. Ali aprendera que a felicidade de uma comunidade repousava sobre a circulação das oferendas e sobre a sua qualidade. Dando em lugar de receber, estabelecia-se uma solidariedade que conseguia vencer as divergências de opinião, as inimizades e os egoísmos. E competia às sacerdotisas

garantir essa presença permanente da oferenda e lutar contra a tendência natural para a ganância.

Clara amava o dinamismo dos primeiros momentos do dia e o brotar da luz por trás da montanha do Oriente; tinha a sensação de que a vida se recriava a si própria e que a criação, com a madrugada, tomava um novo impulso, portador de inesperadas maravilhas.

De repente, uma silhueta atraiu-lhe a atenção.

Com a sua soberba cabeleira de cabelos brancos agitada pelo vento, a Mulher Sábia avançava com dificuldade pela rua principal da aldeia. Tinha cada vez mais dificuldade em andar mas ainda não utilizava bengala. Logo que a viu, Clara desceu e abriu a porta para esperar no limiar.

A Mulher Sábia precedera-a. Como conseguira percorrer tão rapidamente a distância que a separava do seu objectivo?

— Estás pronta, Clara?

— Ia buscar as flores à porta principal.

— Outra te substituirá. Tu vens comigo.

Sentindo que a Mulher Sábia não Lhe responderia, Clara evitou interrogá-la e contentou-se em acompanhar-lhe o passo.

A sua guia parecia ter reencontrado o antigo vigor para atravessar a aldeia e seguir pelo caminho que ia dar ao Vale das Rainhas.

A Mulher Sábia imobilizou-se diante de sete grutas escavadas na rocha e dispostas em arco de círculo, de frente para o norte.

— Aqui reinam Meresger, a deusa do silêncio, e Ptah, o deus dos construtores. Escolhe uma das sete grutas, Clara; permanece nela em meditação até que te venham procurar.

A esposa de Néfer o Silencioso penetrou na primeira gruta da esquerda. Tratava-se de um pequeno oratório onde fora erguida uma estela dedicada a Ptah, que modelara o universo com o verbo.

Clara sentou-se à maneira de escriba e saboreou a frescura e o silêncio do local.

A meio da manhã, uma sacerdotisa fê-la passar para a segunda gruta, onde reinava a deusa do cume do Ocidente, sob a forma de uma cobra benfazeja. Ao meio-dia, na terceira gruta, Clara bebeu leite frente a um baixo-relevo que mostrava o aleitamento do faraó pela deusa mãe. Na quarta, venerou a força criadora de Hátor, deusa das estrelas, e na quinta o seu ka, a sua capacidade de sublimação que elevava aos céus os pensamentos dos seus fiéis. Caía a noite quando Clara descobriu, na sexta gruta, uma representação do faraó oferecendo flores a Hátor; e

foi à luz de uma tocha que viu, na sétima, o rei Amenhotep I e a sua mãe Ahmés-Nefertari, cuja pele era negra para simbolizar o renascimento fora da morte, acolher uma nova adepta. As pinturas eram tão expressivas que tornavam vivos os benfeitores do Lugar de Verdade.

Sob a luz prateada do Sol da noite, Clara foi convidada a sair para o adro juncado de flores de lótus. Uma sacerdotisa ofereceu-lhe pão e vinho.

Quando saiu da rocha, a Mulher Sábia pôs-se à sua frente.

— Encontras-te entre os dois leões, Clara, entre ontem e amanhã, entre o Ocidente e o Oriente. Até agora, recebeste o meu ensinamento; chegou a hora de criares o teu próprio caminho, de comunicares com os seres de luz presentes no invisível e de nasceres para a tua verdadeira natureza.

Desejas que assim seja?

— Se essa é a via correcta para servir o Lugar de Verdade, que assim seja.

— Bebe esse vinho e come esse pão pensando que cada um dos teus gestos, mesmo o mais modesto, deve ser consciente.

Caso contrário, a tua existência não passaria de um jogo de sombras. Osíris foi morto pelas forças das trevas, mas a ciência de Isis ressuscitou-o. O seu sangue transformou-se no vinho, o seu corpo no pão. O ser humano não é Deus, mas pode participar no divino na condição de franquear as portas do mistério. Se tens coragem para isso, segue-me.

Clara não hesitou.

A Mulher Sábia subiu um carreiro tão abrupto que a sua discípula sentiu dificuldade em segui-la. De repente, a noite tornou-se muito escura, como se a Lua recusasse brilhar. Mas um estranho halo de luz envolvia a cabeleira da Mulher Sábia e permitia a Clara não a perder de vista.

A ascensão pareceu-lhe interminável e cada vez mais difícil mas não renunciou. Nem uma só vez a sua guia, que avançava por um caminho na beira do vazio, se voltou. Por fim, a Mulher Sábia deteve-se no alto de uma crista e Clara chegou junto dela.

— A aldeia dorme, os sonhos atravessam os corpos e as divindades continuam a criar, sem lassidão e sem fadiga. É a sua obra que deves ver, não a dos homens que o tempo destruirá. Ouve, Clara... Ouve as palavras da montanha sagrada.

O silêncio era total. Nem um chacal soltava o seu lamento, nem um pássaro nocturno fazia ouvir o seu canto, como se a natureza inteira tivesse feito um pacto. Pela primeira vez, Clara viu o céu. Não o céu aparente, com as suas constelações, mas a sua forma secreta, a de uma mulher imensa formando uma abóbada no interior

da qual cintilavam as estrelas, as portas da luz. As mãos e os pés de Nut, a deusa do arcobotante, tocavam as extremidades do universo. Tudo o que Clara aprendera desde a sua admissão no Lugar de Verdade adquiriu uma nova dimensão, em harmonia com o cosmos feminino onde a vida renascia constantemente de si mesma.

— Vem ao encontro das tuas aliadas — recomendou a Mulher sábia.

Esta abandonou o promontório para descer a um vale muito estreito cercado pelas falésias e sentou-se numa pedra redonda que os ventos e as tempestades tinham modelado. As trevas atenuaram-se.

A lua pareceu querer concentrar a sua claridade sobre aquele lugar desértico. Graças a ela, Clara viu-as.

Serpentes.

Dezenas de serpentes de tamanhos e cores variadas. Uma vermelha com o ventre branco, outra vermelha com olhos amarelos, a branca com cauda grossa, uma branca de dorso salpicado de manchas vermelhas, uma negra de ventre claro, uma víbora sopradora, outra que parecia ter um caule de lótus desenhado na cabeça, uma víbora de cornos e cobras prontas a atacar.

Morta de medo, Clara não fugiu. Se a Mulher Sábia a tinha trazido ali, não era para lhe fazer mal.

Clara fixou os répteis um após outro, enquanto eles iniciavam uma espécie de ronda em volta dela. Nos seus pequenos olhos vigilantes, não detectou qualquer hostilidade.

A cabeleira da Mulher Sábia brilhava na noite. Quando estendeu os braços para o solo, num gesto de apaziguamento, os répteis deslizaram para debaixo da pedra redonda.

— Não terás melhores aliadas — disse ela a Clara. — Não mentem, não fazem batota e trazem em si o veneno que te servirá para preparar remédios contra as doenças. Comigo, na montanha, aprenderás a falar com elas e a chamá-las em caso de necessidade. As serpentes são as filhas da terra, conhecem as energias que a atravessam porque estavam presentes quando os deuses primordiais a formaram. Far-te-ão compreender que o medo é uma etapa necessária e que um mal se pode transformar em bem. Aceitas o dom das serpentes?

Clara pegou no pau que lhe estendia a Mulher Sábia. Quando este se transformou numa longa serpente dourada cuja boca parecia sorrir, a jovem não a largou.

Capítulo 58

A taberna aberta próximo do principal mercado de Tebas acolhia os comerciantes egípcios e estrangeiros que ali vinham refrescar-se e conversar. A atmosfera era alegre, falava-se de negócios e lucros. Com a sua gordura e a sua barba, Daktair passava por mercador sírio em busca de boas oportunidades.

Aqui não se arriscava a encontrar um cientista do laboratório central ou um dignitário; por isso marcara encontro naquela taberna a um dos auxiliares do Lugar de Verdade que lá trabalhava como lavadeiro.

O homem de costas curvadas sentou-se em frente de Daktair.

Havia burburinho suficiente para que ninguém os pudesse ouvir.

— Encomendei cerveja da melhor — disse o sábio.

— Tendes o pó de lavagem?

— Está um saco inteiro no dorso do burro que te espera lá fora. Melhorei ainda mais a sua eficácia.

— Tanto melhor — alegrou-se o lavadeiro. — Se soubéss como a minha profissão é difícil... O pior são as roupas sujas pelas regras das mulheres. São muito exigentes e recusam-nas se não estiverem de uma brancura deslumbrante! Bem se vê que nunca tiveram que as lavar. Graças ao vosso produto, ganho tempo e posso ocupar-me do meu pomar.

— É o nosso pequeno segredo...

— Sobretudo, nem uma palavra aos meus superiores! Devem continuar a julgar que trabalho como os meus colegas mas que sou o melhor.

— Entendido, mas tens que me prestar um pequeno serviço.

— Qual? — interrogou o lavadeiro, bruscamente inquieto. — Sou um homem pobre e não vos posso entregar somas exorbitantes!

— Apenas desejo algumas informações.

O lavadeiro baixou os olhos.

— É preciso ver o quê... Não sei grande coisa...

— Já entraste na aldeia?

— Não tenho esse direito.

— Há outros auxiliares que tenham conseguido entrar?

— Não, os guardas são inflexíveis. Como o chefe Sobek ainda reforçou mais as medidas de segurança, nenhum homem do exterior se arriscaria a forçar a passagem. As pessoas da aldeia conhecem-se todas... Um intruso seria imediatamente detectado, expulso e condenado.

— A curiosidade não será mais forte?

— Certamente que não! Cada um no seu lugar. Nós, os auxiliares, contentamo-nos com o nosso pão.

— De acordo com a quantidade de roupa que tu e os teus colegas lavam, devem ter uma ideia bastante exacta do número de habitantes e da proporção de homens e mulheres.

O lavadeiro fixou Daktair.

— É possível... Mas é-nos recomendado que tenhamos tento na língua.

— O que desejas?

— Três sacos gratuitos do vosso pó de lavagem.

— É muito caro.

— A informação que me pedis é confidencial... Corro grandes riscos. Se soubessem que falei, perderia o meu lugar. Vendo bem as coisas, são mas é quatro sacos.

— Não irei mais longe.

— Combinado.

Os dois homens apertaram a mão como dois honestos comerciantes.

— Na minha opinião, os artesãos são cerca de uns trinta e, como há alguns celibatários, devem contar-se entre vinte e vinte e cinco mulheres.

— Muitas crianças?

— Ao que dizem, a média é de dois filhos por casal, mas mesmo as sacerdotisas de Hátor não os querem ter.

"Uma tão pequena comunidade, pensou Daktair, "não deve ser difícil de destruir..."

O arranjo das fachadas da aldeia estava terminado e a sua brancura refulgia à luz do sol. Orgulhoso de si, Paneb o Ardente adquirira o domínio do gesso mas sentia-se invadir pelo aborrecimento.

Só realizava gestos repetitivos, sem paixão e sem alma, visto que aquela técnica já não tinha mais nenhuma descoberta para proporcionar-lhe.

O jovem colosso habituara-se à presença de Uabet a Pura, que fazia a lida da

casa e cozinha na perfeição e não lhe censurava nenhuma das suas horas apaixonadas com Turquesa. A esposa oficial de Paneb era a discórdia em pessoa e sabia não importunar o marido. Quando conversava com as outras mulheres, não fazia qualquer crítica contra o seu jovem esposo e desejava a cada uma delas a felicidade que ela vivia.

No dia seguinte, Paneb enfrentaria os desenhadores e mesmo o chefe de equipa se fosse necessário. Considerando-se vencedor da prova que lhe fora imposta, faria as suas exigências e não tornaria a aceitar discursos vagos. Uma boa refeição alimentaria a sua força de convicção.

Mas uma nova surpresa o esperava: envergando um vestido branco, com o pescoço adornado com um colar de cornalinas e a fronte cingida por uma coroa de flores, Uabet a Pura não tinha o ar de uma modesta dona de casa.

— Entra em silêncio — recomendou-lhe ela.

Irritado, Paneb empurrou a porta de casa para descobrir Clara e Néfer em meditação diante de dois bustos em calcário instalados num nicho escavado na parede do primeiro compartimento. Um evocava o deus Ptah, o outro a deusa Hátor.

Cortados horizontalmente logo abaixo do tórax, sem braços, com o peito coberto por um largo colar, os bustos dos antepassados tinham um olhar grave e profundo.

Clara queimou pastilhas de incenso sobre uma pequena braseira portátil que estendeu a Paneb.

— Honra os nossos antepassados pelo fogo — pediu-lhe. — Graças à sua presença em cada uma das nossas casas, os deuses vêm manifestar-se. A ti compete viver com a sua força e não na sua dependência. Manifestam-se de mil e uma maneiras, podem tornar-nos cegos ou clarear-nos a vista. Possa a chama que brilha em ti não ser destruída por nada.

Enquanto Paneb incensava os antepassados, Clara deitou um pouco de água sobre as flores e os frutos que dispusera sobre um altar.

— Já era tempo de sacralizar esta casa — observou Néfer. — Passa ao segundo compartimento; coloquei lá um presente.

Silencioso encastrara na parede uma estela rectangular de calcário com a parte superior curva. Com cerca de trinta centímetros de altura, representava um antepassado que tinha o nome de "spirito eficaz e luminoso de Rá". Para além da morte, navegava eternamente na barra do sol identificando-se com ele e refulgindo para os habitantes da aldeia.

— Foste tu que esculpiste esta estela? — perguntou Paneb.

— Satisfaz-te?

— Uma verdadeira maravilha! O antepassado tem o sinal da vida na mão direita, não é verdade?

— Que nos transmite se soubermos escutar a sua voz. "Escutar é melhor do que tudo, dizia o sábio Ptah-hotep, e é o coração que nos torna capazes disso. Se seguirmos as suas directivas, fará de nós seres correctos. E se não dissociarmos o coração da língua, os nossos empreendimentos terão êxito".

— Os meus também?

— É graças ao coração que existe todo o conhecimento e é graças a ele que podemos ver a luz dos nossos antepassados e o perfume do lótus que eles respiram: eis o que me ensinou o nosso chefe de equipa. Esta estela é Um dos múltiplos pontos de contacto entre o outro mundo e a aldeia, entre os deuses e os vivos. O rosto de um antepassado é o raio de sol que ilumina o nosso dia das piores dificuldades.

— Mas é preciso que o coração nos obedeça e que não hostilize — objectou Paneb, impressionado pelo carácter solene das palavras de Néfer. — O meu é bastante irrequieto e não tenho a certeza de o poder controlar!

— E se jantássemos? — propôs a sua esposa.

Os dois casais partilharam os alimentos que Uabet a Pura tinha preparado, encantada por receber os amigos do marido.

Riram Ao evocar as manias dos aldeões, sem esquecer as suas e depois do final da refeição, Clara dispôs lâmpadas nos quatro cantos do compartimento a fim de que nenhum demónio perturbasse o sossego dos esposos.

Estava assim terminada a sacralização da casa.

Os convidados agradeceram a Uabet a Pura pelo seu alimento mas, no momento de partir, Néfer notou que Paneb estava contrariado.

— Não tenho intenção de passar a minha existência a escutar — confessou. — Quero desenhar e vão ter de escutar-me a mim.

— As costas não se quebram por se inclinarem — respondeu Néfer.

Capítulo 59

A Mulher Sábia despertou Clara e Néfer a meio da noite.

— A esposa do escriba Ramosé está muito mal — anunciou. — não tenho esperança nenhuma, mas podemos atenuar os seus sofrimentos.

Clara vestiu-se à pressa.

— Vem connosco, Néfer — pediu a Mulher Sábia que acusava excesso da fadiga. — Ramosé deseja falar contigo.

O trio caminhou em silêncio até à mais bela casa da aldeia, cujo exterior estava iluminado por lâmpadas a óleo. A mulher Sábia e Clara foram para o quarto e o escriba Ramosé pediu a Néfer que se sentasse à sua frente.

— A minha mulher vai morrer — disse com uma voz simultaneamente triste e serena. — Passámos toda a nossa vida juntos, conhecemos a felicidade aqui, nesta aldeia. Não a deixarei empreender sozinha a grande viagem, razão pela qual não lhe sobreviverei muito tempo. A velhice é má, Néfer; o coração mergulha em torpor, a boca torna-se hesitante, os olhos fecham-se, os ouvidos são atacados de surdez e os membros privados de vigor. A memória desfalece, os ossos doem, a respiração encurta. Quer estejamos em pé, sentados ou deitados, somos dominados pelo sofrimento e o gosto pelas maravilhas da existência desaparece. No entanto, até hoje, cada nova madrugada sempre me trouxe alegria porque via viver o sagrado no Lugar de Verdade. Mas sem a minha esposa já nem sequer terei a força de vos ver partir para o trabalho, tu e os teus irmãos em espírito. Ser mantido afastado da morte é mau para os homens; esta é uma passagem estreita que nos conduz ao tribunal de Osíris e é ele que julga a qualidade do nosso coração. Embora ainda sejas jovem, pensa desde já em preparar a tua morada de Eternidade na necrópole da aldeia porque a morada da morte é destinada à vida. Faltava-me realizar uma obra em companhia do mestre-de-obras Neb o Realizado, uma obra à qual tínhamos decidido, ele e eu, associar-te: a reconstrução do edifício dedicado ao ka real.

Gostava que Ramsés o Grande o visse terminado antes de ir juntar-se aos seus predecessores no Vale dos Reis...

Promete-me trabalhar nele sem descanso.

— Comprometo-me a fazê-lo.

— É na rectidão e no amor de maet que se encontra a verdadeira felicidade. Néfer, Maet é o que Deus e o Faraó amam, a justeza do acto criador. Grande é

Maet, duradoira e eficaz: não foi alterada desde a origem e quando tudo tiver desaparecido só ela subsistirá. É por isso que o principal dever do Faraó é colocar Maet no lugar da desordem e da injustiça. Realiza Maet e ela te será revelada. ela que é o alimento dos deuses com sabor a mel. A luz divina vive de Maet, a justiça graças à qual distinguirás o bem do mal.

Constrói o teu caminho com a luz do Lugar de Verdade, Néfer, e não esqueças o sorriso de Maet.

Com rostos graves, a Mulher Sábia e Clara saíram do quarto da esposa do escriba de Maet.

— Ela já não sofre — disse a Mulher Sábia — e chama pelo marido.

Paneb o Ardente avançou com passo decidido para a casa do pintor Ched. Era ele o chefe dos desenhadores e era ele que se tornava necessário convencer a abri-lhe por fim as portas da profissão. Desde a sua entrada na confraria, o jovem colosso aceitara duras provas mostrando-se à altura das tarefas que Lhe tinham sido confiadas. Os anos tinham passado e não progredira na arte que amava. Ardendo sempre com a mesma paixão, não suportaria mais adiamentos.

De repente, imobilizou-se. Algo não estava bem. Em geral, com os primeiros raios do Sol, a aldeia animava-se, as pessoas enchiam as cisternas, tomavam o pequeno-almoço nos terraços.

Mas naquela manhã a vida interrompera-se. Nem um ruído, nem um riso de criança, ninguém na praça principal.

Paneb correu até à morada de Néfer e Clara, mas não estavam em casa. Todas as casas estavam vazias.

Ardente saiu da aldeia pela pequena porta oeste e viu os aldeões reunidos diante de um dos túmulos da necrópole.

— Eis-te finalmente! — murmurou Uabet a Pura.

— Levantei-me mais tarde do que o habitual. não é uma questão de Estado!

— Cala-te, estamos de luto.

— Quem morreu?

— O escriba de Maet, Ramosé, e a esposa. Encontram-nos lado a lado, de mão dada, em paz.

Competia a Quenhir, sucessor e filho adoptivo de Ramosé, dirigir os funerais. Logo que soubera da morte do casal, o escriba do Túmulo mandara um artesão procurar os mumificadores que transformariam os restos mortais em corpos osirianos.

Em homenagem a Ramosé e sua mulher, amados por todos, o Lugar de Verdade fazia luto profundo. Durante um mês lunar, os homens não voltariam a barbear-se e as mulheres não se penteariam. Todos os dias, tanto no templo como nas casas, os aldeões implorariam aos antepassados que acolhessem os defuntos nos paraísos celestes onde circulava a barca de luz e onde a mesa do banquete estava eternamente servida.

Os artesãos cessaram todo o trabalho para acabar o mobiliário funerário do escriba de Maet e o pintor Ched o Salvador terminou o papiro do Livro de sair para a luz que seria depositado sobre a múmia para lhe permitir responder aos guardas das portas do outro mundo e pronunciar as fórmulas de conhecimento indispensáveis à ressurreição.

Sob a direcção de Didia o carpinteiro, um homem de grande estatura e gestos lentos, Paneb fez os últimos acabamentos nos leitos funerários.

Ajustou os quatro pés quadrados de madeira, unidos por sólidos esteios, e a parede de apoio vertical na extremidade dos pés do leito, enquanto Didia fazia as cabeceiras em acácia sobre as quais repousariam as cabeças das múmias.

— Estão todos com ar deprimido — notou Paneb. — Ramosé era uma personagem assim tão importante?

— O Faraó atribuíra-lhe o título de "escriba de Maet"; talvez nenhum outro escriba do Túmulo tenha o direito de o usar.

— Não tendes confiança em Quenhir o Rabugento.

— Quenhir é Quenhir e já é muito.

— A tua resposta não me esclarece!

— Trabalha o melhor que puderes, meu rapaz, é o que te posso desejar.

No dia da colocação no túmulo, os artesãos e as esposas agiram como sacerdotes e sacerdotisas, sem qualquer auxílio exterior.

Quenhir e os dois chefes de equipa salmodiaram as fórmulas rituais diante das duas múmias erguidas a quem tinham aberto a boca, os ouvidos e os olhos.

Depois, os artesãos depositaram os corpos osirianos em sarcófagos de madeira adornados com figuras de divindades protectoras e de símbolos como a chave da vida, o nó mágico de Isis ou o pilar da estabilidade, incarnando Osíris ressuscitado.

Iniciou-se Uma lenta procissão de portadoras e portadores de oferendas que equipariam a Morada de Eternidade de bengalas, paletas de escriba, ferramentas de construtor, indumentárias rituais, camas, cadeiras, tamboretes, arcas contendo jóias e unguentos, mesas de oferendas e pequenas figurinhas de madeira, "as

correspondentes, que continuariam a deslocar os materiais de construção no outro mundo ao apelo do ressuscitado.

As vísceras do defunto tinham sido introduzidas em quatro vasos com a efígie dos filhos de Horus, um homem que protegia o fígado, Um falcão os intestinos, um babuíno os pulmões e um chacal o estômago. Do outro lado da morte seria reconstituído um corpo de luz ao qual não faltaria nenhum elemento.

A emoção de Néfer era evidente, Clara sentiu que uma preocupação o afligia.

— O que receias? — perguntou-lhe.

— Por que razão as últimas palavras de Ramosé me foram dirigidas a mim e não ao seu filho adoptivo Quenhir ou ao chefe de equipa?

— Ramosé era a bondade em pessoa. mas desempenhava a função de escriba de Maet e não agia ao acaso. Conhecia a hora da sua morte e foi a ti, e a nenhum outro, que escolheu para entregar a sua última mensagem.

— Não compreendo a sua decisão.

— Não te fixou Uma tarefa determinada?

— Já falei disso com Neb o Realizado.

— Como reagiu?

— A partir do final do período de luto, pôr-me-ei ao trabalho sem descanso.

Desde a noite passada na montanha em companhia da Mulher Sábia, o olhar de Clara decifrava parcelas do futuro. Para ela, o comportamento do escriba Ramosé nada tinha de obscuro.

Os funerais estavam a terminar. Embora todos estivessem convencidos que o tribunal de Osíris reconheceria o escriba de Maet e a esposa como justos, a tristeza era esmagadora. Não poder voltar a falar-lhes, a solicitar os seus conselhos, não ter mais a sua sabedoria como guia seriam pesados fardos.

Apenas Paneb o Ardente não se preocupava com isso. O período de luto parecera-lhe interminável, tanto mais que até Turquesa se recusara a fazer amor. Os que estavam mortos estavam mortos e não voltariam do reino de Osíris; a vida continuava e as lamentações não resolviam nenhuma dificuldade.

Paneb bateu no ombro de Néfer.

— Não há mais nenhuma cerimónia depois desta?

— Todos os dias, um sacerdote e Uma sacerdotisa honrarão o dia dos defuntos.

— Então amanhã a existência retomará o seu curso normal?

— De certa forma...

— Admites que eu tenha legítimas reivindicações a formular?

- De que género?
- Aprender finalmente os segredos do desenho!
- Para já, contrato-te.
- Não sou talhador de pedra.
- Preciso de terminar o mais depressa possível um importante e tenho necessidade de todas as energias.

Capítulo 60

No dia seguinte ao da morte de Ramosé, Quenhir lavara três vezes os cabelos, o seu prazer favorito. Como a esposa do escriba de Maet tinha também morrido, herdava a totalidade dos bens do seu protector e, particularmente, a sua fabulosa biblioteca que reunia os maiores autores como Imhotep, o arquitecto da pirâmide de degraus de Saqqaara, o sábio Hordedef do tempo das grandes pirâmides, o vizir Ptah-hotep de quem era copiado constantemente o célebre ensinamento, o profeta Néfertí ou o erudito Quéti que redigira uma sátira das profissões para gabar as vantagens de ser escriba.

Ao mudar para a bela moradia de Ramosé, Quenhir sentira-se envelhecer brutalmente. Ele, que ultrapassara o cabo dos cinquenta anos sem perder o vigor, sentia de repente o peso da solidão. É verdade que Ramosé delegara nele inúmeras responsabilidades e ele exercia plenamente a sua função de escriba do Túmulo; mas Quenhir consultava frequentemente o seu predecessor e, embora deplorasse a bondade excessiva de Ramosé e a sua demasiado grande compreensão das fraquezas humanas, tirava grande proveito das opiniões dele. Agora, geriria sozinho a aldeia e as discussões com os dois chefes de equipa, que nem sempre partilhavam as suas ideias, prometiam ser duras.

Seria uma rapariga de quinze anos, Niut a Vigorosa, que se encarregaria de lhe tratar da casa e cozinhar. Quenhir esperava pagar-lhe o mínimo, mas ela exigira um salário conveniente com uma força de carácter tal que o escriba do Túmulo se curvara.

Nos primeiros tempos pensara em dispensar aquela pequena peste, mas ela desempenhava tão bem as suas tarefas caseiras sem se esquecer de limpar o pó dos numerosos papiros, que decidira finalmente ficar com ela.

Não faltavam projectos a Quenhir. Em primeiro lugar, firmar a sua autoridade de forma indiscutível, fazendo compreender a dois chefes de equipa que era ele o escriba do Túmulo e que nenhuma decisão podia ser tomada sem o seu acordo; em seguida, nunca mais autorizar aos artesãos um certo número de extravagâncias indignas do Lugar de Verdade. Responsável perante o vizir pela qualidade do trabalho realizado pela confraria, Quenhir mantinha diariamente o diário do Túmulo onde anotava com a sua escrita feia e quase ilegível, as actividades de cada um, os motivos de ausência, a natureza e a quantidade dos materiais e das ferramentas entregues na aldeia. Só ele sabia realmente tudo o que lá se passava e não se

mostraria tão tolerante como Ramosé face às pequenas infracções. Com ele, a disciplina não seria uma palavra vã.

Quenhir sabia o que a maior parte dos artesãos pensava dele: consideravam-no vaidoso, inflexível, egoísta e demasiado imbuído dos seus poderes, mas ninguém contestava a sua competência. Muitos ignoravam que ele sabia criticar-se a si mesmo e reconhecer os seus erros, desde que fosse o único a censurar-se.

Quenhir recebeu os dois chefes de equipa na sala de recepção da sua nova morada. Sentindo que eles estavam pouco à vontade, Quenhir entrou imediatamente a matar.

— Esta casa era a casa de Ramosé, meu predecessor. Hoje, com o consentimento da confraria, pertence-me. Será portanto aqui que se realizarão os nossos encontros e as nossas sessões de trabalho. O facto de venerarmos a memória do escriba de Maet não deve impedir-nos de prosseguir a obra do Lugar de Verdade.

Os dois chefes de equipa concordaram.

— Como é devido, a minha primeira decisão consiste em pedir-vos que escavem a minha própria Morada de Eternidade na parte sul da necrópole. Que seja ampla e esplêndida para celebrar a função de que sou depositário.

— A equipa da esquerda encarregar-se-á disso — disse Neb o Realizado. — Os meus talhadores de pedra estão ocupados a construir o santuário do ka de Ramsés.

— Entendido — resmungou Quenhir — mas mostrar-me-ei implacável com os preguiçosos. Ser admitido nesta aldeia apenas implica deveres e nada de deixar andar. A que tarefa está ligado Paneb o Ardente, depois de ter terminado o arranjo das fachadas das nossas casas?

— Néfer o Silencioso contratou-o como ajudante.

— Paneb já não quer tornar-se desenhador?

— Submete-se às exigências do momento.

— Excelente! Que possa continuar nessa via.

Depois de ter sido recebido pelo vizir a quem afirmara que o desaparecimento de Ramosé não mudaria em nada a norma de vida do Lugar de Verdade, Quenhir recebeu as calorosas felicitações de Abri, o administrador principal da margem oeste que o convidou para almoçar. Instalaram-se sob um caramanchão sombreado onde os servos lhes trouxeram vinho tinto do Delta, salada com azeite e codornizes recheadas.

— Todos lamentamos esse caro Ramosé — declarou Abri.

— Com três túmulos na necrópole da aldeia — lembrou Quenhir — a sua

memória não será esquecida.

— Mas é preciso pensar no futuro... E o futuro sois vós! Há já demasiados anos que vivíeis na sombra de Ramosé, sem poderdes exprimir plenamente a vossa rica personalidade.

Apesar da mágoa que vos causa a sua morte, há que admitir que vos abre perspectivas.

Quenhir comia com bom apetite.

— Quais, precisamente?

— Não duvido um só instante do vosso pleno e completo êxito, tanto mais que tendes o apoio das autoridades. Mas a existência nessa aldeia fechada nem todos os dias deve ser agradável...

— Bem podeis dizê-lo!

Abri ocultou com dificuldade a sua estupefacção. Esperava por parte do escriba do Túmulo uma viva negação e protestos indignados.

— Não desejo o meu lugar a ninguém — continuou Quenhir —, Não há nenhum escriba que trabalhe mais do que eu com tão fracas vantagens.

O administrador estava encantado. Nunca Ramosé, o incorruptível, teria pronunciado semelhantes palavras! Com a sua corpulência, o seu porte desajeitado e os olhos manhosos, Quenhir era sem dúvida um arrivista que não seria inacessível a certas propostas.

— Esse trabalho... Não vos é possível falar dele?

— Estou preso ao segredo, mas posso garantir-vos que tem muito pouco interesse! Se conhecerdes jovens escribas ambiciosos, aconselhai-os a evitar o Lugar de Verdade.

— Porque haveis aceitado esse lugar?

— Foi um infeliz encadeado de circunstâncias — explicou Quenhir. — Segui longos e difíceis estudos e esperava que me conduzissem longe, talvez mesmo à gestão de uma parte da zona de Carnaque. Quando encontrei Ramosé, fui seduzido pela sua inteligência e o seu saber, que me transmitiu com generosidade; como ele e a esposa não podiam ter filhos, adoptaram-me na condição de eu assumir a função de escriba do Túmulo. No princípio, sentia-me feliz e lisonjeado; depois, desiludi-me. E dizer que este posto é um dos mais invejados do Egipto!

— Se vos posso ser útil...

— Devo resolver os meus problemas sozinho, sem falar deles seja a quem for, a não ser ao vizir.

— Esse segredo é bem pesado... Não seria melhor aboli-lo?

— Somos um país de tradições e não é fácil modificá-las.

Abri sentia que o escriba do Túmulo estava pronto a fazer concessões, mesmo confidências, mas sobretudo não havia que pressioná-lo. Quem melhor do que Quenhir forneceria informações essenciais sobre o Lugar de Verdade? Se Abri se tornasse seu amigo, adquiriria uma imprevista vantagem sobre o comandante Méhi. e começaria a aligeirar a pressão.

— Sois um homem extremamente simpático, Quenhir, e não me agrada ver-vos mergulhado em tais aborrecimentos.

— É a lei da aldeia! Um aborrecimento sucede-se a outro e nunca acabam.

— Aborrecimentos... de que género?

— Não tenho o direito de falar disso.

— Que solidão deve ser a vossa!

— Tomava de boa vontade mais um pouco de vinho... Deveis possuir uma excelente adega.

— Permitis que vos ofereça algumas ânforas de tinto de Athribis?

— Com prazer, Abri; permitir-me-ão variar do habitual.

— Face a tantas dificuldades, quais são os vossos projectos?

Quenhir teve um longo momento de reflexão.

— No que diz respeito ao Lugar de Verdade, é impossível evocá-los. Mas tenho alguns desígnios pessoais.

O administrador exultava interiormente. Com a morte de Ramosé, a aldeia dos artesãos perdera a alma. E o escriba de Maet escolhera muito mal o seu herdeiro. um funcionário azedo e rabugento que não se revelaria muito difícil corromper.

— Esses desígnios também são secretos?

— Mais ou menos. Espero mesmo que um deles venha a gozar de uma certa notoriedade!

— Aceitais revelar-mo?

Quenhir contraiu-se.

— Prometeis-me total discrição?

— Com certeza!

— Tenho intenção de escrever — confessou Quenhir. — Os nomes dos grandes autores perduram para além da sua morte embora não tenham construído uma pirâmide. Os seus filhos são os seus textos. a sua esposa a paleta do escriba. Os

monumentos mais sólidos desmoronam-se, mas todos se recordam dos livros. Um bom livro edifica uma pirâmide no coração do leitor, é mais duradouro do que uma sepultura no Ocidente. O que dizem os grandes autores realiza-se, o que sai dos seus lábios permanece nas memórias. Dissimulam o seu poder mágico. Mas dele beneficiamos quando os lemos.

Capítulo 61

Foi na caserna principal de Tebas, onde o comandante Méhi experimentava um novo carro cuja caixa tinha sido reforçada, que Abri lhe deu conta da sua entrevista com o escriba do Túmulo.

— Não consegui arrancar-lhe a mínima informação, mas não deveis desesperar.

Nervoso, Méhi estava de um mau-humor execrável.

— É semelhante a Ramosé?

— De maneira nenhuma, podeis estar descansado.

— No entanto, agarra-se aos seus segredos como um macaco ao tronco de uma palmeira!

— Não passa de aparência... Quenhir não cessa de se queixar do peso que pesa sobre os seus ombros e dos perpétuos aborrecimentos que lhe causam os aldeões.

— Quais são as suas ambições?

Abri pareceu atrapalhado.

— Só me revelou uma...

— Qual?

— Escrever.

Furioso, Méhi bateu com um punho irado no flanco de um cavalo preto que relinchou de dor.

— Estás a fazer troça de mim?

— Não, comandante! Quenhir fez a apologia dos escritores cuja obra Lhe parece mais duradoira do que as construções de pedra.

— Esse fulano é completamente louco.

— Seja como for, a sua insatisfação deve ser explorada.

— Esperemos que essa pista não se revele tão inútil como a do chefe Sobek!

— O que se passou?

— É muito simples, meu caro Abri. Propus ao vizir a transferência de Sobek e a sua nomeação como adjunto da direcção da segurança fluvial de Tebas. O primeiro fiasco da minha carreira, por causa da tua estúpida ideia! Só o Faraó e o vizir podem decidir de uma mudança de nomeação do chefe da polícia do Lugar da Verdade e não precisam de nenhum conselho. tanto mais que Sobek dá inteira satisfação.

Fizeste-me dar um passo em falso, Abri, e não vai ser com os delírios de Quenhir que vais apagar esse erro. Trata de o reparar e depressa.

— É contigo — disse Néfer o Silencioso a Paneb o Ardente.

Justamente antes da colocação de um grande bloco que vinha terminar a parte superior da parede, o jovem colosso utilizou um fio de prumo para verificar uma última vez a correcção do trabalho. Depois Nakht o Poderoso e Quaro o Mal-humorado fizeram deslizar o bloco sobre um plano de leite bem gorduroso, Féned o Nariz serviu-se de um dedo de madeira a fim de alisar a junção e Casa o Cordame, fiel ao método ensinado por Imhotep quando edificara a primeira pirâmide, passou entre as pedras uma lâmina de cobre coberta com um abrasivo que melhoraria a aderência.

Desde que trabalhava na construção do santuário de Ramsés o Grande sob a direcção do seu amigo, Paneb vivia dias exaltantes. A sua extraordinária capacidade para não sentir fadiga causava admiração e, como não sabia quase nada da arte de construir, aceitava sem refilar as ordens dos talhadores de pedra.

Paneb apreciava o método utilizado por Néfer para organizar o estaleiro. Fiel ao seu sobrenome, falava pouco e nunca elevava a voz, mesmo quando estava descontente. Dava indicações precisas, a partir do plano do chefe de equipa, e depois deixava aos artesãos Uma certa liberdade na sua aplicação. De manhã e à noite reunia os colegas e pedia-lhes uma opinião clara sobre a qualidade do trabalho realizado.

Aberto à crítica, Néfer refutava-a com calma quando lhe parecia infundada, sem ficar ressentido com o que a fizera.

Gostava que a pequena comunidade tivesse tempo de reflexão antes de agir mas, uma vez a decisão tomada, cada um utilizava as suas forças e o seu talento sem reservas.

Neb o Realizado inspeccionava quotidianamente o estaleiro, por vezes acompanhado por Quenhir. Meticuloso, não se alargava em cumprimentos e detectava sem hesitação as imperfeições que deviam ser imediatamente corrigidas.

Os olhos de Paneb estavam sempre bem abertos: observava a técnica utilizada por um e por outro para corrigir o erro e gravava-a na sua memória. Aprender era a mais saborosa das iguarias e regalava-se com o contacto daqueles homens rudes que não hesitavam nem em criticá-lo nem em troçar dele. O rapaz esquecia a sua susceptibilidade a fim de melhor absorver a ciência deles.

Quando Néfer lhe permitira utilizar um magnífico fio de prumo preso a um suporte de madeira e cuja extremidade era um coração de pedra, Paneb sentira um

orgulho imenso. A ele, o aprendiz, era concedida verdadeira confiança. E contemplou a parede terminada com o sentimento de que nela estava incluída uma parte do seu ser.

Néfer poisou a mão no ombro do amigo.

— Trabalhaste bem.

— Sentir este instrumento na minha mão... É maravilhoso!

— Toda a conduta deve ser como o fio de prumo, Paneb, porque uma maneira de agir incorrecta não produz nenhum bom resultado. A pessoa sem rectidão não é admitido na barca que atravessa para o país dos justos, enquanto que o homem justo chega à outra margem. As ferramentas ensinam-nos a acção correcta, não se preocupam nem com as nossas fraquezas nem com os nossos estados de alma. Graças a elas, este santuário nasceu.

A porta principal dava para Um vestíbulo que se prolongava por uma passagem pavimentada que ia dar a uma sala com pinturas polícromas representando uma latada com pesados cachos de uvas e textos hieroglíficos azuis. Ched o Salvador realizara uma obra-prima de delicadeza e graça coroada por uma cena ritual mostrando Ramsés o Grande que oferecia perfumes a Hátor.

Abria-se em seguida uma sala abobadada ao fundo da qual uma escada de três degraus permitia o acesso a uma capela. À esquerda dessa escada uma sala de purificação e altares onde seriam depositadas as oferendas. Os aposentos privados do Faraó compreendiam um quarto, um gabinete, instalações sanitárias e um terraço; eram contíguas ao conjunto sagrado e o pequeno palácio real comunicava com o pátio do templo de Hátor por uma "janela de aparição" que ficava sobre uma fiada de cabeças de líbios, núbios e asiáticos, encarnações da desordem e das trevas que apenas Maet conseguia vencer.

— Terminámos — constatou Paneb — mas Ramsés reside na sua capital do Delta e nunca virá aqui.

— Este edifício designa-se por khenou, «o interior», e somos precisamente homens do interior, destinados a proteger o ka real que nos faz viver. Quer o Faraó esteja ou não fisicamente presente, o seu ka brilha desde que as pedras reunidas estejam realmente vivas. É por isso que a cerimónia de inauguração é essencial.

— As tuas palavras são estranhas, Néfer... Poderia julgar-se que foste tu que concebeste a morada de Ramsés!

— Estás enganado, contentei-me em seguir as directivas de Ramosé e concretizar o plano ditado pelo mestre-de-obras Neb o Realizado.

— Apesar de tudo, foste tu que dirigiste artesãos mais experientes do que tu!
— O único patrão é o nosso chefe de equipa, tu próprio o constataste.
— Féned o Nariz revelou-me que tinhas feito uma escultura para a capela deste palácio...

— É verdade.

— Posso vê-la?

Néfer levou Paneb até ao limiar da capela onde, em breve, o ka real seria posto em acção. Retirou lentamente uma cobertura que tapava um lintel de calcário.

Face a um grande escudo, o oval do cosmos no interior do qual estava inscrito o seu nome, um Ramsés de pequena estatura era protegido por uma enorme vaca Hátor saindo de um maciço de papiros.

O animal usava um colar de ressurreição cuja energia protegia o Faraó.

— Fabuloso! — considerou Paneb. — Foste tu que escolheste o motivo?

— Claro que não. O chefe de equipa deu-me o desenho e segui-o à risca.

— No entanto, este rei tão pequeno...

— Interroguei Neb o Realizado a esse respeito. Respondeu-me que, nesta capela, a deusa-mãe faria renascer todos os dias o ka real que surgiria como uma criança, permanecendo no entanto adulto. Aqui se realizará o milagre de uma regeneração permanente de que apenas as divindades conhecem o segredo.

— Não estou assim tão seguro...

— O que queres dizer, Paneb?

— Aquela luz que pode atravessar uma porta... Há homens que a viram, nesta aldeia, e não são deuses! Olha para este monumento: construístes-o mas não te deram as chaves dele.

— Cada coisa virá a seu tempo, se seguirmos pelo caminho justo.

— Não partilho o teu fatalismo, Néfer! Eu quero descobrir tudo e tudo conhecer, penetrar os mistérios desta aldeia, compreender por que razão tão poucos artesãos são considerados dignos de aqui trabalhar, saber como se escava uma Morada de Eternidade e ver com os meus próprios olhos o momento da ressurreição. E estou persuadido que o caminho justo passa por aí.

Capítulo 62

Para festejar o fim do estaleiro, os talhadores de pedra reuniram-se diante do novo santuário de Ramsés o Grande. Não sem dificuldade, o chefe de equipa obtivera de Quenhir um jarro de vinho do ano vinte e oito do Faraó, um excelente vinho de que existiam ainda alguns litros na cave do escriba do Túmulo.

Como aprendiz, Paneb o Ardente fora encarregado de limpar as ferramentas, de as arrumar nas caixas de madeira e de as entregar a Quenhir que, como era seu hábito, procedera a uma longa e minuciosa verificação antes de anotar no Diário do Túmulo que estava tudo em ordem.

— Darias um bom talhador de pedra — disse Féned o Nariz a Paneb.

— O meu camminho é o desenho e a pintura.

— És um fulano teimoso!

— E tu, porque tens esse nome?

— Ignoras que não há nada mais importante do que o nariz?

Quando o mestre-de-obras avalia um candidato, o nariz é a primeira coisa que observa, porque este é o santuário secreto do corpo. Para trabalhar nesta confraria, meu rapaz, é preciso ter nariz, muito nariz, e ainda mais sopro! Não apenas aquele que passa pelo nariz de todos os seres vivos e Lhes permite respirar, mas o sopro da criação, o que anima as pirâmides, os templos e as Moradas de Eternidade, aquele que expulsa a mediocridade como o vento dissipa a bruma.

Visto que aprendeste a ler, sabes que se escreve a palavra "alegria" com o nariz; e sem ela, acredita, nada se constrói de duradouro. A mais pura fonte de alegria é a prática da profissão ao serviço de Maet.

— Pára de lhe dares lições — recomendou Nakht o Poderoso. — Não vês que ele não compreende uma única das tuas palavras?

— A força estará obrigatoriamente associada à estupidez? — perguntou Paneb.

De punhos fechados, Nakht levantou-se.

— Vou fazer-te engolir isso, garotelho!

Féned o Nariz e Quaro o Mal-humorado interpuseram-se.

— Basta, vocês dois! Não estraguem este bom momento. Bebamos este excelente vinho e preparemo-nos para a grande festa do ano novo.

Nakht o Poderoso estendeu um dedo vingador para Paneb.

— Tu não perdes nada por esperar!

— À tua disposição. Falas mas não fazes nada.

O talhador de pedra esboçou um sorriso irónico.

— E tu falas demasiado depressa.

As festas irritavam Paneb e aquela mais do que as outras.

Impedia-o de tomar de parte o clã dos desenhadores e interpelar o chefe de equipa para obter o que lhe era devido.

Assim, apesar da gentileza da esposa, mostrara-se de um mau humor terrível durante o jantar. Uabet a Pura não reagira, contentando-se em cumprir os seus deveres de dona de casa.

Irritado com o pensamento que a aldeia se ia entregar aos folguedos do primeiro dia do ano enquanto ele ardia de impaciência, Paneb levantara-se a meio da noite, saíra pela pequena porta de oeste para meter pelo carreiro que conduzia ao desfiladeiro que dominava o Vale dos Reis. Sabendo-se observado pelos vigias que Sobek instalara, bifurcou pelo cascalho a fim de escapar aos seus olhares e sentou-se numa rocha. Segundo as previsões dos especialistas, a cheia seria excelente e, uma vez mais, Hapi, o dinamismo fertilizador do Nilo, ofereceria a prosperidade ao Egipto. Mas Paneb não queria saber do lodo, das culturas nem das riquezas do país; queria desenhar e pintar, tinha sido iniciado na confraria que possuía os segredos da sua vocação, e continuavam a fechar-lhe as portas!, Néfer o Silencioso progredira a passos de gigante. Em poucos anos, ultrapassara diversos patamares e comportava-se já como o chefe dos talhadores de pedra, embora o negasse. Paneb não se sentia ciumento nem invejoso, mas um pouco vexado e sobretudo frustrado. De cada vez que julgava aproximar-se do seu objectivo, uma tarefa objectiva afastava-o. É verdade que tinha aprendido muito, mas não o que desejava saber!

Mãos finas, doces e perfumadas poisaram sobre os seus ombros.

— Estava à tua espera, Paneb.

— Turquesa! Como sabias que eu viria aqui?

— Uma sacerdotisa de Hátor é obrigatoriamente uma vidente.

Com um gesto imperioso, ele apertou-a de encontro a si.

— Esqueces que és casado? O adultério é uma grave falta.

Entre as maravilhas que os deuses tinham criado, Turquesa contava-se no número das mais sedutoras. Paneb tirou o seu saiote e o vestido da rapariga para os estender sobre o cascalho e fazer uma cama improvisada. Foi ele que se deitou de costas, esquecendoas pedras pontiagudas logo que o corpo leve de Turquesa se confundiu

com o céu.

Sob o céu estrelado do último dia do ano, amaram-se até de madrugada.

Quando Paneb acordou, a sua amante tinha desaparecido.

Fechou os olhos alguns instantes para reviver em pensamento os seus deliciosos arrebatamentos; depois, tomou o caminho da aldeia.

Como na manhã da morte de Ramosé e da esposa, ficou chocado com o denso silêncio, ainda mais estranho num dia de festa.

Com certeza que devia ter havido outra morte e os folguedos sido anulados. De acordo com o lugar do desaparecido na hierarquia, iniciava-se um luto mais ou menos longo que obrigaria Paneb a manter silêncio e a respeitar o desgosto da comunidade.

Não, não se resignaria, arriscando-se a quebrar a tradição se fosse necessário! Ninguém, nem mesmo um chefe de equipa, se podia opor a uma exigência legítima. Enquanto os outros se lamentassem Ardente trabalharia a técnica com um dos desenhadores, de boa vontade ou à força.

A pequena porta de oeste, à qual apenas os aldeões tinham acesso, estava fechada.

Intrigado, Paneb dirigiu-se à porta principal cujos arredores estavam desertos, visto que os auxiliares tinham tido direito a um feriado.

Acocorado e mastigando um pedaço de papiro doce, o guarda olhou o artesão e cumprimentou-o com um gesto de cabeça.

Paneb passou a porta e fechou-a atrás de si.

Ninguém à vista.

Os habitantes do Lugar de Verdade não se encontravam nem na necrópole, nem na aldeia. Onde poderiam estar a não ser no templo?

O jovem colosso avançou pela rua principal e ouviu um ruído de passos atrás dele. Voltou-se e viu Casa o Cordame, Féned o Nariz, Quaro o Mal-humorado e Nakht o Poderoso em fila, imóveis e armados de cacetes.

— Boa surpresa, não — interrogou Nakht, divertido. — Vem, rapaz, estávamos à tua espera.

Userhat o Leão e Ipui o Examinador juntaram-se aos quatro talhadores de pedra. um grupo de seis homens armados, alguns dos quais bastante corpulentos... O confronto anunciava-se rude, mas Paneb não tinha medo. Mesmo que apanhasse algumas pancadas, distribuiria muitas mais.

— Não tens qualquer hipótese de fugir — preveniu-o Nakht o Poderoso. — Olha

à tua frente.

Na outra extremidade da rua principal encontravam-se Rénupé o Jovial, Ched o Salvador, Gau o Exacto, Unesh o Chacal, Didia o Generoso, Thuti o Sábio e mesmo Pai o Bom pão, também armados de cacetes e visivelmente decididos a lutar.

Só os chefes de equipa e Néfer não participavam na operação.

O grupo dos desenhadores parecia menos forte do que o dos talhadores de pedra.. Paneb estoiraria primeiro o crânio de Pai, apoderar-se-ia do seu cacete e atacaria os seus cúmplices. E se viesse a sucumbir pelo número, não seria sem ter lutado até ao esgotamento.

Com que então, não tinham mais com que se entreter a não ser conspirar para se desembaraçarem dele! Chocado com tanta duplicidade, Paneb sentiu que a raiva decuplicava as suas forças e avançou a passos ameaçadores para os desenhadores.

O grupo abriu-se para deixar passar a Mulhez — Sábua, vestida com um admirável vestido de um vermelho-vivo que fazia ressaltar a sua cabeleira branca cuidadosamente penteada.

— Não vás mais longe, Paneb! Para ti, tudo é conflito e discórdia. Não te enganas, porque é assim que conduzimos a nossa existência. Mas a vida do Lugar de Verdade exige de nós mais do que a existência. Chama-nos para a realização e a serenidade... Antes, precisamos de vencer os nossos inimigos e sobretudo o explosivo, o excessivo e o odioso que nos roem o coração. E foste tu o escolhido para o incarnar a fim de que seja impedido de fazer mal e nasça um ano feliz para a confraria.

Os membros da equipa da direita atiraram os seus cacetes ao ar, deram berros de alegria e lançaram-se sobre Paneb, que não opôs resistência. Com dificuldade, ergueram o jovem colosso e levaram-no diante do templo de Hátor. Ali, prenderam-no solidamente a um poste.

Do mais jovem ao mais idoso, todos cobriram o explosivo de injúrias, ordenando-lhe que não interviesse na vida da aldeia, sob pena de ser espancado.

Da sua posição pouco invejável, Paneb o Ardente assistiu aos preparativos do banquete no decurso do qual os talhadores de pedra e algumas esposas exageraram um pouco no vinho. Turquesa não lhe concedeu sequer um relance, Uabet a Pura dirigiu-lhe olhares compadecidos, Clara e Néfer sinais de amizade. Foi aliás este último que, por diversas vezes, lhe trouxe água fresca, o único alimento adaptado ao explosivo.

— Podias ter-me dito que tinha sido designado... Quase massacrei metade da equipa! Não terás sido tu, por acaso, a ter esta estúpida ideia?

Com o olhar indecifrável, Néfer o Silencioso não respondeu.

Condenado a suportar a sua posição de bode expiatório, Paneb aceitou pacientemente a sua provação, embora a fome, aguçada pela visão de succulentas iguarias, lhe dilacerasse o estômago.

Os que julgavam enfraquecê-lo impondo-lhe aquela nova prova não tinham atingido os seus objectivos.

Quando o aparecimento da estrela Sotis permitiu à Mulher Sábia proclamar o nascimento do ano novo, marcado pelas lágrimas de Isis que desencadeavam a cheia, o chefe de equipa desprendeu Paneb.

Enquanto o explosivo esfregava os pulsos, Neb o Realizado gratificou-o com uma violenta palmada nas costas, entre as omoplatas.

— A orelha da tua consciência está aberta, Ardente. O trabalho sério vai começar.

Capítulo 63

Desde que o chefe Sobek procurava em vão o autor do assassinio do polícia núbio, quase perdera o sono. As poções prescritas pela Mulher Sábia acalmavam-lhe os nervos, mas nenhuma suprimia a sua obsessão. Um homem colocado sob as suas ordens tinha tido uma morte atroz e um criminoso continuava em liberdade, com a certeza de escapar à justiça.

Sobek já não podia cruzar-se com um artesão sem desconfiar que ele fosse o culpado e essa desconfiança permanente envenenava-lhe a existência, tanto mais que nenhum vestígio de prova tinha vindo apoiar aquela horrível hipótese. E porque fora cometido aquele crime?

Um acontecimento inesperado fizera-o entrever uma pista tão inverosímil que tinha de consultar o escriba do Túmulo.

Instalado no gabinete de Ramosé, Quenhir escrevia o seu relatório quotidiano com uma escrita cada vez mais ilegível.

Praguejava contra as exigências de uma administração demasiado burocratizada que fazia questão de conhecer com exactidão o número de formões de cobre utilizados pelos artesãos do Lugar de Verdade. A ele competia, bem entendido, verificar e chamar à ordem os que se esqueciam de lhos restituir depois do trabalho.

— Cais mal, Sobek!

"Com ele, pensou o núbio, toda a gente cai sempre mal; exactamente o contrário de Ramosé".

— Conheço o motivo da tua queixa: os auxiliares reclamam uma mudança de horário de trabalho durante a estação quente.

Compreendo o seu ponto de vista, mas devo garantir o bem-estar da aldeia. E depois, esse tipo de problema não faz parte das tuas atribuições!

— Eu sei, Quenhir, e venho consultar-vos a respeito de um caso muito mais grave.

O escriba do Túmulo ficou intrigado.

— Senta-te.

Os dois homens instalaram-se em cadeiras baixas de braços.

— Não ignorais que continuo a investigar sobre o assassinato de um dos meus homens.

— Um caso bem embrulhado — considerou Quenhir. — Acreditou-se num acidente, depois foi levantada a hipótese de um crime e o esquecimento cobriu as interrogações.

— As minhas não.

— Terás uma pista?

— O destino talvez me tenha proporcionado uma, mas preciso da vossa opinião.

— Não sou polícia!

— Se não estiver enganado, é o futuro da confraria que pode estar em jogo.

— Não exageras um pouco?

— Esperemos que sim.

Quenhir o Rabugento resmungou. O chefe Sobek não tinha nem o hábito de propagar mexericos nem de se deixar inflamar por ideias loucas; o escriba decidiu portanto dedicar um pouco do seu tempo a ouvi-lo.

— Então, sobre quem pesam as tuas suspeitas?

O chefe Sobek encaixou-se mais no fundo da sua cadeira e olhou a direito em frente de si, como se dialogasse com um personagem invisível.

— Abri, o administrador principal da margem oeste, propôs-me que mudasse de posto e me tornasse responsável pela segurança fluvial de Tebas.

— Uma bela promoção...

— Há muitos candidatos mais qualificados do que eu para desempenhar essa função e a proposta de Abri implicava uma contrapartida.

A curiosidade de Quenhir foi espicaçada.

— Uma tentativa de corrupção?

— Do meu ponto de vista, sim. Em troca do serviço que Abri me prestava, eu devia dizer-lhe tudo o que soubesse sobre o Lugar de Verdade.

O escriba do Túmulo mastigou algumas pevides de melancia, rememorando a entrevista que tivera com esse mesmo Abri. À luz das revelações de Sobek, esta adquiria um significado bastante inquietante.

— Como reagiste, Sobek?

— Fingi mostrar-me interessado pelas perspectivas que Abri me oferecia e creio que ele mordeu o isco. No entanto, teve a inteligência de não insistir, mas voltará com certeza ao assalto.

— Estás enganado.

— Porque sois tão categórico?

— Porque conheço a posição do vizir: tu dás-lhe plena e completa satisfação, bem como ao próprio Faraó. Se Alguém te propôs para um novo posto, acabou por receber uma negativa seca e definitiva. Normalmente, eu não deveria dar-te esta informação confidencial, mas dadas as circunstâncias...

— Sou um polícia e gosto do meu trabalho — afirmou Sobek con solenidade. — Garantir a protecção do Lugar de Verdade não é uma sobrecarga mas uma honra e não julgueis que a proposta de Abri tenha despertado em mim o menor eco.

Sentindo o núbio prestes a ficar vexado, Quenhir fez questão de o acalmar.

— A segurança da aldeia nunca foi mais bem assegurada, chefe Sobek, e tens toda a minha confiança. Mas porque ligas a tentativa de corrupção efectuada por Abri com o assassinio do teu subordinado?

— Porque uma personagem tão alta não tem qualquer razão para se interessar por mim a não ser porque sou o chefe da polícia do Lugar de Verdade. Se desejava a minha transferência não seria difícil ver-me afastar deste caso e vê-lo mergulhar definitivamente no esquecimento.

O raciocínio de Sobek perturbou o escriba do Túmulo.

— Vejo mal Abri a embrenhar-se na montanha em plena noite e assassinar um guarda...

— Eu também, mas não seria o mandatário do crime.

— Porque razão?

— Enviar um emissário cuja missão era fazer um plano do local.

— Pensas... numa tentativa de pilhagem dos túmulos reais?

— É o perigo permanente que nos espreita. Muitos pensam que eles contêm fantásticas riquezas e sonham apoderar-se delas.

Enquanto a sua protecção estiver garantida, os riscos serão mínimos.

Mas se supuserdes que os habitantes da aldeia sejam suspeitos e desconsiderados e que seja posto fim à sua actividade...

— É impossível, Sobek!

— Gostaria de me convencer disso, mas não devemos imaginar o pior?

Pessimista por natureza, Quenhir o Rabugento foi sensível aos argumentos do polícia.

— Portanto, supões que se trama uma perigosa conspiração contra o Lugar de Verdade e que o administrador principal da margem oeste é um dos seus animadores...

— Não vejo outra razão para a sua tentativa de corrupção.

Quenhir lamentou o desaparecimento de Ramosé. Ele, o escriba de Maet, teria sabido como defender a confraria.

Com um ligeiro atraso, Paneb o Ardente tivera direito a uma refeição de festa, a que se juntara uma longa e deliciosa massagem de Uabet a Pura, inquieta com a musculatura dorida do marido.

Finalmente, as palavras do chefe de equipa abriam-lhe o caminho! Não partiria desarmado para o combate, mas sim solidamente equipado com a autorização de Neb o Realizado.

Cauteloso a ponto de se surpreender a si mesmo, o jovem colosso solicitara a opinião do seu amigo Néfer que não tinha tergiversado: a palmada nas costas desferida pelo mestre-de-obras significava que Paneb estava autorizado a entrar no clã dos desenhadores.

Anos tão duros para chegar até ali... E não era senão o princípio do caminho! O entusiasmo de Ardente não diminuía, bem pelo contrário: a oportunidade de fazer as suas provas decuplicava-o; Com o coração a bater, Paneb dirigiu-se à oficina dos desenhos onde trabalhava Ched o Salvador, o chefe dos desenhadores.

Com cabelos finos, pequeno bigode muito cuidado e olhos cinzentos-claros, desdenhosos e penetrantes, Ched surgia ao rapaz como um adversário temível. O pintor preparava as cores e escoaram-se penosos minutos antes dele consentir em reparar na presença de Paneb.

— O que fazes aqui? Julgava que pertencias à equipa dos talhadores de pedra.

— Tratava-se apenas de uma tarefa momentânea... Agora que terminou, venho pôr-me à vossa disposição.

— Não preciso de ninguém, meu rapaz. Já não te tinha dito?

— O chefe de equipa bateu-me nas costas para me fazer compreender que estava pronto.

— Ah... É surpreendente. Neb o Realizado em pessoa?

— Ele mesmo.

— O que sabes fazer, exactamente?

— Preparar uma superfície com gesso.

— Muito bem, muito bem... Porque não continuas nesse caminho? Um bom gesseiro tem futuro nesta aldeia.

— Quero ir mais longe.

— Serás capaz?

— Haveis de ver.

— Ninguém pode desobedecer às ordens do chefe de equipa — reconheceu Ched o Salvador — e deveria portanto colocar-te nas mãos dos desenhadores para que eles te ensinassem os rudimentos da sua técnica e que tu constatastes, como tantos outros antes de ti, que não tens qualquer dom para esta profissão. Mas é impossível.

Paneb estava em brasa.

— Por que razão?

— Um caso de força maior. Dentro de alguns dias, a aldeia viverá um acontecimento excepcional e estamos requisitados para terminar certos trabalhos. Não temos portanto tempo para nos ocuparmos do ensino de um aprendiz.

Paneb estava convencido que o pintor fazia troça dele.

— Que acontecimento é esse?

— Ramsés o Grande vem inaugurar o seu santuário.

Capítulo 64

E se o velho Rei tivesse um acidente mortal? Esse sedutor pensamento não saía da cabeça de Méhi desde que fora informado, como os outros notáveis tebanos, da chegada do Faraó. Era ele e mais ninguém que mantinha o chefe Sobek no seu posto e velava sobre o Lugar de Verdade com uma vigilância nunca desmentida.. Desaparecido Ramsés, a aldeia ficaria privada do seu principal protector.

As forças de segurança encarregadas de garantir a protecção do monarca não se deixariam iludir facilmente e Méhi não encontraria nenhum demente para tentar suprimir Ramsés o Grande, que se tornara uma lenda viva, tanto no seu país como no estrangeiro.

Enquanto ouvia distraidamente a tagarelice da esposa, submissa e sorridente, surgiu uma ideia ao ex-capitão de transportes.

Com um pouco de sorte, o Rei não se atravessaria no seu caminho durante muito mais tempo.

A visita de Ramsés suscitara um enorme entusiasmo na margem oeste de Tebas, onde cada habitante desejava ver passar o soberano que estabelecera uma paz duradoura no Próximo-Oriente, enriquecendo as Duas Terras.

A guarda de elite velava pelo chefe-de-Estado, mas quem teria pensado em atacar a sua pessoa? Acompanhado pelo seu fiel secretário particular Améni, quase tão velho como ele, Ramsés subira para um carro conduzido por um oficial experiente e puxado por dois cavalos simultaneamente possantes e calmos. Um guarda-sol abrigava o ilustre viajante que contemplava com emoção o cume do Ocidente e os Templos dos Milhões de Anos.

Quando saiu da zona das culturas, depois de ter passado ao lado do imenso santuário de Amenhotep III, cujo estilo fazia lembrar o de Lucsor que Ramsés ampliara, acrescentando-lhe um pátio rodeado de colossos, um pilone e dois obeliscos, o Faraó apreciou o ar do deserto onde muitas vezes bebera a força necessária para cumprir a sua esmagadora função.

Os polícias de Sobek, em uniforme de gala, formaram uma guarda de honra quando o monarca franqueou os cinco fortins, seguido por uma corte de dignitários, entre os quais figuravam o governador de Tebas, o administrador principal da margem oeste e o Tesoureiro Méhi.

Ficaram todos espantados com a intervenção de Sobek que os obrigou a parar no quinto fortim.

Furibundo, Abri desceu do seu carro.

— O que é que vos passou pela cabeça? Somos o cortejo oficial.

— Ordem do Faraó: ninguém vai mais longe.

— É incrível! Devíamos assistir a uma cerimónia e...

— A inauguração do templo tem lugar no recinto sagrado do Lugar de Verdade e ninguém está autorizado a penetrar lá.

Os protestos esmoreceram rapidamente. Evidenciando uma calma perfeita, o comandante Méhi sentiu-se insultado no mais profundo de si mesmo por aquela maldita confraria; uma vez mais, esbarrava nas suas portas fechadas, mas esta afronta não seria eterna.

Todos os aldeões, com Quenhir e os dois chefes de equipa à frente, tinham vestido as indumentárias de festa em linho real de primeira qualidade e exibiam perucas e jóias feitas pelo ourives da comunidade.

Quando Ramsés avançou pela rua principal, homens, mulheres e crianças prostraram-se. O próprio Paneb o Ardente ficou espantado pela força que emanava do grande ancião.

Comovida mas sorridente, uma garotinha, encantadora no seu vestido azul com franjas, correu para o soberano para lhe oferecer um ramo de lótus brancos.

— Para o vosso ka, Majestade — disse ela sem gaguejar depois de ter repetido a frase pelo menos mil vezes.

Ramsés beijou-a com a ternura de um pai e de um avô que sofrera tantos lutos e via naquela criança o futuro da aldeia.

Com as faces coradas, a miúda refugiou-se nos braços da mãe, a esposa de um jovem talhador de pedra da equipa da esquerda. A incrível honra que Ramsés acabara de conceder-lhe espalhar-se-ia sobre o conjunto das famílias, assim protegidas pelo amor do Rei.

Neb o Realizado e o seu colega Quaha acompanharam o Faraó até ao santuário recentemente terminado. Com o auxílio de uma bengala, o monarca avançava com dificuldade mas não hesitava no caminho a seguir. Sabia tudo do Lugar de Verdade, a alma secreta do Egipto, o local onde era criada a luz para animar a matéria, fosse qual fosse a sua natureza e a sua forma.

Oficiando como superiora das sacerdotisas de Hátor, a Mulher Sábia recebeu o Rei no limiar do edifício.

— As portas deste templo estão abertas — disse ela —, o fumo do incenso

atinge o céu, mil pães, mil bilhas de cerveja e tudo o que Deus ama lhe é oferecido. Que Deus proteja o Faraó e que o Faraó dê vida a este santuário.

Ramsés o Grande encarou a confraria. A sua voz, longe de ser a de um velho doente, estava imbuída de uma autoridade que petrificou Paneb o Ardente.

— Conheço o vosso valor e a qualidade das vossas mãos que trabalham a pedra mais dura como o ouro mais fino. A vossa tarefa é exigente e dura. Mas sabeis comunicar com os materiais cuja beleza oculta fazeis aparecer. A obra que realizais é primordial para a felicidade do país e extraís daí uma alegria imensa, uma alegria que não é deste mundo.

Continuai a respeitar a regra de Maet, a ser firmes e eficazes, agi segundo o plano do mestre-de-obras e não vos faltará o apoio do Faraó. Sou o protector das vossas profissões e nada vos faltará para as executardes. Para vós, os alimentos serão comparáveis às ondas da cheia e os auxiliares servir-vos-ão com zelo. Se trabalhades com um coração cheio de amor pela obra, nenhuma desgraça quebrará o vosso braço. E será com um só coração que agirei convosco, pois sois meus filhos e os companheiros do meu templo.

Quenhir, que recebera o documento de entrega dos benefícios reais, sabia que Ramsés não se gabava ao falar de uma onda que inundaria a aldeia nos próximos dias: trinta e um mil pães cozidos em recipientes, trinta e dois mil peixes-secos, sessenta blocos de carne seca e marinada, trinta e três animais de matadouro, duzentos bocados de carne do lombo, quarenta e três mil molhos de legumes, duzentos e cinquenta sacos de feijão, cento e trinta e dois de cereais diversos, cerveja e vinho de superior qualidade. Os festins anunciavam-se sumptuosos, à medida do ka de Ramsés!

Utilizando uma grande enxó de madeira dourada, os dois chefes de equipa pronunciaram as fórmulas rituais de abertura da boca, dos olhos e das orelhas do templo ao qual Ramsés deu o nome, khenou, o Interior". E foi na sala abobadada onde se tinham reunido os artesãos e as sacerdotisas de Hátor que o monarca encontrou a estátua do seu ka, o seu duplo de pedra feito por Neb o Realizado.

— O Faraó nasce com o seu ka — disse Ramsés —, cresce com a sua força criadora que recria constantemente o mundo e nos liga aos deuses e aos antepassados. Um ser só se torna real quando se une ao seu ka que se alimenta de Maet e é aqui, no Lugar de Verdade, que é vivificado o ka real.

Paneb o Ardente estava emocionado. Em algumas palavras, Ramsés o Grande revelara a natureza do fogo que ardia nele.

Animada pelo Verbo do Faraó, a estátua do ka foi instalada na capela onde

viveria a partir de agora uma existência autónoma. Os talhadores de pedra fariam um muro onde seria feita uma estreita fenda pela qual o olhar da estátua contemplaria o mundo dos humanos para fazer brilhar nele a sua energia.

— Quando um monumento foi assim posto no mundo — concluiu Ramsés —, a força mantém-se nele para sempre.

Paneb teria gostado de fazer pelo menos mil perguntas ao verdadeiro mestre da confraria, de quem cada palavra se gravava na sua consciência. E ficou persuadido que os seus futuros desenhos só teriam sentido se fossem também animados por aquela misteriosa energia de que a confraria conhecia o segredo.

Por ordem de Neb o Realizado, os artesãos colocaram no seu lugar a última pedra do santuário, o lintel da porta talhado por Néfer o Silencioso e adornado com cores cintilantes por Ched o Salvador.

— Quem é o autor desta obra? — perguntou o Rei.

— Néfer, Majestade — respondeu o chefe de equipa.

O Silencioso curvou-se.

— Fui apenas um executante, Majestade. Foi o escriba Ramosé que me ditou o tema e a composição e foi o pintor Ched que...

— Eu sei.

"Por uma vez, pensou Paneb, o Silencioso falou demais".

— Sabes o que significa o termo hem, Néfer?

— "Servir" e... Majestade.

— Somos todos servos da Grande Obra que se realiza no Lugar de Verdade e é a ela que nos devemos consagrar. Mas servir não exclui dirigir; e sem boa direcção não há verdadeiro serviço.

Agora, deixem-me recolher-me neste templo.

Foi Pai o Bom pão que puxou Paneb pela manga para o obrigar a sair com os outros; fascinado por Ramsés, o jovem colosso teria gostado de ouvir o seu diálogo com o ka.

Capítulo 65

Ramsés o Grande preparava-se para partir para o Vale dos Reis a fim de ali inspeccionar a Morada de Eternidade à qual Ched o Salvador e os seus assistentes tinham dado a derradeira demão antes da chegada do soberano.

Foi Paneb o encarregado de transportar a água fresca aos cavalos do faraó, instalados à sombra de um alpendre. Ao aproximar-se do carro, guardado pelo seu condutor, o rapaz lançou um olhar às rodas. Um trabalho magnífico, de uma solidez a toda a prova, que maravilhou o ex-marceneiro.

Os cavalos beberam calmamente e Paneb ia afastar-se quando um pormenor insólito o intrigou. Os raios das rodas eram pintados de amarelo-ouro, mas a tinta mais clara de um deles dera na vista ao futuro desenhador.

— Houve uma reparação recente? — perguntou ao condutor.

— Não sei de nada, não é o meu trabalho.

— De onde vem este carro?

— Da caserna principal de Tebas, onde os técnicos o verificaram.

— Era melhor voltar a verificar.

— E se tratasses das tuas coisas, meu rapaz?

Paneb poderia sem dificuldade partir a cabeça ao soldado e depois examinar a roda, mas achou preferível seguir a via hierárquica e alertou o chefe de equipa que convocou imediatamente Didia o carpinteiro.

O diagnóstico deste foi formal: um dos raios tinha sido substituído e pintado à pressa. Essa reparação negligente era acompanhada por uma colocação duvidosa da própria roda que se desgastaria progressivamente e acabaria por provocar um acidente. O veículo ter-se-ia voltado e, mesmo em andamento moderado, o velho monarca poderia ter sofrido um choque mortal.

Outro carro, devidamente verificado por Didia, foi destinado a Ramsés que partiu em companhia dos dois chefes de equipa, de Ched o Salvadore de alguns artesãos entre os quais figurava Néfer o Silencioso.

Paneb compreendeu que o seu amigo subira um novo degrau na hierarquia e que ia ter a sorte imensa de penetrar no túmulo real. Mas Ardente nem pensou que a sua vigilância acabava de salvar simultaneamente o Faraó do Egipto e o Lugar de Verdade.

Encerrado no gabinete da sua sumptuosa vila, Méhi rasgava com raiva velhos papiros. Desta vez já não duvidava: uma sorte quase sobrenatural protegia Ramsés. No entanto, a sabotagem tinha sido realizada com grande cuidado por um bom especialista generosamente pago e que, bem entendido, ignorava porque realizara aquele trabalho. Depois, a roda tinha sido entregue na caserna onde fora montada por um soldado que não tinha notado nada de anormal, tal como Méhi esperara.

O acidente ter-se-ia inevitavelmente verificado se um dos artesãos do Lugar de Verdade não tivesse sido demasiado curioso. O director da caserna seria repreendido e o seu serviço técnico castigado; competia a Méhi agir depressa para cortar o fio que poderia permitir chegar até ele.

A tarde caía finalmente.

— Vais sair a esta hora? — espantou-se a mulher.

— Vou buscar uma pasta à minha secretária.

— Não podes esperar por amanhã de manhã?

— Trata do jantar, Serquéta. Vê que o cozinheiro se mostre mais hábil do que ontem.

Se Ramsés tivesse morrido num acidente, o Egipto inteiro ter-se-ia contentado com o luto ritual e ninguém se teria preocupado com a roda do carro. Mas visto que a anomalia fora detectada, seria inevitavelmente realizado um inquérito.

O comandante saltou para o seu cavalo e galopou até um bosque de tamargueiras onde o prendeu. Depois, avançou em passo nervoso até à oficina do marceneiro, um viúvo que, felizmente, acabava de perder o seu cão.

O homem estava só e comia favas quentes.

Méhi aproximou-se por trás e em silêncio. Com um gesto tão brusco como preciso, cobriu a cabeça da vítima com um saco de tecido grosso e manteve-o seguro até que o marceneiro já não respirasse.

Concluiriam por uma paragem do coração e o comandante não teria nenhuns mexericos a recear.

Como Tesoureiro-principal de Tebas, Méhi recebeu Daktair de forma perfeitamente oficial para examinar as previsões do orçamento do seu serviço de investigação. Agora já não eram forçados a esconder-se.

Muito agitado, o gordo homenzinho não parava de remexer na barba.

— A minha situação está a tornar-se insustentável — queixou-se. — Há dois

anos que trabalho afincadamente para pôr em funcionamento uma máquina hidráulica que substituirá as picotas e todos os aparelhos arcaicos e consegui finalmente!

— Então devias estar satisfeito — espantou-se Méhi.

— Estou, mas o director do laboratório ordenou-me que esquecesse essa soberba invenção!

— Por que razão?

— Seria demasiado eficaz e aumentaria a irrigação em proporções que ele considera desastrosas. Para ele, só contam os ritmos naturais e o respeito pelas tradições. Nestas condições, é impossível fazer progredir a ciência! Só há um caminho: submeter a natureza ao homem. Enquanto este país não compreender isso, será retrógrado.

— Não percas a confiança, Daktair, e deixa-me instalar no meu posto. Prometi-te que terias um dia liberdade de movimentos e tenho o costume de manter os meus compromissos.

— Quanto mais cedo melhor... tanto mais que consegui descobrir duas pistas interessantes.

— Em relação com o Lugar de Verdade?

— O director do laboratório mostra-se particularmente vigilante em relação a certas pastas. Sub-repticiamente, consegui algumas informações fiáveis. Existem expedições organizadas com a mais extrema discrição para conseguir dois produtos: a galena e o betume.

— Para que servem?

— Oficialmente, para simples usos domésticos ou rituais. Se fosse verdade, para quê tantas precauções? E por que razão os artesãos do Lugar de Verdade foram diversas vezes aos locais de extracção?

— Consegues saber mais?

— Sem correr riscos imprudentes, não. Sou apenas o adjunto do director e ele aprecia-me cada vez menos. No entanto, estou persuadido que nos aproximamos do objectivo. Galena e betume devem ser entregues em segredo aos artesãos. Se soubéssemos onde são obtidos esses produtos, conseguiria definir a sua exacta natureza e as utilizações possíveis.

Méhi sonhava com o fabrico de novas armas e Daktair talvez tivesse acabado de descobrir uma orientação decisiva. Bastava afastar o velho sacerdote de Amon que dirigia o laboratório, impor Daktair e associá-lo às expedições.

Méhi teve que baixar a garimpa.

O director do laboratório central era um sacerdote de Carnaque pertencente a uma hierarquia muito antiga dirigida pelo sumo-sacerdote de Amon, nomeado com o consentimento do Faraó e colocado à frente de uma propriedade de fabulosa riqueza. Nem o governador de Tebas nem outros dirigentes profanos podiam intervir para exigir uma transferência.

O comandante não desistiu e acumulou o máximo de informações sobre esse sacerdote que se tornara incómodo. Tinha setenta anos, era casado, pai de duas filhas e não tinha qualquer preocupação material nem vício conhecido. Formado na escola do templo, era considerado um sábio experiente e prudente cujas opiniões eram ouvidas.

Uma das armas preferidas de Méhi, a calúnia, arriscava-se a não resultar. Quem acreditaria que aquele sacerdote de moral intransigente e carreira rectilínea mantivesse amantes ou recebesse luvas? O homem era demasiado íntegro para ser alvo de ataques eficazes.

Um novo assassinato não assustava o comandante Méhi, mas o sacerdote tinha uma existência muito regular e só frequentava três locais: o seu domicílio, o templo e o laboratório.

Suprimi-lo não seria fácil e uma morte suspeita provocaria um inquérito aprofundado.

Restava a crítica sobre a sua gestão demonstrando que o seu laboratório era deficitário e custava demasiado caro tanto ao templo como à cidade; mas o argumento podia voltar-se contra o futuro director, cujos orçamentos seriam reduzidos.

Méhi desesperava de encontrar uma solução quando a sorte lhe sorriu de múltiplas formas. Em primeiro lugar, o velho sacerdote morreu de morte natural; depois, a hierarquia de Carnaque, preocupada com problemas internos, não propôs um sucessor; por fim, o Tesoureiro-principal de Tebas e o seu cúmplice Daktair tiveram tempo de falsificar o processo deste último no qual, graças à intervenção deles, o defunto recomendava entusiasticamente o seu adjunto como futuro director do laboratório.

Considerado competente e perfeitamente integrado na sociedade tebana, Daktair obteve o posto que cobiçava há muito tempo.

Por conselho de Méhi, manifestou apenas uma discreta satisfação e, quando compareceu perante o vizir, insistiu nas dificuldades da sua tarefa e na sua vontade de seguir os passos do seu sábio predecessor.

Empolgado com o sucesso, Méhi conseguiu um golpe de mestre: a transferência do laboratório para novos locais situados perto do Ramasseum, sob o pretexto de

desobstruir a administração tebana e realizar economias de funcionamento.

Daktair trabalharia assim muito perto do Lugar de Verdade, e sob o controle teórico de Abri, o fiel aliado de Méhi. A proximidade do inimigo a abater e dos tesouros a conquistar estimulariam o ardor de conquista do sábio e a sua sede de descobertas.

O comandante estava convencido que, para desenvolver um poder forte, precisaria do apoio incondicional da ciência e da técnica. No seu processo irreversível de conquista, acabava de ultra passar uma etapa decisiva.

Capítulo 66

Paneb o Ardente andava à volta dentro da sua própria casa como um leão na jaula.

— Devias sentar-te e comer — recomendou-lhe Uabet a Pura.

— Os bolos vão arrefecer.

— Não tenho fome.

— Porque te atormentas assim?

— Ramsés o Grande partiu, o chefe de equipa também, é impossível encontrar o pintor e os desenhadores! Quanto a Néfer, desapareceu!

— Claro que não.

Paneb encolheu os ombros.

— Por acaso sabes onde se esconde?

— O teu amigo não se esconde, acaba de ser admitido na Morada do Ouro.

O jovem colosso arregalou os olhos.

— A Morada do Ouro... O que é isso?

— A parte mais secreta da aldeia.

— O que fazem lá?

— Não faço a mínima ideia.

— Como soubeste que as suas portas se abriram para Néfer?

— Esqueces que sou uma sacerdotisa de Hátor... É uma deusa benevolente que faz confidências às suas fiéis.

Paneb ergueu do solo Uabet a Pura como se ela não pesasse mais do que uma pluma e colou o rosto dela ao seu.

— Diz-me tudo o que sabes.

— Sou uma boa esposa e não escondo nada ao meu marido.

De seios nus, Uabet a Pura trazia apenas um saiote de linho grosseiro que desatou para o fazer deslizar ao longo das pernas. Aninhada de encontro ao marido, ofereceu-lhe o calor do seu corpo grácil.

Paneb prometera mais ou menos a si próprio resistir, mas ignorava que a rapariga fosse tão bonita.

Quando Uabet sentiu o desejo do marido desabrochar, enrolou as pernas em torno dos rins de Paneb e saboreou o prazer intenso de se tornar finalmente uma mulher.

Violentas pancadas na porta despertaram Uabet. Ainda mergulhada nas delícias do leito conjugal, cobriu-se com uma capa leve e foi abrir.

Eram três: Gau o Exacto, Unesh o Chacal e Pai o Bom pão. Os seus rostos fechados nada tinham de encorajador.

— Viemos buscar Paneb — disse Gau secamente.

— O que lhe querem?

— Ordem do chefe de equipa, ele que se apresse.

Paneb levantou-se imediatamente. Esquecera já os olhos do amor e fixava os três homens.

— Segue-nos — exigiu Gau, cujo grande arcaboço um pouco mole terminava num rosto austero e bastante feio, que um nariz demasiado longo adornava desajeitadamente.

— Onde vamos?

— Logo verás.

— E se recusar?

— Abandona o Lugar de Verdade. A porta está aberta para quem desejar ir embora; só para entrar é difícil de franquear.

Paneb esperava um olhar de encorajamento da parte de Pai o Bom pão, mas este permaneceu tão severo como os seus dois companheiros.

— Vamos, mas aviso-vos: se for preciso, saberei defender-me.

Gau o Exacto tomou a dianteira, seguido de Paneb, ladeado por Unesh o Chacal e Pai o Bom pão. Avançou com o seu passo lento mas regular e dirigiu-se para o local de reunião da equipa da direita.

No limiar estava Didia o carpinteiro.

— Como é o teu nome.

— Paneb o Ardente.

— Desejas conhecer os mistérios do estaleiro naval?

O estaleiro naval,... Néfer estivera lá! Então era um outro nome do lugar da confraria que Paneb já conhecia.

— Desejo.

— O estaleiro naval que representamos nas paredes de certas Moradas de

Eternidade — precisou Didia —, é na realidade a oficina onde fazemos nascer os carpinteiros, os escultores, os desenhadores e as obras que eles próprios deitam ao mundo. No nosso caminho é tudo uma questão de ligação. A barca comunitária encontra-se em peças separadas no estaleiro naval e compete aos artesãos do Lugar de Verdade reunir essas peças esparsas para lhes dar coerência. "Tem cuidado, Paneb; se és um indivíduo incoerente, este lugar não te reserva senão desilusões.

— Persistes?

— Continuo.

Didia e os três desenhadores fizeram Paneb entrar na sala das purificações onde Gau o Ezacto o mediu com um cordão.

— Deus criou o mundo com números e segundo proporções — explicou. — Entra neste jogo de relações harmónicas.

Pai o Bom pão fez ajoelhar Paneb em frente de uma pedra cúbica sobre a qual poisou as mãos, lavadas com a água purificadora que brotava de um vaso em forma de signo ãnh, "a vida", que Unesh o Chacal segurava.

Paneb levantou-se, Pai o Bom pão untou-lhe as mãos com um unguento e depois desenhou um olho em cada palma.

— Graças a este unguento, as tuas mãos entram realmente em função; graças a este olho, elas vêm.

*1 Em egípcio, oukber.

Num canto da sala, uma grande cavidade fora cheia com água.

Unesh o Chacal despiu Paneb e ordenou-lhe que imergisse lá.

— Só a água primordial te libertará dos teus entraves — disse-lhe. — Que ela te purifique como purifica constantemente as forças criadoras, que te faça detectar a energia da origem sem a qual os nossos corações e as nossas mãos ficariam inertes.

Paneb sentiu estranhas sensações. Não passava de água fresca, mas envolvia como uma indumentária protectora e dava-lhe a in pressão de leveza simultaneamente agradável e inquietante.

Foi preciso sair daquela tina matricial e, com o impulso dos três desenhadores, transpor o limiar do local de reunião.

De um lado e do outro da porta, Ouserhat o Leão, o chefe escultor, e Ched o Salvador, o pintor. O primeiro usava uma máscara de falcão, o segundo de íbis. Horus segurava uma pluma de Maet, Tot o signo de vida.

Paneb ajoelhou sobre uma bacia em forma de corbelha, o hieróglifo que

significava mestria" e lhe dera o nome.

O chefe de equipa saiu da penumbra e colocou em torno do pescoço de Ardente um pendente ao qual estava preso um coração. Do cimo e da base da pluma, do oval e da barra transversal da cruz de asas brotaram ondas visíveis sob a forma de linhas quebradas. Quando tocaram o corpo de Paneb, ele sentiu um formidável impulso sem qualquer dor. Tratava-se de um fogo doce, penetrante, semelhante a um raio de sol depois de uma noite fria.

A luz iluminou a sala de reunião. Paneb viu que todos os membros da equipa, incluindo Néfer, estavam presentes.

O chefe de equipa sentou-se no seu assento.

— A nossa confraria é uma barca e esta tem como função atravessar as águas celestes e confraternizar com as estrelas.

Foste chamado a esta barca e viste a sua luz no santuário; que a capacidade de viajar te seja concedida. Possas tu agarrar a corda da proa na barca da noite e a corda da popa na barca do dia, que te sejam concedidas a iluminação no céu, a força criadora na terra e a correcção de voz no reino do outro mundo.

Perante o olhar atento de Paneb, Néfer o Silencioso, Casa o Cordame e Didia o Generoso juntaram com lentidão as diversas partes de um modelo reduzido de barca de madeira equipado com uma cabina em forma de capela.

— Grava este mistério no teu espírito, Paneb; mais adiante no caminho talvez compreendas o seu significado.

Na parte de cima do ombro direito de Ardente, Gau o Exacto desenhou um vaso simbolizando o coração-consciência, Unesh o Chacal o ceptro-Força e Pai o Bom pão o pão de oferenda que significava dar.

— Na minha função de mestre-de-obras e de chefe de equipa — declarou Neb o Realizado — conheço o segredo das palavras divinas. Aqui adquire-se o controlo das fórmulas mágicas para que os artesãos do Lugar de Verdade sejam os melhores na sua arte, saibam utilizar as proporções justas, reproduzir em escultura e em pintura o andar de um homem, a graça de uma mulher, o voo de um pássaro, a corrida de um leão, a expressão do medo ou da alegria. Para que o consigas também, Paneb, ser-te-á preciso trabalhar sem descanso, aprender a fabricar os pigmentos que fundem sem que o fogo os queime, são insolúveis na água e inalteráveis ao ar. São os segredos da profissão que nunca foram revelados a nenhum profano.

Comprometeste-te a preservá-los, aconteça o que acontecer?

— Juro pela vida do Faraó e pela da confraria.

— Ched o Salvador e os desenhadores da equipa da direita aceitam instruir-te. A

partir deste dia, pertences ao seu clã e executarás as tarefas que te confiarem.

Capítulo 67

Depois da iniciação de Paneb o Ardente no estaleiro naval e do banquete que se lhe seguiu, Gau o Exacto de boa vontade descansaria um pouco. Sentia-se muitas vezes cansado, sobretudo depois das festividades, e a Mulher Sábia já por duas vezes o salvara de uma congestão do fígado, cujos canais estavam obstruídos.

Mas o aprendiz batera à porta da oficina logo na manhã seguinte, com a firme vontade de não perder nem mais um minuto e Pai o Bom pão, despertado pelos chamamentos de Ardente, tinha sido obrigado a ir chamar Gau.

— Estou pronto — afirmou Paneb. — Por onde começamos?

— Os nossos segredos profissionais só são transmitidos no nosso clã de desenhadores. Se o teu comportamento for indigno ou se as tuas aptidões se revelarem insuficientes, excluir-te-emos definitivamente. Antes da tua chegada entre nós, vários jovens fracassaram porque a nossa tarefa é muito árdua. Exige o conhecimento dos hieróglifos, palavras dos deuses, da arte do Traço e da ciência de Tot. Se tencionavas agir como te desse na cabeça, desaparece imediatamente desta oficina.

— Mostra-me o material de que disporei.

Como se o pedido de Paneb o importunasse, Gau o Exacto arrastou os pés para ir abrir um cesto rectangular de onde tirou uma paleta de escriba, almofarizes, pilões, pincéis, trinchas e uma faca.

— Esta paleta passa a ser tua, não a emprestes a ninguém.

Nas cavidades, redondas ou quadradas, colocarás os pigmentos de que precisares.

— Como os preparamos?

— Veremos isso muito mais tarde. De momento, contentar-te-ás com os pães de cor que te fornecermos. Diluí-los-ás utilizando o godé com água e esmagá-los-ás com os almofarizes e os pilões. Experimentemos agora.

Gau estava convencido que o jovem colosso ia estragar vários pães antes de obter um resultado satisfatório. Mas Paneb o Ardente não se precipitou: analisou o conteúdo do godé, tacteou o pão de cor vermelha para verificar se ele estava bem friável, diluiu com a correcta quantidade de água e manejou o pilão com a força desejável.

Gau evitou manifestar o seu espanto e recomeçou a aula com o mesmo tom

glacial.

— Munir-te-ás de cacos ou de conchas para preparar as tintas ou misturá-las e espalharás as cores de forma uniforme, sem qualquer sombra. Os pincéis e as trinchas não são fáceis de manejar e a maior parte desencoraja-se.

A variedade proposta deslumbrava Paneb. Havia juncos muito finos cuja extremidade fora raspada e fendida, outros mais grossos, uma grande trincha de fibras de palmeira dobradas e atadas, uma de nervuras de palmas esmagadas numa das extremidades e cujas fibras tinham sido separadas para formar pêlos bastante longos, uma muito alongada e estreita, uma mais larga, espátulas... Com tantos diâmetros e pontas diferentes, devia poder desenhar-se o universo e os seus segredos!

Desta vez não era apenas um sonho. Paneb tinha à sua frente as ferramentas que esperava e manipulava uma após outra com ternura e respeito. Com as lágrimas a quererem saltar, Ardente vivia uma felicidade cuja intensidade pressentira.

Foi a voz rouca de Gau que o arrancou ao seu êxtase.

— Pega no teu material e segue Pai o Bom pão. Ele levar-te-á ao teu primeiro estaleiro.

Ainda sob o efeito do choque, Paneb seguiu o desenhador mal-acordado.

— Abusei um pouco da cerveja do Faraó — confessou Pai.

— Onde vamos?

— Como as tuas primeiras tentativas serão inevitavelmente medíocres e como Gau detesta ver estragada uma superfície bem preparada, escolheu um campo de experiência que só a ti penaliza, a tua própria casa.

Não foi sem orgulho que Paneb dispôs as suas trinchas e pincéis sobre uma mesa baixa, no primeiro compartimento da casa, sob o olhar inquieto de Uabet a Pura.

— É necessário imaginar uma decoração qualquer? Gosto de muita austeridade e...

— Estou a aprender a minha profissão — cortou Paneb.

— Que cores queres? — perguntou Pai o Bom pão.

— Vermelho, amarelo e verde. Vou colocá-los em largas barras horizontais e sobrepostas.

— Tens a certeza que a tua parede está bem preparada?

— Sem dúvida nenhuma, fui eu que tratei dela! Tapei os buracos com argila que tornei resistente amassando-a com palha picada, depois barrei com gesso à base de cal.

Pai pareceu céptico.

— Como se trata apenas de uma casa, o erro que cometes não é grave... Mas seria inaceitável num templo ou numa Morada de Eternidade.

— Que erro?

— A tua superfície está morta.

— Morta... O que queres dizer?

— É demasiado lisa e portanto tem falta de vida. Todas as paredes devem ser ligeiramente onduladas para ilustrar e registar as vibrações que atravessam constantemente o espaço.

Simetria absoluta e rigidez são outras formas de morte que a tua mão deve vencer.

Paneb contemplou a parede com outros olhos. Estava convencido que tinha mil coisas a aprender, mas a sua iniciação no estaleiro naval abria-lhe verdadeiramente as portas de um outro mundo onde tudo tinha um sentido.

O neófito preparou as cores e, instintivamente, traçou largas barras sobre os rodapés.

A segurança de execução de Paneb espantaram Pái o Bom pão, que não lhe disse nada sobre a sua surpresa. O jovem desenhador escolhera o pincel certo e a sua linha horizontal mal oscilava. Até Uabet a Pura ficou fascinada a ver trabalhar o marido, que apanhava com a ponta das fibras a quantidade exacta de tinta e conseguia fazer cantar uma parede até então inerte. Depois, utilizou uma trincha para terminar uma barra verde e parou a um terço da superfície a decorar.

— Mais ficaria demasiado carregado. O que achas, Pai?

— Existe Uma técnica exacta para traçar barras.

— Porque não ma ensinaste?

— Queria ter a certeza que serias capaz de a assimilar.

— Então?

— São precisas outras tentativas...

Paneb compreendeu que o seu caminho seria semeado de ciladas e enganos, mas não se preocuparia com isso e continuaria a avançar em frente, a direito. Visto que lhe davam as ferramentas, já não estava desarmado; com tais aliados, não receava ninguém.

— Queres exercitar-te nalgumas formas geométricas? — propôs Pai.

— Mostra-me!

O desenhador subiu a um sólido tamborete de três pés e, com um pincel muito

fino, esboçou um feixe de juncos no topo da parede.

— Este sinal garante a protecção mágica da parede — explicou —, mas é necessário um friso e não é fácil de fazer.

Paneb tentou imediatamente reproduzir o modelo e a sua tentativa não foi falha de habilidade. Tinha algumas imperfeições no traçado das curvas que Pai corrigiu sem dizer uma palavra. Ardente observava-o e não repetiu os mesmos erros.

— O que convém a uma casa — perguntou ao seu professor.

— Motivos florais e geométricos que evocam a alegria tranquila de um lar e a boa organização do quotidiano.

No espírito de Paneb agitavam-se mil figuras. Já as transcrevera na areia ou em cacos de calcário, mas não tinham adquirido verdadeiramente vida.

— Fazes-me um favor, Pai?

O desenhador pareceu reticente.

— Depende...

— Podes alojar a minha esposa em tua casa até amanhã de manhã? Tenho de tentar decorar esta casa e preciso de estar só.

— Mas... Vais precisar de várias semanas!

— Gostava de preparar um plano de conjunto e solicitar a tua opinião.

— Como quiseses... Então, até amanhã.

Capítulo 68

Uabet a Pura não apreciara nada ser assim afastada do seu domicílio, mesmo por um breve período, mas tinha sido muito bem recebida pela esposa de Pai o Bom pão. No entanto, logo que nasceu o Sol não descansou enquanto não regressou a casa.

Quando Uabet e Pai entraram na moradia, ficaram deslumbrados. Paneb pintara o friso de juncos protectores no topo de todas as paredes com uma precisão e uma regularidade surpreendente: mas não ficara por aí. Cada compartimento recebera uma decoração encantadora, composta por rosetas, flores-de-lótus estilizadas, cachos de uvas, folhas de vinha, flores amarelas de persea, papoilas de um vermelho-acastanhado, losangos e xadrez.

Uabet a Pura fechou os olhos, receando ser vítima de uma miragem. Quando os reabriu, as maravilhas não tinham desaparecido.

— Tenho a mais bela casa da aldeia... Mas onde está Paneb?

Correu até ao quarto e lançou-se sobre o marido que acabava de deitar-se depois da noite de trabalho.

— Está esplêndido, querido, esplêndido! Graças a ti, viveremos num verdadeiro palácio.

Estupefacto, Pai o Bom pão procurava em vão uma crítica importante a formular. Antes mesmo de ter acesso à ciência secreta dos desenhadores e dos pintores, Paneb realizara uma espécie de obra-prima. De maneira inata, possuía o sentido das proporções e das cores.

Se o destino ou a vaidade não anulassem os seus dons, Paneb o Ardente seria um dos mais deslumbrantes servos do Lugar de Verdade.

Desde a sua nomeação para o posto de director do laboratório central de Tebas oeste, Daktair mandava alisar e perfumar a barba todas as manhãs. Tal como tinha prometido, anunciara à equipa de técnicos que continuava o programa de investigações muito tradicional do seu defunto predecessor, o qual fixara com sabedoria os limites da ciência. Ele, o estrangeiro, a partir de agora reconhecido como um notável, atribuía a si próprio um período de moratória para saborear a sua villa oficial, os seus criados e a consideração que lhe era finalmente concedida.

Aquele doce conforto quase o adormecera, mas a agitação intelectual acabara por

impor-se e Daktair interessara-se de novo pela galena e pelo betume, dois produtos em relação aos quais não havia qualquer indicação precisa nos processos postos à sua disposição.

Uma informação preciosa, no entanto: mais ou menos de dois em dois anos, partia uma expedição para recolher esses produtos e entregá-los no Lugar de Verdade. Na sua posição de novo director, Daktair seria encarregado de a organizar. Mais seis meses de paciência, pelo menos, antes da próxima...

Apesar da sua exasperação, não devia forçar os hábitos. Em breve ficaria a conhecer um dos segredos da confraria.

A proximidade da aldeia permitira-lhe contratar como lavadeiro particular o auxiliar ao qual fornecia o pó de lavagem. Nessa noite, o seu informador tinha um sorriso satisfeito.

— Creio que tenho novidades. — A comunidade dos artesãos recebe o seu correio por um carteiro especial, Uputi, que vai entregar — lhe as cartas destinadas ao exterior. Uputi é consciencioso mas às vezes é falador e gosta de discutir com uns e com outros. Como observador, notou que um dos artesãos tem escrito muito ultimamente.

— A quem eram destinadas as suas cartas?

— Uputi tem de guardar o segredo da correspondência. O que sei também é que o artesão em questão foi à margem esquerda em todos os seus dias de repouso nestes últimos dois meses. Um comportamento muito pouco habitual. Talvez se trate apenas de um cliente para o qual fabrica objectos de luxo mas, em geral, as coisas não se passam assim... Há apenas a encomenda e a entrega.

— Claro que sabes o nome desse artesão.

— Tenho essa sorte.

— Quanto?

— O pó de lavar não vai bastar... Preciso de lingotes de cobre.

— Estás a ficar muito caro, meu amigo.

— Uma informação como esta tem o seu preço.

— Os outros auxiliares também estão ao corrente...

— Não, sou o único. Uputi lamentou profundamente ter deixado escapar esse nome à minha frente e não voltará a fazê-lo. Se desejais saber qual é, pagai-me.

Daktair ficou carrancudo.

— Dois lingotes?

— Quatro.

— Três?

— Quatro... Talvez seja a oportunidade da minha vida, não vou abandoná-la.

— Três amanhã e um quarto dentro de uma semana se a informação se revelar interessante.

— Então, três e dois.

— Negócio feito.

O lavadeiro deu a Daktair o nome e a descrição do artesão, um homem da equipa da direita.

Daktair teve de esperar pelo fim da recepção dada por Méhi e Serquéta em honra do governador, confirmado nas suas funções pelo vizir, para lhe comunicar a informação que acabava de obter. O Tesoureiro-principal de Tebas sentiu imediatamente que tinha uma pista do mais alto interesse; na falta de poder obter directamente informações sobre as actividades secretas dos artesãos, talvez tivesse ainda melhor: um espião no Lugar de Verdade!

— Como devo fazer com o lavadeiro?

— Diz-lhe que os lingotes de cobre lhe serão dados amanhã à noite, no palmar a norte de Tebas, perto do poço abandonado, uma hora depois do pôr do Sol.

— Como vamos arranjá-los?

— Não te preocupes, eu trato de tudo. Se a polícia te interrogar a propósito desse lavadeiro, explica-lhe que se te apresentou para que o contratasses e que consideraste as suas condições interessantes. Foi a vossa única conversa e não sabes nada mais dele.

— Quanto a esse artesão...

— Eu também trato disso. Quanto menos apareceres, melhor.

Preocupa-te com os preparativos da expedição destinada a arranjar galena e betume para o Lugar de Verdade.

Com a ideia de ficar rico, as pernas do lavadeiro tremeram.

É verdade que violava os compromissos assumidos quando fora contratado para auxiliar, mas como renunciar a semelhante oportunidade? Fortuna feita, abandonaria uma profissão que execrava para comprar uma quinta no Egipto Médio, onde os terrenos eram menos caros do que em Tebas, e passaria aí serenos dias.

Como a informação se revelara interessante, Daktair concordara em arranjar os cinco lingotes de cobre ao seu informador sem mais demora. Este lamentava não ter exigido mais.

Logo que o lavadeiro estivesse na posse da sua riqueza, desapareceria para nunca mais voltar à zona do Lugar de Verdade.

"Junto da palmeira mais alta, em frente do poço abandonado", dissera Daktair. "Os lingotes estarão num saco enterrado a pouca profundidade."

O lavadeiro assegurou-se que aquela parte do palmar estava deserta. Ninguém vinha àquele canto de noite e nenhum olhar indiscreto o veria desenterrar o seu pecúlio.

Daktair não mentira: o saco estava ao pé de uma palmeira majestosa e o lavadeiro não teve que fazer grande esforço para o trazer à superfície.

Preparava-se para desatar o cordão quando uma voz grave lhe gelou o sangue.

— Polícia! Põe-te em pé, encostado à palmeira, e não tentes defender-te.

Em pânico, o lavadeiro apertou o seu tesouro de encontro ao peito e desatou a correr.

— Pára!

A única hipótese era correr muito depressa e escapar aos seus perseguidores. Mas esbarrou num cérbero que brandia um cacete.

O lavadeiro tentou atacá-lo com o saco, mas o cacete esmagou-lhe o crânio no preciso momento em que uma flecha se cravava no seu pescoço.

Caiu morto.

A dezena de polícias que tinham preparado uma emboscada ao lavadeiro reuniram-se em redor do cadáver que o chefe examinou.

— Curioso... Tinham-nos dito que este fulano era um ladrão perigoso e bem armado.

— O que contém o saco?

O chefe abriu-o e despejou o conteúdo no chão.

— Pedras... Só pedras.

— Bem manejado, um saco tão pesado era uma arma temível.

Fizemos bem em defender-nos.

Sem parecer dar a mínima importância ao caso, Méhi ficou a saber que no palmar a norte de Tebas tinha sido abatido um malfeitor. Os polícias tinham-no interpelado com absoluta legalidade, mas o homem mostrara-se tão agressivo que tinham sido obrigados a abatê-lo em legítima defesa.

O inquérito permitira identificar um dos lavadeiros que trabalhava como auxiliar do Lugar de Verdade. Os colegas não gostavam dele e ninguém o elogiou. Era mesmo suspeito de pequenos roubos e os outros lavadeiros sublinharam a sua

arrogância e agressividade.

O chefe Sobek confirmou esses testemunhos. Como o caso tivera um epílogo tão trágico como definitivo, não havia mais nada a fazer senão arquivá-lo.

Méhi já não se admirava com a sorte que continuava a servi-lo com tanta constância: era porque ele tomava boas iniciativas no momento certo que todos os seus empreendimentos eram coroados de êxito e reforçavam a sua posição. Estava persuadido que aquele lavadeiro reagiria como um imbecil e se condenaria a si mesmo. Tendo ele desaparecido, Daktair ficava fora de alcance e o comandante exploraria a informação com toda a tranquilidade.

Tornava-se no entanto necessário não cometer nenhuma imprudência: desta vez, era impossível utilizar a polícia.

Recorreu então a sua esposa, Serquéta.

— Vou descrever-te um homem e vais tratar de o descobrir quando descer da barca que vem da margem oeste. Depois, segui-lo-ás e verás o lugar para onde for.

— Mas há muitas barcas todos os dias!

— Bastam as primeiras da manhã.

— Detesto levantar-me cedo, querido!

— Não vais recusar-me esse pequeno serviço, Serquéta!

— E se essa tarefa durasse meses?

— É uma missão importante, minha pomba, e só a ti a posso confiar.

— O que me ofereces?

— Queres novas jóias?

— Não digo que não... Começo a estar cansada das antigas.

Parece que há um ourives de Mênfis que cria magníficos colares de turquesas, mas infelizmente está sobrecarregado de trabalho.

— Descansa que não o estará para ti.

No décimo oitavo dia de vigilância, Serquéta detectou o artesão que tomara a segunda barca da manhã.

Não teve qualquer dificuldade em segui-lo e viu-o penetrar no entreposto onde estavam amontoados móveis de diversas qualidades. Satisfeita consigo mesma, Serquéta passou suavemente o dedo indicador pelo pescoço que em breve seria adornado com um excepcional colar de turquesas.

Capítulo 69

Quando Paneb entrou na oficina do Traço, próximo da sala de reunião da equipa da direita, ficou espantado por encontrar lá Néfer o Silencioso em companhia de Gau o Exacto. Os dois homens estudavam um papiro cujo título era: Exemplo de cálculo a fim de sondar a realidade e conhecer o que é obscuro. Estava coberto de sinais matemáticos que o jovem via pela primeira vez.

— Esse papiro diz-me respeito?

— O arquitecto dos mundos pôs em ordem os elementos da vida de acordo com a proporção e a medida — respondeu Gau —, e o nosso mundo pode ser considerado com Um jogo de números.

Considera-os como fontes de energia e o teu pensamento nunca estará estático. Na nossa tradição, o pensamento geométrico preside à expressão matemática. Esta baseia-se no Um que se desenvolve, multiplica e regressa a ele mesmo. A arte do Traço é a colocação em evidência da presença da unidade em todas as formas vivas.

— O teu próprio corpo existe porque é um conjunto de proporções — fez notar Néfer —, e vais necessitar desta ciência para tornar a tua mão inteligente. Mas não pratiques a geometria pela geometria ou as matemáticas pelas matemáticas; os que caíram nessa cilada ficaram presos num saber estéril.

— Traça um triângulo — ordenou Gau.

Com um pincel muito fino, Paneb obedeceu.

— Eis uma das formas mais simples de representar abstractamente a luz solar — fez notar o seu professor —, e colocaremos a tua aprendizagem do Traço sob a sua protecção.

Os antigos afirmavam que permite descobrir os segredos do céu, da terra e das águas, compreender a linguagem das aves e dos peixes, e tomar todas as formas que se desejar.

— Então, ao trabalho!

Néfer constatou que o amigo possuía uma inextinguível sede de aprender e que fizera bem em vir dar Uma ajuda a Gau o Exacto que não dispunha da energia necessária para ensinar durante horas.

Paneb praticou rapidamente as quatro operações de base, descobriu as potências e as raízes, resolveu sem dificuldade equações sem nunca se afastar de uma aplicação prática, como a fabricação de Umas sandálias ou da vela de uma barca.

Dessa forma, tomou consciência que nenhuma das obras produzidas pelos artesãos do Lugar de Verdade era devida ao acaso.

Quer se tratasse das divisões, das multiplicações ou da extracção de raízes quadradas, Ardente foi convidado a reconduzi-las ao processo básico da adição. No sistema decimal, utilizava fracções unitárias, com um numerador igual à unidade, com excepção de $\frac{2}{3}$, e desembaraçava-se com as tábuas que lhe foram confiadas para verificar o resultado dos seus exercícios.

— O hieróglifo da boca simboliza a fracção primordial — revelou Gau —, porque todas as formas saíram da boca do nosso protector, o deus Ptah, que criou o mundo pelo Verbo. Agora, traça um círculo.

A mão de Paneb não tremeu.

— Eis como calcular a superfície deste círculo: do seu diâmetro, retira $\frac{1}{9}$ eleva o que resta ao quadrado e determinas então a superfície, o que nos é indispensável para avaliar, por exemplo, o volume de um celeiro de trigo de forma cilíndrica. Tudo isto te será útil quando te encontrares frente a uma parede, porque precisarás de organizar o espaço em função das leis da harmonia.

Néfer o Silencioso desenrolou outro papiro que deixou Paneb mudo de estupefacção.

*1 O Egipto conhecia o número pi. Assemelhando o círculo a um quadrado cujo lado representaria então $\frac{8}{9}$ do seu diâmetro, pi tem um valor de 3,16.

Tinha desenhado a tinta vermelha um quadriculado no qual fora incluído um homem em pé desenhado a preto. Cada parte do corpo correspondia a um número exacto de quadrados.

— Esta representação baseia-se no módulo de dezoito unidades: seis quadrados da planta dos pés aos joelhos, nove até às nádegas, doze até aos cotovelos, catorze e meia até às axilas, dezasseis até ao pescoço, dezoito até aos cabelos.

Assim se decifra a harmonia de um corpo humano, assim a podes desenhar sem a trair. Mas trata-se apenas de um exemplo e não de um sistema rígido; o mestre-de-obras tem a capacidade de adoptar outras quadriculas que revelem outros jogos de proporções.

Paneb o Ardente e Néfer o Silencioso estavam sentados lado a lado, sob a abóbada estrelada.

— Não sabia que ia ser tão extraordinário... Ou melhor, sabia. O meu instinto sabia-o desde sempre e tive razão em lhe dar ouvidos! Porque perdi tanto tempo?

— Descansa, Paneb, não perdeste Um único segundo. As provações prepararam-te para viver intensamente momentos como aquele e aprender com a fulgurância que te caracteriza. Mas é apenas um princípio; logo que possível, irás estudar as pirâmides. Será Uma nova etapa do teu caminho.

— Virás comigo?

— Se o chefe de equipa me autorizar.

— Foste admitido na Morada do Ouro, não é verdade?

Néfer hesitou em responder.

— Foi Uabet a Pura que me disse.

— Disse a verdade.

— Sei que és obrigado ao silêncio, mas diz-me pelo menos se voltaste a ver aquela luz que atravessa a matéria.

— Ela existe, Paneb. Também tu a descobrirás se te realizares na disciplina que escolheste.

— Quando se abre uma porta, nesta aldeia, há outras dez por trás... Mas isso agrada-me. Entraste na Morada de Eternidade de Ramsés o Grande.

— O Vale dos Reis não te desiludirá.

— Eu também trabalharei lá?

— Não é esse o destino de um desenhador do Lugar de Verdade?

— Estou pronto.

— Ainda não, Paneb. Ainda não acalmaste o olho.

— Não te compreendo...

— O universo é um olho gigantesco cujas partes estão dispersas pelo nosso olhar. No entanto, é ele que guia a nossa mão e inspira as nossas obras. Temos o dever de reconstituir esse olho mas, antes, temos que o acalmar a fim de que não se afaste de nós.

Paneb continuava a não compreender, mas sentia que o seu amigo acabava de abrir-lhe uma nova porta. Contemplando a abóbada estrelada, sentiu a presença do olho completo que haveria de saber, um dia, reproduzir no desenho.

Atarracado, com os cabelos negros colados ao crânio redondo, o busto largo, os dedos dos pés e das mãos gorduchos como os de um bebé, Tran-Belo bebia e comia com avidez e prazer. De origem líbia, não conseguira fazer fortuna no seu país de origem e estabelecera-se em Tebas onde a sorte lhe sorria.

Com alma de comerciante, desprovido de qualquer moral, só gostava de comprar

e comprar, mesmo se os seus métodos fossem por vezes pouco recomendáveis. Prudente e manhoso, Tran-Belo não despertara as suspeitas das autoridades e gozava mesmo de boa reputação.

— Querem falar consigo, patrão — avisou um dos seus operários.

— Não tenho tempo.

— Devia ir ver... Tem ar de ser um fulano importante.

"Mais um desgraçado candidato", pensou Tran-Belo, que trataria de se desembaraçar do intruso com algumas palavras bem sentidas.

Teve uma valente surpresa.

O homem que se encontrava no limiar do entreposto tinha um rosto que se assemelhava ao seu. Não um sósia, mas com traços comuns que teriam podido fazer pensar num irmão.

— O que me propões, amigo?

— És realmente Tran-Belo?

— Aqui, sou o patrão e estou muito ocupado.

— Conversemos num lugar sossegado.

— Achas que me podes dar ordens?

— Estou convencido disso, na minha qualidade de Tesoureiro-principal de Tebas e comandante das Forças Armadas.

Tran-Belo engoliu em seco.

Tal como muitos, ouvira falar desse tal Méhi, que descreviam como um gestor implacável a quem não convinha fazer frente.

Mas por que se interessava por ele um dignitário de tão elevada categoria?

— Vinde por aqui... Tenho um canto onde guardo os meus arquivos.

Tran-Belo sentiu que o vento acabava de virar. Que erro teria cometido para desencadear o aparecimento daquela temível personagem?

O reduto amontoado de tabuinhas de escrita era sombrio e afastado da agitação da oficina.

— Quereis ver as minhas contas, não é verdade?

— Que sejas um escroquezeiro que roube a clientela e o fisco não me interessa, mas que utilizes ilegalmente os serviços de um artesão do Lugar de Verdade é um grave delito passível de pesada condenação.

Assustado, Tran-Belo nem sequer pensou em negar.

— Não tinha pensado nisso... Encontrámo-nos num mercado, ele criticou um dos

meus tamboretas ao qual faltava solidez, discutimos, propôs-me fabricar alguns de melhor qualidade, desde que partilhássemos os lucros. Desde então, vem cá e fabrica belas peças.

— E tu vende-las bem caro sem as declarar à administração.

— Um simples esquecimento que me comprometo a reparar!

— De maneira nenhuma.

Tran-Belo não queria acreditar no que ouvia.

— Provavelmente, foste tu que fizeste propostas desonestas a esse artesão, mas só o resultado conta. Esquecerei a tua negociata desde que me indiques as idas e vindas do teu cúmplice, a natureza dos trabalhos clandestinos que ele realiza para ti e o montantt dos seus rendimentos ocultos.

— Às vossas ordens — disse o líbio, mais descontraído. — Desejais também... uma pequena comissão sobre os meus lucros?

O olhar gelado de Méhi aterrorizou-o.

— Quando me apodero — precisou o comandante —, apodero-me de tudo. Procura não o esquecer e informa-me com absoluta exactidão. Além disso, silêncio absoluto sobre o nosso pacto.

Ao menor passo em falso, serás aniquilado.

Capítulo 70

Uabet a Pura não cedia uma polegada de terreno ao seu inimigo figadal: a poeira. Todos os dias fazia uma profunda limpeza doméstica que não poupava qualquer recanto da casa, inteiramente fumigada uma vez por semana. Como todas as donas de casa, a jovem sabia que uma higiene muito rigorosa era a base de uma boa saúde. A isso acrescentava um agudo sentido de arrumação que Paneb considerava excessivo, mas renunciara a lutar.

Ficou portanto surpreendido ao regressar da oficina do Traço onde se aperfeiçoara em geometria, por constatar que uma cadeira não estava no seu lugar habitual e que um dos vestidos da esposa jazia negligentemente sobre um tamborete. Era evidente que um acontecimento de primordial importância perturbara Uabet a Pura.

— Estás aí?

— No quarto — respondeu uma vozinha fraca.

Paneb descobriu a esposa estendida de costas, com uma almofada por baixo da cabeça.

— Estás doente?

— Sabes que há canais que partem do coração para chegar a todos os órgãos? Foi a Clara que me ensinou quando a fui consultar.

Formam-se no coração as sementes vitais, como o esperma; e também me disse que a procriação era o encontro de dois corações.

— Estás a tentar fazer-me compreender que...

— Espero um filho teu, Paneb. Turquesa utiliza produtos contraceptivos, mas eu não.

O jovem colosso estava atordoado. Não previra aquela provação.

— Não te aflijas, tratarei tão bem dele como da casa. Não desejas ver a que ponto se parece contigo?

Ardente sorriu e segurou docemente as mãos da esposa entre as suas.

— Confesso que estás a picar um pouco a minha curiosidade.

Mas vais precisar de repousar.

— Quando a fadiga pesar muito, pedirei a ajuda de uma ou duas sacerdotisas de Hátor. Entre colegas, estamos habituadas a ajudar-nos umas às outras.

Uabet a Pura receara uma atitude de recusa da parte de Paneb mas o futuro pai parecia em estado de choque. Ela saberia curá-lo daquele ligeiro mal.

Méhi detestava o direito egípcio. Na quase totalidade dos outros países, teria podido repudiar sem dificuldade uma mulher que só dava à luz raparigas; na terra dos faraós, era impossível. Além disso, apesar das suas manigâncias jurídicas no limite extremo da legalidade, o Tesoureiro-principal de Tebas não conseguiria despojar Serquéta da sua fortuna. Como Méhi não suportava ser privado da menor parcela daquilo que tinha adquirido, teria de aguentar a esposa até à sua morte.

Um divórcio traduzir-se-ia numa catástrofe financeira e uma morte súbita surgiria como suspeita e causar-Lhe-ia aborrecimentos, ao mesmo tempo que prejudicaria a sua reputação.

Além disso, Serquéta partilhava pesados segredos e, num momento de descontrolo, poderia ter a infeliz ideia de falar demais. Não restava portanto a Méhi senão uma solução: fazer dela uma cúmplice ideal.

Depois de lhe ter oferecido o dispendioso colar com que sonhava, convidou-a para um longo passeio de apaixonados pelo Nilo. Foram-lhes servidos bolos e sumos de fruta por uma pequena serva núbia, encantada por ter sido contratada por personagens tão poderosas.

— Há muito tempo que não te ocupavas de mim com tantas atenções — espantou-se ela.

— O colar agrada-te?

— Não é feio... O que tens para me propor?

— Trabalhemos juntos.

— De igual para igual?

— Sou um homem, tu és uma mulher. Sou eu que dirijo. Mas tenho necessidade de uma associada muito activa.

Serquéta fez uma expressão interessada. Ia finalmente escapar ao aborrecimento que começava a sufocá-la! E o seu encantador marido continuaria a ignorar o perigo ao qual acabava de escapar.

Depois de ter sentido medo, Serquéta decidira desembaraçar-se dele. Quando procurava o melhor meio, ele oferecia-lhe uma aliança que prometia ser apaixonante.

— Porque não, na condição de que não me ocultes nada.

— Isso é evidente, minha querida.

— Começemos pela noite em que saíste para ir buscar uma pasta.

— O que havia de estranho nisso?

— Voltaste sem essa pasta que estavas tão desejoso de consultar.

— Tens um notável espírito de observação, Serquéta.

— Onde foste nessa noite?

— Queres realmente saber tudo?

— É o meu mais profundo desejo!

— Toma cuidado, minha pomba. Serás minha aliada mas também a minha cúmplice e não tolerarei a menor indiscrição.

Serquéta sentia-se deliciosamente excitada com a ideia de levar uma existência perigosa.

— Aceito a regra do jogo.

Méhi falou longamente e não omitiu nenhum pormenor. Detectou deslumbramento e inveja no olhar da mulher.

— Será inicialmente necessário agir de forma subterrânea — concluiu ela —, mas depois o nosso êxito será deslumbrante.

Julgas poder realmente contar com esse Daktair?

— É indolente, manhoso, competente, ávido de riqueza e de poder. Qualidades úteis... Abri parece-me menos seguro, mas não passa de uma ligação temporária. Estás pronta a desempenhar a tua primeira missão?

Serquéta saltou ao pescoço de Méhi.

— Fala, depressa!

— Previno-te que é muito importante.

— Tanto melhor, não te desiludirei.

Méhi explicou a Serquéta o que esperava dela e depois retiraram-se para a cabina central da barca onde ele a possuiu com a violência habitual.

Depois dos rituais da manhã, Clara servia de assistente à Mulher Sábia que recebia os habitantes da aldeia para cuidar tanto do seu físico como da sua psique. A esposa de Néfer aprendera a escutar os pacientes, a acalmar as crianças que choravam, a afastar as angústias e a devolver o optimismo àqueles que dele tinham falta.

Dotada de um poderoso magnetismo, a Mulher Sábia aplicava as mãos sobre as dores e fazia-as desaparecer. Clara velava para que não faltassem na enfermaria remédios, a maior parte dos quais fabricados por ela própria e sendo os restantes fornecidos ao Lugar de Verdade pelo departamento de Saúde Pública ao qual os

faraós em pessoa sempre tinham dado uma grande importância.

A Mulher Sábia falava pouco mas, todos os dias, permitia que Clara progredisse transmitindo-lhe a sua experiência e insistindo mais nos fracassos do que nos êxitos a fim de neles encontrar lições para o futuro.

Desde que tinha sido recebido na Morada do Ouro, Néfer trabalhava sem descanso na obra que lhe era exigida e andava ainda mais silencioso do que era habitual. Clara detectava cada uma das vibrações da sua alma e contentava-se com um olhar cúmplice para lhe fazer compreender que juntava as suas forças às dele.

O dia tinha sido esgotante. Nenhuma doença grave a tratar, mas uma série ininterrupta de pequenos problemas e um quotidiano mais pesado do que o habitual. Clara tinha pressa de voltar para casa e dormir.

— Vem comigo — exigiu a Mulher Sábia.

Clara mobilizou as suas últimas energias para seguir a sua guia que saiu da aldeia e tomou o caminho da colina enquanto o Sol se punha.

Era a hora a que as serpentes e os escorpiões saíam dos seus esconderijos, mas as duas mulheres não os receavam.

De cada vez que trepava os carreiros sinuosos da montanha, a Mulher Sábia parecia reencontrar a juventude perdida. Apesar da sua fadiga, Clara teve menos dificuldade em segui-la do que era habitual. A sua bela cabeleira branca brilhava como um sol e iluminava a ladeira cada vez mais íngreme que conduzia a um oratório escavado na rocha.

Daquele promontório, o olhar dominava o território do Lugar de Verdade, os vales secretos onde ressuscitavam os faraós e as suas esposas e os Templos dos Milhões de Anos onde vivia eternamente o seu ka.

A Mulher Sábia ergueu as mãos num gesto de prece em frente do oratório.

— Os homens são as lágrimas de Deus — disse ela —, e só os deuses nasceram do seu sorriso. No entanto os homens, o rebanho de Deus, ficaram bem servidos porque ele criou o céu e a terra para os seus corações e a respiração para as suas narinas. Para eles, que são a sua imagem, criou igualmente todos os alimentos. Mas eles revoltaram-se contra Ele e preferiram a desordem à harmonia. Quando a raça humana se extinguir, o tumulto cessará e o silêncio regressará à terra.

E tu, a sua deusa, recriarás a beleza das origens.

Do oratório saiu uma enorme cobra real, orgulhosamente erguida. Tinha os olhos vermelhos e pareciam lançar dardos de fogo.

— Venera Meresger. A que ama o silêncio, a deusa da colina e a protectora do Lugar de Verdade — disse a Mulher Sábia a Clara. — Quando eu tiver partido para

o Ocidente, ela deverá tornar-se o teu guia e o teu olhar.

Capítulo 71

Néfer o Silencioso devia dar forma ao que apreendera na Morada do Ouro. Vivera o ritual mais secreto do Lugar de Verdade e descobrira os mistérios essenciais que este estava encarregado de transmitir, mas seria realmente digno disso?

Para o saber, a confraria exigia dele uma obra que provasse simultaneamente as suas capacidades técnicas e a dimensão da sua sensibilidade. Não lhe fora feita qualquer recomendação nem imposto nenhum critério. Competia a Néfer fazer o balanço dos anos passados na aldeia, extrair deles os ensinamentos fundamentais e realizar o objecto que obteria a aprovação dos chefes de equipa e dos outros iniciados de elevada posição.

De acordo com os seus hábitos, o Silencioso concedera a si próprio muito tempo para reflectir. Atropelavam-se vários projectos na sua cabeça, mas fora o coração a escolher. Depois de ter recebido a opinião positiva de Clara, apresentara-se a Neb o Realizado que, nessa mesma noite, o conduziu à capela de Hátor construída pelo faraó Sėti, o pai de Ramsés.

Néfer subira a escada que conduzia ao pilone de entrada, franqueara o limiar, atravessara um pátio a céu aberto e depois metera por um caminho calcetado que conduzia a um segundo pátio. Ali, tinha sido purificado e recolhera-se diante de uma mesa de oferendas.

Em seguida, fora-lhe permitida a entrada numa sala coberta, de tecto direito sustentado por duas colunas e solo lajeado.

Ao longo das paredes, bancos de pedra ocupados pelos juízes.

Ao fundo da sala, uma porta enquadada por estelas mostrando o faraó face a Hátor; dava acesso ao santuário onde a divindade fulgurava secretamente.

Néfer sabia que aquele tribunal não seria indulgente e receava o seu veredicto. Se se tivesse enganado, arruinaria todos os esforços feitos desde a sua admissão.

— O que te ensinaram as divindades? — perguntou o chefe da equipa da esquerda.

— Tentei detectar o fulgor de Rá, a criação de Ptah e o amor de Hátor.

— Quais são as qualidades necessárias para realizar correctamente uma obra? — interrogou o chefe da equipa da direita.

— A tomada de consciência da vida sob todas as suas formas, a grandeza de

coração, a coerência do ser, a capacidade de controlo e a força de concretização. Mas só têm valor se conduzirem à plenitude e à paz e nenhum artesão atingiu nunca os limites da arte.

— Mostra-nos o teu trabalho.

Néfer o Silencioso retirou o tecido que cobria uma estatueta de madeira dourada. Não media mais de um côvado (1) e representava a deusa Maet sentada e segurando o signo da vida.

Unesh o Chacal não usurpara o nome. O seu rosto alongado e magro fazia pensar no seu animal protector e o desenhador deslocava-se com a agilidade e a rapidez do predador que tinha como uma das principais tarefas desembaraçar o deserto dos seus cadáveres. Fechado, permanentemente atento, com olhar inquisidor, Unesh parecia portador de uma violência difícil de conter.

Paneb não gostava dele e não esperava nada de bom da sua parte. Portanto, quando o encontrou de braços cruzados em frente da porta fechada da oficina do Traço, preparou-se para um conflito inevitável.

— Estás a barrar-me a passagem, Unesh?

— Achas-me capaz disso?

*1 10,52 metros.

— Faço parte do teu clã, actualmente! Deves deixar-me entrar.

— Não desejas saber mais sobre os segredos da profissão?

Paneb observou Unesh o Chacal com interesse e desconfiança.

— Alguns aprendem a profissão nas oficinas; eu, prefiro lugares mais perigosos. Segue-me se tens coragem para isso.

Ardente não hesitou. Sem correr, Unesh deslocava-se com uma rapidez espantosa. Atravessou a zona desértica, meteu por um campo de trigo e penetrou num maciço de juncos na margem do canal.

— Deita-te de barriga para baixo — ordenou.

Importunado pelos mosquitos, Paneb besuntou-se com lama.

Deitado à direita do desenhador, viu passar uma serpente de água.

— Olha bem — recomendou Unesh.

Paneb admirou um íbis que se movia com elegância, como se executasse uma dança perfeitamente regulamentada.

— O que notas?

— A regularidade do seu andar... O passo é sempre o mesmo.

— O passo do íbis é equivalente a um côvado. Ele, a encarnação de Tot, revela-nos essa medida fundamental que se inscreve também no antebraço do deus. O nome do côvado, meh, é o sinónimo dos termos que significam "pensar", "meditar", "concluir", "estar completo, preenchido", porque o conhecimento do côvado te permitirá compreender a regra do universo. Agora, podes voltar à oficina.

Para Ardente, a descoberta do côvado que o deus Tot utilizava para medir a terra permaneceria um momento inesquecível. Assimilou rapidamente a sua divisão em sete palmos e em vinte e oito dedos e, quando recebeu do mestre-de-obras um pequeno côvado de dobrar que utilizaria durante o seu trabalho, Paneb teve a sensação de se tornar depositário de um tesouro de inestimável valor. Portanto, um dos segredos essenciais da obra estava presente no corpo do íbis que o jovem colosso tantas vezes olhara sem ver.

Compreendeu que as divindades se expressavam constantemente por intermédio da natureza e que precisaria de abrir mais os olhos e os ouvidos para captar a sua mensagem.

A atitude dos desenhadores modificara-se. Gau o Exacto ensinava com um pouco menos frieza, Pai o Bom pão guiava de boa vontade a mão do seu novo colega, Unesh o Chacal insistia no jogo das cores. Guiado por aqueles três experientes artesãos, Paneb assimilava com facilidade os imperativos técnicos que a sua natureza efervescente de boa vontade teria rejeitado.

Todas as tardes limpava a oficina sem que lhe tivessem dado ordem para o fazer. Antes de regressar a casa, desenhava num pedaço de calcário carros, cães ou um homem a andar e depois quebrava os estudos em mil pedaços. Paneb estava persuadido que um dia a sua mão saberia criar figuras sem o mínimo arrependimento.

Ao cair da noite, saiu da oficina e esbarrou com o chefe Sobek.

— Estás a tornar-te um verdadeiro profissional, Paneb.

— Isso desagrada-te?

— Continuas a ser agressivo, meu rapaz; essa atitude ainda te vai ser prejudicial.

— O que quer de mim o chefe da segurança?

Paneb enfrentou o núbio. O confronto parecia inevitável.

— Não gostamos muito um do outro — constatou o polícia. — Mas tenho a certeza que não és um mentiroso.

— Se me acusares de mentir, vais arrepender-te.

— Então diz-me a verdade: assassinaste um dos meus homens na montanha?

— Enlouqueceste?

— Portanto, afirmas a tua inocência?

— Com certeza que sim!

— Duvidei de ti, mas estou inclinado a acreditar-te.

— Ousar duvidar de mim... Vou partir-te a cabeça, Sobek.

— Serias preso e condenado... Continua antes a trabalhar com afinco.

"Não é ele", pensou Sobek afastando-se. O chefe da segurança não lamentava a sua iniciativa. Esclarecera-o em relação a Paneb e reconduzira-o à pista que tinha tentado esquecer: a de Abri, o administrador principal da margem oeste.

Se tentasse avançar naquela direcção, o núbio arriscava-se a ver a sua carreira destruída. Mas a consciência proibia-lhe que se comportasse como um cobarde.

Néfer e Clara permaneceram enlaçados sobre o terraço da sua casa até que a queimadura do sol se tornou insuportável.

Depois de se terem amado, tinham adormecido nos braços um do outro, sonhando com aquela noite memorável durante a qual Silencioso soubera pela boca do próprio mestre-de-obras que a sua estatueta de Maet tinha sido reconhecida com justa voz" pelo tribunal do Lugar de Verdade. Graças à qualidade da sua execução, entraria no tesouro do templo.

Mestre escultor na Morada do Ouro, Néfer consagrar-se-ia a partir de agora a fazer estatuetas que serviriam de receptáculo à força criadora espalhada pelo universo. Tornando a pedra viva, aplicaria os ensinamentos recebidos e participaria assim na transmissão da misteriosa luz que nenhum material podia deter: Começaria por dar ao mundo uma estatueta do escriba Ramosé, em posição de escriba, para servir de modelo aos estudantes que aprendessem os hieróglifos.

A Mulher Sábia estava sentada em frente de casa, em pleno sol. Aquela postura pouco habitual inquietou Clara, que receou que ela tivesse sido vítima de algum mal-estar. Mas a Mulher Sábia falou-lhe em voz tranquila.

— Hoje não tratarei ninguém. Estás preparada para me substituir?

— Farei o melhor que puder... Estais doente?

— Devo passar o dia no templo para tentar acalmar Sekhmet, a implacável deusa leoa.

— Estará a aldeia ameaçada por um perigo?

— Sim, Clara. Um grande perigo.

Capítulo 72

Néfer estava perturbado.

— Um grande perigo"... A Mulher Sábia não disse mais nada?

— Não — respondeu Clara. — Partiu para o templo.

— A Mulher Sábia não costuma falar levianamente... Se ela evocou a terrível deusa leoa, a ameaça é das mais sérias.

— Em que estás a pensar?

— Não sei... Não sei realmente. A aldeia está sob a protecção de Ramsés o Grande e ninguém ousaria contestar a sua autoridade.

Clara não tinha qualquer hipótese séria a formular, mas constataria que a Mulher Sábia era uma autêntica vidente. A sua previsão não devia ser considerada despreocupadamente, mas como lutar contra um perigo cuja natureza se ignora?

Quaro o Mal-humorado bateu à porta.

— O chefe de equipa quer ver Néfer... É muito urgente.

Vários elementos da equipa da direita estavam reunidos em frente da casa de Neb o Realizado. O Silencioso entrou ao mesmo tempo que a Mulher Sábia saía do quarto do mestre-de-obras.

— São os seus últimos momentos — revelou ela. — Apressa-te.

A realidade que a equipa da direita ocultava saltava-lhe aos olhos: Neb o Realizado era um homem idoso e a velhice cessara bruscamente de o poupar. A sua robustez parecia inatacável, mas as defesas tinham cedido de uma só vez a ponto de o tornar quase irreconhecível.

O mestre-de-obras estava sentado num cadeirão cujos pés tinham a forma de patas de leão. Envergava um fato de cerimónia que acentuava a sua dignidade. Tinha a respiração curta e o olhar esgotado.

— Os meus anos decorreram em alegria de coração — disse ele a Néfer. — Não agi contra a regra da nossa confraria e não cometi qualquer acto censurável. Tornaste-te um escultor completo, apreciado por todos, mas terás que aprender a dirigir. Procura todas as ocasiões para seres eficaz de forma que a tua maneira de governar seja irrepreensível. Que te respeitem em função das tuas competências e da calma da tua linguagem, dá ordens apenas quando as circunstâncias o exigirem. Não

permitas que um medíocre assumia directivas ou distribua encargos, porque estragaria a obra e espalharia a perturbação. Lembra-te que grande é o grande cujos grandes são grandes e venerável aquele que está rodeado por seres nobres de espírito. A tua tarefa não será fácil, mas morro tranquilo porque sei que nenhum peso será demasiado pesado para os teus ombros.

A cabeça de Neb o Realizado inclinou-se lentamente, como se saudasse o seu sucessor.

— Recuso — disse Néfer a Quenhir. — Neb o Realizado era para mim um mestre e um modelo e é por isso que recuso suceder-lhe.

O meu único objectivo é servir a confraria e a equipa da direita, não dirigi-la. A confiança de Neb o Realizado toca-me no mais profundo do coração, mas ele sobrestimou as minhas capacidades.

— Não te compete julgar-te a ti próprio — retorquiu o escriba do Túmulo. — E Neb o Realizado, apoiado na sua experiência e lucidez, mais não fez do que ratificar a decisão tomada por Ramosé. Foi o escriba de Maet que te reconheceu como o futuro chefe da equipa da direita e o mestre-de-obras da confraria. O Lugar de Verdade transmitiu-te a sua ciência e tu viste a luz na Morada do Ouro. Se queres permanecer fiel à palavra dada e respeitar Maet, cumpre a função para a qual foste destinado.

Néfer procurava argumentos para convencer Quenhir a modificar o seu ponto de vista. Mas como opor-se a Ramosé, elevado à categoria de "antepassado de espírito luminoso e eficaz"?

Restava no entanto uma última porta de saída.

— A minha nomeação não deveria ser aprovada por unanimidade pelos membros da equipa da direita?

— Com efeito, é indispensável, porque ninguém poderia dirigir sem ser amado e reconhecido pelo coração daqueles que dirige. Serão consultados a partir de hoje.

Paneb o Ardente detestava funerais. Turquesa recusar-se-ia a fazer amor, Uabet a Pura passaria longas horas no templo com as sacerdotisas de Hátor. o trabalho seria interrompido, as oficinas fechadas... E como se tratava da morte de um chefe de equipa, os funerais seriam grandiosos e o período de luto interminável! Distrair-se-ia desenhando caricaturas de uns e de outros a fim de continuar a exercitar a mão que começava a assimilar o Traço e as proporções.

Para Ardente, Neb o Realizado permanecera um homem misterioso e distante

com o qual tivera muito poucos contactos; não se embrenharia portanto em lamentações hipócritas. Sentira no entanto um respeito real pelo mestre-de-obras defunto que, depois de o ter sobrecarregado de provas, lhe abrira a porta do clã dos desenhadores.

Paneb mastigava peixe-seco quando entrou em sua casa um Néfer visivelmente dominado por uma grande perturbação.

— Senta-te e bebamos... Bem precisas.

— Considero-te como meu amigo, Paneb. e espero que esse sentimento seja recíproco.

— Diz-me o que te provoca aborrecimentos e resolverei o caso num instante.

— Já me salvaste a vida... Aceitas fazê-lo de novo?

— Por todos os demónios do deserto! O que se passa contigo?

Néfer sentou-se numa esteira.

— O escriba de Maet, Ramosé, o mestre-de-obras, Neb o Realizado e o escriba do Túmulo, Quenhir, escolheram-me como o novo chefe de equipa.

Um largo sorriso iluminou o rosto de Paneb.

— Tinha que acontecer e não surpreenderá ninguém! Que notícia formidável... Pensa bem, com o teu inato rigor e o teu gosto pelo trabalho perfeito, ninguém vai andar a brincar.

Mas, reflectindo bem, não estamos aqui para isso. Levanta-te para eu te abraçar!

— Tens que votar contra mim, Paneb.

— O que estás a dizer?

— Não desejo desempenhar essa função. Ora, o último degrau a ultrapassar é o reconhecimento de coração unânime dos membros da equipa. Se és verdadeiramente um amigo...

— Aprovo a tua nomeação não uma mas dez vezes! E se um de entre nós cometesse o erro de a contestar, teríamos uma discussão breve mas intensa. Nasceste para viver no Lugar de Verdade, Silencioso; ele deu-te tudo e hoje vais provar-lhe a tua gratidão dirigindo-o.

Em termos diferentes, Clara fizera o mesmo discurso que Paneb e aprovara as decisões de Ramosé, Neb o Realizado e Quenhir. Acrescentara que o defunto escriba de Maet consultara a Mulher Sábia, cuja visão correspondia à sua.

Nem sequer junto da esposa Néfer encontrara qualquer reconforto. Esperava que os membros mais idosos da equipa da direita emitissem opiniões negativas,

criticassem a sua inexperiência ou o seu carácter e provocassem uma deliberação que obrigasse Quenhir a propor outro nome.

Mas ninguém contestou a designação de Néfer o Silencioso como sucessor de Neb o Realizado e, pelo contrário, todos se alegraram com o facto. O novo chefe de equipa ultrapassara todos os degraus da hierarquia sem nunca se gabar disso, não manifestava qualquer propensão para o autoritarismo e possuía as qualidades necessárias para a realização da obra.

Dentro de menos de uma hora teria lugar a cerimónia de investidura à qual Néfer não tinha já qualquer hipótese de escapar, excepto se fugisse e abandonasse definitivamente a aldeia.

Clara poisou meigamente a mão no ombro do marido.

— Há ideias loucas que nos atravessam por vezes a mente, mas não passam de miragens... Algumas lutas são vãs e não devemos desperdiçar energia nelas.

Empenha-te no verdadeiro combate que terás que travar, a preservação e a transmissão dos nossos tesouros.

— Queria apenas viver em paz contigo, nesta aldeia.

— Um dia ouviste o apelo e respondeste-lhe. Acreditavas que não se repetiria? Não és solicitado a tornar-te simplesmente tu mesmo, mas sim a desempenhar uma função ao serviço de outros e do espírito da confraria. Está bem assim e não deveria ser de outra forma.

No fim do período de luto que vira a justificação terrestre e celeste de Neb o Realizado, Néfer o Silencioso fora elevado à dignidade de chefe da equipa da direita do Lugar de Verdade no segredo de um templo dedicado às deusas Maet e Hátor.

Com a idade de trinta e seis anos, tinha que garantir a sucessão dos mestres-de-obras que tinham criado as Moradas de Eternidade de ilustres faraós no Vale dos Reis e concebido inúmeras outras obras-primas que haviam feito nascer graças aos múltiplos talentos da confraria.

Quando surgiu no limiar do templo, Néfer o Silencioso recebeu uma tripla ovação da parte de todos os aldeões reunidos.

Comovido até às lágrimas, intuiu a vastidão das suas responsabilidades e lamentou o tempo encantador da aprendizagem em que era sempre possível pedir ajuda a um artesão mais qualificado. A partir de agora, seria a ele que consultariam e a ele competiria dar directivas evitando erros de pesadas consequências.

Quenhir, o escriba do Túmulo, entregou a Néfer o còvado de ouro que passava de chefe de equipa a chefe de equipa. Cada uma das suas vinte e oito divisões

continha o nome de uma divindade e o da província que ela protegia e a inscrição hieroglífica dizia: còvado útil para se tornar um ser de luz, poderoso, de voz justa, marcado pelo selo da vida e da estabilidade.

De acordo com a palavra de Rá, a luz criadora, o còvado do mestre de obras incarnava a regra do universo à qual se devia adaptar.

Clara foi a primeira a beijar o novo chefe de equipa e ele apertou-a longamente de encontro a si.

Capítulo 73

Quando o artesão do Lugar de Verdade chegou ao entreposto de Tran-Belo, ia a pensar que a vida era bastante simpática.

Na aldeia, recebera uma educação excepcional e adquirira um saber que lhe permitia, agora, vender o seu talento a quem mais oferecesse.

Desde que entrara em contacto com o mercador, realizava o seu secreto sonho: enriquecer. E tinha o direito de utilizar o seu tempo livre como muito bem entendesse.

Durante o período de luto que se seguira à morte de Neb o Realizado, o artesão permanecera na aldeia e escrevera uma carta a Tran-Belo para lhe marcar encontro. Este devia esperar com impaciência novos objectos luxuosos destinados a uma clientela de conhecedores e bons pagadores.

— Venho ver o teu patrão — disse o artesão a um empregado.

— Está no seu gabinete.

O artesão atravessou o entreposto para chegar ao compartimento isolado e tranquilo onde Tran-Belo guardava os arquivos. Empurrou a porta e ficou paralisado face a uma mulher de pesada peruca negra e olhos muito maquilhados.

— Desculpai, enganei-me.

— Estás no lugar certo — disse Serquéta. — Sei quem tu és e o que vens fazer aqui. Fecha essa porta e falemos.

— Não vos conheço, eu...

— A forma como cooperas com Tran-Belo não é nada recomendável. Torna-te cúmplice de fraude e estás sujeito a uma pesada condenação acompanhada de exclusão definitiva do Lugar de Verdade.

O artesão empalideceu.

— Sabeis que...

— Não ignoro qualquer pormenor. Ou me obedeces ou a tua carreira terminou.

O homem encolheu-se num canto do compartimento. Serquéta bateu a porta.

— O que é que... O que quereis?

— Concordo em manter silêncio sobre o teu tráfico, que poderás continuar à vontade mas com uma condição: quero saber tudo o que se passa na aldeia.

— Impossível! Estou obrigado ao segredo.

— Então, tanto pior para ti. A partir de amanhã serás denunciado ao vizir.

— Não façais isso, suplico-vos!

— Se queres evitar grandes aborrecimentos, não tens senão uma solução: falar.

Obedecer àquela mulher demoníaca era trair a regra da confraria, quebrar um juramento e perder a sua idade...

— Quem sois vós? — perguntou o artesão.

Serquéta esboçou um sorriso feroz.

— Não é a ti que compete fazer perguntas, mas mesmo assim responder-te-ei para te demonstrar que não tens opção... Sou a esposa de um homem importante cuja influência aumenta constantemente e que saberá recompensar os que o tiverem auxiliado durante a sua ascensão.

Para o artesão aquela informação não era negligenciável. Era ele que deveria ter sido designado como chefe de equipa e não Néfer. Servindo um senhor de poderes alargados, poderia conseguir simultaneamente a riqueza e o posto que cobiçava.

— Dais-me tempo para reflectir?

— Exijo a resposta aqui e agora.

O artesão tinha servido Maet, o Lugar de Verdade e a confraria por bem escassos benefícios... Não seria a ocasião de servir finalmente a sua própria causa, jogando em todos os campos?

O comandante Méhi atirava ao arco no jardim da sua luxuosa propriedade. Cravava flecha sobre flecha no tronco de uma palmeira sem conseguir acalmar o seu nervosismo.

Porque demorava a sua mulher? Talvez o artesão não tivesse comparecido ao encontro que marcara a Tran-Belo... Pior ainda, Serquéta tinha falhado e não ousava apresentar-se perante o marido com medo de ser espancada.

Méhi atirou mais uma flecha e falhou o alvo. Com raiva, espezinhou o arco.

— Não era digno de ti — sussurrou uma voz melosa. — Arranjarás um melhor.

— Serquéta! Então?

Ela ajoelhou-se para abraçar as pernas do seu senhor e mestre.

— êxito total!

— Aceita colaborar?

— Temos muita sorte: é um homem ressabiado, cúvido, manhoso e hipócrita. Não podíamos arranjar melhor aliado. Estás contente comigo?

Méhi arrancou a peruca de Serquéta, ergueu-a brutalmente e espalmou-lhe as mãos nas faces.

— Os dois juntos, minha codorniz, conseguiremos grandes vitórias! Quantos artesãos há nessa maldita aldeia?

— Cerca de trinta. As condições de admissão são muito rigorosas e devem respeitar a lei de Maet.

Serquéta referiu os principais aspectos que o artesão lhe transmitira.

— Não interessa — considerou Méhi. — Velhos princípios de moral que em breve já não funcionarão. Quem dirige a confraria?

— O chefe supremo é o Faraó, que vela pela prosperidade da aldeia e não tolera qualquer ataque contra ela.

— Eu sei, eu sei... Mas Ramsés não vive na aldeia!

— Três pessoas partilham o poder: o escriba do Túmulo, o chefe da equipa da direita e o da equipa da esquerda. Os artesãos comparam a sua confraria a uma barca e daí a sua divisão em estibordo e bombordo.

O escriba do Túmulo, Quenhir, é o representante do poder central e o gestor da aldeia; é muito menos amado do que o seu predecessor, Ramosé, porque tem um carácter difícil e azedo.

— Que idade tem?

— Sessenta e dois anos.

— Esse Quenhir está portanto em fim de carreira. Dentro de pouco tempo, morrerá ou será substituído. É corruptível?

— Segundo o nosso informador, é provável. Mas não tem a certeza que Quenhir conheça todos os segredos do Lugar de Verdade.

— Os chefes de equipa, esses conhecem inevitavelmente!

— Sim, porque foram admitidos na Morada do Ouro.

A excitação de Méhi aumentava cada vez mais.

— O que acontece lá?

— O nosso informador ignora.

— Mentiu-te!

— Não creio — disse Serquéta, que recuou para evitar a bofetada que temia. — A idade não basta para ser admitido lá e ainda não arranjou forma de forçar a entrada nesse lugar misterioso. Mas porque desesperar?

— O que revelou a respeito dos chefes de equipa?

— Quaha, o chefe da equipa da esquerda, é um homem idoso, muito austero, especializado no escavar da rocha e no talhar da pedra. Nunca sai do território do Lugar de Verdade e parece fora de alcance. O chefe da equipa da direita, Neb o Realizado, morreu há pouco e foi substituído por Néfer o Silencioso, um homem jovem e inexperiente.

— Porque o escolheram?

— O escriba Ramosé designara-o e os responsáveis da confraria não se opuseram a essa decisão.

— Um capricho de velho... O que pensa o nosso informador desse Néfer?

— Um bom escultor, um artesão cheio de espiritualidade, muito ligado ao Lugar de Verdade onde foi educado, mas que terá as maiores dificuldades em desempenhar a sua função. Não saberá nem dirigir nem dar ordens e será com certeza transferido para uma categoria inferior.

— A decepção poderia fazer dele um indivíduo frágil, dominado por um desejo de vingança... Conseguiu uma lista exacta dos artesãos?

— Ei-la.

Serquéta exibiu orgulhosamente um pedaço de papiro. Ela e o marido estavam agora na posse de um segredo de Estado.

O comandante leu o documento e só se deteve num nome, desconhecendo todos os outros.

— Paneb o Ardente...

— O nosso informador pensa que ele nunca se integrará na confraria e que será excluído por indisciplina.

— Este há de cair nas nossas mãos! Graças a ti, Serquéta, avançamos a passos de gigante. E é apenas a tua primeira missão.

A esposa de Méhi ronronou. A cobiça e o desejo de fazer mal tinham expulsado a sua melancolia.

Capítulo 74

Embora se aproximasse o fim da estação seca e o início da cheia, o calor era menos intenso do que habitualmente e o céu apresentava-se coberto de nuvens há mais de uma semana. A Mulher sábia interrompera as suas consultas, deixando a Clara o trabalho de a substituir.

O novo chefe de equipa Néfer, de acordo com o escriba do Túmulo, concedera vários dias de repouso aos artesãos que tinham alegremente festejado a sua nomeação. O período das festividades estava a terminar e Silencioso preparava-se para lançar um programa de restauro dos mais antigos túmulos da aldeia quando, pouco antes da madrugada, Nakht o Poderoso o veio avisar.

— Está um mensageiro do vizir na grande porta... Quer ver um responsável o mais depressa possível.

Quenhir ainda dormia; Quaha, o chefe da equipa da esquerda, estava doente. Inquieto, Néfer apressou o passo. Nakht abriu-lhe a porta por trás da qual se encontrava o mensageiro, retido pelo guarda.

— És mestre-de-obras?

— Dirijo a equipa da direita.

— Eis a mensagem que comunicarás aos habitantes da aldeia: o falcão levantou voo para o céu, outro se elevou em seu lugar sobre o trono da luz divina.

O homem saltou para o dorso do cavalo e partiu a galope.

Pálido, Néfer estava quase a desmaiar.

— O que se passa? — interrogou Nakht o Poderoso.

— Acorda os aldeões, do mais jovem ao mais idoso, ajudem os doentes a levantar-se e a andar e reunam-se todos no átrio do templo.

Néfer passou por casa para ir buscar a mulher que se preparava para sair.

— A Mulher Sábia não se enganou. O nosso protector acaba de desaparecer, estamos em grande perigo.

Em poucos minutos, a pequena comunidade encontrava-se reunida. Com os olhos inchados de sono, Quenhir estava preparado para lançar sanções se o tivessem acordado para nada. Com um gesto, Néfer impôs silêncio.

— Ao fim de sessenta e sete anos de reinado — declarou com voz embargada pela emoção —, Ramsés o Grande abandonou esta terra para ir juntar-se ao Sol de

onde tinha vindo.

Os aldeões estavam consternados.

Não, Ramsés o Grande não podia desaparecer. Vivera tanto tempo que a morte o esquecera e que lhe era proibido vir roubá-lo ao afecto de um povo inteiro que, sem ele, se sentiria abandonado e perdido. Quenhir puxou Néfer de parte.

— Durante o período da mumificação de setenta dias, tu e os desenhadores trabalharão na Morada de Eternidade de Ramsés para realizar os últimos trabalhos, de acordo com as vontades do monarca consignadas no papiro selado que te vou confiar e que és o único habilitado a ler.

— Porque não me acompanha o meu colega Quaha?

— O seu estado de saúde não lho permite e terás de desempenhar as suas funções além das tuas. És o mestre-de-obras da confraria, Néfer; visto que conheces o segredo da Morada do Ouro, tens capacidade para transformar um túmulo em morada de ressurreição.

Como teria Silencioso podido imaginar que lhe caberia a mais alta responsabilidade susceptível de pesar sobre os ombros de um artesão? Por muito assustadora que fosse a angústia que lhe contraía o ventre e lhe apertava a garganta, era a ele e só a ele que competia colocar a última pedra do edifício destinado a tornar imortal Ramsés o Grande.

A maior parte dos altos dignitários tebanos tinha-se reunido em casa de Méhi, que os convidara para uma refeição enquanto esperavam as últimas notícias oficiais provenientes da capital, Pi-Ramsés.

Finalmente, o comandante apareceu.

— O nosso novo Faraó é Mérenptah, o amado do deus Ptah. — declarou. — Subiu ao trono dos vivos e foi reconhecido como senhor das Duas Terras por aclamação. Será ele que oficiará como sacerdote durante os funerais de Ramsés, no termo dos quais assumirá o poder supremo.

— Longa vida ao nosso novo Faraó! — clamou Abri, imediatamente imitado pela assistência.

"Tendo em consideração que Mérenptah tem sessenta e cinco anos, pensou o comandante, o seu reinado será de curta duração".

Méhi reunira o máximo de informações sobre o sucessor de Ramsés: diziam-no autoritário, exigente, de difícil abordagem, intransigente nos princípios espirituais que tinham construído o Egipto, hostil às inovações, de natureza solitária, indiferente às solicitações dos cortesãos. Em suma, exactamente o contrário do chefe-de-Estado que o Tesoureiro-principal de Tebas teria desejado.

Mas aquele retrato era o de uma grande personagem vivendo na sombra de Ramsés; o exercício do poder modificá-lo-ia, surgiriam falhas. O mais aborrecido era a sua devoção a Ptah, o deus dos construtores e do Lugar de Verdade... Mérenptah continuaria em relação a este a mesma política que Ramsés?

Se fosse esse o caso, a luta prometia ser quente. Mas Méhi sentia-se mais forte do que nunca: pois não tinha aliados eficazes e um espião no seio do adversário? Além disso, Mérenptah estava longe de ser tão popular como Ramsés. Talvez não fosse impossível fomentar uma conspiração contra ele:

Depois de um reinado tão longo e tão intenso como o de Ramsés o Grande, o Egito sofreria uma espécie de depressão e Mérenptah não teria o dinamismo necessário para a resolver.

Sobrecarregado com preocupações fundamentais, obrigado a aparar os golpes vindos de todos os lados, o novo soberano passaria a maior parte do seu tempo em Pi-Ramsés, no Delta, longe do Lugar de Verdade, que abandonaria mais ou menos progressivamente à sua sorte.

Porque não havia de o Faraó conceder a sua confiança às autoridades tebanas, ignorando que estavam dominadas por Méhi?

Ramsés construía a sua capital no norte para melhor defender o Egito contra os invasores; Méhi estava persuadido que a conquista do país começava pela de Tebas e pela apropriação dos segredos tão bem guardados do Lugar de Verdade.

Os artesãos não esperavam encontrar à sua frente um inimigo poderoso e determinado e nem sequer estavam preparados para o combate. Aproximava-se a hora de Méhi..

— Não tenho a certeza que esta decisão seja muito boa — disse o pintor Ched o Salvador com contida irritação. — Para trabalhar com eficácia e rapidez na Morada de Eternidade de Ramsés, precisamos de desenhadores experientes e não é o caso de Paneb.

— Segundo os relatórios dos seus instrutores — objectou Néfer — está preparado para os assistir.

— Sem querer insultar-te, os laços de amizade que vos unem não deveriam obscurecer-te o espírito.

O rosto de Néfer assumiu uma expressão de severidade que o pintor não lhe conhecia.

— O meu papel de chefe de equipa impede-me de ser parcial e nenhuma das minhas decisões será tomada em função das minhas amizades ou das minhas

inimizades. Se considerasse Paneb incompetente, afastá-lo-ia deste estaleiro. E considero que nenhum de nós tem posição definitivamente adquirida.

Ched o Salvador esboçou um sorriso enigmático.

— Contrariamente ao que alguns supunham, pareces possuir o temperamento de um chefe... Tanto melhor para a confraria.

Visto que ordenas, obedeço. Paneb auxiliar-nos-á.

— Compete-te a ti anunciar-lho. Partimos para o Vale dos Reis esta tarde, com o equipamento necessário.

— Eu trato disso, não nos faltará nada.

Com o seu andar altivo, Ched o Salvador afastou-se.

De repente, Néfer tomou consciência de que já não olhava o pintor com os mesmos olhos de antigamente. E essa mudança de olhar não dizia respeito apenas a Ched, mas a todos os outros artesãos. Ainda ontem era colega deles; hoje, devia orientar o seu trabalho e mostrar-se capaz de resolver os mil e um problemas que não deixariam de surgir.

A inquietação perturbava a aldeia, que acabava de saber que Merenptah era o novo Faraó. Alguns pensavam que não teria o pulso de Ramsés, outros que forçosamente adoptaria uma política diferente, outros ainda que eram inevitáveis uma crise económica e convulsões sociais. Mas Néfer acalmara todos anunciando que, para a confraria, nada se tinha modificado e que prepararia, como de costume, a última morada do soberano para os funerais.

Mas o que podia ele saber do que aconteceria durante o angustioso período que ia da morte de Ramsés o Grande à sua colocação no túmulo e à efectiva tomada de poder do novo rei?

Competia-lhe dominar os seus receios e levar a bom termo a tarefa essencial que lhe tinha sido confiada, acalmando a aldeia.

Antes de partir para o Vale dos Reis, Néfer passou a ver a Mulher Sábia.

— A morte de Ramsés deixa-nos desamparados — constatou —, mas procurarei manter a nossa unidade.

— O perigo não desapareceu, bem pelo contrário.

— Vão tentar atacar-nos, talvez mesmo destruir-nos, não é verdade?

— Também tu comesças a ver, Néfer. Os demónios rondam e vais precisar de ter muita coragem e lucidez para os vencer. Não esqueças que o Lugar de Verdade só

sobreviverá seguindo um unico caminho: o da luz.

FIM.

Este *ePub* é a reformatação de outro *ePub*, o qual infelizmente não continha informações sobre as autorias da digitalização ou tradução, nem do autor da formatação original.

O que fiz neste arquivo foi alterar os estilos das fontes, além de refazer completamente a folha de rosto e a capa.

Março de 2014

LeYtor